



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ANA DANIELE MENDES CARRERA

**FUTURAS PROFESSORAS E FEMINISTAS:
A CONSTRUÇÃO DE UMA DOCÊNCIA VOLTADA À
EQUIDADE DE GÊNERO**



**Belém-Pará
2019**

Ana Daniele Mendes Carrera

**FUTURAS PROFESSORAS E FEMINISTAS: A CONSTRUÇÃO DE UMA
DOCÊNCIA VOLTADA À EQUIDADE DE GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Educação da Universidade do
Estado do Pará, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestra em Educação.
Linha de Pesquisa: Formação de Professores e
Práticas Educativas
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucélia de Moraes Braga
Bassalo.

Belém-PA

2019

Ana Daniele Mendes Carrera

**FUTURAS PROFESSORAS E FEMINISTAS: A CONSTRUÇÃO DE UMA
DOCÊNCIA VOLTADA À EQUIDADE DE GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Educação da Universidade do
Estado do Pará, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestra em Educação.
Linha de Pesquisa: Formação de Professores e
Práticas Educativas
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucélia de Moraes Braga
Bassalo.

Data de defesa: 14/ 05 / 2019.

Banca Examinadora

- _____ - Orientadora
Prof.^a Dr.^a Lucélia de Moraes Braga Bassalo
Dr.^a em Educação
Universidade do Estado do Pará - UEPA
- _____ - Examinadora Externa
Prof.^a Dr.^a Maria Rita de Assis César
Dr.^a em Educação
Universidade Federal do Paraná - UFPR
- _____ - Examinadora Externa
Prof.^a Dr.^a Wilma de Nazaré Baía Coelho
Dr.^a em Educação
Universidade Federal do Pará - UFPA
- _____ - Examinadora Interna
Prof.^a Dr.^a Maria das Graças da Silva
Dr.^a em Planejamento Urbano e Regional
Universidade do Estado do Pará - UEPA

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA

Carrera, Ana Daniele Mendes.

Futuras professoras e feministas: a construção de uma docência voltada à equidade de gênero/ Ana Daniele Mendes Carrera; orientação de Lucélia de Moraes Braga Bassalo, 2019.

Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

1. Professores - Formação. 2. Feminismo. 3. Universitárias. 4. Relações de gênero. I. Bassalo, Lucélia de Moraes Braga (orient.). II. Título.

CDD. 23º ed. 371.12

Bibliotecária: Regina Ribeiro CRB-2 739

Serei eternamente grata àquelas mulheres que lutaram por mim um dia e demonstrarei isso lutando pelas mulheres que virão depois de mim.

Dedico a minha mãe, meu exemplo de mulher e a todas as jovens feministas que lutam por uma sociedade menos desigual.

Agradecimentos

Dois anos se passaram desde que me propus a enfrentar o desafio que é estar na pós-graduação, e aqui estou, realizando um sonho. Entre crises de ansiedade, posso dizer que sobrevivi. Nenhum sentimento já antes vivenciado por mim se compara ao que estou sentindo agora. Gratidão! Gratidão a Deus e a Nossa Senhora pela força que me deram todos os dias para enfrentar os meus próprios medos e superar os meus limites em busca do que acredito.

A pós-graduação realmente não é fácil, dois anos de estudos intensos nas disciplinas, e com uma pesquisa para realizar, nos exige coragem e um tanto de saúde mental, mas posso dizer que fui privilegiada ao ter como orientadora uma mulher incrível e feminista que ensinou a mim e a minhas irmãs acadêmicas que '*o mestrado pode ser leve*' e, por isso, ele acabou se tornando mais leve. Nossas orientações, reuniões e conversas foram sempre fortalecedoras, podia até jurar que você, professora Lucélia, adivinhava o que cada uma de suas orientandas estava passando, pois sabia exatamente o que dizer. Obrigada pela parceria, pelas conversas, por cada ensinamento e por acreditar nesta pesquisa. Professora Lucélia Bassalo, a você todo meu afeto e gratidão!

Não posso deixar de agradecer aos familiares que me apoiaram, em especial, a minha mãe, Maria Irenice, que é o meu exemplo de mulher e minha força que sempre sonha junto comigo e me apoia em cada etapa de vida. Obrigada por ser a mãe incrível que você é. Ao meu pai, Paulo, que do seu modo torce pelas minhas conquistas. À minha irmã, Ana Paula, que sempre me apoiou nos meus estudos e me deu o melhor presente da minha vida, meu sobrinho Rodrigo.

Sinto-me privilegiada por ter pessoas tão queridas e especiais em minha vida e que estiveram a meu lado nessa caminhada. Minhas irmãs acadêmicas Alessandra Almeida e Mayanne Adrienne, que irmandade e parceria linda construímos. Obrigada por segurarem muitas vezes a barra comigo, pelas trocas durante os desesperos de cada etapa desta investigação e pelos momentos de risadas infinitas que compartilhamos regadas a cervejinhas e um bom churrasco, vocês são incríveis!

A Turma 13 do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará que me proporcionou muito aprendizado e momentos de leveza durante essa caminhada, em especial as mulheres e amigas maravilhosas que conquistei: Ellen,

Vânia e Gaby. Sem esquecer do amigo que é como irmão e me acompanha desde a graduação, Ramon Pantoja, obrigada por ser a minha calma em tempos nublados e por estar em mais essa etapa a meu lado. Aos grupos de pesquisa JEDS e GEFES que foram essenciais na minha formação enquanto pesquisadora.

As amigas e amigos, minha eterna gratidão por compreenderem as minhas ausências e ficarem felizes com cada conquista minha: Laeni Andrade, Ciry Agatha, Iara Bandeira, Adriele Barbosa, Thaís Mendonça, Luana Broni e Luis Felipe, vocês são luz na minha vida.

Gratidão ao meu parceiro, amigo e namorado Arthur Bandeira que encarou passar por cada medo e desespero que tive durante a finalização dessa pesquisa e que se envolveu junto comigo nas entrevistas, sendo o melhor corretor que eu poderia ter. Obrigada por ser esse companheiro que faz da minha luta a tua também.

Não poderia deixar de agradecer as jovens feministas incríveis que participaram dessa pesquisa e se tornaram especiais na minha vida, vocês me ensinaram muito e suas vozes irão ecoar para além das universidades, a luta de vocês é minha também, ou melhor, é nossa!

Por fim, ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela bolsa de estudos que possibilitou dedicação integral ao Programa de Pós-graduação em Educação desta universidade.

Gratidão!

*'Cê fica em choque por saber que eu não sou submissa
E quando eu tenho voz 'cê grita "ah lá a feminista!" [...]
Não leva na maldade não, não lutamos por inversão
Igualdade é o x da questão, então aumenta o som
Em nome das Marias, Quitérias, da Penha Silva
Empoderadas, revolucionárias, ativistas
Deixem nossas meninas serem super heroínas
Pra que nasça uma Joana d'Arc por dia
Como diria Frida "eu não me Kahlo!"
Junto com o bonde saio pra luta e não me abalo
O grito antes preso na garganta já não me consome
É pra acabar com o machismo, e não pra aniquilar os homens
Quero andar sozinha, porque a escolha é minha
Sem ser desrespeitada e assediada a cada esquina
Que possa soar bem
Correr como uma menina
Jogar como uma menina
Dirigir como menina
Ter a força de uma menina[...]*

(Respeita as mina - Kell Smith)

RESUMO

Esta dissertação, intitulada *Futuras Professoras e Feministas: a construção de uma docência voltada à equidade de gênero*, delinea-se como uma investigação que tomou como problema a compreensão sobre o modo como jovens estudantes de licenciatura, de universidades públicas no estado do Pará e que fazem parte de um grupo feminista, se reconheceram como feministas e em que essa trajetória de vida implica na visão de mundo e na atuação como futuras professoras. O estudo teve como principal objetivo compreender como o vínculo de jovens estudantes de licenciatura com o movimento feminista influenciou na percepção do lugar da docência e das relações de gênero na formação de uma sociedade pautada no respeito e na equidade de gênero, e mais especificamente, delinear os aspectos educacionais nas trajetórias das estudantes de licenciatura e seu reconhecimento como feministas; apontar semelhanças e singularidades entre as reivindicações do movimento no âmbito educacional acadêmico de jovens feministas universitárias e as bandeiras gerais de luta do movimento feminista adulto; e, por fim, identificar as formas de articulação entre as bandeiras de luta do feminismo com a formação para a docência. A pesquisa desenvolveu-se tomando como ponto de partida os conceitos de feminismo, juventude e reconhecimento, alicerçado em autoras como Saffioti (2015), Louro (2007), Weller (2002; 2005; 2014), Bassalo (2012; 2015), Fraser (2002; 2007). A partir de uma abordagem qualitativa, com enfoque na Fenomenologia Social reuniu-se os dados por meio da Entrevista Narrativa e para sua interpretação, utilizou-se o Método Documentário. Foram realizadas sete entrevistas narrativas com estudantes universitárias e feministas de duas universidades públicas do estado do Pará. De suas narrativas emergiram sentidos e significados que perpassam o reconhecimento enquanto mulheres, jovens e feministas; o encontro com o movimento feminista, suas lutas no ambiente acadêmico e as projeções de futuro que perpassam as suas atuações enquanto futuras professoras e feministas. Por meio da análise foram identificados três modelos de orientação: a *educação de mulheres*, *educação feminista* e *educação para a equidade de gênero*. O modelo de orientação, *educação de mulheres*, pauta a educação das jovens por uma perspectiva familiar e social envolvendo o lugar da mulher na sociedade, sua forma de ser e se comportar. O modelo de orientação, *educação feminista*, envolve o encontro com o feminismo e o posicionamento que passaram a construir, articulando os conhecimentos acadêmicos e feministas. Sobre o modelo de orientação, *educação para a equidade de gênero*, as futuras professoras relacionam os conhecimentos feministas para a docência com o intuito de enfrentar as desigualdades de gênero nos espaços educativos. Dessa forma, conclui-se que a educação por um viés feminista deve fazer parte da formação de professores e professoras para promover o respeito e a equidades entre os gêneros no campo educacional.

Palavras-chave: Jovens Feministas. Estudantes universitárias. Formação de Professores. Relações de Gênero. Feminismo e Educação.

ABSTRACT

This present dissertation titled *Future Teacher and Feminists: the construction of a teaching focused on gender equity* is an investigation that has taken as a problem the understanding of how young undergraduates, from public universities in the state of Pará that belongs to a feminist group, have recognized themselves as feminists and which trajectory of life implies their vision of the world and their role as future teachers. The main purpose of this study was to understand how the link of young students with the feminist movement influenced the perception of the place of teaching and gender relations in the formation of a society based on respect and gender equity, and more specifically, design the educational aspects in the trajectories of students and their acknowledgment as feminists; to point out similarities and singularities between the claims of the movement in the academic educational scope of young university feminists and the general struggle flags of the adult feminist movement; and, finally, to identify the forms of articulation between the feminist struggle flags with the training for teaching. The research was developed taking as a starting point the concepts of feminism, youth and recognition, based on authors like Saffioti (2015), Louro (2007), Weller (2002, 2005, 2014), Bassalo (2012, 2015), Fraser (2002, 2007). From a qualitative approach, with a focus on Social Phenomenology, the data were gathered through the Narrative Interview and for its interpretation, the Documentary Method was used. Seven narrative interviews were conducted with university students and feminists from two public universities in the state of Pará. From their narratives emerged meanings that pass through acknowledgment as women, young and feminists; the encounter with the feminist movement, its struggles in the academic environment and the future projections that spread its actions as future teachers and feminists. Through the analysis, three orientation models were identified: *women's education*, *feminist education* and *education for gender equity*. The guidance model, *education of women*, rule the education of young people through a family and social perspective involving the place of women in society, their way of being and their behavior. The orientation model, *feminist education*, involves the encounter with feminism and the position that they have come to construct, articulating the academic and feminist knowledge. On the orientation model, *education for gender equity*, future teachers connect feminist knowledge to teaching in order to face gender inequalities in educational spaces. Thus, it is concluded that education for a feminist bias should be part of the training of teachers to promote respect and gender equity in the educational field.

Keywords: Young Feminists. University students. Teacher training. Gender Relationships. Feminism and Education.

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	12
1.1 Sobre a temática	12
1.2 Questão central e objetivos da pesquisa	15
1.3 Trilhando caminhos outros	16
1.4 Produções acadêmicas	20
1.5 Estrutura deste estudo	23
II CAMINHOS PARA A PESQUISA.....	25
2.1 Acessando o mundo dos sujeitos	25
2.2 Da biografia individual aos modelos de orientação.....	31
III O FEMINISMO NA UNIVERSIDADE	41
3.1 Organização, luta e resistência	42
3.2 A militância feminista universitária.....	50
IV JOVENS E FEMINISTAS	55
4.1 Uma nova geração na militância	55
4.2 Reconhecimento como reivindicação	62
V O FEMINISMO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO PARÁ	67
5.1 O movimento feminista “Juntas!”	69
5.2 O movimento feminista “Zo’ê”	70
5.3 O movimento feminista “Mulheres UEPA - Belém”	71
5.4 O movimento feminista “Mulheres UEPA - SMG”	73
5.5 As jovens feministas.....	75
5.5.1 Pagu.....	76
5.5.2 Bertha.....	77
5.5.3 Dandara	78
5.5.4 Clarice	79
5.5.5 Leila	80
5.5.6 Eneida.....	81
5.5.7 Maria	82
VI RECONHECENDO O SEU LUGAR NA SOCIEDADE	83
6.1 Ser mulher.....	83
6.2 Ser jovem	93
6.3 Ser feminista	99
6.4 Análise das posições.....	107

VII A UNIVERSIDADE SOB O OLHAR FEMINISTA.....	112
7.1 Encontros e desencontros	112
7.2 Vivendo entre tensões.....	125
7.3 A violência contra as mulheres na universidade.....	136
7.4 Análise das posições.....	147
VIII A DOCÊNCIA A PARTIR DA PERSPECTIVA FEMINISTA.....	151
8.1 A formação de professores e a reflexão sobre relações de gênero	151
8.2 Futura professora e feminista	162
8.3 Análise das posições.....	179
APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS.....	183
REFERÊNCIAS.....	190
APÊNDICES	196

I INTRODUÇÃO

*Nós somos Mulheres de todas as cores
De várias idades, de muitos amores
Lembro de Dandara, mulher foda que eu sei
De Elza Soares, mulher fora da lei
Lembro de Anastácia, Valente, guerreira
De Chica da Silva, toda mulher brasileira
Crescendo oprimida pelo patriarcado, meu corpo
Minhas regras
Agora, mudou o quadro
(Mulheres – Silvia Duffrayer)¹*

Assim como diz a letra de Silvia Duffrayer ‘somos mulheres de todas as cores’ e estamos mudando o quadro, nos reconhecendo enquanto sujeitos sociais e reivindicando direitos que por muito tempo foram negados. As mulheres têm protagonizado lutas históricas em várias partes do mundo, não sendo diferente no Brasil. Arrisco dizer que o feminismo tem sido um dos movimentos sociais mais importantes das últimas décadas, por suas lutas, conquistas e por alcançar um número cada vez maior de jovens mulheres que quebram padrões de comportamentos machistas e defendem a liberdade de ser e fazer o que quiserem, traçando novos rumos para o feminismo no Brasil.

A partir disso, entendo o feminismo como um movimento heterogêneo que vai além da luta pela equidade de gênero, ganhando outros espaços e formas de militância. Assim, promover uma discussão sobre o feminismo na universidade, centrando o olhar para a formação de futuras professoras feministas a partir das suas trajetórias, experiências e visões de mundo, constitui o objeto de estudo desta dissertação.

1.1 Sobre a temática

A luta pela vida das mulheres ainda é a principal bandeira do movimento feminista. As taxas de violência cometida contra as mulheres atingem níveis altos no Brasil, ocupando o 5º lugar² no ranking de 83 países com maior índice de mortes de

¹ Versão feminista da música ‘Mulheres’ de Martinho da Vila. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/silvia-duffrayer/mulheres-versao-part-doralyce/>>.

² Maiores detalhes sobre os dados de violência contra a mulher estão disponíveis em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wpcontent/uploads/2015/11/MapaViolencia_2015_homicidiodemulheres.pdf>.

mulheres, ficando atrás apenas de El Salvador, Colômbia, Guatemala e a Federação Russa, que ocupam os primeiros lugares respectivamente. De acordo com o Mapa da Violência (2015), em 10 anos (2003 - 2013) o homicídio de mulheres negras aumentou 19,5% em relação ao de mulheres brancas, que diminuiu cerca de 11,9%, além disso, as jovens possuem o maior número de encaminhamentos para as redes de enfrentamento, tendo como principais agressores os parceiros ou ex-parceiros. Essas estatísticas são necessárias para conhecer o contexto em que nós, mulheres, estamos inseridas.

O protagonismo feminino através de um movimento é responsável por grandes conquistas políticas e sociais, principalmente nas últimas décadas, entre as quais podemos destacar: a) a Lei Maria da Penha³, que visa coibir e prevenir a violência doméstica e familiar e todas as formas de violência contra a mulher; e, b) a criação da Lei do Feminicídio⁴, que é o homicídio praticado contra as mulheres por razões da sua condição feminina, tirando esse crime da invisibilidade e passando a tratá-lo como uma questão de gênero, alterando o art. 121 do Código Penal.

Em vista das altas estatísticas no país, essas são conquistas importantes do movimento feminista para que os crimes cometidos contra as mulheres possam ser visibilizados e enfrentados através da perspectiva de gênero. Além disso, nos últimos anos, podemos dizer que houve um renascimento do feminismo contemporâneo, um feminismo que ainda vai às ruas e que também faz a sua militância através das redes sociais, na internet, o qual percebo que tem se configurado a cada dia pelo grande número de jovens que se intitulam feministas e pela visibilidade que têm adquirido na sociedade.

Talvez uma importante aliada desse renascimento do feminismo contemporâneo seja a era digital que possibilita receber informações em tempo real e amplia as relações de comunicação. Com isso, “o feminismo passa a perceber no ambiente virtual um lugar de práticas e expressões coletivas, antes desconhecidas, com novas significações e endereçamentos múltiplos” (TOMAZETTI; BRIGNOL, 2015, p. 5).

³ Lei 11.340 entra em vigor em 7 de agosto de 2006 de acordo com o art. 1º cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; estabelecendo medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

⁴ Lei 13.104 entra em vigor em 9 de março de 2015 e passa a incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

O feminismo nas redes sociais amplia os espaços de discussão e inclusão de mulheres, algumas páginas sendo caracterizadas por um “feminismo poético” que se utiliza de textos desmistificando os estereótipos de “ser mulher” e outras como “páginas denúncias”, as quais recebem relatos de mulheres que foram vítimas de algum tipo de violência, como ocorreu em Belém no ano de 2016, quando várias jovens, por não aguentarem os abusos que sofriam ou que ouviam outras meninas sofrerem, resolveram criar uma página no *facebook* chamada “macho na roda”. Os relatos da página eram marcados por jovens universitárias que foram vítimas de abusos por colegas e professores da instituição que estudam. As denúncias começaram a tomar grandes proporções e logo a página começou a sofrer ataques através de ameaças e foi retirada do ar.

Tais denúncias reforçam a importância do feminismo na universidade e na própria formação de professores, visto que a desigualdade de gênero está enraizada também na academia, a qual é considerada uma das esferas sociais mais qualificadas e que auxilia na construção da identidade pessoal e profissional dos sujeitos. Sendo assim, debater o feminismo nos cursos de formação de professores é fundamental para que as desigualdades de gênero possam ser enfrentadas, visto que a história das mulheres é marcada por exclusão e desvalorização.

É interessante constatar que mesmo sendo majoritária a presença feminina nas universidades (MEC/INEP, 2017), não há uma equidade de gênero no ambiente acadêmico, pois as denúncias só mostram que ainda permanecem as distinções entre os gêneros e o homem continua sendo colocado como o detentor do poder. Percebe-se que mesmo nos cursos de licenciatura em que a presença feminina tem sido cada vez maior (MEC/INEP, 2017), as suas mazelas, lutas ou conquistas não são incluídas como assuntos relevantes para a própria formação de professores.

Assim, proponho realizar um estudo sobre as jovens feministas estudantes de licenciatura nas universidades públicas do Pará. E, para compreender a trajetória das estudantes e suas atuações no feminismo, foi utilizado o conceito de reconhecimento da autora feminista Nancy Fraser (2007), a qual valoriza a diferença de gênero e vai além do conceito de identidade, entendendo-o como uma questão de status que examina os padrões institucionalizados de valoração cultural sobre a posição que os atores sociais ocupam, possibilitando uma paridade participativa.

Ao unir as categorias, mulher e jovem, perceberam-se os conflitos a que estas estão imersas, suas vozes continuam sendo invisibilizadas. As jovens feministas nas

suas experiências compartilham problemas históricos e sociais, de forma desigual, já que a juventude não é homogênea.

Com isso, a caracterização do “ser jovem” para este estudo é entendida como construção histórica e social, situada às especificidades de classe, de raça, de cultura e de gênero, por isso, partilhamos da compreensão de juventude como grupo social heterogêneo a partir da concepção geracional que situa diferenças de perspectivas entre jovens e adultos, como demonstram Bassalo e Weller (2015). Ao mesmo tempo em que a juventude produz novos significados para determinadas situações, ela recebe uma herança cultural da geração que a antecede, gerando condutas inovadoras.

Por isso, esse estudo pautou a discussão do feminismo a partir da posição das jovens, tendo em vista a construção e desconstrução de um movimento pautado nas visões de mundo ou na interpretação que circula na universidade entre as estudantes, uma vez que:

a produção do conhecimento sobre jovens e suas trajetórias de vida pode subsidiar a formulação de políticas públicas voltadas para o fortalecimento de estratégias e soluções que estão sendo apresentadas pelos jovens através de suas biografias (WELLER, 2011, p. 371).

Contudo, esta não foi uma tarefa fácil, já que a escolha deste objeto de estudo deparou-se com poucas pesquisas⁵ referentes a jovens feministas na universidade e, principalmente, com o recorte para os cursos de licenciatura, através das narrativas de futuras professoras, como propus neste estudo.

1.2 Questão central e objetivos da pesquisa

É importante perceber que a atuação dos grupos feministas se propagou para além da militância política, passando a ter um significado maior e relativo a uma compreensão de mundo. Nas universidades, o feminismo surge nos muros, cartazes e nas falas e atuação de jovens estudantes, em vista disso nos vemos diante de alguns questionamentos: a) Quais as pautas de reivindicação das feministas na universidade? b) Como jovens universitárias compreendem a contribuição do feminismo para a educação? c) Como o feminismo pode auxiliar no exercício docente?

⁵ Ver produções acadêmicas no tópico 1.4.

Considerando que a sociedade brasileira se organiza a partir de modelos binários de gênero, e pauta historicamente as relações de gênero em bases desiguais, esta pesquisa buscou responder como questão central: de que modo jovens estudantes de licenciatura de universidades públicas do estado do Pará, integrantes de um grupo feminista, se reconheceram feministas e em que essa trajetória de vida implica na visão de mundo e na atuação como futuras professoras?

Tais referências reforçaram a perspectiva de realizar um estudo sobre a formação de futuras professoras feministas nas universidades públicas do Pará, tornando como objetivo geral desta investigação: compreender como o vínculo de jovens estudantes de licenciatura com o movimento feminista influenciou na percepção do lugar da docência e das relações de gênero na formação de uma sociedade pautada no respeito e na equidade de gênero. Para isso, foram elencados os seguintes objetivos específicos:

- a) Delinear os aspectos educacionais nas trajetórias das estudantes de licenciatura e seu reconhecimento como feministas;
- b) Apontar semelhanças e singularidades entre as reivindicações do movimento no âmbito educacional acadêmico de jovens feministas universitárias e as bandeiras gerais de luta do movimento feminista adulto;
- c) Identificar as formas de articulação entre as bandeiras de luta do feminismo com a formação para a docência.

1.3 Trilhando caminhos outros

Apesar do feminismo não ser abordado de forma institucional, ele acaba surgindo nas vozes e atitudes das estudantes e algumas o conhecem no próprio ambiente acadêmico, como foi o meu caso. Conhecer o feminismo na universidade, através de professoras e colegas, me fez compreender vários questionamentos que possuía desde a infância, foi quando percebi que não estava sozinha na luta pela equidade de gênero.

Na infância, frases como “senta direito, menina tem que sentar de pernas fechadas”, “menina tem que brincar com menina”, “parece um menino, só quer tá na rua”, ditas pelos meus familiares e professores da educação básica sempre me inquietaram e, na adolescência, questionava o porquê de não poder agir como os meninos e as respostas sempre eram as mesmas “isso não é coisa de menina” e eu

pensava “mas então o que é coisa de menina? ser menina então é muito chato”. Até que a juventude chegou e entendi que as normas impostas pela sociedade “do que era ser menina” não fazia parte de como eu queria ser ou me comportar, então era tachada de “malcriada”, “rebelde” e tantos outros adjetivos negativos que me faziam pensar que tinha algo de errado.

Na universidade, outros questionamentos surgiram e, na metade do curso de Pedagogia, tive o contato teórico com as palavras “Gênero” e “Feminismo”, através dos projetos nos quais atuei como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC)⁶ e de Extensão Universitária (PROEXT)⁷, e a cada conhecimento adquirido eu pensava “eu existo!”, “posso fazer o que quiser”, “eu tenho direitos!” e me fez compreender as inquietações da infância, tornando o meu olhar mais crítico e sensível contra as desigualdades, violências, opressão e preconceito a que nós, mulheres, somos submetidas durante a vida. O encantamento foi instantâneo, então eu soube exatamente o que queria estudar, havia encontrado a minha paixão através da luta pelos meus direitos, da minha mãe e de todas as mulheres.

Minha primeira bandeira de luta foi pelo fim da violência contra a mulher, a temática que me envolveu da forma mais completa possível, talvez pela experiência pessoal e familiar que tive durante muito tempo. Assim, decidi abordar o tema da violência contra a mulher no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)⁸, o qual me permitiu enfrentar medos e passei a não aceitar a violência, por mais difícil que fosse e que ainda seja. Foi triste perceber que durante a trajetória da construção do TCC, fui questionada inúmeras vezes sobre a relevância dessa temática no curso de Pedagogia, tanto por colegas quanto por professores e professoras, porém, foi recompensador ter contribuído com o conhecimento e com essa discussão na academia, sendo reconhecida através do prêmio melhor TCC que ocorre anualmente na universidade.

⁶ O projeto intitula-se “Violência contra a mulher: Estudo de caso na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher no município de Belém, Pará”. Realizado no Programa de Iniciação Científica – PIBIC, da Universidade do Estado do Pará – UEPA, com financiamento pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, no ano de 2014, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Lana Claudia Macedo da Silva.

⁷ O projeto intitula-se “Mulheres nas trilhas da Amazônia: Educação popular, saúde e cidadania”, realizado pelo Programa de Extensão Universitária – PROEXT, da Universidade do Estado do Pará – UEPA, com financiamento pelo Ministério da Educação – MEC, no ano de 2015, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Lana Claudia Macedo da Silva.

⁸ Trabalho de Conclusão de Curso “Em briga de marido e mulher, a educação mete a colher: a atuação do profissional de pedagogia no Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência”. Defendido no curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Pará, em 2016 e sob orientação da Prof.^a Dr.^a Lana Claudia Macedo da Silva.

Para, além disso, o incentivo para continuar os estudos após o ensino médio e agora no mestrado, parte da minha mãe que, mesmo não conseguindo ir para a faculdade, sempre me falava “estude, minha filha, pra você conquistar suas coisas, porque é muito ruim depender de homem”. Por outro lado, estudando sobre a história das mulheres, percebi o quão difícil era traçar o caminho acadêmico, pois, desde a colonização, o discurso conservador sobre a educação da mulher era de que a mulher deveria ser “mais educada do que instruída”, já que seu destino acabaria sendo o de esposa e mãe.

Passados séculos de negação de direitos e desvalorização das mulheres, ainda hoje esse discurso se faz presente na nossa sociedade. É corrente a visão de que os estudos e a carreira devem ficar em segundo plano e, se fizermos o contrário, somos questionadas por “tá na hora de casar”, “vai ficar pra titia”, “só falta você ter filho”, aquelas frases prontas ditas às mulheres que escolhem seguir outros caminhos que adiam a maternidade ou o casamento, as quais escuto quase que diariamente. Estar inserida no espaço acadêmico contraria todo o sistema conservador e patriarcal que deveria ser seguido por nós, mulheres e jovens. Com isso, defino o meu lugar de fala nesta investigação, enquanto mulher, jovem e feminista.

Este movimento de trilhar um caminho outro, de contestar as regras ou papéis previamente delineados para as mulheres, norteia, portanto, a intenção dessa investigação. Assim como, as relações sociais entre homem e mulher que serão tomadas neste estudo a partir do conceito de gênero envolvendo duas acepções, a primeira, como uma categoria histórica, pois envolve símbolos e atribuições sociais (SAFFIOTI, 2015) e a segunda, enquanto categoria de análise para explicar as desigualdades entre mulheres e homens (SCOTT, 1995).

Entretanto, não se trata de um trabalho voltado para a análise das relações de gênero, mas da atuação das mulheres na defesa de seus direitos. E é no centro do processo de conquista e reconhecimento dos direitos das mulheres que situamos o feminismo, como um movimento político e teórico que questiona o sistema patriarcal, as relações de poder e a dominação masculina construída historicamente. Foi graças ao movimento feminista que conquistamos alguns direitos que por décadas foram negados culturalmente e socialmente, como o poder de voto e o acesso a educação. E, como um campo de estudo, o feminismo “trafega entre o cotidiano

macro e micro das mulheres, resgata a arte de dialogar para operar no processo de construção e desconstrução do conhecimento” (OLIVEIRA, 2008, p. 230).

Atualmente, possui características próprias e alcança um número cada vez maior de jovens que se intitulam como “feministas” e que tem assumido a luta histórica do feminismo como suas lutas contemporâneas a partir de uma perspectiva mais crítica sobre o lugar da mulher na sociedade. Mulheres ligadas ao movimento levaram as discussões às universidades e a centros de pesquisa, contribuindo com a constituição do campo de estudos sobre a mulher.

Pode-se dizer que “o conhecimento feminista seria marcado pela valorização da experiência vivida dos sujeitos sociais” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 26). As expressões foram além de marchas de cunho político e alcançaram livros, revistas e jornais, pautando temáticas que antes eram invisibilizadas. Pode-se afirmar que:

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da ciência (LOURO, 2007, p. 17).

Conhecer o feminismo a partir da universidade me ensinou a ter o poder de escolha, da liberdade e da igualdade. O feminismo me fez quebrar muitas amarras, a desconstrução é diária e a vigilância pelos nossos direitos é constante. O conhecimento acerca das relações de gênero auxiliou e auxilia na construção da minha formação como mulher, como professora e feminista, assim, o que antes eram apenas inquietações e desconfortos, logo se tornaram compromisso político e acadêmico, de modo que muitas vezes tenho ouvido as frases “tudo é feminismo pra ti”, “lá vem falar de gênero”.

Discutir uma educação feminista é um desafio, um compromisso e uma posição de resistência que se torna visível na universidade através da organização de grupos que pautam as bandeiras feministas. Falar sobre o feminismo e sobre as trajetórias de jovens feministas através das suas narrativas é poder conhecer os caminhos de mulheres ao encontro da aceitação, sororidade⁹, empoderamento¹⁰ e

⁹ Palavra utilizada pelas feministas para significar a união e aliança entre mulheres, baseada na empatia e no companheirismo.

¹⁰ Palavra que tem origem no termo inglês “empowerment”, que define ato de promover conscientização e tomada de poder de influência de uma pessoa ou grupo social. Mais informações consultar em: <<http://delas.ig.com.br/comportamento/2016-12-24/empoderamento-dicionario.html>>.

escolha. É resgatar as histórias da juventude na luta pela igualdade de gênero, pela liberdade de expressão e de seus corpos. É lembrar a minha própria trajetória.

1.4 Produções acadêmicas

Buscando interlocução com outros pesquisadores na área da educação, realizou-se um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Os descritores que constituíram o levantamento foram: Feminismo e Universidade; Feminismo e Formação Docente; e Jovens Feministas.

Como recorte temporal, delimitou-se dez anos, de modo que o levantamento compreendeu o período de 2008 - 2018. Para nossa surpresa foram localizadas sete dissertações que versam sobre o feminismo e a universidade, porém apenas cinco situadas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, as quais serão abordadas abaixo, sendo nenhuma encontrada no Estado do Pará, o que me fez perceber que essa temática não é discutida, apesar do grande impacto que as jovens feministas têm causado nas universidades e da urgência desse debate nos cursos de formação de professores e, ainda sim, têm sido invisibilizadas, o que me dá ânimo para prosseguir esta pesquisa, tornando-as o foco do meu objeto de estudo, abrindo caminhos para que outros trabalhos possam ser realizados.

Das cinco dissertações encontradas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, três possuem enfoque na formação docente e na atuação feminina na universidade e duas sobre a educação no movimento feminista enquanto movimento social. É importante ressaltar que apenas uma dissertação versa sobre a categoria “jovens feministas”.

QUADRO 1: Dissertações encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, nos anos de 2008 - 2018 na área da Educação, apresentadas em ordem decrescente em relação ao ano de defesa.

	Título	Ano	Categoria	Autor/a	IES	Área
1	Novos Feminismos: perspectivas sobre o movimento estudantil feminista na Universidade Federal do Paraná.	2017	Mestrado	Carolina Langnor e Sousa Lisboa	Universidade Federal do Paraná	Humanas (Educação)
2	Institucionalização dos estudos de gênero da UFMA: Uma Análise da Identidade Feminista a Partir da Narrativa de Vida.	2016	Mestrado	Adenilda Alves Morais	Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa	Humanas (Educação)
3	Como se aprende a ser vadia? pedagogias de um Movimento Feminista.	2016	Mestrado	Carolyna Ferreira Barroca	Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro	Humanas (Educação)
4	Nas tramas da pesquisa-formação: Uma abordagem experiencial de autoria feminina no processo de formação docente.	2009	Mestrado	Maria da Graça Leão	Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS	Humanas (Educação)
5	Jovens feministas: um estudo sobre a participação juvenil no feminismo do Rio de Janeiro	2009	Mestrado	Julia Paiva Zanetti	Universidade Federal Fluminense	Humanas (Educação)

Fonte: <http://bancodeteses.capes.gov.br>

A dissertação intitulada “Novos feminismos: perspectivas sobre o movimento estudantil feminista na Universidade Federal do Paraná”, defendida em 2017 por Carolina Langnor e Sousa Lisboa buscou compreender como o movimento estudantil feminista da Universidade Federal do Paraná tem elaborado novas formas de militância para o enfrentamento das violências de gênero estabelecendo uma performatividade política que impacta o âmbito acadêmico e os espaços onde estes grupos atuam a partir das narrativas de estudantes participantes de grupos feministas dentro da universidade, através do método de audiografia.

A dissertação realizada por Adenilda Alves Morais e denominada “Institucionalização dos estudos de gênero da UFMA: uma análise da identidade feminista a partir da narrativa de vida” defendida no ano de 2016 chama atenção para a importância dos estudos de gênero em instituições de educação superior que

articula a construção da identidade feminista, com a institucionalização dos estudos de gênero nessas instituições. Neste contexto, foram colhidas narrativas de vida de professoras da Universidade Federal do Maranhão e construídas suas biografias a partir da Entrevista Narrativa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2007), o qual também serviu como técnica de reunião de dados para esta pesquisa.

Em “Como se aprende a ser vadia? Pedagogias de um Movimento Feminista” apresentada em 2016 por Carolyn Ferreira Barroca objetivou analisar como um movimento social feminista desenvolve estratégias formativas de seus quadros ou mesmo de simpatizantes à causa das mulheres. A metodologia escolhida foi um estudo de caso, o qual analisou a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro de 2015, por meio de uma pesquisa participante, observações de reuniões e entrevistas semi-estruturadas, os dados coletados viabilizaram a escrita da pesquisa em três grandes temas, concluindo que este movimento é um espaço potente para uma formação contra hegemônica na qual o respeito pelas diferenças e as discussões de gênero e de sexualidade se apresentam como possíveis e na defesa de uma educação intercultural.

A pesquisa “Nas tramas da pesquisa-formação: uma abordagem experiencial de autoria feminina no processo de formação docente” elaborada por Maria da Graça Leão, defendida em 2009 analisou a experiência da autoria feminina no processo de formação docente, adquirindo suporte na metodologia de pesquisa-formação. Na investigação os relatos autobiográficos são considerados potencializadores de reflexões, elementos constituintes de uma abordagem experiencial voltada para a formação profissional e estabelecendo conexão das determinações de gênero com o exercício docente. Utiliza a narrativa autobiográfica individual com alunas do curso de Pedagogia da Unisinos, tomando como base estudos educacionais freireanos, feministas e literários.

A dissertação intitulada “Jovens feministas: um estudo sobre a participação juvenil no feminismo do Rio de Janeiro” de Julia Paiva Zanetti defendida no ano de 2009 buscou compreender os elementos que contribuem para a constituição da identidade de jovens feministas e analisou a sua inserção no movimento feminista na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A participação delas foi marcada por diferentes percepções acerca das relações intergeracionais. Para isto, os procedimentos metodológicos seguiram de: levantamento bibliográfico, observação

de atividades do movimento, análise de alguns documentos e entrevistas semiestruturadas com as militantes feministas, jovens e adultas.

A identificação destes trabalhos nos leva a algumas inferências: a) ainda são poucas as pesquisas nos cursos de pós-graduação em educação que versam sobre o feminismo nas universidades e nenhuma pesquisa sobre o tema foi encontrada nos cursos de pós-graduação em educação no estado do Pará; b) a importância sobre os estudos que envolvem a formação de futuras professoras comprometidas com o enfrentamento das desigualdades de gênero e a valorização das suas experiências através das suas narrativas; c) dificuldade para encontrar estudos sobre as jovens no movimento feminista, como observou Weller (2005) sobre a importância de estudar a partir da perspectiva da juventude, apenas uma dissertação deu enfoque a esta categoria.

1.5 Estrutura deste estudo

Este estudo está estruturado em uma Introdução, sete seções que serão apresentadas aqui de forma breve e as aproximações conclusivas: 1) Introdução; 2) Caminhos para a pesquisa; 3) O feminismo na universidade; 4) Jovens e feministas; 5) O feminismo nas Universidades Públicas do Pará; 6) Reconhecendo o seu lugar na sociedade; 7) A universidade sob o olhar feminista; 8) A docência a partir da perspectiva feminista.

Na *introdução* que está situada como primeira seção deste estudo e se estrutura nesta parte do texto, contou-se de forma breve sobre o feminismo a partir da sua contextualização com os dados sobre a violência contra a mulher no Brasil e suas lutas, a questão central e os objetivos desta investigação, a minha experiência enquanto jovem e feminista, os interesses da pesquisa, os conceitos que nortearão a investigação e os estudos realizados através das dissertações defendidas nos cursos de pós-graduação em educação disponíveis no portal da CAPES em um período de dez anos.

A segunda seção, *caminhos para a pesquisa*, está dividida em subseções e destaca os procedimentos metodológicos, o *lócus* e os sujeitos desta investigação a partir da abordagem qualitativa com enfoque na fenomenologia social de Alfred Schütz que nos permite compreender as participantes de acordo com as suas experiências e visão de mundo. Para dar suporte como técnica de reunião de dados,

abordaremos a Entrevista Narrativa que parte da perspectiva do mundo da vida das estudantes através da narração do momento em que se reconheceram como feministas. E para análise de dados foi utilizado o Método Documentário que nos permitiu uma interpretação aprofundada sobre o sentido e significado das suas ações.

A terceira seção, *o feminismo na universidade*, dividida em duas subseções, discute o movimento feminista social e acadêmico, seu contexto histórico e suas bandeiras de lutas e o feminismo na universidade na perspectiva da militância acadêmica. Já a quarta seção, *jovens e feministas*, aborda dois conceitos importantes para situar o protagonismo das jovens estudantes neste estudo: Juventude a partir da teoria das gerações mannheiminiana; e o Reconhecimento que será utilizado pela perspectiva de Nancy Fraser.

A quinta seção, *o feminismo nas universidades públicas do Pará*, traz os grupos feministas que estão situados dentro das universidades e como foram construídos, assim como, apresenta os sujeitos desta pesquisa. A sexta seção, *reconhecendo o seu lugar na sociedade*, inicia a análise dos dados por meio da entrevista narrativa com as jovens feministas, pontuando o processo de reconhecimento em relação a serem mulheres, jovens e feministas, identificando posições que surgiram nas falas.

A sétima seção, *a universidade sob o olhar feminista*, envolve nas subseções as experiências das universitárias no ambiente acadêmico a partir do encontro com o feminismo, narrando às tensões e resistências que tiveram nesse espaço. A oitava seção de análise, *a docência a partir da perspectiva feminista*, aborda a reflexão em relação aos cursos de formação de professores e os debates em torno das relações de gênero e como articulam os conhecimentos feministas com a atuação para a docência. E, por fim, as *aproximações conclusivas*, trazem um balanço do que foi realizado nesta investigação e pontuam modelos de orientação que foram identificados nos capítulos de análise através das posições encontradas por meio das falas das estudantes.

II CAMINHOS PARA A PESQUISA

Uma investigação acerca das jovens feministas estudantes de licenciatura com enfoque em suas percepções de mundo e projeções de futuro exige uma abordagem de pesquisa que valorize os sujeitos e as suas experiências a partir dos significados que as estudantes atribuem sobre o seu reconhecimento como feministas e que possam priorizar as suas experiências e visões de mundo tanto na técnica de reunião de dados quanto na análise.

Por isso, esta pesquisa é de natureza qualitativa a partir da perspectiva fenomenológica que valoriza o entendimento da realidade através do sujeito, com enfoque para a fenomenologia social de Alfred Schütz que visa interpretar os significados das falas das participantes como elas são.

2.1 Acessando o mundo dos sujeitos

Por priorizar a realidade na perspectiva das jovens feministas universitárias, suas visões de mundo enquanto mulheres e futuras professoras, este estudo se apoia na abordagem qualitativa, pois “defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas” (GATTI; ANDRÉ, 2011, p. 30).

A pesquisa qualitativa se contrapõe a um esquema apenas quantitativo de investigação e se preocupa em responder os aspectos que formam os sujeitos, suas relações com o mundo e com os outros, daí a sua importância neste estudo, pois busca compreender os significados atribuídos pelas futuras professoras feministas, conhecendo também o contexto em que estão inseridas.

É importante perceber que as pesquisas qualitativas no Brasil começaram a se consolidar a partir de dois momentos históricos. Segundo Gatti e André (2011) inicialmente foram surgindo em um contexto político e social marcado por censura, e em outro momento, a partir da emergência dos movimentos sociais, criando espaços para manifestações, críticas e de lutas sociais e políticas. Com isso, as pesquisas qualitativas começaram a ser identificadas como “revolucionárias”, pois na mesma época em que havia as críticas sociais, houve também as críticas aos métodos quantitativos, inovando o modo de tratar a pesquisa em educação (GATTI; ANDRÉ, 2011).

A partir dessa nova maneira de tratar a investigação, segundo Gatti e André (2011), a pesquisa qualitativa tem sido importante nos últimos anos nos estudos referentes ao processo de ensino/aprendizagem e ultimamente tem sido evidenciada a formação de futuros profissionais no campo da educação, ou seja, fazem parte também, estudantes universitárias que são os sujeitos desta pesquisa.

Além da grande contribuição para as pesquisas em educação, a abordagem qualitativa também permite um engajamento maior sobre a realidade que será investigada e por isso traz um grau diferente de exigência na hora da análise e da reconstrução dos dados adquiridos. Dizer que esta investigação é de cunho qualitativo, nos leva a duas características básicas: a) ocorreu em um ambiente natural, ou seja, não foi realizada em laboratórios e sim teve como *lócus* a própria universidade; e b) o foco foi no significado apreendido das jovens universitárias através das suas experiências.

E para melhor subsidiar este estudo, foi utilizada a abordagem fenomenológica, pois segundo Caminha (2012) estuda os fenômenos e se atém à descrição das experiências, nos proporcionando o acesso ao mundo do sujeito através da sua percepção. Desse modo, a fenomenologia estuda o que é vivenciado através da compreensão dos objetos, na noção do sujeito e nas suas experiências, considerando o objeto, tal como ele se manifesta, o que foi fundamental para esta investigação, a qual procurou compreender a visão de mundo que as jovens estudantes de licenciatura possuem a partir do seu reconhecimento como feministas e os significados atribuídos as suas experiências que puderam ser acessadas pela trajetória de vida das participantes, já que:

é dada especial atenção ao mundo do sujeito e aos significados por ele atribuídos às suas experiências cotidianas, às interações sociais que possibilitam compreender e interpretar a realidade, aos conhecimentos tácitos e às práticas cotidianas que forjam as condutas dos atores sociais (GATTI; ANDRÉ, 2011, p. 30).

O objeto, assim como se delineou, e os sujeitos que, no caso, foram as estudantes de licenciatura, afirmaram a necessidade de recorrer à fenomenologia como enfoque nesta investigação, pois necessariamente ao se colocar a escuta das experiências cotidianas proporcionou acesso ao mundo das participantes conferindo-lhes sentido através das suas biografias, pois “a fenomenologia nos ensina a necessidade de constantemente reaprendermos a ver o mundo”

(CAMINHA, 2012, p. 18), já que somos seres inacabados e estamos em constante construção e desconstrução, ampliando as possibilidades de compreensão do mundo da vida.

Segundo Caminha (2012, p. 13) “a fenomenologia é um método que nos proporciona o caminho de se buscar o acesso ao mundo originalmente pela percepção e não pelas explicações elaboradas da tradição técnico-científica”, ou seja, para este estudo tivemos que se ater à descrição das experiências das estudantes universitárias que passou a ser mais importante que as teorizações abstratas, pois recuperou o sentido original que as participantes dão ao mundo por elas percebido. Nesse sentido:

a fenomenologia tem como objeto de estudo o fenômeno e não a realidade concebida em si mesma e desprovida das intenções do sujeito que a percebe. Retornar às coisas mesmas, pondo entre parênteses quaisquer teorias científicas ou de outro tipo sobre as coisas, é o lema da fenomenologia. O método fenomenológico deve se ater à descrição das experiências que temos das coisas. Logo, a fenomenologia é centrada na noção de sujeito (CAMINHA, 2012, p. 12).

No sentido proposto de uma perspectiva fenomenológica e sua contribuição para um olhar efetivo centrado nas experiências das jovens estudantes de licenciatura, ressaltamos que o enfoque para esta investigação foi a partir da fenomenologia social de Alfred Schütz¹¹ (1979) que consistiu em descrever os processos sociais e interpretar os significados, tal como eles são, para ter em vista a compreensão do mundo social ou mundo da vida das participantes.

A fenomenologia social de Schütz se localiza a partir dos conhecimentos da sociologia compreensiva e da interpretação da realidade de Max Weber que considera o papel do indivíduo e da sua ação na construção da realidade. E também na fenomenologia de Edmund Husserl que traz os conceitos de intencionalidade e intersubjetividade, com arcabouço filosófico desses dois autores, Schütz aprofunda a compreensão dos “fenômenos sociais a partir do significado atribuído pelo sujeito à ação” (JESUS, et al. 2013, p. 737).

¹¹ Importante filósofo e sociólogo (1899 - 1959) que dedicou a sua vida a criar os fundamentos de um sistema sociológico de pensamento e de procedimento. Sua primeira e mais fundamental obra foi publicada em alemão no ano de 1932, chamada “Der sinnhafte aufbau der sozialen welt”, traduzida como “A construção significativa do mundo social” que trouxe a fusão dos pensamentos de Weber e Husserl (JESUS, et al. 2013).

De acordo com Jesus *et al.* (2013) a compreensão do mundo da vida é possível a partir de uma perspectiva intersubjetiva, porque o sujeito vincula-se em diferentes relações sociais compreendendo e sendo compreendido a partir das experiências, pois o “mundo da vida cotidiana significará o mundo intersubjetivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado” (SCHÜTZ, 1979, p. 72). A intersubjetividade então é a orientação do homem para o outro, ou seja, o sujeito percebe a existência de outros sujeitos.

Para Schütz (1979) a fenomenologia social perpassa pela compreensão do mundo social ou mundo da vida, considerado por ele como *lócus* onde se processam as relações e se formam a experiência de vida de homens e mulheres. Com isso, evidencia-se a relevância do mundo social por fornecer elementos para a interpretação e produção de novos conhecimentos sociais. Segundo o autor:

O mundo da vida agora se dá à nossa experiência e interpretação. Toda interpretação deste mundo se baseia num estoque de experiências anteriores dele, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais, na forma de “conhecimento à mão”, funcionando como um código de referência (SCHÜTZ, 1979, p. 72).

Schütz mostra que os significados no mundo social podem ser compreendidos, ou seja, as pessoas conseguem se fazer ser compreendidas, assim como, compreender o outro. Esse processo ocorre por causa da intersubjetividade existente no mundo da vida, o que ele chamou de código de referência, pois:

O ser humano simplesmente é considerado um ser social, a língua e outros sistemas de comunicação existem, a vida consciente do outro é acessível a mim – enfim, posso entender o outro e seus atos e ele pode me entender e a meus feitos (SCHÜTZ, 1979, p. 56).

O mundo social é vivenciado a partir do trânsito de relacionamentos e significados que “pode ser entendido como um olhar atento dirigido não à experiência que está passando, mas à experiência já passada” (SCHÜTZ, 1979, p. 63). Sendo assim, as experiências que possuem maior significado são aquelas que já foram vivenciadas, por isso neste estudo o enfoque foi em saber como se deu o processo de reconhecimento das jovens como feministas, o início da sua percepção e da descoberta do que é ser feminista e como isso modificou ou não a sua maneira de interpretar o contexto em que estão inseridas. Parte-se da ideia de que:

Toda interpretação desse mundo se baseia num estoque de experiências anteriores dele, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais, na forma de 'conhecimento à mão', funcionam como um código de referência (SCHÜTZ, 1979, p. 72).

De acordo com Schütz (1979), desde o nascimento as pessoas estão imersas em um mundo sociocultural, que se estrutura a partir de um processo histórico, que por sua vez é diferente em cada cultura, podendo também ser alterado, conhecido como atitude natural. Porém, ressalta o autor, há algumas semelhanças em todas as sociedades, como um estilo de vida mais aceito que o outro, sistemas de hierarquias, superioridades e subordinação entre outros. Deste modo:

Para a fenomenologia social, o mundo cotidiano é o cenário onde o ser humano vive, o qual já se encontra estruturado previamente, anterior ao seu nascimento. A leitura dessa realidade estabelecida faz o homem agir de modo natural, a partir do que lhe é apresentado como realidade social. Além disso, tem a capacidade de intervir naturalmente nesse mundo, influenciando e sendo influenciado, transformando-se continuamente e alterando as estruturas sociais. Schütz denomina atitude natural essa forma de o sujeito colocar-se no mundo da vida (JESUS, *et al.* 2013, p. 738).

Construir esta investigação na perspectiva da fenomenologia social de Alfred Schütz possibilitou compreender o mundo do senso comum das participantes e as relações sociais que são estabelecidas no mundo da vida que surgiram nas descrições das experiências vividas nas falas das jovens, pois "compreender o mundo do senso comum é compreender a ação social [...] projetada pelo ator de forma autoconsciente" (WELLER; ZARDO, 2013, p. 133).

Tendo em vista essa perspectiva de mundo da vida, propomos pensar o feminismo na perspectiva da fenomenologia social e a partir da situação biográfica de jovens estudantes dos cursos de licenciatura, pois a situação biográfica nos permitirá definir a partir de um "sistema de relevância" (SCHÜTZ, 1979), quais traços apontados pelas estudantes serão selecionados como características típicas e quais como exclusivos e individuais.

A fenomenologia social, tal como apontada pelo autor, nos permitiu compreender as jovens universitárias como pessoas com motivações, costumes, crenças e experiências, de modo que cada uma pôde apresentar singularidades ou padrões, pois de acordo com o autor, a biografia de cada pessoa é específica em cada participante e representa uma condição social de existência. Essa maneira

específica de se colocar no mundo da vida é denominada por Schütz (1979) de situação biográfica, ou seja:

Cada pessoa, durante toda a sua existência, interpreta o mundo na perspectiva de seus próprios interesses, motivos, desejos, compromissos ideológicos e religiosos. A realidade do sentido comum é dada de forma cultural como universal, contudo o modo como essas formas expressam-se na vida individual depende da totalidade da experiência que o sujeito constrói no curso de sua existência concreta. Essa experiência agrega um acervo de conhecimentos que está disponível e acessível, de acordo com a situação biográfica do sujeito (JESUS, *et al.*, 2013, p. 738-739).

Orientada pelo paradigma interpretativo no qual predomina o interesse em determinados grupos com determinadas características, no caso desse estudo, o interesse pelas feministas e por suas biografias está em perceber como interpretam o feminismo e suas demandas feministas juvenis a partir do desencadeamento dos fatos que a levaram a se reconhecerem como feministas, uma vez que:

Todo momento da vida de um homem é a situação biográfica determinada em que ele se encontra, isto é, o ambiente físico e sociocultural conforme definido por ele, dentro do qual ele tem a sua posição, não apenas posição em termos de espaço físico e tempo exterior, ou de seu status e papel dentro do sistema social, mas também sua posição moral e ideológica. Dizer que essa definição da situação é determinada em termos biográficos significa dizer que ela tem a sua história; é a sedimentação de todas as experiências anteriores desse homem. Organizadas de acordo com as posses 'habituais' de seu estoque de conhecimento à mão, que como tais são posses unicamente dele, dadas a ele e a ele somente (SCHÜTZ, 1979, p. 73).

Cada situação biográfica possui um estoque de conhecimento e é o problema em particular que vai definir o que deve ou não ser conhecido e com que grau de clareza através das falas das entrevistadas. Esse estoque de conhecimento segundo Schütz (1979) é o que pode fazer parecer uma nova experiência com a anterior por meio de semelhanças e analogias, pois também:

serve como código de interpretação da experiência atual em curso, permitindo o sujeito atuar de forma diferenciada durante a vida. Essa referência a atos já vivenciados pressupõe memória, e todas as suas funções, tais como lembrança, retenção e reconhecimento (SCHÜTZ, 1979, p. 75).

Apesar da biografia ser específica para cada participante, alguns traços podem ser comuns a partir de sistemas de tipificações que permitem a objetivação

do mundo da vida, pois o mundo social já existe antes mesmo do nascimento, logo, já possui uma organização através de sistemas de signos e símbolos que possuem significados particulares, como em um grupo em que a pessoa já nasce ou escolhe ser membro, no caso desse estudo, as jovens que fazem parte de grupos feministas que podem ou não compartilhar sentimentos e interesses em comum. Segundo Schütz (1979), os grupos em que o indivíduo está livre para escolher se quer ser membro e que papel social quer ser incumbido é chamado de “grupos voluntários”, ou ainda:

O significado subjetivo que o grupo tem para os seus membros consiste em seu conhecimento de uma situação comum [...]. Essa situação tem a sua história, da qual participam as biografias dos membros individuais; e o sistema de tipificações e relevâncias compartilhado com os outros membros do grupo define os papéis sociais, as posições e o status de cada um (SCHÜTZ, 1979, p. 82).

Os sistemas de signos e símbolos são reconhecidos nas situações biográficas das participantes que pôde ser expresso nas experiências que precederam a sua constituição, porém “todas as pessoas que usam ou interpretam um signo associam-lhe certo significado que tem sua origem na qualidade única das experiências nas quais elas aprenderam a usar o signo” (SCHÜTZ, 1979, p. 108).

Tendo em vista a busca de apreensão dos sentidos que emanam das biografias das jovens feministas, universitárias e futuras professoras, apontamos a Entrevista Narrativa e o Método Documentário como técnicas de reunião de dados e análise.

2.2 Da biografia individual aos modelos de orientação

Para compreender o mundo da vida das participantes a partir da perspectiva fenomenológica, foi utilizada como técnica de reunião de dados a entrevista narrativa, pois deu suporte para as estudantes de licenciatura narrarem as suas experiências e suas trajetórias, permitindo identificar eventos ou estruturas sociais na narração, nesse sentido:

a fenomenologia social de Alfred Schütz representa um importante aporte para o estudo de narrativas, na medida em que instiga o pesquisador a desvelar o sentido que o ator atribui ao seu próprio ato. Este tipo de interpretação mantém relação intrínseca com a subjetividade do ser humano e corresponde a elementos de sua

situação biográfica, de seu contexto de vida (WELLER; ZARDO, 2013, p. 133).

A entrevista narrativa foi empregada por Fritz Schutze¹² em 1970, indo além do esquema pergunta-resposta e é considerada como uma forma de entrevista não estruturada, pois a influência do entrevistador deve ser mínima para conseguir alcançar o seu objetivo, já que o intuito é fazer o entrevistado contar uma história sobre determinada ação. Para este estudo, proporcionou a reprodução em detalhes das ações das jovens estudantes de licenciatura no momento que se reconheceram como feministas e buscou compreender os acontecimentos através da história de vida e a relação com a estrutura social a partir da percepção de mundo das portadoras da biografia.

A narrativa como técnica de reunião de dados vem crescendo desde os anos 80, principalmente nas ciências sociais e no campo da educação. Para esta investigação parte-se da ideia de que as jovens feministas constroem e reconstróem a sua realidade social, modificando também a própria sociedade através das suas ações enquanto estudantes, feministas e futuras professoras, permitindo conhecer as suas experiências a partir das biografias, sendo assim:

a caracterização das biografias individuais permite, por um lado, conhecer em detalhes os contextos específicos em que vivem os/as jovens e, por outro, compreender as visões de mundo e as formas como estão constituídas suas experiências de vida (WELLER, 2014, p. 358).

O estudo a partir de narrativas, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), está relacionado com a crescente consciência do papel que o contar histórias desempenha no conhecimento de fenômenos sociais, pois a narração mostra os motivos, o lugar, o tempo e o contexto que se deu uma determinada ação, reconstruindo as experiências vivenciadas, podendo ser em duas dimensões: cronológica e não cronológica. Para esses autores não há experiência que não possa ser expressa na forma de uma narrativa, ela supera o esquema “pergunta-resposta” e a influência do entrevistador deve ser mínima, de forma que a sua escuta seja atenta e sensível, uma vez que:

¹² Sociólogo alemão um dos mais importantes da época pós Segunda Guerra Mundial na Alemanha e é tido como a pessoa que introduziu e tornou útil a entrevista narrativa nas ciências sociais, empregando-a como técnica de coleta de dados pela primeira vez em um projeto de pesquisa nos anos de 1970, cujo foco estava voltado, sobretudo, para as ações dos atores políticos locais (WELLER; OTTE, 2014).

A reconstrução da perspectiva do indivíduo sobre sua biografia a partir da perspectiva atual, ou seja, do momento em que narra sua história de vida, revela percursos biográficos relacionados não só à trajetória individual, mas ao meio social, cultural e histórico do/a entrevistado/a (WELLER, 2014, p. 357).

Nesse sentido a história de vida das participantes apresentou além das experiências individuais, estruturas da vida social com elementos históricos e culturais, os quais aparecem durante a narração. A entrevista narrativa almeja “romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gera textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências” (WELLER; OTTE, 2014, p. 327).

A partir do paradigma interpretativo, o interesse nas biografias das participantes surge pela interpretação das suas histórias de vida e pelas suas trajetórias enquanto feministas, os fatos que as levaram a se constituírem como feministas, suas ações e interferências na sociedade e na visão de mundo, logo:

Os modelos de análise e interpretações biográficas dos portadores da biografia somente me interessam no contexto da reconstrução da história de vida e não para além dele. É certo que a história de vida está impregnada de forma marcante pelos modelos de análise e pelas interpretações do portador da biografia, mas é justamente esse contexto que vale a pena desvendar (SCHUTZE, 2011, p. 2).

Em relação à história de vida, Schutze (2011, p. 2) fala que é uma “sedimentação de estruturas processuais maiores ou menores, que estão ordenadas sequencialmente, e, que por sua vez, estão ordenadas sequencialmente entre si”, ou seja, quando há uma alteração de estruturas processuais durante a vida dos sujeitos, há uma alteração também na forma em que o portador da biografia vai interpretar a sua história de vida.

Para falar sobre a preparação e estrutura da entrevista narrativa e de como ela ocorre, antes é importante situar como se deu a escolha das portadoras das biografias. Inicialmente foi realizado um mapeamento nas universidades públicas do Pará, para saber quais possuem um movimento feminista articulado e assim encontrar as estudantes de licenciatura e fazer a escolha do *lócus* e das participantes da pesquisa.

A partir desse mapeamento foi encontrado quatro *campi*, de duas universidades públicas do Pará, grupos feministas ativos e com ações frequentes

dentro e fora das instituições, o que foi importante para conhecer a atuação do movimento feminista na universidade e as estudantes de licenciatura que fazem parte dos grupos.

Sendo assim, consideramos estes quatro *campi* como *lócus* da investigação e de onde emergiram os sujeitos da pesquisa, no nosso caso, as participantes. Os critérios para a escolha das participantes consideraram três características: 1) ser feminista e membro de um dos grupos situados nas universidades escolhidas; 2) ser estudante de licenciatura; e 3) ser jovem, ou seja, estar na faixa etária de 15 a 29 anos¹³ de idade. A partir da caracterização das participantes, foi fundamental conhecer a estrutura da entrevista narrativa, pois essa técnica de reunião de dados difere de outras formas de entrevistas e possui uma série de procedimentos específicos.

Antes de ir a campo para realizar a entrevista foi necessário compreender sobre o assunto investigado e posteriormente elaborar um roteiro (ver apêndice D) com algumas perguntas que nortearam o meu interesse enquanto pesquisadora, que no caso são as chamadas “questões exmanentes” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). De acordo com os autores, a entrevista narrativa possui quatro fases e pode ser orientada a partir de toda história de vida ou de apenas uma fase, que no caso dessa investigação foi sobre o reconhecimento das jovens estudantes como feministas.

De acordo com os autores, a primeira fase chamada “iniciação” compreende o início da investigação, sendo explicado para a participante como se dará o processo da entrevista e também é solicitada a permissão para que a narração possa ser gravada, após isso, a entrevista é iniciada a partir de uma pergunta geradora que seja ampla e que faça parte da experiência das entrevistadas contada a partir de um ponto inicial que desencadeou várias situações vividas durante o processo social com base nas relações familiares, profissionais e acadêmicas das jovens, sendo o processo narrativo rico em detalhes, pois, deve-se ressaltar que:

A entrevista narrativa-autobiográfica produz dados textuais que reproduzem de forma completa o entrelaçamento dos

¹³ De acordo com o Estatuto da Juventude, Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013 que dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE são consideradas/os jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos. Mais informações, acesso em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>.

acontecimentos e a sedimentação da experiência da história de vida do portador da biografia, de um modo que só é possível no contexto de uma pesquisa sociológica sistemática. Não apenas o curso “externo” dos acontecimentos, mas também as “reações internas”, as experiências do portador da biografia com os acontecimentos e sua elaboração interpretativa por meio de modelos de análise, conduzem a uma apresentação pormenorizada. Nesse processo narrativo cumulativo são destacados os contextos maiores do curso da vida, marcados e anotados em posições de relevância especial (SCHUTZE, 2011, p. 4).

A segunda fase que é “a narração central” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002), logo após iniciar o processo narrativo, tomou-se notas de interesse para a investigação e encorajaram-se as participantes a continuar a narração através de apoio não verbal, mostrando o interesse pelo que está sendo contado, o processo da narração central não pode ser interrompido até a indicação da finalização por parte da entrevistada, chamada de “coda narrativa” que é a indicação que o/a entrevistado/a está terminando ou terminou a narração, percebida através de pequenas palavras que indiquem a finalização, como: “então era isso...” entre outros (SCHUTZE, 2011). Nesse momento é importante estar atenta/o durante a narração para perceber se as participantes têm algo a mais para dizer sobre a questão inicial.

A partir do fim da narração inicial começou a terceira fase, chamada “fase de questionamentos”, que corresponde à exploração do potencial narrativo das entrevistadas a partir de temas que foram abordados de forma resumida e/ou que ficaram lacunas durante a fase da narração central, essas falas foram retomadas através de perguntas que provocaram uma continuidade da narrativa, incentivando a descrição e teorização e a capacidade de explicação de situações abstratas que poderiam não estar conscientes para a própria entrevistada. Essas perguntas são as chamadas “questões imanentes” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

Por isso, é importante estar atenta/o e ter uma escuta sensível. Sendo assim, “a fase de questionamento tem como finalidade eliciar material novo e adicional além do esquema autogerador da história” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.100). A última fase, de acordo com os autores, é a “fala conclusiva” que é feita quando o gravador está desligado, através de uma conversa informal, a qual se pode fazer questões como as do tipo “por quê?” e tudo deve ser anotado, já que as últimas informações podem auxiliar na hora da análise da narração. Com isso, “é fundamental ter em vista, desde o início, a estrutura temporal e sequencial da história de vida do portador da biografia” (SCHUTZE, 2011, p. 2), pois o resultado

que se apresentou é um texto narrativo da trajetória das estudantes em como se reconheceram feministas, através das suas experiências, seus contextos e suas visões de mundo.

Em relação ao procedimento de análise, seguindo a mesma perspectiva fenomenológica, foi utilizado o método documentário que deu suporte para as entrevistas narrativas, pois reconstruíram os sentidos implícitos na fala das estudantes a partir da reflexão das suas práticas cotidianas. Para iniciar a análise foi necessário realizar a transcrição das entrevistas, e o método documentário exigiu a utilização de códigos (ver apêndice E) que tem a função de reproduzir a fala tal como ela foi dita pelas participantes, com pausas, risos e entonação de voz para que o leitor possa ficar mais próximo das narrativas.

O método documentário parte da contribuição de Karl Mannheim¹⁴ na construção de um método interpretativo, o qual mais tarde é aprimorado por Ralf Bohnsack¹⁵ que coloca:

a reconstrução do sentido documentário no centro da análise empírica, o que significa que, ao invés da reconstrução do decurso de uma ação, passaremos a analisar e reconstruir o sentido dessa ação no contexto social em que ela está inserida (WELLER *et al.*, 2002, p. 377).

A partir da contribuição de Mannheim, toda e qualquer experiência pode e merece ser interpretada e esse caminho é construído pelo método documentário de interpretação, pois “as experiências não são ‘meros contos na vida’, mas estão profundamente enraizadas na história da sociedade da qual fazem parte” (WELLER *et al.*, 2002, p. 391).

A análise documentária das experiências de jovens feministas instigou-nos a repensar o processo de reconhecimento e as visões de mundo que as cercam enquanto jovens, mulheres e futuras professoras, passando a reconstruir o sentido de suas ações no contexto social em que estão inseridas. É importante ressaltar que as visões de mundo “são construídas a partir das ações práticas” (WELLER, 2005, p. 262), que Mannheim definiu como conhecimento atóxico, desta forma, tem-se que “a compreensão das visões de mundo e das orientações coletivas de um grupo

¹⁴ Sociólogo alemão que apresenta um método ou um caminho para a compreensão da visão de mundo de um determinado grupo através do artigo, “Contribuições para a teoria da interpretação das visões de mundo” publicado originalmente em 1921/1922. (WELLER, 2005).

¹⁵ Sociólogo alemão que atualizou o método documentário de interpretação de Mannheim, transformando-o em instrumento de análise (WELLER, 2005).

só é possível através da explicação e da conceituação teórica desse conhecimento atóxico” (WELLER, 2005, p. 262).

Segundo Weller *et al.* (2002) o objeto de estudo, no caso as percepções de mundo das feministas, passou a ser um documento que foi analisado metodologicamente, por isso a importância do método documentário. Mannheim definiu a interpretação com esse método a partir de três níveis de sentido, sendo: sentido objetivo ou imanente que é caracterizado por gestos e símbolos que podem ser facilmente identificados; sentido expressivo que é transmitido através das palavras ou das ações, como uma reação a algo na hora da fala; e sentido documentário, ou seja, como a organização de um documento a partir de uma ação prática que será elaborada através da entrevista. Os dois primeiros sentidos são etapas para se apreender o sentido documentário, o qual se tornará um instrumento de verificabilidade científica (WELLER *et al.*, 2002), ou ainda:

podemos dizer então que, em cada nível de sentido, a tarefa do/a pesquisador/a é apreender os significados do objeto cultural que se propôs a analisar e que o ápice desse processo é interpretar os significados que emanam, as visões de mundo (BASSALO, 2012, p. 43).

Para que a análise através do método documentário possa complementar o sentido e significado do objeto de estudo, Weller *et al.* (2002) fala que é preciso considerar os três níveis citados acima que em sua totalidade é passível de serem revelados através da análise, feita de forma atenta e sensível. Alcançar esses níveis de sentido é tarefa fundamental para compreender as manifestações em sua totalidade, os quais estão presentes nas ações cotidianas desapercibidas (WELLER *et al.*, 2002).

Contudo, a partir da atualização do Método Documentário por Bohnsack, a reconstrução passa a ser uma das principais ferramentas de análise, não se preocupando mais com o sentido objetivo, colocando apenas o sentido documentário em evidência, ou seja, passando a não analisar o sentido do decurso da ação, mas sim a “analisar e reconstruir o sentido dessa ação no contexto social em que está inserida” (WELLER, 2005, p. 268), além disso:

a análise documentária pretende desvendar os espaços sociais de experiências conjuntivas ou o conhecimento conjuntivo, as compreensões do mundo decorrentes das relações e experiências dos grupos sociais, dos sujeitos do campo, bem como reconstruir

suas visões de mundo e o modo como operacionalizam suas ações práticas (BASSALO, 2012, p. 45).

Com isso, Bassalo (2012, p. 45) explica que o “conhecimento conjuntivo são as experiências comuns que promovem um entendimento imediato entre aqueles que têm histórias de socialização parecidas”, sendo importantes na interpretação com o método documentário. É importante ressaltar que, para o método a “interpretação documentária não parte de teorias ou metodologias elaboradas previamente: essas são desenvolvidas ou incorporadas de forma reflexiva durante o processo da pesquisa” (WELLER, 2005, p. 269).

A transição do sentido objetivo ou imanente para o documentário implica na mudança da pergunta “o quê?” para a pergunta “como?”, pois “o objetivo final da investigação a partir do Método Documentário é a forma, o modo como a ação prática é realizada” (BASSALO, 2012, p. 44). Com isso, a análise dos dados passa a ser realizada apenas em duas etapas e não mais nos três níveis de sentido como formulou Manheim, sendo as duas etapas descritas como: interpretação formulada e interpretação refletida. Na interpretação formulada destacam-se diferentes estágios, que são: “organização dos tópicos que foram discutidos na entrevista; seleção e transcrição das temáticas que serão analisadas; e a análise detalhada do sentido imanente” (WELLER, 2005, p. 273).

A interpretação formulada busca também decodificar a linguagem coloquial utilizada na entrevista, ou seja, o/a pesquisador/a irá reescrever o que foi dito pelos/as participantes, organizando o conteúdo de suas falas para outra linguagem que possa ser facilmente compreendida por outras pessoas que não fazem parte do mesmo contexto, sem fazer quaisquer comentários ou interpretações sobre o meio pesquisado (BASSALO, 2012).

Já na interpretação refletida, o/a pesquisador/a poderá realizar as suas interpretações recorrendo a todo o conhecimento adquirido durante a pesquisa sobre o meio em que se está fazendo a investigação. Para além disso, a interpretação refletida “busca analisar tanto o conteúdo de uma entrevista como o quadro de referência, que orienta a fala, as ações do indivíduo ou grupo pesquisado e as motivações que estão por detrás dessas ações” (WELLER, 2005, p. 276). A partir da interpretação refletida, o/a pesquisador/a busca não somente analisar as temáticas, mas também os “padrões homólogos” ou aspetos que apareçam presentes no meio social, pois:

este momento conduz a análise de padrões homólogos ou de aspectos presentes no meio social [...] a identificação destes padrões trata-se da reconstrução de um modelo de orientação comum e, sendo assim, faz-se necessário proceder à comparação com outros dados empíricos. Os modelos de orientação não são interpretados, mas compreendidos pelos sujeitos, já que fazem parte da experiência cotidiana (BASSALO, 2012, p. 46).

Contudo, após a finalização destas duas etapas é iniciada a análise comparativa, a qual “constitui um dos princípios básicos do método documentário de interpretação” (WELLER, 2005, p. 277). A fase da análise comparativa deve ser realizada de forma atenta e precisa, pois é nesse processo de interpretação que irá surgir elementos para a comparação a partir da reconstrução da semelhança de todo material analisado e delinear modelos de orientação de sua ação cotidiana (BASSALO, 2012), uma vez que:

Toda interpretação passará a ganhar forma e conteúdo quando realizada e fundamentada na comparação com outros casos empíricos. Somente através desse procedimento o/a pesquisador/a poderá caracterizar uma fala, comportamento ou ação como algo típico para determinado grupo ou meio social (WELLER, 2005, p. 277).

Os modelos de orientação são identificados através das posições que são delineadas nas falas das estudantes, percebendo os sentidos e significados que atribuem a cada temática, sendo apontado ao final da pesquisa. De acordo com Bassalo (2012) há outra etapa que, ainda que não tenhamos a pretensão de fazê-la, ou nem possamos realizá-la, pois exigiriam estudos de mais casos, devemos indicá-la, trata-se da construção de tipos. A análise comparativa possui para o método documentário a “construção de tipos¹⁶” que, a partir da etapa mostrada anteriormente, busca identificar e compreender os casos homólogos. Como aponta Weller (2005, p. 281), o método documentário de interpretação “não está voltado para uma melhor articulação entre teoria e empiria, mas para a própria produção de teorias, construídas a partir da análise criteriosa dos dados empíricos”.

É importante ressaltar que, de acordo com Weller (2005), apoiada em Mannheim, a interpretação não é neutra, pois está ligada à formação teórica e ao contexto em que o/a pesquisador/a está inserido/a, ou seja, não há como excluir e/ou esquecer as experiências e o conhecimento que foi adquirido ao longo da vida,

¹⁶ A construção de tipos é “o processo de tipificação - que evidenciem o *modus operandi* da ação prática, das visões de mundo, das ações coletivas” (BASSALO, 2012, p. 48).

porém o método comparativo acaba exercendo controle sobre o contexto em que o/a pesquisador/a vive e o seu conhecimento teórico, pois os sujeitos serão analisados através da comparação com outros que participaram da pesquisa. Contudo, analisar esta investigação na perspectiva do Método Documentário com base na comparação dos casos das jovens feministas nos pareceu pertinente visto que as práticas cotidianas das jovens podem revelar elementos da realidade social em que vivem.

III O FEMINISMO NA UNIVERSIDADE

Algumas pessoas me perguntam: “Por que usar a palavra ‘feminista’? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?”. Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral - mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino.

(Sejamos todos feministas – Chimamanda Ngozi Adichie)¹⁷

A partir do pensamento de Chimamanda Ngozi Adichie inicio esta seção com algumas reflexões e inquietações que têm me conduzido durante a pesquisa e a elaboração deste estudo. Contudo, ressalto que meu foco não é respondê-las, mas sim me aproximar e contribuir no debate a respeito do feminismo e do ser feminista na contemporaneidade. Então, “o que significa ser feminista nos dias atuais?”, “por que o feminismo é tão odiado por uns e amado por outros/as?”, “qual a importância de sermos feministas?” e “por que uma epistemologia feminista tem se tornado cada vez mais essencial para revolucionarmos a maneira que a educação está sendo pensada?”. Esses são alguns questionamentos importantes para esta investigação e que nos fazem refletir sobre como o feminismo tem impactado a sociedade e como vem sendo construído na perspectiva das novas gerações.

Ao questionar socialmente a existência da desigualdade entre homens e mulheres e denunciar os padrões de opressão e dominação que foram impostos, deu-se início ao pensamento feminista que caminhou para uma crítica ampla da forma em que a sociedade estava sendo constituída (BIROLI; MIGUEL, 2014). A partir disso, entendo o feminismo como um movimento político, social e acadêmico que luta pela liberdade, pela vida das mulheres e por transformações que levem a sociedade a ser mais justa a partir de uma equidade entre homens e mulheres.

Por isso, a partir das últimas décadas, o feminismo se tornou essencial para a reconstrução de uma sociedade pautada na equidade entre os gêneros, possuindo

¹⁷ Trecho retirado do livro “Sejamos todos feministas” de Chimamanda Ngozi Adichie, traduzido por Christina Baum. p. 43.

uma organização que proporcione às mulheres perceberem as opressões sofridas ao longo da vida, simplesmente pelo fato de serem mulheres.

Para iniciar a discussão sobre o movimento feminista é preciso contextualizá-lo de forma histórica e filosófica, saber o tempo e espaço em que estavam/estão inseridos e os pensamentos que permeiam a sociedade. Para isso, será traçado um panorama sobre a sua eclosão a partir da revolução francesa e sua chegada ao Brasil enquanto movimento político e social sendo incorporado por novos espaços e novas gerações nos dias atuais.

Contudo, mesmo que o texto pareça estar organizado em uma linearidade de tempo e espaço, não procuro aqui tratar as pautas e conquistas do movimento feminista como algo evolutivo, pelo contrário, procuro marcar acontecimentos que julgo necessários para reconhecer o movimento feminista por meio de suas lutas, de modo que se desenvolva a compreensão deste estudo a partir das vozes que ecoaram e continuam ecoando durante a sua construção. Por outro lado, recorro a esses momentos históricos do feminismo para que possam me auxiliar na interpretação e percepção do movimento feminista contemporâneo que tem adentrado os muros das universidades através da visão de mundo das estudantes jovens feministas que estão inseridas em um contexto de lutas e resistências.

3.1 Organização, luta e resistência

Pode-se dizer que o feminismo, como movimento político e social, tem seu marco histórico situado no século XIX com a Revolução Francesa que trouxe ideais liberais de igualdade, mas que na prática só se instaurou na perspectiva das classes dominantes e entre os homens, como estabeleceu a Declaração dos Direitos dos Homens (COSTA; SANDERBERG, 2008). Não quer dizer que o movimento feminista tenha iniciado nesse período, mas se torna um marco importante, pois a atuação das mulheres e os questionamentos em relação ao espaço público começaram a ser evidenciados, mesmo que inicialmente tenha sido a partir das perspectivas das classes dominantes.

Para as filhas e esposas dessa burguesia ascendente, igualdade e fraternidade só entre si. Liberdade, só entre os muros do espaço doméstico e, mesmo assim, vigiada. Direitos? Os de boa filha, boa esposa, boa mãe. Não é ao azar que a autoconsciência e a rebeldia das mulheres surgem, inicialmente, entre mulheres de classes

médias e nos países mais avançados (COSTA; SANDERBERG, 2008, p. 24).

Com as ideias que percorreram a Revolução Francesa, os questionamentos das mulheres alcançaram, posteriormente, vários lugares do mundo, reivindicando direitos sociais e políticos, com ênfase para a luta sufragista que revolucionou os discursos de que as mulheres não possuíam capacidade para interferir na política, questionando o seu lugar na sociedade, assim como o acesso à educação formal.

A luta pelo sufrágio feminino foi o ápice às primeiras ideias feministas, protagonizadas e lideradas pelas mulheres em torno da educação, propriedade e outros, questionando a forma em que a sociedade estava sendo organizada a partir da ideia da naturalização dos papéis sociais para homens e mulheres e a diferença entre o âmbito público e privado que eram atribuídos a cada gênero e fortalecidos pelo patriarcado, sendo baseado na ideia de uma identidade natural dos dois sexos considerados normais, ou seja, atribuindo a superioridade para os homens e a inferioridade para as mulheres, pensamentos esses considerados limitados e que o feminismo busca desconstruir.

A naturalidade com que a mulher era tratada como ser inferior e de menor valor, não tardou a ser percebida e questionada, de modo que aos diferentes eventos em torno do reconhecimento da mulher como sujeito político e jurídico constitui o que teóricas/os chamam de “primeira onda” do feminismo, de modo que podemos afirmar que:

a primeira onda feminista se refere ao amplo movimento pela reforma de desigualdades nos séculos XVIII e XIX, que tem lugar com Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft, em sua luta contra as injustiças de toda a espécie sofridas pelas mulheres. Contudo, vale mencionar que, desde a antiguidade, se encontram formulações variadas acerca das questões de gênero, as quais mostram não tanto a presença de lutas, ainda que tímidas e desarticuladas, das mulheres por sua autonomia sociopolítica, mas o desenvolvimento de uma consciência de gênero e do lugar que as mulheres ocupavam na sociedade (SANTOS, 2014, p. 135).

A partir desse momento “o termo feminismo pode ser definido como uma forma de enfrentamento das imposições parciais, em suas diversas manifestações” (SANTOS, 2014, p. 136). A luta em torno dos direitos das mulheres não foi somente de mulheres brancas, pois foi também escrita por trabalhadoras, como foi o caso das mulheres na fábrica de tecidos que reivindicavam melhores condições de trabalho e igualdade nos salários e acabaram morrendo em um incêndio. Foram 130 mulheres

mortas que ficaram conhecidas pela instauração do dia internacional das mulheres (08 de março) adotado pela ONU em 1975, sendo um dia para lembrar e afirmar a luta das mulheres. Houve também o protesto conhecido como “Pão e Paz” que levou 90 mil trabalhadoras a uma manifestação contra Czar Nicolau II, devido às más condições de trabalho, a fome e a guerra.

As condições as quais as mulheres estavam submetidas começavam a ser compreendidas e questionadas. Entre avanços na garantia e na proteção dos direitos das mulheres e retrocessos, ou ainda onde apesar do feminismo, a mulher continua sendo violada na sua existência, o pensamento e a prática feminista se ampliou, foi acolhido, recusado e refutado em um jogo permanente de tensão e avaliação que com o tempo ressurgiu se propondo a lutar por transformações nas relações humanas e na própria história, significando também para as mulheres um processo de reeducação e de ruptura com uma história de submissão, descobrindo as próprias potencialidades (COSTA; SANDERBERG, 2008), pois:

o feminismo que ressurgiu neste momento, traz algo de novo ao romper com as velhas práticas machistas também presentes no próprio cotidiano desses movimentos. Novo, porque se propõe a ir além da luta por igualdade jurídica de direitos, o que distingue, também, do movimento feminista anterior. Trata-se, hoje, de um movimento que questiona o papel da mulher na família, no trabalho e na sociedade, luta por uma transformação nas relações humanas e pela extinção das relações baseadas na discriminação social. Nestes termos, consiste em um movimento que, a partir do questionamento tanto das relações sociais da produção material, quanto das relações efetivas e sexuais entre os seres humanos, propõe-se a lutar por mudanças históricas (COSTA; SANDERBERG, 2008, p. 29).

O avanço do movimento feminista, que passa de uma perspectiva meramente política da igualdade de direitos para uma visão mais ampla da vida social e individual das mulheres, é relacionado com a evolução do pensamento político e filosófico que cada época ultrapassa, trazendo uma nova percepção sobre a própria sociedade (COSTA; SANDERBERG, 2008).

No Brasil o início de um pensamento feminista é demarcado a partir da luta pela educação feminina de Nísia Floresta (1832)¹⁸ que a partir das suas obras, iniciou o despertar para uma consciência crítica acerca da condição feminina na sociedade, como aponta Costa e Sanderberg (2008). Porém o feminismo enquanto

¹⁸ A partir da publicação das obras “Conselhos à Minha Filha” (1842), “Opúsculo Humanitário” (1853) e “A Mulher” (1856), além da tradução da obra pioneira de Mary Wollstonecraft, “*A vindication of the Rights of Women*” de 1832 (COSTA; SANDERBERG, 2008).

movimento se estruturou a partir da luta pelo sufrágio que teve influência com o movimento da Europa e Estados Unidos, mas ganha força com a criação da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF)¹⁹ em 1922 e seguiu até 1932. A FBPF lançou um documento em maio de 1928 em forma de protesto na luta pela emancipação feminina, o qual foi chamado de “Manifesto Feminista” que teve influência das sufragistas norte-americanas, refletindo na atual organização do movimento feminista. O Manifesto Feminista se constituía dos seguintes itens:

1) As mulheres, assim como os homens, nascem membros livres independentes da espécie humana, dotados de faculdades equivalentes e igualmente chamados a exercer, sem peias, os seus direitos e deveres individuais; 2) Os sexos são independentes e devem, um ao outro, a sua cooperação. A supressão dos direitos de um acarreta, inevitavelmente, prejuízos para o outro, e, conseqüentemente, para a Nação; 3) Em todos os países e tempos, as leis, preconceitos e costumes, tendentes a coarctar a mulher, a limitar a sua instrução, a entrar o desenvolvimento das suas aptidões naturais, a subordinar sua individualidade ao juízo de uma personalidade alheia, foram baseados em teorias falsas, produzindo, na vida moderna, intenso desequilíbrio social; 4) A autonomia constitui o direito fundamental de todo o indivíduo adulto; a recusa deste direito à mulher, uma injustiça social, legal e econômica que repercute desfavoravelmente na vida da coletividade, retardando o progresso geral; 5) As nações que obrigam ao pagamento de impostos e a obediência à lei os cidadãos do sexo feminino sem lhes conceder, como aos do sexo masculino, o direito de intervir na elaboração dessas leis e votação de impostos, exercem uma tirania incomparável com os governos baseados na Justiça; 6) Sendo o voto o único meio legítimo de defender aqueles direitos, a vida e a liberdade, proclamados inalienáveis pela Declaração da Independência das Democracias Americanas, e hoje recolhidas por todas as nações civilizadas da Terra, à mulher assiste o direito ao título de eleitor (COSTA; SANDERBERG, 2008, p. 37-38).

Esse manifesto expressa as reivindicações por direitos básicos para viver em democracia, pautado na equidade entre homens e mulheres e principalmente na liberdade e na autonomia que os sujeitos devem ter em sociedade. Sendo apresentado em 1928, é interessante perceber que, passados anos, a liberdade, independente da raça, classe, sexo e orientação sexual ainda não foi alcançada plenamente, fazendo parte da construção do feminismo.

¹⁹ Caracterizada como a primeira entidade de mulheres a nível nacional, a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF) foi a principal responsável pela luta sufragista no Brasil, sendo o ponto de partida para a criação de outras associações de mulheres em todo o país e sendo liderada por Bertha Lutz (COSTA; SANDERBERG, 2008).

A partir do manifesto e da reivindicação pelo sufrágio, o direito ao voto às mulheres foi alcançado em 1932 no Brasil, sendo uma das conquistas iniciais do movimento feminista através do debate sobre a vida pública para as mulheres, o que era visto com maus olhos pela sociedade, de modo que:

A grande questão da luta sufragista na época era o debate sobre a ideia de vida pública para as mulheres. O modelo de mulher burguesa do século XIX havia sido amplamente esquadrihado pelo saber médico que instituiu o discurso de que à mulher cabia o cuidado do lar e dos filhos como peça fundamental para a manutenção da sociedade. Deste modo, ao se instituir o domínio da vida privada como o espaço idealmente feminino instituiu-se também a desgraça das mulheres da vida pública, mulheres em situação de vulnerabilidade social, aquelas à quem a vida pública significava a possibilidade de trabalho e sustento como no caso das mulheres pobres, mulheres negras, mulheres indígenas e as prostitutas (LANGNOR, 2017, p. 41).

Apenas em meados da década de 70 do século XX o movimento feminista e outros movimentos sociais começam a se articular novamente, já que a repressão e censura que houve nos anos de 1960 imobilizava os grupos de modo geral. Com o seminário em comemoração ao Ano Internacional da Mulher, promovido pela ONU em 1975 que discutiu a condição feminina na sociedade, vários grupos de mulheres pelo país foram sendo organizados, aprofundando as reflexões e os novos encaminhamentos que começariam a surgir (COSTA; SANDERBERG, 2008).

É importante destacar que inicialmente o movimento feminista, tanto no Brasil quanto em outros lugares do mundo, teve um caráter elitista, pois, de acordo com Costa e Sanderberg (2008), enquanto as mulheres brancas e de classe alta lutavam por direitos iguais, as mulheres negras lutavam por direitos básicos. Percebe-se que somente mais tarde, a luta pelo rompimento das desigualdades de classe, de raça e orientação sexual passa a ser uma demanda do movimento (muitas mulheres viviam à margem das lutas e conquistas, visto que o feminismo não chegava a todos os espaços), o que deu início à criação atual das chamadas “vertentes ou correntes feministas”, que será abordada um pouco mais a frente.

As pautas do movimento feminista sempre foram mais do que apenas direito ao voto. A conscientização que as mulheres de cada época tiveram sobre a opressão que viviam, foi o impulso para a união no movimento de diferentes demandas (COSTA; SANDERBERG, 2008). Com isso, vale ressaltar que:

a luta das mulheres, particularmente as que abraçam a bandeira feminista, não se resume simplesmente na conquista dos direitos constitucionais, ou na denúncia das discriminações e desigualdades de gênero. Ao contrário, essa luta é muito mais ampla, posto que a opressão e a exploração da mulher também são muito mais amplas, assumindo várias facetas e formas, nem sempre facilmente identificáveis. Suas raízes são sociais e culturais e, portanto, para erradicá-las, toma-se necessário não só uma transformação social, mas uma verdadeira revolução nos costumes e práticas – uma revolução cultural (COSTA; SANDERBERG, 2008, p. 44).

A partir do período de redemocratização no Brasil, houve uma nova configuração do movimento feminista que surgiu com a resistência das mulheres no período da ditadura e começou a pautar os estudos de gênero, incluindo uma diversidade maior de mulheres, como as universitárias, influenciadas por várias obras literárias, como o clássico “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir que, por sua vez, abriu caminhos para a discussão a respeito de uma epistemologia feminista, a qual seria marcada pela valorização e experiência vivida das mulheres, e os escritos de Heleieth Saffioti²⁰ constituindo assim uma nova metodologia de militância através da análise das literaturas que versavam sobre a condição da mulher na sociedade e os estereótipos de gênero, assim, “não é exagero dizer que essa percepção funda o feminismo contemporâneo” (BIROLI; MIGUEL, 2014, p. 27).

A distinção entre os termos “sexo” e “gênero” que pode ser evidenciada a partir dos escritos de Beauvoir (1976) e com a sua célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, foi essencial para a discussão de um feminismo que vai além do “ser mulher” em um conceito biológico, e sim, que se estruture a partir de uma construção social do masculino e do feminino. De acordo com Saffioti (1999, p. 163) “o Segundo Sexo” revolucionou os estudos porque “influenciou sobretudo o pensamento feminista e tem contribuído para transformar não somente a visão de milhares de mulheres sobre a vida em sociedade, como também suas condutas”. Para este estudo, o gênero também diz respeito a uma categoria histórica que possui símbolos culturais de representações, de organizações, instituições sociais e de interpretação de significados (SAFFIOTI, 2015).

O pensamento feminista construído historicamente e consolidado no Brasil a partir da chamada “segunda onda”, que é como se fosse uma segunda fase do

²⁰ Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934 – 2010) foi uma importante Socióloga marxista, militante feminista brasileira e estudiosa da violência de gênero que abriu caminhos para a discussão da mulher na sociedade através da obra “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade” publicada em 1976, pela editora Vozes.

feminismo apresenta “um aspecto coletivista e revolucionário, clamando as mulheres para uma participação real na reconstrução da sociedade” (SANTOS, 2014, p. 140). A partir de então o movimento feminista foi sendo constituído por várias correntes no Século XX, que fortaleceu as lutas das mulheres e ampliou as pautas de reivindicação.

Com a ampliação das pautas de reivindicação houve a percepção de que o movimento feminista não era homogêneo, constituindo o que atualmente é conhecido como “vertentes feministas” ou apenas “feminismos”, uma vez que há uma pluralidade de abordagens e características. Segundo Biroli e Miguel (2014) o feminismo a partir das suas várias vertentes, combina a militância pela igualdade de gênero com a investigação relativa às causas e aos mecanismos de reprodução da dominação masculina, em que a necessidade de mudar o mundo está ligada à necessidade de interpretá-lo.

Eis que o feminismo demonstra-se como a grande voz que se realça diante das vozes de todas as mulheres em seu complexo processo de construção de identidades e de gênero, na diferença e na pluralidade cultural dos vários tempos do existir humano. Não se trata, contudo, de uma voz uníssona, mas composta de sons variados que instauram a produção de oposições pouco discretas como forma de criticar a matriz cultural patriarcal (SANTOS, 2014, p. 158).

Com a reorganização do movimento feminista, as novas percepções de mundo das mulheres e para alcançar suas demandas de lutas, foram sendo caracterizadas as vertentes feministas que atualmente são conhecidas como: feminismo anarquista ou anarcofeminismo, feminismo liberal (libfem), feminismo marxista, feminismo radical (radfem), feminismo negro e o feminismo interseccional, sendo mais conhecidos no Brasil os três últimos. Com isso, pode-se dizer que o feminismo contemporâneo é “um corpo altamente elaborado de teorias e reflexões sobre o mundo social” (BIROLI; MIGUEL, 2014, p. 18).

O feminismo radical que tem sua origem nos anos 60 - 70 defende que a raiz das opressões é o patriarcado e no movimento são aceitas apenas mulheres. Já o feminismo negro, chega ao Brasil junto com o movimento negro e tem como foco de luta a categoria “gênero” e “raça”, pois, como dito anteriormente, o início do feminismo é pautado apenas a partir das reivindicações de mulheres brancas e das classes altas e médias da sociedade, não reconhecendo as pautas das mulheres negras que estavam em outros espaços e possuíam outras demandas, sofrendo

uma opressão dupla, no caso, o machismo e racismo. Porém, devo ressaltar que isso não quer dizer que a opressão de mulheres negras é mais importante que a de mulheres brancas, apenas que possui particularidades, lutando para nivelar o seu lugar enquanto mulher na sociedade, levantando uma importante reflexão sobre o protagonismo, a representação feminina nas mídias e a exploração do corpo.

A última vertente é a do feminismo interseccional, o qual se constitui na chamada “terceira onda” do movimento feminista que “surgiu da necessidade de se colocar como centrais, questões que não foram, ou que pouco foram debatidas em grupos feministas anteriores” (LANGNOR, 2017, p. 63). Ter a percepção do feminismo a partir de uma perspectiva interseccional significa considerar as mulheres que estão no movimento através das pautas e reivindicações que englobem a diversidade e que possa de fato representá-las nas suas diferenças.

Inicialmente, o discurso interseccional surgiu como uma ferramenta de análise, mas com o tempo se tornou uma vertente que tem constituído o movimento feminista ganhando outras características, com uma maior complexidade, “uma vez que se veem problematizadas sob enfoques diversos [...]. Procura-se aqui olhar atentamente os traços do mundo em sua diversidade sociocultural” (SANTOS, 2014, p. 149). Deve-se ressaltar que:

A interseccionalidade transpõe soma das dominações ou arranjos de identidades e diferenças, possibilitando-nos avançar em perspectiva e prática de problematização rizomática de uma teoria transdisciplinar visando apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais, através de uma abordagem integrada. Ela [a interseccionalidade] refuta a partição e a hierarquização dos grandes eixos de diferenciação social (POCAHY, 2011, p. 19-20).

O pensamento interseccional se pauta na localização de pontos em que se cruzam diferentes tipos de opressões, como a de gênero, orientação sexual, classe social e raça, tendo em vista que não há mulher universal, ou seja, a ideia principal é de um feminismo que possa alcançar todas as mulheres independentes das suas particularidades, haja vista que, a opressão sofrida através das injustiças sociais e econômicas e que está interligada pelos sistemas da sociedade, só poderá ser combatida e/ou superada quando tratadas em uma perspectiva interseccional, pois “deve ser compreendida na interface com as desigualdades de raça e classe, fundamentais para a percepção e enfrentamento das matrizes de dominação” (ARTES, 2017, p. 2).

Segundo Henning (2015), o termo “interseccionalidade” foi abordado pela primeira vez em 1989 pela teórica feminista Kimberlé Crenshaw²¹ que se preocupou em dialogar com as diversas formas de desigualdades e de diferenciação social. Do ponto de vista de uma definição, a “interseccionalidade é uma prática-conceito feminista produzida na agonística deste campo preciso de luta, reivindicações e produção de saberes” (POCAHY, 2011, p. 18). Como conceito, reconhece as diferenças, as particularidades e desigualdades existentes e oferece distintas formas de articulação nos discursos sobre gênero, raça, classe social, geração e demais marcadores sociais que identificam e reconhecem as diversidades, assim:

A interseccionalidade é uma das mais importantes contribuições teóricas atualmente no campo dos estudos feministas, constituindo-se como uma das quatro principais perspectivas da terceira onda do feminismo, juntamente com as abordagens pós-estruturalistas e pós-modernas, a teoria feminista pós colonial e as demandas das novas gerações feministas (POCAHY, 2011, p. 19).

Nesta mesma direção, Henning (2015, p. 118) aponta que “a noção de interseccionalidade abre um relevante espaço para análise de contextos específicos de construção de diferenciações e desigualdades sociais”. Sendo assim, percebe-se nesta seção que o feminismo se constrói a partir das resistências de mulheres, nas lutas por equidade de direitos e estão em um permanente processo de reconstrução, buscando superar as relações hierárquicas e a discriminação nas suas diferentes formas para que as diferenças entre os sexos deixem de interferir na vida social de homens e mulheres.

3.2 A militância feminista universitária

A partir do final do século XX, o movimento feminista ganha feições novas e começa a ser visualizado por diversas perspectivas através das grandes teorias que foram sendo construídas durante os anos, como mostrado anteriormente. Esse momento, de novos espaços e teorias do feminismo amplia os debates e lança problematizações que antes não eram reconhecidas.

Com essa nova reconfiguração a partir da chamada “terceira onda”, o movimento feminista, que alcançou novos espaços para estudos e debates, como a universidade, através de profissionais e estudantes dos mais diversos cursos, tem

²¹ Teórica feminista estadunidense que apontou posteriormente a interseccionalidade como uma “categoria provisória”.

se preocupado em fortalecer as discussões em torno dos conhecimentos científicos que envolvem o gênero e a mulher. Além disso:

se nos anos setenta a “missão” era de luta contra a ditadura e por um mundo sem desigualdade – o qual seria conquistado através da manifestação em passeatas, palavras de ordem, panfletagem, grupos de consciência, atuação em bairros e associações –, hoje a “missão” é conquistar “corações e mentes” através do texto científico, da ocupação de espaços de poder acadêmico, do questionamento de verdades estabelecidas, da formação de pesquisadoras e pesquisadores que levem em conta estes questionamentos (PEDRO, 2005, p. 171).

De acordo com Pedro (2005) o aumento de debates feministas nas universidades se deu na mesma proporção da entrada das mulheres nos cursos de graduação e pós-graduação, pois, como mostra o Censo da Educação Superior (2017), as mulheres, que por anos tiveram o acesso à educação negado e quando conquistado eram minoria, têm ultimamente ultrapassado os homens em número de matrículas no Ensino Superior, sendo de 55,6% e 44,4% respectivamente, no ano de 2015 (INEP, 2017). Devemos lembrar que:

não é por acaso que o acesso de mulheres as universidades foi restrito, as universidades estão inseridas nas várias esferas de hierarquia e exclusão social que as mulheres enfrentam diariamente. Por muitos séculos de existência das universidades, a produção de conhecimento institucional nas faculdades não era feita por mulheres, não representava as suas experiências, não eram sequer espaços que pudessem ser frequentados por mulheres (OLIVEIRA, 2013, p. 6).

Porém, segundo Pedro (2005), após décadas da entrada do feminismo na universidade, ainda que os estudos tenham ganhado mais força nos últimos anos, percebe-se que há uma rejeição em relação aos estudos que envolvem temáticas sobre gênero e feminismo, e, acrescento, principalmente nos cursos de formação de professores, que mesmo sendo constituídos majoritariamente por mulheres (INEP/MEC, 2017), continuam propagando posições a partir da perspectiva masculina e pouco têm se voltado para assuntos que envolvem a história das mulheres.

A entrada do feminismo na universidade pode ser pensada pelo viés de um espaço para legitimar todo o conhecimento adquirido e contestado na militância, buscando o seu lugar epistemológico, construindo núcleos e grupos de pesquisas sobre a mulher a partir de questionamentos sobre a visão masculina, branca, heterossexual e eurocêntrica que tem se estabelecido na ciência até os dias atuais,

pois “a produção de conhecimento é corporificada, e por isso, raça, classe, gênero, etnia, língua, e nacionalidade, dentre mais, pesam para “acessos e visibilidade” na produção de conhecimento” (OLIVEIRA, 2013, p. 2-3).

Contudo, o intuito deste tópico não é traçar um histórico sobre a chegada dos estudos e núcleos feministas e de gênero nas universidades, tampouco falar apenas sobre a produção acadêmica no campo dos estudos da mulher ou do feminismo acadêmico ou teórico, mas sim, ampliar o debate de como tem se configurado o feminismo dentro das Instituições de Ensino Superior enquanto militância de grupo pautado na visibilidade de temáticas femininas e nas suas ações através da luta pela permanência e continuidade de mulheres na graduação e de denúncias das diversas opressões sofridas pelas estudantes, haja vista que a universidade é um espaço de representação.

Com o crescente número de mulheres entrando nas universidades (INEP, 2017) e se reconhecendo feministas, o movimento começa a ter pautas específicas e ganha visibilidade social e nas mídias, tanto positiva pelas conquistas e bandeiras levantadas, como negativa pelos estereótipos que foram sendo construídos culturalmente.

Tenho observado, nos últimos anos, através da minha experiência enquanto jovem e feminista em Belém, que o movimento feminista nas universidades ganhou força por meio do fortalecimento de uma nova percepção de mundo em que as mulheres jovens não aceitam o lugar de opressão e submissão que lhes foi imposto culturalmente e que esse lugar de invisibilidade (especialmente da mulher jovem) não deve mais fazer parte das suas histórias.

Denúncias de violências cometidas contra as mulheres no interior das Instituições de Ensino Superior, relatos de abusos cometidos por professores, alunos e funcionários, episódios de violência física e até casos de estupro se tornaram corriqueiros e começaram a surgir em forma de desabafo nas redes sociais nas diversas universidades do país indo ao encontro das estatísticas divulgadas pelos institutos de pesquisa.

Em relação às violências que jovens estudantes têm sofrido nas universidades, foi divulgada pelo Instituto Avon/Data Popular (2015)²² uma pesquisa

²² Mais informações sobre a pesquisa “Violência contra a mulher em ambientes universitários”, realizada pelo Instituto Avon/Data Popular, no ano de 2015, disponível em: <http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf>.

que mostrou que 42% das estudantes já sentiram medo de sofrer violência nas instituições de ensino, um lugar que deveria ser apenas para socialização e educação, tem mostrado que também é um espaço de medo para as mulheres, muitas vezes por causa da falta de segurança, exposições a comportamentos machistas e desqualificação intelectual por professores e/ou colegas que acaba gerando intimidação e problemas psicológicos.

Com o intuito de dar visibilidade às diversas situações de violências sofridas nas universidades, na cidade de Belém, no estado do Pará, surgiu em 2016 a página no “*facebook*” intitulada “macho na roda” que se tornou um canal para que muitas estudantes relatassem os abusos e violências sofridas dentro e fora das universidades e alertassem também outras mulheres, tudo de forma anônima, mas com o intuito de denunciar as opressões que muitas mulheres vivenciavam em um espaço como a universidade, um lugar que deveria combater qualquer tipo de violência. Porém, por questões de bloqueio e ameaças, a página não se manteve por muito tempo e as denúncias começaram a aparecer em forma de atos e manifestações dentro das próprias instituições, sendo marcados e divulgados através das redes sociais, como o *facebook* e *whatsapp*.

Percebo que o espaço da universidade tem sido um ponto de encontro para que as estudantes discutam as violências sofridas e acolham outras meninas, organizando debates através de temas que as fortaleçam enquanto mulheres e continuem sua atuação na militância a partir dos conhecimentos adquiridos na academia e principalmente nos grupos de pesquisas que tratam essas temáticas.

É importante ressaltar que a militância feminista dentro das universidades tem se caracterizado pelo ato de denunciar violências sofridas dentro e fora das instituições, demonstrando que os seus relatos e experiências podem intervir na maneira de como a sociedade visibiliza as lutas das mulheres. Entrar nas universidades nos dias atuais é se deparar com paredes cheias de grafites com desenhos e frases sobre “ser mulher”, “viver uma vida sem violência”, “liberdade” e “igualdade de direitos”.

O feminismo na universidade legitima as lutas e o conhecimento em torno das discussões sobre gênero, visibilizando as temáticas que envolvem as mulheres e acaba se tornando um espaço de tensão e conflito que questiona o lugar da mulher na sociedade, pois:

a tomada de consciência de uma opressão que era comum a todas as mulheres permitiu questionar o campo dos saberes e poderes constituídos e legitimados academicamente, sobretudo no campo das Ciências Sociais e Humanas (PEDRO, 2005, p. 173).

A relação entre as lutas sociais e o feminismo teórico é fundamental para produzir debates em que “as fronteiras entre a luta política e a atividade intelectual e acadêmica são, em geral, mais porosas do que nas correntes predominantes da teoria política” (BIROLI; MIGUEL, 2014, p. 8). A presença das acadêmicas feministas nas universidades contribuiu para o reconhecimento das mulheres enquanto sujeito de direitos e que deixam de ser apenas objetos de pesquisa, mas passam a construir conhecimentos através das suas próprias histórias, visão de mundo e da experiência na militância, conquistando o lugar de fala que é delas por direito, que foi e continua sendo negado socialmente.

IV JOVENS E FEMINISTAS

Nas últimas décadas tem surgido uma nova geração de feministas que possuem uma nova visão de mundo enquanto mulher na sociedade contemporânea que não aceita mais o lugar de submissão que foi sendo imposto culturalmente durante séculos. O grito, antes preso na garganta de mães, avós, tias e irmãs, vem sendo incorporado e transmitido por essa nova geração de jovens mulheres que tem se reconhecido feminista e que estão ocupando as ruas, as universidades, a internet e tantos outros espaços que foram sendo conquistados através das lutas de diferentes gerações do movimento feminista.

Nesta seção, proponho um debate acerca de ser feminista nos dias atuais através do conceito de juventude a partir da perspectiva geracional, enfatizando que as jovens possuem outras demandas que precisam ser debatidas dentro do movimento feminista, a partir das suas particularidades e experiências enquanto sujeitos sociais. Em seguida, a partir do conceito de reconhecimento apontado por Nancy Fraser, será discutido sobre ser jovem e feminista pautando a reconfiguração do movimento feminista através da união de jovens na luta por direitos, pela sexualidade, pelo corpo e pela liberdade de viver em sociedade sem definição de papéis sociais e estereótipos de “ser mulher”.

Como apontei na introdução desta investigação, ainda são poucas as pesquisas que se referem à juventude dentro do movimento feminista, uma vez que o movimento acaba sendo visto através da perspectiva da mulher adulta, não percebendo que as jovens possuem olhares e demandas diferenciadas. Mesmo tendo contado ao longo da história com a participação de sucessivas gerações dentro do feminismo, constata-se que “somente nos últimos anos as jovens passaram a reivindicar no interior dele espaços específicos de discussão e pautas também específicas” (ZANETTI, 2009, p. 34), pois o seu reconhecimento, enquanto jovens e mulheres, contribuiu para o empoderamento e a valorização das identidades.

4.1 Uma nova geração na militância

Para iniciar essa discussão é necessário me posicionar em relação ao conceito de juventude que será utilizado neste estudo, mas antes de identificar este

conceito é interessante refletir os motivos que me levam a falar sobre as feministas a partir da perspectiva da juventude.

Como apontado no início desta investigação, situo o meu lugar de fala enquanto jovem feminista que tem se reconhecido no feminismo contemporâneo e, a partir da minha experiência, percebo que as pautas do movimento através da visão adultocêntrica²³ não têm contemplado as demandas específicas atuais que partem da visão de mundo das jovens sobre o lugar que ocupam na sociedade. Assim como, a invisibilidade do recorte de juventude nas pesquisas que abordam o movimento feminista, e a ausência do recorte de gênero nas pesquisas sobre juventude nos provoca a necessidade de estudos que apontem a percepção de mundo de jovens mulheres sobre o contexto em que estão inseridas, sendo reconhecidas como protagonistas das suas histórias a partir das suas diversidades.

É importante ressaltar que são vários os conceitos de juventude, principalmente aqueles que apontam como fase de vida, visto como uma preparação para a vida adulta e, também a partir da faixa etária interpretada pelo desenvolvimento biológico que visualizam os/as jovens como um vir a ser (BASSALO, 2012). Logo, essas definições de juventude “apontam para o futuro, para o adulto que será, ou seja, [...], o jovem não é, porque está em construção o ser adulto” (BASSALO, 2012, p. 68).

Contudo, enquanto conceito, para este estudo a juventude se refere a uma categoria de análise que parte da perspectiva geracional situada na teoria das gerações²⁴ mannheiminiana que está à frente de outros grupos com os quais convive, representando inovação e autenticidade em suas condutas, visto que “a juventude recebe uma herança cultural da geração anterior e, ao mesmo tempo, produz novos significados” (BASSALO; WELLER, 2015, p. 238). Com isso:

Delimitar a juventude implica em, por um lado, reconhecer seu caráter relacional, já que implica em compartilhar com outras pessoas, sejam outros/as jovens ou não jovens, a experiência de estar no mundo em determinado tempo e lugar e, por outro lado, reconhecer que, em cada sociedade, em cada momento da história, a juventude assume distintas características e singularidades (BASSALO, 2012, p. 95).

²³ Compreendida a partir de uma visão adulta que remove os jovens do presente e os invisibiliza, colocando-os como sujeitos de segunda ordem na sociedade (BASSALO, 2012).

²⁴ As gerações não têm origem nem na sucessão do tempo, nem no marco biológico, já que não existe uma predefinição temporal que seja capaz de medir ou prever a sua periodicidade (BASSALO, 2012, p. 104).

Sendo assim, através “do reconhecimento da existência histórica e material da juventude” (BASSALO, 2012, p. 74), a sua definição parte do conceito de geração²⁵ que se estabelece na transmissão dos significados que circulam em um determinado tempo e lugar, podendo ser identificadas as continuidades e descontinuidades, permitindo a elaboração de novos significados (BASSALO, 2012). Deste ponto de vista:

a juventude é um grupo geracional que está em permanente processo de avaliação e atribuição de sentidos, promovendo a resignificação ou a construção de novos significados. Como grupo geracional inscreve-se no mundo adulto, interage com as gerações anteriores e utiliza novas estratégias de identificação, reconhecimento e interação (BASSALO, 2012, p. 78).

Com isso, “a juventude desenvolve um papel importante, pois pode ser considerada tanto no sentido de continuidade quanto de mudança e revitalização do *status quo*” (WELLER, 2005, p. 371). Ou seja, é compreendida como um grupo social que possui potencialidades para transformar o contexto em que estão inseridos/as. É neste sentido de pensar a juventude pelo viés geracional que esta investigação se estrutura, dando suporte para compreender as jovens feministas a partir do tempo histórico, do contexto da diversidade e das marcas temporais em que estão presentes, pois:

a cada nova geração, visões de mundo com grandes ou sutis diferenças às anteriores são delineadas e anunciam formas de interpretar e dar significado à realidade, a valores que criam demandas juvenis que vão se desenhando e redesenhando num movimento constante de troca entre as gerações. Novas formas de acesso aos bens culturais promovem a apropriação dos códigos culturais existentes, sua manutenção ou a elaboração de novos, provocam descontinuidades, conflitos ou acordos, mobilizando significados que podem ser transformados em outros e apontam formas peculiares de expressão juvenis (BASSALO, 2012, p. 95).

A partir disso, devemos ressaltar que a juventude não é um grupo pronto e acabado e que existem várias formas de ser jovem, por isso, deve-se considerar os processos sociais em que estão inseridos/as e que sofrem constantes

²⁵ O conceito de geração utilizado neste estudo é baseado na perspectiva mannheimiana, a partir do ponto de vista sociológico dos grupos sociais que emergem em determinado período e lugar, compartilhando o mesmo espaço histórico e experiências comuns quando pertencentes à mesma geração (BASSALO, 2012).

transformações, influenciando diretamente as juventudes²⁶, ou ainda, “discordando de um discurso que homogeneíza essa categoria ou adota apenas o critério biológico e/ou etário, para caracterizar o que é ser jovem” (PEDROSA, 2014, p. 616).

Porém, apenas em meados da década de 90, “os jovens começam a ser vistos como sujeitos de direitos, com necessidades, potencialidades e demandas singulares” (ZANETTI, 2009, p. 34). Contudo, como apontou Weller (2005), ainda são poucos os estudos que fazem o recorte de gênero nas pesquisas sobre juventude e, geralmente, os que se referem a esta categoria são tratados pelo viés do masculino, não especificando as particularidades de ser mulher e jovem.

Foi a partir do reconhecimento das jovens enquanto sujeitos que se pode ouvir falar de um recorte pautado nas demandas da juventude dentro do movimento feminista, pois essas duas condições, gênero e geração anunciam as posições assumidas e evidenciam as questões que antes eram invisibilizadas: a de ser jovem e mulher (BASSALO; WELLER, 2015), de tal modo que se pode afirmar que:

Declaram-se feministas, mesmo que não tenham a chance de ser reconhecidas como tal, por serem jovens e enfrentam a ausência da transmissão geracional no interior do movimento feminista, dispondo-se a ser feminista, a despeito do que as feministas adultas possam dizer sobre elas. Possivelmente pela ausência de reconhecimento de suas demandas pelo movimento feminista adulto, como jovens, do lugar de voz e voto, articulam-se como jovens mulheres na Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) (BASSALO; WELLER, 2015, p. 244).

Para discutir sobre as demandas e a visibilidade das jovens dentro do movimento feminista foi realizado no Brasil o I Encontro Nacional de Jovens Feministas²⁷ que possibilitou uma reflexão sobre a condição da jovem mulher e suas principais demandas para cada região do país, articulando a identidade juvenil com outras identidades, como a de raça e de orientação sexual. Em relação ao I Encontro Nacional de Jovens Feministas:

A maioria dos debates configurou-se em torno da questão da identidade juvenil feminista. O que nos unia em primeiro lugar era a experiência geracional enquanto feministas, a ideia do pertencimento a um grupo geracional político. Não éramos apenas feministas, não

²⁶ Juventudes, utilizada no plural, para destacar a diversidade de grupos de jovens e práticas juvenis, compreendendo-a a partir da pluralidade de ser jovem (BASSALO, 2012).

²⁷ Ocorreu em março de 2008 no estado do Ceará e contou com a participação de mais de 100 jovens feministas de vários estados do País (ZANETTI, 2009).

éramos apenas jovens engajadas politicamente, éramos jovens feministas na intersecção do termo. E aí se escondia o segredo: a intersecção entre os dois termos, ser jovem e ser feminista; uma identidade transitória aliada a uma identidade “estável”. Para nós importava muito estar num espaço com jovens que se autodenominavam feministas, nos entreolharmos com angústias, sonhos e sensações semelhantes. Viramos do avesso nossas concepções sobre identidade e concluímos que importa sim o que nos diferencia, já que é o elemento estruturante da nossa ação política. O colocar-se no lugar da outra no espaço político contribuiu para a construção de laços, que podem ser designados como militantes. Tais laços produziram uma solidariedade mútua entre as diversas jovens presentes no I Encontro (ADEVE, 2009, p. 40).

Foi a partir das discussões nesse encontro e na percepção de que as especificidades das mulheres jovens devem ser visibilizadas dentro do movimento feminista e de juventude que se organizou a criação oficial da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF)²⁸ (ZANETTI, 2009; BASSALO, 2012), constituindo-se:

como espaço importante de diálogo e empoderamento das mulheres jovens, sobretudo o fortalecimento à participação política e cidadã, defesa dos direitos humanos e dos direitos sexuais e reprodutivos como direitos humanos, reafirmando acordos e tratados ratificados pelo Brasil (CARTA DE PRINCÍPIOS - ABJF, 2008).

De acordo com a carta de princípios da ABJF (2008), a sua atuação se dará em conjunto com os objetivos do movimento feminista adultocêntrico pela equidade de gênero e garantia dos direitos públicos reconhecendo as suas lutas e principalmente incluindo as demandas das jovens que antes não eram contempladas, construindo um amplo espaço de participação e diálogo respeitando as diversidades para a construção de uma democracia efetiva, pois:

A motivação e os compromissos assumidos na carta demarcam duas condições: pertencer a um gênero e a uma geração, que articuladas, sustenta o lugar de onde falamos: são mulheres e jovens. Reconhecendo-se como tais, localizam particularidades que não são contempladas quando considerados separadamente, indicando que nem o feminismo inclui as peculiaridades das mulheres jovens, nem o campo da juventude evidenciava as questões da jovem mulher (BASSALO, 2012, p. 149).

Essa contradição da não inclusão das demandas específicas das jovens dentro do movimento feminista, e das mulheres dentro do movimento da juventude,

²⁸ A Articulação Brasileira de Jovens Feministas é uma rede constituída por mulheres jovens independentes de organizações e provenientes de várias regiões do Brasil. A carta de princípios da ABJF está disponível em: <<https://dialogoj.files.wordpress.com/2008/04/carta-de-principios-de-articulacao-brasileira-de-jovens-feministas.pdf>>.

revela o não reconhecimento sobre os lugares que cada uma dessas categorias assume, excluindo as suas particularidades dentro dos movimentos. “Inscrever-se, no movimento a partir de uma identidade primeira, ser jovem, anuncia uma nova demanda para a militância feminista que não faz parte da sua constituição enquanto organização de mulheres” (BASSALO, 2012, p. 163). Sendo assim:

A influência das jovens sobre o ativismo feminista pode gerar novos arranjos participativos entre o movimento e o Estado, inaugurando um campo de lutas por inclusão política com feição geracional. Ao mesmo tempo, o tema da participação e do protagonismo juvenil pode ganhar mais consistência e abrangência se assimilar discussões importantes do feminismo, como corporeidade/sexualidade, empoderamento e produção de conhecimento, dando outros sentidos às culturas juvenis para além daquelas formas já estudadas e contempladas nas políticas públicas (SILVA, 2009, p. 56).

Por isso, as participantes da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) demarcam a sua posição de forma clara, evidenciando as suas identidades perante a sociedade, logo:

As participantes da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) tem uma posição definida. São jovens. Querem ser reconhecidas como grupo geracional, com potencialidade para contribuir na construção de uma sociedade solidária e que respeite as diferenças, como singularidades, sem transformá-las em desigualdades. Assumem para si a tarefa de lutar contra as injustiças de gênero (BASSALO, 2012, p. 152).

Percebe-se que a ABJF é marcada por um novo feminismo, situado na contemporaneidade com visões que perpassam a sua interpretação pelo viés interseccional se relacionando com diferentes formas de opressão e definindo a sua identidade nas demandas atuais vivenciadas por mulheres jovens de diferentes religiosidades, raça/etnia, orientação afetivo-sexual, deficiências e regionalidades.

A inclusão das jovens feministas dentro do movimento questiona as hierarquias e o adultocentrismo e inaugura pautas a partir da perspectiva geracional, tomando para si também as decisões e os lugares de poder, evidenciando as condições das jovens e ressaltando a importância da união entre as gerações, legitimando as experiências que fazem parte das juventudes sem esquecer todo o caminho trilhado pela geração anterior, logo:

reclamam o direito de ter acesso ao poder decisório e de serem reconhecidas em pé de igualdade face às “feministas históricas”.

Colocam a importância das trocas entre gerações e a legitimidade dos saberes e experiências juvenis. Deslocam o debate do protagonismo para evidenciar as assimetrias de níveis de participação dentro do movimento. Também decompõem os temas da agenda feminista na perspectiva geracional, ao indicarem que certas bandeiras, como a dos direitos sexuais e reprodutivos, por exemplo, devem levar em conta as condições peculiares de desenvolvimento das jovens (SILVA, 2009, p. 55).

Com isso, as principais bandeiras das jovens feministas são semelhantes ao que o movimento adultocêntrico vem pautando ao longo dos anos, como a legalização do aborto, a defesa dos direitos sexuais e reprodutivos e o fim da violência contra a mulher, centralizando também a sua participação na vida política do país, porém são enfatizadas algumas questões singulares dessa dupla condição, jovem e mulher (ABRAMO, 2008).

Algo que tem demarcado essa nova geração no feminismo é a forma que a comunicação tem se estabelecido, através de novos mecanismos e novas linguagens que se tornam mais acessíveis e menos burocratizadas, facilitando o entendimento das jovens. Uma ferramenta que tem sido aliada do movimento feminista é a internet, onde as informações circulam de forma rápida por meio de textos, vídeos e fotos que às vezes aparecem de forma humorística, facilitando a comunicação e a construção do conhecimento. Essa “capacidade de renovação do feminismo e sua continuidade estão diretamente relacionadas a um exercício de atualização das linguagens” (GONÇALVES *et al.*, 2013, p. 14). Sendo assim:

uma atualização necessária na linguagem do feminismo, seria de mecanismos de tradução capazes de atrair as mais jovens ou de tornar mais claros os porquês de determinadas palavras de ordem que remetem a contextos históricos nem sempre presentes nos ensinamentos escolares ou na grande mídia (GONÇALVES *et al.*, 2013, p. 15).

No que se refere à comunicação através das mídias digitais, Bassalo (2012) aponta que a internet possibilita a interação sem que haja uma hierarquização entre os usuários, de tal modo que posicionamentos assumidos são compartilhados e divulgados instantaneamente, assim como os eventos e as atividades que lhes chama atenção são divulgados e alcançam um grande número de jovens que desta forma conseguem acessar informações e aumentar as possibilidades de participação.

O ativismo das mulheres via rede, ficou conhecido através da expressão ciberfeminismo que engloba várias ações, reações e pensamentos, sendo praticado principalmente pelas jovens que têm vivenciado essa revolução tecnológica. Neste sentido, a internet tem se tornado “um veículo que subverte criativamente as práticas feministas, especialmente entre as mulheres jovens, de um modo não registrado pelas diferentes ondas do feminismo” (BASSALO, 2012, p. 140).

Percebe-se que atualmente as jovens se integram na militância feminista a partir de várias possibilidades de participação, desenvolvendo uma apropriação que gira em torno do seu reconhecimento enquanto mulher no mundo identificando o seu pertencimento enquanto grupo geracional que possui concepções de mundo e experiências que devem ser legitimadas dentro dos movimentos.

Compreendo a emergência das jovens nos espaços, que antes eram tradicionais no feminismo, como um indício de renovação através do protagonismo de jovens mulheres nas diversas questões políticas e sociais que têm tomado grandes proporções no Brasil e no mundo, sendo as últimas décadas marcadas por uma “onda juvenil”.

4.2 Reconhecimento como reivindicação

Assumir um posicionamento enquanto mulher na sociedade vai muito além de termos biológicos, perpassa uma construção social, assim como ser jovem está para além da faixa etária, envolve os processos sociais em que estão inseridos, demarcando um tempo e lugar. Se reconhecer enquanto jovem e feminista é demarcar um posicionamento crítico de si e do mundo, e da identidade cultural de um grupo a partir dos marcadores de opressão em que estão imersos. Sendo assim, partimos da seguinte reflexão: qual a importância de se reconhecer jovem e feminista?

Buscar o reconhecimento através de distintas perspectivas envolve assumir uma posição política e social baseada nas demandas das diferenças de um modelo hegemônico que invisibiliza quem se diferencia e por isso recebe posições desiguais na sociedade, como as mulheres, negras/os, jovens, pobres, homossexuais entre outros que se reconhecem a partir das suas diferenças e lutam pela equidade de direitos enquanto grupo social.

É importante ressaltar que irei utilizar o reconhecimento enquanto conceito que irá basear a análise da posição das estudantes universitárias, futuras professoras como jovens, mulheres e feministas, a partir das suas particularidades e do lugar que ocupam na sociedade, sendo assim o reconhecimento diz respeito a uma articulação “da essência da subjetividade humana, uma vez que a formação da autoconsciência depende do reconhecimento” (SPINELLI, 2016, p. 206). Deste modo:

Localizar contradições em cada um dos campos, feminismo e juventude, aponta para a tecitura de uma aguda interpretação sobre a condição de ser jovem e mulher, e de ser mulher e jovem. Não se trata apenas de um trocadilho, de alternância de identidades, mas de concepções sobre o lugar que ocupam em cada uma das esferas que revela a identificação do não reconhecimento (BASSALO, 2012, p. 149).

Pode-se dizer que, para este estudo, a reivindicação do reconhecimento pode explicar os conflitos sociais e as concepções sobre a condição de ser jovem e mulher na sociedade. Neste caso utilizarei como força impulsionadora da luta sobre as relações sociais que possui um caráter emancipatório.

A partir disso, compreendemos o conceito de reconhecimento na perspectiva de Nancy Fraser (2007) que rompe com um modelo padrão de uma concepção não identitária e direciona para uma questão de status social que exige o reconhecimento a partir da condição de membro de um grupo na interação social, visando superar a subordinação dos sujeitos, incluindo-os na participação da vida social de forma igual aos outros membros. Ou seja, compreender o reconhecimento “como uma questão de *status* significa examinar os padrões institucionalizados de valoração cultural em função de seus efeitos sobre a posição relativa dos atores sociais” (FRASER, 2007, p. 108).

Nessa perspectiva, o reconhecimento visa não só revalorizar as identidades desrespeitadas e discriminadas existentes através dos padrões institucionalizados, mas também:

os esforços de reconhecimento e valorização da diversidade, por um lado, e, por outro, os esforços de transformação da ordem simbólica e de desconstrução dos termos que estão subjacentes às diferenciações de estatuto existentes (FRASER, 2002, p. 12).

Neste sentido, constituindo os atores sociais através dos padrões institucionalizados como parceiros, capazes de participar igualmente das tomadas

de decisões da sociedade, pode-se falar de um reconhecimento recíproco e/ou até em uma igualdade de status (FRASER, 2007). Contudo, quando o contrário, a autora diz que:

os padrões institucionalizados de valoração cultural constituem alguns atores como inferiores, excluídos, completamente “os outros” ou simplesmente invisíveis, ou seja, como menos do que parceiros integrais na interação social, então nós podemos falar de *não reconhecimento e subordinação de status* (FRASER, 2007, p. 108).

O não reconhecimento então “aparece quando as instituições estruturam a interação de acordo com normas culturais que impedem a paridade de participação” (FRASER, 2007, p. 108), sendo esses padrões regulados por um modelo de valoração cultural normativo negando a participação àqueles/as que não se encaixam nesse padrão, sendo excluídos e/ou invisibilizados na dinâmica social, por exemplo:

as leis matrimoniais que excluem a união entre pessoas do mesmo sexo por serem ilegítimas e perversas, políticas de bem-estar que estigmatizam mães solteiras como exploradoras sexualmente irresponsáveis e práticas de policiamento tais como a “categorização racial” que associa pessoas de determinada raça com a criminalidade [...] heterossexual é normal, gay é perverso; “famílias chefiadas por homens” são corretas, “famílias chefiadas por mulheres” não o são; “brancos” obedecem à lei, “negros” são perigosos. Em todos os casos, o resultado é negar a alguns membros da sociedade de a condição de parceiros integrais na interação, capazes de participar como iguais com os demais (FRASER, 2007, p. 108-109).

Ou seja, não ser reconhecido significa estar em uma relação de subordinação que se origina nos padrões institucionalizados que dividem a sociedade em correto/incorreto, normal/perigoso, promovendo uma relação assimétrica entre os atores sociais, inferiorizando-os e impedindo-os de exercerem uma paridade participativa²⁹, tal como foi exemplificado no trecho acima. Desse modo, Fraser (2007, p. 121) fala que “muitas feministas argumentam que a superação da subordinação de gênero requer o conhecimento da capacidade única e distinta de as mulheres darem à luz”, combatendo diretamente o padrão institucionalizado.

Promover a noção de reconhecimento é ampliar as possibilidades da paridade participativa, ou seja, da participação igual dos sujeitos na vida social que segundo

²⁹ Significa a condição de ser um par, de estar no mesmo nível que os outros, de estar em pé de igualdade (FRASER, 2007).

Fraser (2007) pode ser orientada por dois paradigmas, o da redistribuição de recursos materiais garantindo a independência e voz ativa dos sujeitos e o da intersubjetividade garantindo o respeito de todos e todas para que alcancem estima social sob condições justas de igualdade de oportunidades.

Sendo assim, Fraser (2007, p. 115), em suas observações, constata que essas condições “não são asseguradas quando, por exemplo, padrões institucionalizados de valoração cultural depreciam, de modo difundido, o feminino, o ‘não branco’, a homossexualidade e tudo o que é culturalmente a eles associado”, ou seja, quando as mulheres são negras e/ou bissexuais, enfrentam obstáculos na conquista de estima social que não são encontrados por outros sujeitos que seguem o padrão de valoração cultural. Nesse caso, o obstáculo passa a ser maior quando não cultivam características que são culturalmente identificadas como “femininas” e “heterossexuais”.

Reivindicar reconhecimento de acordo com a autora significa uma contestação política e um novo entendimento de justiça social que reconhece as diferenças e os marcadores de opressão e, a partir de uma perspectiva feminista, implica em mostrar que não há uma condição participativa igual entre as mulheres e os homens, que os “padrões institucionalizados de valoração cultural lhes negam as condições intersubjetivas necessárias” (FRASER, 2007, p. 125), assim como os arranjos econômicos necessários da redistribuição.

Como apontado no tópico anterior, as jovens feministas possuem pautas diferenciadas das adultas e demarcar isso é compreender a relevância de (re) conhecer essas demandas e levá-las para a construção de políticas públicas que possam partir das suas experiências e visão de mundo enquanto jovens e mulheres que fazem parte de um modelo de sociedade que possui padrões institucionalizados e se reconhecem através da tomada de consciência sobre quem são e o que querem em nível político e social.

Pode-se dizer que ser jovem e feminista nos dias atuais envolve reivindicar não apenas pelo fim da violência contra a mulher e a legalização do aborto enquanto saúde pública, mas também é ter o direito sobre o próprio corpo. Assim como, lutar pela sua imagem nas mídias, principalmente nos meios de comunicação de massa para que possam ser vistas para além de um corpo sexualizado mostrado pelo patriarcado, lutar por uma nova identidade em que quando se afirmar feminista não seja ainda mais oprimida ou entendida por um viés que as condena a partir do

pensamento que as identifica como o contrário do machismo, como se fosse também um sistema de opressão, visibilizando as suas lutas em prol de alcançar a paridade participativa.

Se identificar com o feminismo e se reconhecer feminista nos dias atuais, é se posicionar de forma social e política no mundo, compreendendo as relações de opressão que nos cercam e modificar a visão enquanto mulher em uma sociedade marcada por preconceitos de raça, gênero, sexo, classe social e quaisquer outras características que se diferenciem do padrão institucionalizado que nos é imposto todos os dias, ou seja, ser homem, heterossexual, branco e cristão.

V O FEMINISMO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO PARÁ

Retrocessos e perdas de direitos têm marcado a história recente em diferentes lugares do mundo e, mais recentemente, no Brasil. Com conquistas ameaçadas, as mulheres saíram na frente e protagonizaram embates fundamentais para a construção de um futuro mais igualitário e democrático, fazendo o movimento feminista ser falado em todos os cantos do mundo, alcançando mais mulheres através das redes sociais. A visibilidade das lutas feministas alcançou larga escala por meio das redes sociais, de modo que o vocábulo feminismo foi eleito como a palavra do ano de 2017 pelo dicionário norte-americano Merriam-Webster, um dos principais da língua inglesa, por ser um dos termos mais procurados nos sites de pesquisa.

Com uma onda de conservadorismo no Brasil, jovens mulheres começaram a denunciar através das redes sociais as opressões que vinham sofrendo em diversos espaços, sendo um deles a universidade, um espaço ainda considerado machista, mesmo com a predominância de mulheres adentrando no ensino superior, com ênfase para os cursos de licenciatura (INEP/MEC, 2017). Houve várias manifestações no Brasil que ficaram conhecidas pela internet através das redes sociais “*twitter*” e “*facebook*” com o lançamento de campanhas com a “*hashtag* – chega de assédio”, e a “*hashtag* – machistas não passarão” que denunciaram casos de racismo, homofobia e violência contra as mulheres na sociedade, em lugares como os coletivos e as universidades, sendo o abuso sexual o que possuía mais relatos pelas mulheres.

Nas universidades do Pará não foi diferente: manifestações a partir das redes sociais, sendo o *facebook* a mais utilizada, aconteceram, denunciando casos de abusos cometidos por professores e alunos, e relatados nas redes sociais através da página no *facebook* chamada “macho na roda”, como foi contada anteriormente. Em pesquisa realizada pelo Data Popular em 2015, com estudantes de universidades públicas e particulares do país, revelou-se o sentimento de medo e insegurança das meninas dentro do ambiente acadêmico. De acordo com as entrevistas, 42% das jovens universitárias disseram ter medo de sofrer violência dentro da universidade e 36% já deixaram de fazer algum tipo de atividade por medo. Em um cenário como esse, a união e ação das mulheres dentro das universidades acaba sendo mais do que necessária. Com isso, os

coletivos/grupos/movimentos feministas têm ganhado força e espaço dentro do ambiente acadêmico para dar visibilidade às violências que ocorrem e acolher outras estudantes.

Nas universidades, a posição de jovens feministas pode ser visualizada nos muros das instituições, as quais estão cheias de frases sobre as opressões vivenciadas no ambiente acadêmico, tais como³⁰: “Eu não preciso me dar ao respeito, ele já é meu por direito”, “Cantada é assédio, assédio é agressão. O espaço é público, mas o corpo da mulher não”, “Respeita as minas”, entre outras que estão espalhadas nos corredores para que a sociedade acadêmica esteja ciente do que ocorre e de que há uma nova geração de jovens estudantes que não aceitam mais ser silenciadas.

Com isso, para iniciar esta investigação, a partir do reconhecimento de jovens feministas estudantes de licenciatura e suas visões de mundo, é preciso conhecer os movimentos feministas que estão nas universidades do Pará, sua construção, características e formas de atuação. Para conhecer as universidades públicas do Pará que possuem um movimento feminista articulado, foi necessário fazer um mapeamento desses grupos feministas que possuem visibilidade nas instituições em que estão inseridos.

Esse levantamento foi feito através do *facebook*, por ser considerada a rede social com maior alcance das novas gerações. A partir desse mapeamento foi localizado quatro *campi* em duas universidades públicas, sendo uma de âmbito federal e outra de âmbito estadual, cada uma com um *campus* na capital e um no interior. Em cada uma das instituições há um movimento feminista ativo e com ações frequentes dentro e fora das IES, as quais irei chamar de “Universidade A” e “Universidade B” respectivamente. Para iniciar o contato com tais organizações juvenis e feministas foi feito um roteiro³¹ e enviado através de e-mail para as participantes dos grupos que forneceram informações sobre a construção do movimento, sua organização, características e funcionamento, e, posteriormente, foi realizado um segundo contato para as estudantes participarem da Entrevista Narrativa.

³⁰ Frases retiradas das paredes da Universidade do Estado do Pará (2017).

³¹ Ver (Apêndice B).

5.1 O movimento feminista “Juntas!”

Na “Universidade A” sendo o seu *campus* localizado na capital, em Belém, encontramos o grupo feminista intitulado “Juntas!” que é um movimento feminista nacional que conta com a participação de 50 mulheres e articulado ao coletivo “Juntos³²” que é um movimento nacional de juventude e que surgiu no início de 2011 em São Paulo e vem conquistando jovens de todo o Brasil através de uma nova geração que está disposta a construir um mundo novo pela educação de qualidade, em defesa do meio ambiente, contra o preconceito e por uma sociedade com igualdade e liberdade para todos. Além de fazer parte de um movimento nacional, o “Juntas!” possui articulações com outros grupos e coletivos de juventude fora do país.

O movimento dentro da Universidade existe desde 2011 e tem se renovado constantemente, com a participação ativa de 15 mulheres, sendo adolescentes e jovens, na maioria estudantes de licenciatura. A construção do movimento iniciou com algumas meninas que faziam parte do coletivo nacional “juntos” que ao conhecer as pautas específicas das mulheres se aliaram ao “juntas!” e levaram seus posicionamentos para a universidade, tendo como principal foco de luta, a luta contra o patriarcado. Nesse sentido as reivindicações são em prol das mulheres e na garantia de direitos pela melhoria de vida dentro e fora da instituição.

Uma das pautas de consolidação do movimento dentro da universidade é a criação de uma creche universitária, pois a instituição ainda não possui uma, sendo a luta que envolveu não somente estudantes, mas todas as mulheres da comunidade acadêmica, pois segundo as meninas do grupo, a criação da creche universitária ajudaria a diminuir o número de evasões de estudantes com filhos, consequentemente auxiliaria na permanência dessas mulheres no ensino superior. Contudo, de acordo com as integrantes do grupo, houve algumas tentativas de conseguir uma reunião com o reitor para que pudessem explicar a respeito da urgência da criação da creche, porém, para elas não houve uma importância recíproca por parte da gestão e por conta do silenciamento dos gestores, elas entendem que essa pauta não faz parte das demandas prioritárias da IES, já que não demonstraram sensibilidade perante essa pauta que vai para além do acadêmico, pois também é política.

³² Mais informações sobre o coletivo em: <<https://juntos.org.br/>>

Além da criação da creche universitária, o movimento feminista “Juntas!” tem como pauta a permanência das mulheres na universidade a partir do aumento e de garantia de auxílios estudantis, a luta contra o machismo, as várias denúncias sobre casos de assédios sexuais, casos de estupros e de violência contra mulher que ocorrem e acabam sendo silenciados.

No próprio grupo há uma formação feminista que ocorrem por atividades que são planejadas semestralmente, em que acontecem apresentações de textos como o livro de Ângela Davis, cine debates sobre temáticas como a legalização do aborto entre outros. Participam também dos atos de rua, tais como: “a greve geral”, “16 dias de ativismo contra a violência à mulher” e a “legalização do aborto” entre outros que ocorreram no ano de 2017, sendo mobilizados através do espaço virtual, como nas redes sociais *facebook* e *whatsapp* e também no site do coletivo juntos.

5.2 O movimento feminista “Zo’é”

O movimento feminista “Zo’é” está situado em uma universidade federal e iniciou as suas atividades no ano de 2016, realizando reuniões com a participação de mulheres diversas em momentos de estudo e ação política, compartilhando suas vivências individuais de forma plural e heterogênea.

A formação feminista e construção de conhecimento no grupo se constituem de forma coletiva a partir da ação política e reflexão teórica para a tomada de uma consciência feminista tanto na cidade em que está situado quanto na universidade, com vistas a agregar um maior número de mulheres nas suas reuniões³³, independente de ser ou não vinculadas à universidade. Tem como objetivo o compartilhamento de uma luta em comum e a troca de experiências para o enfrentamento cotidiano do machismo, racismo, patriarcado e todas as formas de intolerância. Contudo, as integrantes fixas são alunas de vários cursos da universidade, professoras da instituição e também professoras da educação básica. Consideram que sua ação se define a partir da vertente interseccional.

No ano de 2017 o grupo promoveu a sua primeira ação na cidade, com a realização de um evento social no dia 8 de março intitulado “1 Onda feminista”, em alusão à demarcação histórica da primeira fase em que o movimento feminista se estruturou. O evento foi avaliado positivamente, de modo que, no dia 8 de março de

³³ As reuniões são sempre informadas através da página do grupo no facebook. Para mais informações acessar: <<https://www.facebook.com/Zoegrupodeestudosfeministascastanha/>>.

2018, aconteceu a segunda edição chamada “II Onda feminista³⁴” realizada no auditório da Associação Comercial de Castanhal (ACIC) que fica localizado ao lado da praça principal da cidade. De acordo com os membros do Zo'é, realizar um evento sempre na mesma data, tem o intuito de torná-lo fixo para que não apenas a comunidade acadêmica participe, mas para que fique conhecido pela sociedade local, incentivando a participação de todos e todas. Além disso, escolheram o dia 8 de março, para realizar o evento em razão de ser identificado como o Dia Internacional da Mulher, tanto no calendário quanto para a população. Acreditam que este dia representa um dia de luta, de conhecer a história das mulheres, comemorar as conquistas, resistir e gritar por “nenhum direito a menos³⁵”.

A “II Onda feminista” contou com uma grande adesão de mulheres e foi marcada por uma roda de conversa sobre os direitos conquistados, sobre os altos índices de casos de violência contra a mulher no Brasil e no Estado do Pará, principalmente nos municípios do interior, e relatos de experiências das/dos participantes. É importante ressaltar que todas as palestrantes do evento foram mulheres que se reconhecem feministas e possuem formações que estão atreladas ao debate sobre a mulher na sociedade.

Além de debate, houve atividades culturais na praça ao lado do auditório, com shows de artistas mulheres do município de Castanhal, venda de artesanatos confeccionados por mulheres da região, brechós e vendas de comidas típicas. A reunião de artistas e produtoras teve o intuito de exaltar o trabalho das mulheres. O grupo se reúne quinzenalmente para os estudos teóricos e organização das suas ações dentro e fora da universidade.

5.3 O movimento feminista “Mulheres UEPA – Belém”

As ideias de um movimento feminista na Universidade do Estado iniciaram a partir de um encontro de estudantes que ocorreu na cidade de Cametá – localizada a 236 km de Belém – no ano de 2015, que envolveu vários *campi*, tanto da capital quanto do interior, onde mulheres estudantes conseguiram espaço para se articular e compartilhar experiências, levando a motivação e o conhecimento adquirido para

³⁴ Mais informações sobre o evento “II Onda Feminista”, realizado no ano de 2018, acessar a página: <<https://www.facebook.com/events/145959079420385/permalink/152563975426562/>>.

³⁵ Esta frase tem repercutido nas redes sociais com a “hastag” nenhum direito a menos e ecoado nas vozes de milhares de pessoas nas várias manifestações pelo Brasil, devido à retirada de direitos conquistados e ao retrocesso político vivenciado nos últimos anos.

formar grupos específicos em cada unidade. Mas apenas em 2016 pode-se ouvir falar de que havia um movimento feminista dentro do *campus* I.

Após as ideias que circularam no encontro em 2015, várias estudantes voltaram com vontade para se organizar na perspectiva de um grupo de mulheres dentro da universidade, contudo, apenas em março de 2016 foi que começou a surgir de fato o movimento feminista “Mulheres UEPA - Belém”, em que as estudantes se organizaram a partir da construção de um evento em alusão ao dia internacional da mulher que foi construído por várias acadêmicas do Centro de Ciências Sociais e Educação (*Campus* I) com o intuito de conhecer os desafios das estudantes dentro da universidade. Após o evento as acadêmicas decidiram continuar os encontros para fortalecer o debate em torno das temáticas que envolviam as mulheres.

O grupo atualmente é constituído por mulheres brancas, negras e de classe social diferenciada, estudantes de todos os cursos de graduação do Centro de Ciências Sociais e Educação (*Campus* I) e algumas que também fazem parte do movimento Olga Benário³⁶ que atua fora da universidade, unindo a militância acadêmica e social. Por ser um movimento localizado em um Centro de Educação, a maioria das participantes são dos cursos de licenciatura.

O movimento Mulheres UEPA - Belém passou por várias fases desde a sua construção, pois no início do ano de 2016 quem estava à frente do grupo eram estudantes que iriam concluir a graduação nesse mesmo ano. Isso levou ao afastamento das suas fundadoras e a um silenciamento nas mobilizações. Desde então, o grupo se reúne quando há pautas específicas que acabam prejudicando a permanência das mulheres na universidade e utiliza os encontros para uma formação a partir da troca de experiências, fortalecendo a caminhada enquanto mulheres universitárias e futuras professoras através da história e da luta da outra.

A sua principal pauta tem sido a segurança dentro do campus, devido aos inúmeros incidentes de violência, como casos de assédios e estupros que ocorreram desde 2016. Solicitam aumento de guardas e câmeras como pedidos frequentes do grupo para a gestão. Uma formação para os profissionais que atuam na instituição

³⁶ O Movimento de Mulheres Olga Benário surgiu da necessidade de organização das mulheres brasileiras para lutar contra a violência, a opressão e a exploração da mulher e as injustiças existentes. O início do movimento ocorreu na formação da delegação brasileira à 1ª Conferência Mundial de Mulheres de Base, realizada em Caracas, Venezuela, em março de 2011, com 21 representantes de onze estados, sendo um deles o Pará. Para mais informações sobre o movimento: <https://www.facebook.com/pg/olga.benario.14/about/?ref=page_internal>.

também faz parte da luta, uma vez que são grandes os números de denúncias de assédio das estudantes cometidos pelos profissionais, os quais por vezes acabam sendo estampados nas paredes através de cartazes, como forma de visibilizar e conscientizar a comunidade acadêmica para o que tem acontecido com as estudantes.

Mesmo com o movimento passando por várias fases, tendo seus altos e baixos, as meninas fazem questão de que a comunidade acadêmica tenha consciência de que ele existe, afinal, a sua construção está ligada principalmente à ideia de acolher mulheres que passam por situações de violência dentro e fora da IES. São cartazes com frases de empoderamento e feminismo espalhado pelos murais e paredes, são artes em forma de desenhos e *grafites* encontrados nos muros e as denúncias encontradas rabiscadas nos banheiros e carteiras.

5.4 O movimento feminista “Mulheres UEPA - SMG³⁷”

Após os debates que ocorreram no encontro de estudantes na cidade de Cametá no ano de 2015, como falado anteriormente, várias mulheres saíram com o propósito de construir um grupo também no campus do interior, com a intenção de fazer o primeiro encontro do grupo de mulheres da UEPA para que pudessem dar visibilidade às temáticas que envolvem a mulher na sociedade, contudo esse encontro não ocorreu como foi proposto inicialmente, mas, diferente do grupo anterior, o “Movimento Feminista Mulheres UEPA - SMG” foi construído no mesmo ano do encontro de estudantes.

Com isso, o movimento “Mulheres UEPA - SMG” teve seu primeiro ato de visibilidade em 25 de novembro de 2015, onde a comunidade acadêmica pôde ouvir falar sobre as Mulheres UEPA e que na universidade existia um grupo que estava disposto a lutar pela vida de mulheres dentro e fora da IES, deixando claro a sua participação e o posicionamento enquanto mulheres e universitárias. Inicialmente houve um estranhamento por parte da academia e muitos debates começaram a ocorrer.

O grupo feminista ainda é novo no campus, consolidado há dois anos e já conta com a participação de 62 (sessenta e duas) mulheres, sendo alunas e ex-alunas. Atualmente estão à frente do movimento seis mulheres, três alunas e três

³⁷ Movimento feminista Mulheres UEPA – SMG (as siglas significam o nome da Instituição e o município em que ela está inserida).

ex-alunas. Os perfis das integrantes que compõem o movimento, como um todo, são de mulheres negras, brancas, lésbicas e bissexuais e por isso pode-se dizer que a sua formação se dá em uma perspectiva interseccional, ligada a uma vertente feminista. É importante ressaltar que todas as estudantes são dos cursos de licenciatura (Matemática, Letras - Língua Portuguesa, Ciências Sociais, Filosofia, História e Pedagogia).

O movimento Mulheres UEPA - SMG luta pelo fim da hierarquia de gênero que ocorre, inclusive nos ambientes acadêmicos, e tem como objetivo desconstruir e reconstruir valores impostos na própria academia, tanto às mulheres, como aos homens. Busca levar debates sobre essa desigualdade, para que, enquanto futuros profissionais da educação, saibam lidar com situações de opressão no âmbito escolar. É interessante ressaltar que as pautas estão sempre articuladas à educação.

As formações feministas no grupo acontecem por meio de reuniões e rodas de conversa que acontecem quinzenalmente, com temas diversos e uma mulher homenageada por semestre, fóruns de debates com documentários e filmes de uma temática feminista escolhida anteriormente nas reuniões. As temáticas abordadas em 2017 foram as seguintes:

- A culpa nunca é da vítima;
- Não somos produtos para sermos comercializadas;
- Somos negras, brancas, lésbicas, bi, indígenas e etc, e nenhuma de nós deve ser invisível;
- Assédio na rua é uma violência;
- A nossa opinião e a nossa voz precisa ser valorizada e ouvida;
- Estamos juntas, sempre estamos nos fortalecendo e fortalecendo nossa irmã;
- As diversas opressões dentro dos ambientes acadêmicos.

Há também o compartilhamento de materiais de leitura, informações e debates no grupo de *whatsapp* do movimento. Ao final das rodas de conversa ou outro evento do movimento, geralmente são propostos minicursos ou uma atividade para aplicar o que foi aprendido. As formações e debates que ocorrem acabam sendo a união do que foi aprendido teoricamente com relatos do que é vivenciado pelas mulheres diariamente, tornando as reuniões do grupo, espaços de acolhimento e aprendizagem.

5.5 As jovens feministas

Falar sobre uma nova geração de feministas é falar sobre mulheres que estão cada vez mais jovens se posicionando de forma política na sociedade, contestando os papéis de gênero que foram atribuídos desde o nascimento sobre como uma mulher deve ser, no modo de vestir, de se comportar, se comunicar e até de se relacionar afetivamente.

Essa forma de se posicionar no mundo é compartilhada por estas estudantes universitárias (as quais serão apresentadas nos próximos tópicos), que são militantes de movimentos feministas e estudantis e aceitaram fazer parte desta pesquisa e contribuir através das suas narrativas com muitas reflexões e questionamentos sobre a realidade que as cerca.

Foram entrevistadas sete mulheres, jovens, estudantes de duas universidades públicas com *campus* na capital e no interior do estado do Pará que cursam licenciatura e que fazem parte dos movimentos feministas presentes nas instituições de ensino superior. O critério para seleção das participantes foi o de estarem vinculadas ao movimento feminista e serem estudantes de cursos de formação de professores. Desse modo, obtivemos estudantes dos cursos de Pedagogia, Letras - Língua Portuguesa, Letras - Língua Espanhola e Ciências Sociais.

A fase das entrevistas ocorreu no primeiro e no segundo semestre de 2018, sendo a fase mais aguardada desta pesquisa, pela oportunidade de dar o lugar de fala a essas jovens estudantes e ouvir as suas experiências acerca de temáticas que ainda são invisibilizadas na formação de professores, como demonstrado no capítulo I, por ocasião do levantamento da produção acadêmica sobre feminismo e formação de professores.

A realização da entrevista narrativa não foi tarefa fácil. Mesmo com todas as estudantes demonstrando interesse e ânimo em participar da pesquisa, nos deparamos com dificuldade: de tempo, já que a maioria está no último ano de graduação e as atividades do próprio curso foram alegadas como tarefas urgentes e alguns encontros tiveram que ser remarcados várias vezes e, de locomoção, pois algumas das participantes moram e estudam em outros municípios, então exigia disponibilidade das estudantes para que eu pudesse me deslocar de forma que a entrevista fosse realmente realizada, haja vista que também exigiu preparo

financeiro para passagens e alimentação nas idas até as outras localidades fora de Belém. Apesar disso, não houve desânimo para a realização das entrevistas, contudo, o cronograma inicial para coleta de dados teve que ser reorganizado e alterado de acordo com a disponibilidade de cada uma, adiando o andamento dessa fase.

A seguir serão apresentadas as participantes da pesquisa e, por questões éticas, as quais estão estabelecidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - ver apêndice A), assinados pelas estudantes no momento da entrevista, seus nomes reais, não serão mencionados aqui. Utilizo pseudônimos que estão ligados a mulheres de outra geração, que se tornaram referência no feminismo por estarem à frente de seu tempo.

Os pseudônimos utilizados foram escolhidos de acordo com características físicas e/ou de personalidade das participantes e também possuem significado pessoal na minha construção enquanto mulher e feminista. A ordem de apresentação das jovens estudantes está ligada à ordem da realização das entrevistas.

5.5.1 Pagu

A primeira entrevistada foi a Pagu. Este pseudônimo faz menção a Patrícia Rehder Galvão (1910-1962) escritora e jornalista que ficou conhecida como Pagu, um ícone na luta de gênero na década de 30 que criticava o papel imposto às esposas e o casamento, falava sobre libertação sexual e recebeu o título de musa da liberdade. Tornou-se a primeira mulher presa política no Brasil.

A estudante, a quem direciono esse pseudônimo, assemelha-se a Patrícia Galvão nos discursos de liberdade sexual e nas várias críticas feitas ao longo das suas falas sobre o papel da mulher na sociedade, principalmente em relação ao casamento. Pagu se mostrou desde o primeiro contato bem disponível e interessada para participar deste estudo, contudo, por estar na etapa final da graduação e construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), nossa conversa aconteceu na segunda tentativa e se teve como tempo de duração 44 minutos e 51 segundos.

A entrevista ocorreu no primeiro semestre do ano de 2018 e foi a que chamamos de “entrevista piloto”, por ser considerada como um teste, a fim de verificar a aplicabilidade do roteiro de perguntas temáticas para que, posteriormente,

caso necessário, fossem feitos ajustes e para que, como pesquisadora, me adaptasse ao rigor científico exigido por essa técnica de pesquisa.

A “entrevista piloto” superou as minhas expectativas enquanto pesquisadora, pois apesar de ser a primeira, obtive uma grande quantidade de informações de tal modo que foi importante acrescentá-la para a etapa de análise. O nosso diálogo aconteceu em uma maloca³⁸, lugar de sua escolha, que me fez refletir sobre a importância do sujeito da pesquisa escolher um lugar que proporcione familiaridade e conforto para a sua participação, assim como ocorreu já no primeiro encontro, algo que eu passei a investir com as próximas participantes.

Pagu tem 22 anos, é solteira, bissexual e se autodeclara negra. No ano de 2015 entrou na universidade no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, na capital Belém e estava no 7º semestre no momento da entrevista. Desde o segundo ano da graduação foi monitora e estuda sobre as questões da mulher, fez parte do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPE) e está em um grupo de pesquisa que aborda temáticas sobre a população quilombola.

Sendo educada desde a infância apenas pela mãe e pela irmã, sem uma presença masculina, aprendeu o que é luta e hoje tem uma personalidade forte que ficou visível durante a entrevista, demonstrando força e clareza em sua fala, e um discurso envolto de consciência política, quebrando padrões, reafirmando a sua sexualidade com muito empoderamento e sem abrir mão da liberdade que conquistou, o que me pareceu comum às ideias difundidas por Patrícia Galvão (Pagu).

5.5.2 Bertha

Bertha foi a segunda entrevistada. Este pseudônimo faz referência a Bertha Lutz, uma das organizadoras do movimento sufragista no Brasil, grande articuladora política participante da militância feminista e uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1922)³⁹. Durante sua vida, lutou pela emancipação intelectual das mulheres e pela igualdade de direitos, o que se assemelha a esta estudante, pois apesar de ser jovem, já possui uma grande participação no movimento feminista e de juventude, tendo um discurso político

³⁸ Lugar parecido com mesas e bancos que possui uma cobertura e fica nas áreas internas da Universidade.

³⁹ Sobre a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, ver tópico 3.1.

durante a sua narrativa. Bertha Lutz também foi uma das primeiras feministas históricas que passei a conhecer durante o início dos meus estudos sobre a mulher, possuindo uma importância acadêmica e pessoal.

O encontro com Bertha foi o mais difícil de ser marcado, devido a sua rotina de final de graduação e ao grande envolvimento nos coletivos feministas e de juventude. Tivemos que marcar e remarcar o nosso diálogo muitas vezes, por compromissos que acabavam surgindo de última hora. Contudo, após várias tentativas a entrevista aconteceu durante o primeiro semestre de 2018 em uma sala de pesquisa na universidade em que estuda, local escolhido pela própria participante. Apesar da sua escolha em relação ao local, ainda sim demonstrou inicialmente um pouco de timidez, que foi desaparecendo de acordo com o andamento da narrativa, que foi a mais longa, com duração de 52 minutos e 14 segundos.

Bertha tem 24 anos, é solteira e se declara branca e bissexual, mora atualmente com os pais em um bairro periférico da capital Belém, estudou o ensino médio na rede privada. Em 2013 ingressou na universidade no curso de Pedagogia e estava no 8º semestre, apenas na finalização do Trabalho de Conclusão de Curso. É, entre todas as entrevistadas, a estudante mais engajada politicamente.

Sua luta pela equidade de gênero está nas ruas, na academia e na comunidade. Constrói e vai a atos políticos, já foi membro do Diretório Central dos Estudantes, participou e participa de projetos na universidade que atende mulheres vítimas de violência e já faz uma especialização, como concluinte, na mesma instituição sobre esta temática, também está na organização de projetos que atendem crianças e jovens na comunidade em que reside. Sua fala durante toda a entrevista é política, de uma mulher jovem que vai às ruas e reconhece as desigualdades, é realista e possui firmeza nas palavras e nas suas projeções de futuro, demonstrando muita força, mesmo sendo muito jovem.

5.5.3 Dandara

A terceira entrevistada foi Dandara. Utilizo este pseudônimo pela estudante lembrar uma das maiores lideranças femininas negras que lutou contra o sistema escravocrata do século XVII, defendendo a paz e o ideal de liberdade para os negros e principalmente para as mulheres negras. Associo a imagem da estudante a

Dandara pelos aspectos físicos e pelas ideias de força e de luta contra o racismo que foi frequente em sua narrativa.

A entrevista ocorreu no segundo semestre do ano de 2018 na casa da estudante localizada em um município fora da capital, no Pará a 146 Km de Belém e durou cerca de 31 minutos. Apesar da distância de Belém, essa foi a entrevista que aconteceu com mais facilidade e naturalidade, o contato inicial foi realizado através da rede social *facebook* e a estudante se mostrou solícita e interessada para participar, sendo importante para organizar a minha ida até seu município.

Negra, 27 anos, solteira e bissexual, Dandara demonstrou, durante as suas falas, ser uma mulher que vem descobrindo o seu lugar na sociedade, através da luta pela igualdade e pelo reconhecimento das mulheres negras. É a entrevistada mais alegre e ao mesmo tempo tímida, sempre sorrindo à medida que a entrevista ganhava andamento.

Morou com a avó na capital, Belém, e estudou o ensino médio na rede privada. Entrou na universidade em 2017, no curso de Ciências Sociais e em um campus que se localiza no interior do estado. Sem pensar duas vezes se mudou e hoje mora com alguns colegas de faculdade, quando a entrevista foi realizada, estava cursando o 2º semestre.

5.5.4 Clarice

Clarice foi a quarta entrevistada. A escolha desse pseudônimo faz menção a Clarice Lispector um dos maiores nomes da literatura brasileira que, apesar de não ter se declarado diretamente feminista, possui escritos cheios de reflexão sobre a vida e as mulheres na sociedade, discurso que regeu minha adolescência, quando tive contato com alguns de seus livros e também ficou evidente durante toda a entrevista da estudante, que durou cerca de 30 minutos.

Clarice mora com a mãe e tem 20 anos, é branca, solteira e bissexual. Entrou na universidade no ano de 2015, em um município do interior do Pará, a aproximadamente 146 Km de Belém, para o curso de Letras - Língua Portuguesa, e estava no 8º semestre. É militante ativa dentro da universidade e procura sempre organizar debates que giram em torno dos direitos humanos.

Nosso contato inicial foi através do *whatsapp* e, quando soube a temática da pesquisa, se mostrou muito interessada e a disposição para a realização da

entrevista, mesmo estando na etapa final da graduação e na finalização do Trabalho de Conclusão de Curso. Porém, a dificuldade era organizarmos o tempo, pois Clarice mora e estuda fora da capital e tivemos que conciliar nossos horários para que eu pudesse me deslocar com a certeza de que a entrevista iria ser realizada.

A conversa ocorreu no segundo semestre de 2018 e o local de escolha da participante foi o auditório da universidade que estuda no horário da tarde em que teria uma disponibilidade maior para que pudesse desenvolver uma narrativa, pois na parte da manhã ocorreu uma reunião com as meninas que também fazem parte do movimento feminista da universidade. A entrevista foi tranquila, Clarice foi bem firme e questionadora durante as suas falas e preocupada em explicar seus posicionamentos.

5.5.5 Leila

A quinta entrevistada foi Leila. O nome faz menção a Leila Diniz, atriz brasileira que ficou conhecida no cinema, na TV, e com o seu rebolado no teatro, rompendo barreiras da sociedade conservadora de seu tempo. Este pseudônimo foi escolhido para a estudante, pela semelhança em ser atriz e apresentar várias peças em teatro e por sua fala durante a narrativa sobre “gostar muito de rebolar”. Sua entrevista durou cerca de 26 minutos.

Leila é a participante mais jovem desta pesquisa. Com apenas 19 anos, possui um discurso revolucionário, é solteira, bissexual, se auto declara parda e mora com os pais e a irmã em outro município a aproximadamente 75 Km da capital, Belém. Frequentou o ensino médio em escola da rede privada e em sua primeira tentativa no vestibular, em 2017, passou no curso de Letras - Língua Espanhola e cursava o 4º semestre quando a entrevista foi realizada.

Além dos estudos, divide seu tempo com o teatro e a música, faz apresentações teatrais e também toca em banda nos eventos e barzinhos na noite da cidade em que mora. O gosto pelo teatro vem desde a adolescência, nas festas, quebra os padrões nas músicas de funk, deixando claro que gosta de rebolar e que é dona do seu corpo, discurso bastante utilizado durante a sua narrativa.

A entrevista ocorreu no segundo semestre de 2018 em um lugar público no município em que mora, por questões de compromisso e escolha da mesma, o que pode ter dificultado inicialmente o diálogo, pois havia muito barulho e às vezes a

concentração se dispersava. Contudo, todas as temáticas abordadas foram desenvolvidas com clareza, de modo que não causou prejuízos a pesquisa e me fortaleceu enquanto pesquisadora, pois foi uma nova experiência, tendo que me adaptar ao ambiente proposto.

5.5.6 Eneida

A sexta entrevista foi com a estudante Eneida. A escolha deste pseudônimo é em razão da participante ter mencionado em uma de suas falas a escritora paraense Eneida de Moraes como uma de suas referências, a qual teve e tem grande importância na sua vida pessoal e acadêmica. Eneida de Moraes foi escritora, jornalista e militante que contestava o papel feminino tradicional em suas obras, o que se assemelha à entrevistada, pela sua militância contra as opressões e sua paixão pela literatura que ficou evidente durante toda a narrativa.

Eneida tem 22 anos, é solteira, bissexual e se declara parda, mora com os pais e a irmã em outra cidade que fica a 75 Km da capital, Belém. Frequentou o ensino médio em escola pública e no, ano de 2014, ingressou na universidade no curso de Letras - Língua Portuguesa, no momento da entrevista estava no 7º semestre. Realiza projeto de extensão na universidade que une a literatura e o teatro, a noite realiza alguns trabalhos com música, cantando e tocando nos barzinhos e eventos da cidade.

O nosso contato inicial aconteceu através do *whatsapp*, em que Eneida se mostrou receptiva e interessada em participar da pesquisa. Tivemos um segundo contato no primeiro semestre de 2018, em que pude assistir a sua performance teatral em um evento realizado em alusão ao dia internacional da mulher. Porém, a entrevista só ocorreu no segundo semestre de 2018, na cidade em que mora, em uma lanchonete, a qual foi sugerida pela estudante. Essa foi a entrevista mais curta, tendo aproximadamente 19 de minutos de duração, suas palavras eram bem objetivas, com uma certa timidez, demonstrando que, apesar de sua força, algumas temáticas a inquietaram e mexeram emocionalmente, refletindo bastante nas suas respostas.

5.5.7 Maria

A última entrevistada é Maria. Seu pseudônimo faz menção a Maria da Penha, farmacêutica que sofreu duas tentativas de homicídio pelo seu companheiro e ficou conhecida através de sua luta que durou quase 20 anos para conseguir colocar o seu agressor na prisão, sendo homenageada com a Lei 11.340/06 (Lei Maria da Penha), tornando-se a principal política pública para o enfrentamento à violência contra a mulher no Brasil.

A escolha de seu nome está ligada diretamente com o relato da participante da pesquisa sobre o seu reconhecimento enquanto feminista após saber sobre um ato de violência ocorrido na universidade, e também possui um caráter pessoal por ter sido minha primeira bandeira de luta quando me reconheci feminista.

Maria é solteira, tem 21 anos e se declara negra e bissexual, mora com os pais adotivos no centro da capital Belém. Frequentou o ensino médio na rede privada e em 2015 ingressou na universidade, no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, estava no 8º semestre, faz parte do movimento estudantil e esteve à frente do Centro Acadêmico de Pedagogia.

A entrevista ocorreu no segundo semestre de 2018 e, desde o primeiro contato com a estudante, através do *facebook*, ela demonstrou bastante interesse pela possibilidade de se expressar a partir das suas vivências. Por estar no último ano da graduação, o nosso diálogo foi marcado e remarcado várias vezes, por sua disponibilidade de tempo e de alguns impasses pessoais que ocorreram de última hora. Depois de várias tentativas conseguimos realizar a entrevista, que durou cerca de 33 minutos, em uma maloca na universidade, local sugerido pela estudante. Sua fala demonstra convicção e disposição para contribuir com a pesquisa e compartilhar suas experiências, algo que ficou evidente durante conversas informais que ocorreram antes e após a narrativa.

A seguir, iremos conhecer a visão de mundo das estudantes a partir dos seus primeiros posicionamentos durante a Entrevista Narrativa que envolve o reconhecimento do lugar que ocupam na sociedade por meio de uma perspectiva educativa, tais como: ser mulher, ser jovem e, ser feminista, através das experiências e compreensão de mundo.

VI RECONHECENDO O SEU LUGAR NA SOCIEDADE

Se entender, se compreender e se reconhecer no mundo às vezes não é fácil, somos, desde o momento em que nascemos, expostas a um modo de ser, de se comportar, de vestir, de falar e até de se relacionar. Nesta seção irei abordar o reconhecimento das estudantes, enquanto mulheres, jovens e feministas a partir das experiências que foram construindo durante a vida e que foi revelada nas narrativas.

6.1 Ser mulher

Quando perguntadas sobre como as estudantes compreendiam ser mulher nos dias atuais, houve algumas semelhanças nas narrativas, porém cada uma se posicionou a partir do seu lugar de fala, umas mais objetivas, com um discurso mais curto e outras com um discurso mais longo. Sendo assim, podemos apontar como primeira posição a desenvolvida por Pagu, vejamos:

O que é ser uma mulher? (2) É sempre sentir (.) em algum momento uma culpa ou um medo e dor (3) né e tá sempre sendo colocada como aquela que suporta tudo que suporta a dor, a mulher nasceu pra isso; a mulher nasceu pra suportar a dor então tu tens que aguentar isso (.) e na sociedade em que a gente tá=tá sendo mais difícil porque por mais que o feminismo esteja forte a gente discuta a gente esteja mais presente; não tá como a gente quer né [...] Então eu vejo um desafio muito grande ser mulher hoje, muito grande, como já foi mais ainda né nos anos passados; mas eu ainda vejo um grande desafio.

Ao repetir parte da pergunta que lhe fiz e com uma pequena pausa, Pagu refletiu sobre ser mulher na sociedade como ‘um grande desafio’, colocando em seu discurso sentimentos como o de ‘culpa’, ‘medo’ e ‘dor’, reconhecendo que em tempos passados era mais difícil ainda a condição das mulheres. Aponta também a mulher ‘como aquela que suporta tudo’ e que ‘nasceu pra suportar a dor’.

Os termos expressados por Pagu estão relacionados com a forma como percebe a sua condição enquanto mulher e como é representada socialmente. Nota-se que a expressão ‘suportar’ aparece três vezes neste trecho, remetendo a construção social de que a mulher ainda é silenciada e deve aguentar tudo o que a sociedade a atribui.

As palavras ‘tudo’ e ‘dor’, usadas como complemento a suportar, indicam que sua visão de mulher relaciona-se à ideia de que a mulher aguenta o que incide sobre ela ou contra ela, seja a ‘dor’ ou ‘tudo’. Suportar também dá ideia de ser capaz de

carregar algo pesado ou ainda daquilo que é capaz de resistir. Os sentimentos ‘culpa’, ‘medo’ e ‘dor’, assim como a ideia de ‘suportar’, expressados em sua fala, podem ser atribuídos ao reconhecimento dos efeitos do machismo e do patriarcado no cotidiano das mulheres.

Conclui que ser mulher continua sendo ‘um grande desafio’ mesmo com os avanços e conquistas ocasionadas pelo feminismo, com discussões mais presentes em várias esferas sociais, considera que ainda está longe do que pensa como uma sociedade ideal para as mulheres, pois os sentimentos de ‘culpa’ e ‘medo’ estão presentes em algum momento da vida.

A mulher que ela define como a capaz de ‘suportar’, de ‘aguentar’, resulta de um processo, como a estudante explica:

as histórias da mamãe sempre foram de que tem que ser uma mulher forte que não pode se submeter a homem não te submete a homem (.) homem não te manda; até quando eu era criança se ela visse algum menino mandando em mim ou eu chorando por algum menino ela me brigava (.) então a criação dentro de casa (.) eu ela e a minha irmã sempre foi muito mulher=mulher (.) era muito a mulher tem direito (.) a mulher faz isso a mulher pode colocar uma lâmpada mulher pode quebrar (.) tudo ela fazia né então (2) por ela ser essa mulher eu também fui me constituindo essa mulher.

A partir do relato de como foi constituída a sua educação familiar, ao dizer ‘eu, ela e minha irmã’, anuncia uma educação entre mulheres, desenvolvida a partir da posição da mãe, das ‘histórias da mamãe’ sobre o papel da mulher. Pagu revela que as histórias de sua mãe tinham basicamente a ideia de que ‘tem que ser uma mulher forte’ e também de que ‘não pode se submeter a homem’.

Ao utilizar a frase ‘tem que ser’ associada à ‘mulher forte’, ela revela que guarda a posição da mãe, de que a mulher não tem outra alternativa, a não ser que seja frágil e submissa, precisa ser forte. Pagu opõe o ‘tem que ser’ ao ‘não pode’, criando a dinâmica entre ser forte e ser submissa, colocando o primeiro como um objetivo de vida, já que ‘tem que ser’, e o outro como uma recusa, ou seja ‘não pode’.

Ao enfatizar ‘não se submete a homem’ e após uma rápida pausa acentuar a frase ‘homem não te manda’ parece lembrar-se das recomendações da mãe para que não se torne submissa ou não se humilhe, uma vez que ‘submete’ dá ideia de que ela possa se reduzir a uma obediência ou até mesmo a uma dependência, se

subjugando ou se sujeitando ao homem, indo contra a educação de liberdade ensinada por sua mãe.

Neste trecho da sua narrativa fica evidente que sua educação foi atravessada pela ideia de força, sem limitar o que a mulher poderia fazer ou não nas atividades que fosse necessária, já que tinha, como primeiro exemplo de mulher, a sua mãe que realizava as tarefas sendo consideradas femininas ou não. A expressão ‘não pode se submeter’ utilizada pela estudante nos remete a ideia de que as mulheres carregam o estigma da submissão em relação ao homem e que isso era questionado pela sua mãe, através da sua educação, o que, segundo Pagu, foi importante para sua constituição enquanto mulher.

A fala de Pagu sobre a ‘criação dentro de casa’ revela a sua educação familiar, entendida como um processo educativo feito por mulheres e para mulheres, já que a sua relação principal é constituída pela mãe e pela irmã, envolvendo princípios de igualdade e liberdade, já que ‘a mulher tem direito’, ‘a mulher faz isso, a mulher pode colocar uma lâmpada’ e ‘tudo ela fazia’.

A educação construída por meio das histórias da sua mãe atribuem valores e comportamentos com características de independência e consciente de seus direitos que vão de encontro ao modo de funcionamento do sistema patriarcal. A importância desta para sua constituição enquanto mulher é demonstrada na expressão ‘por ela ser essa mulher eu também fui me constituindo essa mulher’, ou seja, questionando os estereótipos de fraqueza e submissão que continuam sendo empregados às mulheres ao longo dos anos, já que se torna uma mulher forte. Por outro, lado ressalta outro aspecto importante de ser mulher:

Eu acho que tem que ser aquela mulher que se posiciona mesmo [...] eu já me vi em muitas situações que eu não consegui me posicionar (.) por conta dessa questão da sociedade ser tão machista (.) tão machista que ela te silencia de uma forma (.) te coloca numa posição que tu não sabes o que fazer, mas eu acho que tem que ser essa mulher que vá a luta (.) que entenda a outra (.) que entenda esses recortes; que tenha essa empatia que tanto a gente fala mas nunca faz [...]então a gente tem que ser mais essa mulher de ter empatia é a sororidade é uma coisa que eu acho um pouco difícil ainda entre as mulheres (.) porque ainda tá uma grande disputa entre as mulheres sendo influenciadas pela mídia pela estética (.) por tudo isso (.) tudo engloba né (2) e afasta a gente, mas acho que tem que ser essa mulher mesmo de atitude e que se interesse pela política que se interesse por todos os âmbitos de trabalho; enfim que vá em frente mesmo já que a gente tem essa força que tanto falam né que a gente

aguenta tudo que a gente suporta tudo (.) **então bora suportar.**
(PAGU)

A estudante continua sua reflexão sobre a ideia de que a mulher ‘tem que ser’ e reconhece que ela mesma já viu que há dificuldades em se posicionar na sociedade, pois ‘ela te silencia’, o que pode ser ocasionado pelo machismo. Ela amplia a ideia inicial, proposta pela mãe, com empatia por parte das mulheres a partir do lugar em que estão inseridas, nas frases ‘que entenda a outra’, ‘que entenda esses recortes’ e ‘que tenha empatia’, revelando que deveriam ter a capacidade de se colocar no lugar da outra de acordo com as suas especificidades.

Nota-se que, apesar da sua consciência feminista, é difícil sustentar seus posicionamentos que, por vezes, acabam sendo silenciados. É importante observar que, mesmo tendo uma educação familiar voltada para as ideias de sujeito de direitos, de liberdade e força, a dificuldade em se posicionar na sociedade, pode estar atrelada a um processo de educação social da mulher para a submissão, um processo amplo fortalecido pelo machismo, ocasionando o seu silenciamento, demonstrado em sua fala ‘eu já me vi em muitas situações que eu não consegui me posicionar’. Ao dizer ‘não consegui’ e que a sociedade ‘te silencia’, que neste lugar ‘tu não sabes’ o que fazer, demonstra a tensão entre uma concepção de educação para a igualdade e outra que desvaloriza ou subjuga a mulher.

Esse silenciamento está ligado à forma como a sociedade está estruturada, a partir de um modelo patriarcal e androcêntrico que, por meio de um processo educacional, secundariza e invisibiliza as mulheres. Os efeitos desse processo educacional são identificados por ela na frase ‘a sororidade é uma coisa que eu acho um pouco difícil ainda’ e reflete sobre a empatia entre elas, marcada por ‘uma grande disputa’ que ‘afasta a gente’, e destaca o papel da mídia e da estética para a falta de ‘sororidade’.

Esse processo de ‘disputa’, mencionado por Pagu, pode estar vinculado à ideia da rivalidade feminina ocasionada pelo machismo e também relacionada com as influências da mídia, como pontuou principalmente em relação à ‘estética’, uma vez que pode ser resultado da educação das mulheres para a submissão, e dos padrões de beleza impostos na sociedade por meio do sistema de informação de massa.

A estudante retorna o seu posicionamento inicial sobre ser mulher na contemporaneidade a partir da ideia de ‘força’ e ‘atitude’, considerando que as

mulheres devem estar atentas a todas as esferas sociais e âmbitos de trabalho, o que parece revelar a ideia de que a mulher não deve mais estar apenas no espaço privado, que ‘se interesse pela política’, ou seja, que passe a estar também nos espaços públicos. Ela reconhece as dificuldades em ser a mulher que a mãe a ensinou a ser, pelos efeitos de uma organização social patriarcal, e de suas estratégias de dominação que submetem pessoas a modelos dominantes.

Já a visão sobre ser mulher para Bertha, demonstra outro aspecto do processo educacional, constituindo-se numa segunda posição:

Antes eu tinha uma visão muito distorcida ((tosse)) do que era ser mulher (.) então era muito padrão (.) meu jeito era padrão e tal (.) então eu tinha uma visão assim que a gente tinha que seguir um padrão e hoje em dia é diferente; antes eu falava, “êgua (.) como que essa mulher pode ser assim desse jeito?” (.) “como que ela não percebe que é gorda” sabe? Aí hoje em dia eu entendo sabe (.) inclusive é preconceito; iai hoje em dia eu vejo que as pesso- as mulheres são o (2) como se elas fossem ali a base (.) a estrutura da sociedade e essa estrutura ela tem toda uma=uma conexão, são várias mulheres ali que=que resistem que estão na sociedade do patriarcado né (.) iai essas mulheres que sustentam a base da família (.) a base de vários lugares até dos trabalhos mais braçais (.) domésticos que infelizmente é uma cultura de (2) muito tempo. iai desde=desde esse trabalho até (.) hoje em dia as mulheres tem conseguido chegar em patamares maiores já iai eu vejo que hoje a mulher ela é grande parte da sociedade como eu te falei e a gente (.) se a gente parar entendeu a gente move, a gente estremece a base todinha (2) só que a gente não tem representatividade entendeu (.) então meio que em vários lugares apesar de que a gente tem um avanço (.) mas hoje em dia ainda=ainda é muito pouco sabe (2) ainda é muito pouco.

O discurso da estudante parte da construção do seu pensamento a respeito do que é ser mulher, pontuando dois momentos: o ‘antes’ com ‘meu jeito era padrão’ e o ‘hoje em dia é diferente’, colocando sua vivência como exemplo e deixando clara a importância das mulheres para a organização da estrutura da sociedade em diversos setores. Estas frases indicam uma passagem de um modo de conceber a mulher que ‘tinha que seguir um padrão’ para entender que as mulheres ‘resistem’ na sociedade patriarcal.

Ao observar que as mulheres são como uma ‘base’ na sociedade, utiliza o termo para demonstrar a força e importância social das mulheres, já que, por meio de novos processos educativos, tem acesso a perspectiva de desconstrução dos papéis sociais que as mulheres estão ocupando, lugares para além da família e principalmente no âmbito do trabalho. Contudo, Bertha considera que, por mais que

tenha um avanço da participação das mulheres em vários espaços, afirma que ainda não tem representatividade e que os avanços foram poucos, o que pode nos revelar um resgate do processo histórico das mulheres em sua fala.

A reconstrução da sua visão entre passado, por meio do 'antes' e presente 'hoje em dia', nos proporciona perceber no seu processo educacional, através da diferença de como pensava o papel da mulher, o que demonstra ter sido alvo de um tipo de educação que atende a um padrão social do que é ser mulher, revelando que provavelmente teve como base uma educação familiar pautada no machismo, com base em estereótipos evidenciados pelo patriarcado.

A educação das mulheres também é pautada por outra entrevistada. Para Clarice ser mulher é:

É bem complicado né (.) assim é:: como todo mundo sabe teve muitos avanços né mas ainda é uma luta a gente ser mulher e principalmente quando a gente (.) começa a ter noção das nossas amarras porque antes de eu conhecer o feminismo eu achava super normal algumas coisas algumas violências iai quando eu tive ciência de tudo que a gente passa e como tudo isso é fruto de uma educação repressora e tudo a gente começa a:: se frustrar e a gente tem até problemas psicológicos quando a gente descobre por tudo que a gente passa né e:: a gente vê as injustiças que as mulheres sofrem.

Assim como Bertha, Clarice faz uma narrativa sobre a construção do seu processo de formação para dizer o que considera ser mulher. Esta jovem coloca o feminismo no centro do seu processo educacional que a conduziu a um reconhecimento e na percepção das violências que ocorrem contra as mulheres na sociedade, já que, para ela, 'ainda é uma luta a gente ser mulher'.

A ideia de luta encontrada inicialmente em sua fala remete ao esforço para superar e vencer obstáculos e dificuldades, fazendo oposição ao que é imposto socialmente, principalmente quando 'começa a ter noção das nossas amarras', ou seja, a tudo que a restringe/impede de ser ela mesma.

O posicionamento de Clarice é expresso principalmente através do seu reconhecimento que o feminismo mudou sua forma de entender o mundo, identificado pela expressão 'quando eu tive ciência de tudo que a gente passa', pois a partir desse momento começou a perceber o seu lugar e as várias opressões vivenciadas pelas mulheres, ressaltando que antes dessa formação feminista acabava considerando como 'super normal' ser objeto da violência por ser mulher.

Nota-se aqui que o feminismo é a base da sua fala e do seu processo de compreensão enquanto mulher, evidenciando o feminismo como uma formação educacional em uma perspectiva humana e de base igualitária. A estudante atribui à naturalização das violências e à falta de consciência sobre o que as mulheres passam na sociedade por uma ‘educação repressora’ que pauta a obediência e parece estar vinculada com todo o sistema social. Além disso, ela pontua o peso de tornar-se crítica por meio de uma educação feminista, pois ‘começa a:: se frustrar’ e ‘a gente tem até problemas psicológicos’ ao perceber as ‘injustiças que as mulheres sofrem’ socialmente. Neste sentido confronta dois processos educacionais, um que reprime e outro que amplia o olhar.

Contudo, para Maria:

Eu acho que é **resistência** (.) porque durante tantos anos né a mulher foi colocada num papel de submissa (.) de inferior (.) então a partir do momento que já nasce uma menina ela já nasce sendo revolucionária porque:: ela já nasce com aqueles padrões né menina tem que ter o enxoval todo rosa porque ela tem que ter boneca então eu acho que (.) ser mulher na sociedade é muita luta (.) é revolução é=é garra né porque a gente é diminuída a todo momento no mercado de trabalho (.) na escola na universidade (.) então eu acho que é todo momento revolução é **luta**.

Maria responde de forma enfática que ser mulher é ‘**resistência**’ e posteriormente explica que essa resistência se deve ao fato de que as mulheres foram colocadas ‘num papel de submissa’, ‘de inferior’, ou seja, que não possui escolhas. Ela reconhece posições sobre os estereótipos de ser mulher e utiliza palavras que marcam posições na sociedade, tais como: ‘**resistência**’, ‘revolução’ e ‘**luta**’. Essas expressões demarcam uma educação que resiste à submissão e ao papel de inferioridade ligado às mulheres, sua fala possui entonação forte e ênfase, o que pode revelar que a militância no movimento feminista a faz ressaltar a importância da interpretação de mudança da sociedade.

Assim como Pagu, ela questiona os padrões sociais que caracterizam as mulheres desde o nascimento como a ideia do ‘enxoval rosa’ e de ter sempre uma ‘boneca’, o qual faz parte de um processo de formação de educação que leva a compreensão de que mulheres e homens possuem papéis sociais específicos, que possuem comportamentos de determinadas maneiras e, assim, colocando-as em uma caixinha sobre como é ser mulher, o que acaba sendo contestado por Maria.

Ao afirmar que a mulher ‘foi colocada’ diz que não foi escolha, mas determinação de um lugar que a inferioriza e a submete. Esta posição se reforça no argumento de que a mulher ‘já nasce sendo revolucionária’. Ela amplia a questão da inferioridade inicialmente tomada na relação com o homem ao afirmar que as mulheres são tratadas com desigualdade em vários espaços como no ‘mercado de trabalho’, na ‘escola’ e até mesmo, na ‘universidade’, pois, ao nominar os espaços em que a mulher ‘é diminuída’, parece assumir a postura de que estes lugares fortalecem as opressões e o machismo que perpetuam na sociedade, remetendo à ideia da desigualdade de gênero que ainda é presente nesses espaços, o que coaduna com a posição de que ser mulher também é ‘luta’, pois se opõe e confronta essas desigualdades.

Dandara se posiciona de forma semelhante, mas acrescenta que:

existe uma construção né do que é ser mulher (.) uma construção social e daí é:: existem alguns parâmetros que tu precisa seguir pra ti ser mulher né (2) dentre eles os padrões de beleza né que a sociedade te impõe e outros padrões inclusive da forma como tu te relaciona né:: que enquanto homem já não é tão questionado apesar de ser questionado né na questão da homossexualidade (.) da masculinidade que é muito impositiva também (.) mas enfim ser mulher e principalmente ser negra é carregar um monte de estigma nessa sociedade é tu perceber que tu vai ter que trabalhar em dobro e fazer em dobro porque existe além dessas construções né (.) uma serie de pessoas também que vão tá te dizendo o tempo todo que isso não é pra ti que isso é (.) requer muita coisa que tu provavelmente não vai conseguir que tu não tem capacidade talvez se tu fosse homem fosse mais fácil; então é bem complexo é tá lutando diariamente contra @todo um sistema social@.

Dandara destaca a ideia de ‘construção’ e ‘construção social’ para explicar que, para a mulher, existem diferentes ‘parâmetros’ que a mulher ‘precisa seguir’, ressaltando os ‘padrões de beleza’. Destaca que a mulher é um ser que sofre pressão ao ter que ‘carregar’, ‘trabalhar em dobro’ ou ainda ‘fazer em dobro’. Ao refletir sobre ser mulher, pontua que ser negra é estar sujeita a ‘um monte de estigma’, e ao pensamento de que algo ‘não é pra ti’, ‘que não vai conseguir’. Conclui afirmando que ser mulher é ‘complexo’ e é estar ‘lutando diariamente’. Mesmo com uma fala que envolve dificuldades, finaliza com um sorriso, demonstrando superação e compreensão do seu lugar na sociedade.

Além da importância da mulher na sociedade, Dandara fala sobre os padrões de beleza, de relacionamento, de toda construção e imposição social da forma de

como as mulheres devem ser e se posiciona enquanto mulher negra, travando uma luta contra o sistema da sociedade pela liberdade de viver.

A estudante afirma que há uma construção social sobre o que é ser mulher o que pode ser, entendido como os estereótipos de gênero que são impostos socialmente. Ao se referir aos 'padrões de beleza', pode ser compreendido como aqueles ligados à mulher branca, loira e magra que são valorizados midiaticamente. Tais padrões se referem também a formas de se comportar/vestir e até mesmo no modo como vive seus relacionamentos e, que por isso, precisa estar 'lutando diariamente contra @todo um sistema social@'.

A construção social apontada em sua narrativa se relaciona a um processo de educação das mulheres e dos homens que são atravessadas por estereótipos de gênero delineados por meio de uma educação estabelecida pelo patriarcado que reproduz o machismo e controla as relações sociais, indicando as mulheres para a submissão e os homens para a dominação. Nessa perspectiva, ela utiliza a comparação com o padrão de masculinidade como elemento da educação dos homens, revelando também que é 'muito impositiva'. O fato de reconhecer que há um modelo de masculino e feminino mostra que está consciente do lugar que ocupa enquanto mulher e questiona o padrão estabelecido.

Dandara frisa o seu reconhecimento enquanto mulher negra e que por isso é mais difícil, pois 'ser negra é carregar um monte de estigmas nessa sociedade', como: o não reconhecimento de suas capacidades, remetendo ao desestímulo que sofre por ser negra e pelos padrões de beleza que fogem do que é tido como comum na sociedade. Isso revela que o processo educativo ainda é pautado em uma perspectiva sexista e hegemônica que coloca em seu centro características que acabam excluindo e/ou invisibilizando alguns atores sociais, como no caso as mulheres negras, e que por isso acabam se constituindo em meio às dificuldades apontadas pela estudante. A narrativa mostra a complexidade em ser uma mulher negra que sofre com a misoginia e com o racismo nos vários ambientes sociais, fruto de uma formação social e educacional.

Em relação à questão da mulher negra, Pagu em sua narrativa também comenta:

por me entender negra ((tosse)) e ver que=que a solidão da mulher negra ela começa bem pequena (.) a mulher bem pequena e eu vejo que a discussão da solidão da mulher negra a maioria das vezes tá

se pautando muito na mulher adulta; muitas “eu não consigo namorar” ou nas jovens “eu não consigo ter namorado” (.) ou nas meninas da minha idade; quinze e dezesseis anos tá cheio de meninos [...] então a solidão da mulher negra não é “eu não tenho um homem pra ficar comigo” é eu não tenho pessoas (.) eu não tenho companhias; eu não consigo brincar direito porque sempre tem alguém rindo de mim (.) cor da minha pele ou do meu cabelo ou de alguma coisa (.) mas relacionada por eu ser negra por eu ser mulher.

Por deixar claro que se reconhece enquanto mulher negra, Pagu compartilha do pensamento de Dandara sobre os estigmas que a mulher negra carrega, utilizando exemplos vivenciados por mulheres em diferentes momentos, sejam crianças, jovens e adultas. A estudante relaciona a condição da mulher à ‘solidão’. Ao usar duas vezes a expressão ‘solidão da mulher negra’ enfatiza que tal situação é vivenciada desde ‘bem pequena’ e acompanha durante toda a vida da mulher negra. Ao dar exemplos de mulheres jovens, usa a expressão ‘eu não consigo’ para se referir a relacionamentos amorosos, deixando supor que, embora desejem, algo exterior a elas, as impedem.

O termo ‘solidão’ é caracterizado em sua narrativa como a ausência de companhias nas diversas faixas etárias, motivadas por discriminações relacionadas ao cabelo, à cor da pele, conduzindo à ausência de relacionamentos. A fala de Pagu nos remete ao isolamento social que as mulheres negras estão submetidas devido ao racismo e deve-se acrescentar, sendo atravessado por outro marcador social, como a classe. O racismo estruturado na sociedade perpassa o âmbito educacional, uma vez que estamos imersos em uma educação que não acolhe a diversidade, e que ainda é organizada por um modelo, padronizando sujeitos e mascarando as suas singularidades.

‘A solidão da mulher negra’ exemplificada por Pagu enfatiza um aspecto da condição de ser mulher e coloca em evidência o racismo estruturado na sociedade que tem sido reproduzido por meio de uma educação que minimiza e/ou invisibiliza questões de raça/cor, gênero e classe, colocando essas temáticas em segundo plano e perpetuando tais aspectos que são excludentes.

A estudante Leila percebe da seguinte forma:

Eu enxergo a mulher como fundamental @ (2) @ é a mulher ela é a força e a gente tá aí pra provar isso, e dizer que a gente tá viva e isso é assustador (.) isso é fantástico e isso é prova de resistência de tá viva principalmente no Brasil e principalmente no Pará e:: a mulher ela é fundamental em todos os ramos da sociedade e isso é óbvio (.) na igreja (.) em casa na- no trabalho (2) na geração e na não

geração (.) na escola e em todo lugar é:: eu vejo a mulher como (3) eu vejo a mulher como a revolução.

Leila, a mais nova de todas as entrevistadas inicia sua narrativa com um sorriso e traz um discurso de esperança e de evolução a partir da luta das mulheres, utilizando-se das expressões ‘a mulher ela é a força’, ‘é assustador’, ‘é fantástico’, ‘é prova de resistência’ e ‘eu vejo a mulher como a revolução’ caracterizando como compreende o ser mulher.

A estudante pontua sua fala com o debate sobre a violência contra a mulher, destacando a percepção de desigualdades e violências em que as mulheres estão submetidas. Para ela ser mulher ‘é prova de resistência de tá viva’ ao situar o Brasil e o Pará. Demonstra conhecer que o Brasil é o 5º país no ranking de feminicídio do mundo, e que o estado do Pará, possui altos índices de violência contra a mulher, de acordo com a publicação do último mapa da violência (2015). Compreende esse cenário como ‘assustador’ e ‘fantástico’, e parece resgatar a ideia da luta das mulheres ao usar a palavra ‘revolução’ para se referir à importância da mulher na sociedade e dentro do movimento feminista.

6.2 Ser jovem

Na busca em continuar delineando a percepção do reconhecimento das participantes por meio das suas visões de mundo a respeito do que é ser mulher, jovem e feminista, foi solicitado que refletissem sobre a juventude nos dias atuais e sobre as quais foram delineadas duas posições. Ao perguntar às estudantes sobre o que significaria para elas ser jovem e como observam a juventude na sociedade, percebi que foi a temática menos desenvolvida durante a narrativa, algumas citaram suas vivências e outras abordaram de uma forma mais generalizada que talvez nos remeta a uma percepção pautada a partir do outro. Representando a primeira posição identificada nas falas das participantes, Bertha diz que:

O jovem hoje ele é (2) aquela pessoa que não é mais:: uma criança entendeu não é adulto (.) ele tá naquela=naquela metade ali (.) naquele meio que ele pode é (2) naquele meio construir uma outra sociedade (.) moldar, modificar o meio em que ele vive porque ele consegue ele tem energia pra isso (2) só ter energia coragem e vontade pra mim já é ser jovem entendeu; então não é que fique (.) digamos de tantos e tantos anos não, é aquela energia sabe que fica pulsando no coração deles.

Bertha, inicialmente em sua narrativa, diz que ser jovem não tem a ver com a faixa etária, mas sim com a sensação e a vontade de construir algo, ela aborda a juventude nas suas falas como um ser em potencial que pode construir moldar e modificar a sociedade em que está inserido, apesar de dizer que é ‘metade’ e ‘meio’.

Para ela, ser jovem não é ser uma ‘criança’ e nem ‘adulto’, a sua visão sobre o reconhecimento da juventude nos revela a ideia de transição, já que ela diz que ‘ele tá naquela metade ali’ se construindo, o que nos remete a um processo, a uma fase da vida, excluindo a compreensão sobre ser jovem apenas a partir da faixa etária.

A estudante utiliza as expressões ‘construir uma outra sociedade’, ‘moldar, modificar o meio em que ele vive’ para uma compreensão que perpassa o ser jovem como um ser em potencial que pode transformar a sociedade e o espaço em que está inserido/a. O significado atribuído por ela parece estar associado a uma visão a partir do outro, pois na sua narrativa prevalece o discurso de que o jovem não é, mas que ele pode ser, introduzindo a ideia de futuro e não de presente como sendo uma etapa de preparação para um outro momento da vida.

Posteriormente, Bertha ressalta outros aspectos sobre ser jovem:

eu tava falando com uma amiga que era sobre o acampamento internacional da juventude que o JUNTOS construiu iai era no Rio de Janeiro no ano passado e fez um ano em abril e (.) esse mês fez um ano de CONUNE também e foi a pisa assim pra mim (.) maior iai (.) esses dois espaços foram muito importantes pra mim e eu me senti muito jovem entendeu (.) porque eu posso estar lá eu não tô naquela fase da vida de trabalhar (.) de ter uma família e tal mas também eu tô na universidade entendeu então eu tô naquela fase de transição e podendo construir que é poder participar desses espaços; laí (.) eu tava falando pra ela que o meu fogo tá aceso tipo (2) aquela semente ficou acesa sabe desde o acampamento (.) não apenas no acampamento mas continua acesa (.) foi a última viagem que eu fiz, então ser jovem é mais ou menos isso (.) é aquela sensação aquela coragem de construir algo novo e isso em qualquer lugar (.) em qualquer espaço (.) na igreja na- nos hospitais fazendo atividades com as crianças sabe em qualquer lugar; é isso.

Como militante de coletivo da juventude, ela fala sobre a sua vivência nos espaços de debates e organização como fundamental para o seu reconhecimento enquanto jovem, assim como cita questões que parecem estar vinculadas à ideia de ser adulta, como: ‘trabalhar’ e ‘ter uma família’.

Para a estudante, poder viajar e participar de espaços como o ‘Acampamento Internacional da Juventude’ e o ‘Congresso Nacional da União dos Estudantes

(CONUNE)' é importante para a juventude, uma vez que ela utiliza a expressão 'eu me senti muito jovem', o que pode nos remeter à importância que os espaços de sociabilidades possuem para os jovens, para a compreensão de si, do outro e do mundo. Ao expressar o quanto se sentiu jovem a partir da sua participação nesses espaços, percebemos uma modificação na sua narrativa, que foi através desses espaços que passou a se perceber e se incluir enquanto jovem na sociedade.

Ela volta à concepção sobre ser jovem a partir da ideia de fase da vida e de transformação 'eu tô naquela fase de transição e podendo construir'. A estudante traz a ideia de que trabalhar e ter família são aspectos que fazem parte da vida adulta e que vincula sua participação nos espaços de sociabilidades juvenis por ainda não ter essas responsabilidades, como colocado na narrativa 'eu posso estar lá eu não tô naquela fase da vida de trabalhar (.) de ter uma família e tal mas também eu tô na universidade entendeu', porém parece aproximar também a ideia da universidade enquanto um espaço que não é dos jovens, que faz parte da preparação para a vida adulta.

Bertha deixa claro que, por meio das suas experiências nos encontros que envolvem a juventude, mantém a vontade de construir e de lutar socialmente quando retorna para casa, elevando o sentimento de se sentir enquanto jovem que pode modificar a realidade em que está inserida.

Já Dandara se posiciona da seguinte forma:

eu tava lendo um tempo atrás um texto sobre juventude né (.); eu participo de um grupo de estudos que é sobre crianças e adolescentes e também sobre juventude e (.) a sociedade em si ela não espera muito do jovem né (.) ou espera pouco ou espera que ele seja de fato aquele que tá em transição que não tem ainda uma identidade formada que tá nessa construção e tudo mais e eu percebo que a juventude ela tá bem melhor eu acredito em alguns aspectos (.) no sentido de perceber algumas situações, por exemplo em relação ao machismo; eu já vi (.) vejo muitas manas assim bem jovens ir compreendendo tendo essa visão do machismo dessas opressões (.) do próprio feminismo (.) dessas discussões que é uma coisa que eu não tive assim na adolescência por exemplo eu não tive (.) mas ao mesmo tempo é bem difícil porque tu também vê jovens apoiando o Bolsonaro @por exemplo e é muito triste@, muito triste tu vê essa juventude conservadora as vezes mais conservadoras que os pais as vezes.

Na narrativa acima, Dandara relembra a sua participação em um grupo de estudos sobre crianças, adolescentes e juventude e constrói seu posicionamento a

partir da ideia do que a sociedade espera da juventude, mas sem se incluir enquanto jovem.

Segundo Dandara, a juventude tem avançado em relação ao passado, tendo maiores conhecimentos sobre determinados assuntos que antes não eram tão comuns de perceber no diálogo dos mais jovens, como a visão sobre o machismo e feminismo. Em relação à mudança que a juventude tem passado, ela cita o termo 'adolescência' quando reflete sobre o seu tempo passado, demarcando uma jovem muito jovem.

Percebe-se que a estudante apresenta duas posições quanto à juventude: uma visão progressista que perpassa a ideia de mudança social, de enfrentamento aos valores e a ordem estabelecida, e, a outra que vai em contra a este estereótipo da/o jovem, com pensamentos conservadores que se fundamentam nas visões de mundo, pois são 'mais conservadores que os pais' e procuram conservar os valores já estabelecidos, o que pode estar vinculado ao processo ideológico que cada jovem recebe.

Para a Eneida:

É (.) é difícil porque às vezes a gente não tem muitas possibilidades e algo que é muito importante inclusive na academia que é experiência (.) no campo profissional também (.) digo que seja complicadíssimo porque:: por conta da atribuição da=da falta de experiência.

Eneida foi a estudante que menos desenvolveu o tópico sobre juventude e atribuí o ser jovem através da falta de experiência e oportunidades em alguns âmbitos da sociedade, pois de acordo com ela 'às vezes a gente não tem muitas possibilidades'.

A estudante prioriza, em sua narrativa a respeito do que é ser jovem, um aspecto de dificuldades, utilizando como questionamento principal a experiência que a sociedade cobra como necessária, mas não oportuniza aos jovens, tanto no campo acadêmico, quanto no profissional, o que é evidenciado duas vezes em sua fala, pois de acordo com Eneida, devido a isso as possibilidades acabam sendo menores. Pode-se perceber que em sua fala há uma preocupação constante sobre a questão de estudar e trabalhar, algo que tem se tornado frequente quando falamos sobre o contexto vivenciado pela juventude contemporânea.

Entretanto, outras estudantes se reconhecem e se colocam durante a narrativa como mulheres jovens, apontando aspectos diferentes e delineando uma segunda posição. Vejamos o que diz Leila:

em todas as épocas a gente vê que a juventude ela é muita revolução (.) isso em todos os lugares e (.) ser uma mulher jovem é difícil pela questão da sexualização (.) da objetificação é:: a gente vive em um país onde a novinha ela=ela é mascarada como a valorizada que por fim na verdade é a pessoa que mais sofre com os assédios.

Leila faz uma relação sobre ser jovem e mulher por meio de dois aspectos, tanto positivo como negativo, conduzindo sua narrativa a partir da dificuldade do lugar que as mulheres jovens têm sido conduzidas e estereotipadas socialmente, como exemplificado pelo termo 'novinha'.

A estudante apresenta como aspecto positivo da juventude uma fase que possibilita revolução, pois 'em todas as épocas a gente vê que a juventude ela é muita revolução', atribuindo a mesma perspectiva de Bertha, da juventude enquanto momento para reivindicar e transformar a realidade. Contudo, em seguida coloca o aspecto negativo que tem causado dificuldades às mulheres jovens como a questão da 'sexualização' e 'objetificação' que tem sido cada vez mais evidenciada ao grande número de assédios pela questão do corpo, ao atribuir uma erotização às mulheres jovens, as caracterizando na sociedade como a 'novinha'.

Essa 'sexualização' perpassa a um processo de construção dos corpos na sociedade, o corpo das mulheres jovens passa a ser algo de caráter privado que não deve ser exposto, caso contrário é visto socialmente de forma maliciosa, o que atribui a sua 'objetificação' como uma banalização da imagem das mulheres, ou seja, como se a aparência das jovens importasse mais para a sociedade do que outros aspectos, como psicológicos, sociais e emocionais.

O termo 'novinha', colocado na narrativa de Leila, tem sido comumente utilizado como sinônimo de mulher jovem no Brasil que ganhou uma carga erótica influenciada pelas músicas do *funk* frequente em nossa sociedade, atribuindo principalmente à faixa etária vinculando à questão do corpo. Ao utilizar essa palavra, a estudante desvenda uma imagem midiática das jovens mulheres associada à ideia de uma juventude sexualizada que acaba fortalecendo e naturalizando o assédio que tem atingido um número cada vez maior nas mulheres jovens.

Maria também relaciona o ser jovem e mulher, para ela:

a gente tá construído a pessoa que nós somos no nosso profissional a nossa: vida enquanto adultos mesmo né (.) porque enquanto jovens estamos lutando pra ser alguém (.) nós somos dependentes dos nossos pais desde o momento que a gente nasce então jovens que a gente vai construindo essa emancipação deles e quando a gente é mulher fica tudo um pouco mais difícil porque a gente recebe muitas recusas no mercado de trabalho (.) salários ainda **infelizmente que é um absurdo** ainda são mais baixos então ser jovem e mulher ainda assim é uma luta (.) é uma revolução.

Assim como Bertha, Maria inicia a sua narrativa dizendo que a juventude é um momento de construção, sendo pessoal e profissional, de ‘emancipação’ dos responsáveis, de luta social e revolução, colocando posições que demarcam algumas dificuldades em ser essa jovem mulher.

Ser jovem para ela é uma construção pessoal e profissional, destaca em sua fala que, enquanto mulher jovem, a independência financeira se torna mais difícil devido às recusas no mercado de trabalho e aos baixos salários, o que pode estar relacionado à ideia da desigualdade que as mulheres sofrem no ambiente de trabalho.

Ela destaca a luta da juventude no processo de ‘emancipação’ dos pais para a vida adulta como fundamental, pois está ligada diretamente com o ato de não depender dos responsáveis, o que pode ser compreendido também como a ideia de transição, já que ‘enquanto jovens estamos lutando para ser alguém’, indo de encontro do pensamento compartilhado anteriormente por Bertha. A expressão ‘ser alguém’ pode estar relacionada à ideia de que o jovem é um vir a ser, compreendendo que faz parte de um processo em que procura a sua ‘emancipação’.

Em relação às vivências enquanto jovem e mulher, Pagu também destaca:

É:: a juventude (.) é a gente tenta fugir daquele estigma (.) daquele negócio de ser mulher (.) tem que casar (.) tem que ter suas coisas e como a gente tá nessa discussão, ser mulher jovem ainda é muito difícil, então a gente ainda tem muitas obrigações digamos assim né e (2) eu vivo isso. Eu sou uma mulher jovem, sou feminista e tô na universidade e só queria me formar que não queria casar que não queria ter nada disso e depois fui (2) num encontro assim (.) na verdade um desencontro comigo mesma. Hoje eu namoro um homem e via assim que ainda é algo muito difícil ser essa jovem que ainda pensa em mudar muita coisa (.) participar de muita coisa (.) mas já tem ali uma questão da família puxando “olha tu tem que ter uma família” (.) “tu tá ficando mais velha” e eu só tenho vinte e dois anos e “tu já tá ficando mais velha quando é que tu vai ter um filho” (.) “tá na hora de ter um filho” e eu não me vejo tendo filhos e até dentro da academia e até mesmo dentro dos movimentos feministas tem mulheres que falam, “como assim tu não quer ter filho é um

absurdo isso tu não querer ter filho”, “como tu vai viver sem um filho?” (.) Então a juventude carrega tudo isso (.) “tu vai ficar mais velha” (.) “tu não vai ter um filho” (.) “tu não vai ter quem cuide de ti” (.) “tu tá focando muito nas coisas de ter sucesso de ter tuas coisas ter teus títulos de se formar e não tá focando na tua família”. Então ainda tá muito nesse negócio de que a mulher é obrigada a ter família e filho.

Refletindo sobre suas experiências, Pagu refere-se à cobrança social que se mistura aos padrões de ser uma mulher jovem, como: ‘casar’, ‘ter filhos’ e ‘ter uma família’, ficando evidente, em sua narrativa, obrigações passadas de geração a geração.

Pagu deixa claro que se reconhece enquanto mulher, jovem e feminista e evidencia as cobranças sociais que perpassam essa condição, como ‘olha tu tem que ter uma família’ e ‘tá na hora de ter filho’. Essas frases refletem a visão de que os estudos e a carreira devem ficar em segundo plano, o que pode nos revelar que socialmente o sucesso das mulheres jovens está ligado à constituição de uma família ligada diretamente com a construção social do ser mulher, como evidenciado em sua narrativa e o que foge desse parâmetro acaba sendo questionado.

Nas expressões ‘a juventude carrega tudo isso’ e ‘a mulher é obrigada’ se entrelaçam a percepção de que ser uma mulher jovem possui cobranças sociais e obrigações geracionais repassadas às mulheres jovens na contemporaneidade. A palavra ‘carregar’ remete a algo pesado, dando a ideia de pressão, atribuindo uma responsabilidade à juventude.

As falas ‘não tá focando na tua família’ e ‘a mulher é obrigada a ter família e filho’, pode ser compreendida como um processo educacional familiar pautado na transmissão das responsabilidades de um mundo adulto que coloca as mulheres jovens no patamar do privado e não do público que em gerações passadas é compreendido como uma constituição da vida em sociedade que, por vezes, remete ao sucesso das mulheres jovens, a vida familiar.

6.3 Ser feminista

No intuito de compreender a visão de mundo das estudantes a partir do lugar em que estão inseridas, foram delineados seus primeiros posicionamentos em relação ao feminismo. Para isso, foi perguntado às jovens o que significa para elas

ser feminista. A partir desse posicionamento, as estudantes refletiram sobre vários aspectos, onde pudemos identificar duas posições. A primeira inicia com Leila:

ser feminista é tu saber (.) tu enxergar as opressões que tu sofre e enxergar as mulheres porque você não pode olhar só pra si (.) tem que entender que você é oprimida e tem gente (.) mulheres que são mais oprimidas que você que você precisa se unir que você precisa apoiar porque é (.) como diz (.) a gente só é livre mesmo quando todas as outras forem livres então (.) por exemplo as mulheres que são brancas e ricas e tal (.) sofrem com o machismo mas sofrem muito menos (.) então elas não podem pensar porque tá melhorando pra elas; como por exemplo o feminicídio que elas estão (.) que o gênero tá liberto, se elas fecharem os olhos para as mulheres negras então (2) você tem que ter sororidade (.) tem que olhar pra outra tem que ajuda-la (.) tem que entender que nós somos diferentes; nós mulheres não somos iguais (.) somos diferentes e os nossos marcadores sociais eles possibilitam os privilégios e abraçar quem não tá sendo privilegiado.

A estudante fala sobre como percebe a vida após se reconhecer feminista e utiliza posicionamentos que perpassam principalmente a percepção das opressões e a compreensão dos marcadores sociais entre as mulheres, sendo sempre explicativa a respeito do seu reconhecimento enquanto feminista.

Nota-se que sua fala é dividida em dois aspectos: ‘enxergar as opressões’ e ‘enxergar as mulheres’. Na perspectiva das opressões, Leila compreende que se reconhecer enquanto feminista modifica o seu olhar em relação aos comportamentos sociais o que a faz perceber principalmente as desigualdades, violências e opressões que sofreu durante a vida, construindo-se como um ser social e político que passa a perceber as diferenças, enxergando as mulheres socialmente.

A estudante observa que as mulheres são diferentes e que existem ‘marcadores sociais’ e por isso algumas possuem ‘privilégios’ que estão relacionados com a classe, cor/raça e sexualidade. Compreender que existem marcadores sociais e se perceber em uma condição privilegiada pode estar relacionado com o processo educacional em que passa a ter a partir do conhecimento feminista, pois está ligado diretamente com a compreensão da história e da diversidade de mulheres na sociedade.

Para demonstrar sua percepção sobre os marcadores sociais, ela parte da perspectiva dos dados sobre o feminicídio divulgado pelo mapa da violência (2015) em que aborda a diminuição dos casos de feminicídio entre ‘mulheres brancas e ricas’ e o aumento entre as ‘mulheres negras’, por isso, umas podem ser mais

oprimidas que outras, como situa na narrativa. Essa opressão que as mulheres sofrem socialmente está vinculada diretamente ao processo histórico, social e educacional em que estamos imersos, pois a educação ainda reproduz a ideia das mulheres como um segundo sexo.

Por meio de um processo educativo humanizado pautado pelos feminismos, Leila percebe as singularidades entre as mulheres e destaca a ‘sororidade’ como sendo fundamental para acolher, unir e ajudar as mulheres na construção de uma educação para a liberdade, pois de acordo com ela ‘a gente só é livre mesmo quando todas as outras forem livres’, sendo fundamental na desconstrução das opressões naturalizadas socialmente.

Para Eneida:

quando a gente se entende como feminista (.) a gente usa um óculos que ele é irremovível que (.) a gente nunca mais consegue tirar o óculos (.) porque a gente só enxerga sobre essa perspectiva feminista.

Eneida foi a estudante que menos desenvolveu a sua narrativa, pois em cada temática estava impactada emocionalmente. Na sua fala sobre o que significa ser feminista, ela perpassa a mudança de visão de mundo que o reconhecimento como feminista trouxe, utilizando a expressão ‘a gente usa um óculos que ele é irremovível’. A metáfora dos óculos nos remete a uma compreensão de acordo com o seu significado, uma vez que corrige a visão e as imperfeições na forma de ver as coisas ao seu redor, nesse caso, atribuindo a como passou a enxergar a sociedade.

Essa expressão nos remete a uma nova forma de ver a vida através da compreensão de mundo construída com base em uma ‘perspectiva feminista’. Pode-se compreender que a ‘perspectiva feminista’ está relacionada com a sua percepção enquanto mulher e das opressões que passam a ser visíveis, em uma sociedade estruturada nos moldes do patriarcado que sofre com o machismo e as diversas violências. Podemos entender que o seu processo de reconhecimento perpassa uma educação feminista dando suporte para enxergar o mundo por outro viés.

Em seu modo de ver, Clarice afirma:

Olha eu vejo o feminismo como um movimento político assim é (.) apesar de que as pessoas falam que não precisa você militar pra ser feminista não precisa militar dentro de um coletivo e tudo (.) só que assim eu vejo o feminismo por esse lado assim de um movimento político que é um coletivo né (.) um movimento político que tem as

suas ideologias e:: eu vejo também o feminismo no cotidiano como uma mulher não precisa estar em um movimento pra poder ser feminista as vezes nas nossas atitudes a gente demonstra (.) por exemplo a minha mãe ela pode ser considerada feminista mesmo sem saber (.) porque tipo ela teve um força muito grande em se separar do meu pai e tudo e ela me criou sozinha praticamente (.) e ela diz assim que não tem vontade de casar, porque ela passou por um casamento muito difícil por questões inclusive envolvendo o machismo e ela nunca mais deixou isso é (.) se impor nela essas questões do machismo; do patriarcado.

Clarice fala sobre ser feminista a partir do feminismo enquanto 'coletivo', 'movimento político' e também do 'feminismo no cotidiano' que não está vinculada a uma militância, mas a posição no mundo. Dá como exemplo a trajetória da mãe, que tem atitudes feministas, mas não é uma militante.

Pode-se dizer que, para ela, ser feminista perpassa dois âmbitos: do feminismo através do movimento político-social que possui um coletivo com ideologias que necessita de um estudo para o fortalecimento e a construção de uma educação feminista, e também do feminismo como experiência de vida em que mulheres não precisam estar de fato em um coletivo para terem posições feministas e que pode principalmente estar relacionado com as atitudes tomadas diariamente. Porém, ela segue a narrativa e aborda outra posição sobre ser feminista:

então assim mas, eu me considero feminista também pelo movimento daqui do campus (.) do mulheres UEPA porque eu (.) acho que assim não todas porque não é uma obrigação de todas as mulheres (.) mas eu acho que quando você tem noção das coisas e você pode fazer algo por que não né? Tipo quando eu descobri aqui o feminismo eu queria ler mais sobre aquilo aprender mais (.) mas eu queria também levar pra outras mulheres (.) as meninas daqui da universidade por exemplo já que por enquanto eu não posso levar pra fora; eu não consigo na verdade, (.) então como eu tive oportunidade de falar pra outras mulheres eu=eu quis participar do movimento (.) algumas meninas ficam só assistindo e se descobrindo mas elas não=não participam ativamente do movimento daqui mas ser feminista pra mim é isso é não só me descobrir é empoderada mas poder ajudar outras mulheres que inclusive as vezes passam por situações piores do que a minha que sou branca e tudo (.) então; eu acho que quando eu tenho noção de tudo o que eu tô aprendendo eu acho que é uma responsabilidade minha fazer com que chegue a outras mulheres, então ser feminista pra mim é fazer como se fosse uma ponte a outras mulheres que a gente possa levar a visão de que elas=elas não são inferiores a ninguém entendeu.

Clarice aborda a importância que a universidade teve para que ela entendesse o feminismo, do ponto de vista da teoria e militância, evidenciando a sua aprendizagem, o desenvolvimento do sentimento de sororidade e de empatia por

outras mulheres, uma semelhança entre o seu pensamento e de Leila quando se trata de compreender as mulheres e suas histórias na sociedade.

Segundo Clarice, o movimento feminista da universidade foi importante na sua construção como feminista. A frase ‘quando eu descobri aqui o feminismo eu queria ler mais sobre aquilo aprender mais’ revela que na universidade inicia seu processo formativo. Ao citar ‘ler mais’, ‘aprender mais’ demonstra a importância desse contato para pautar a empatia e a solidariedade a outras mulheres. À medida que entendia a posição das mulheres, seu foco começou a ser repassar os conhecimentos que estava adquirindo.

Para ela, ser feminista vai além de se ‘empoderar’, se descobrir na sociedade e ter um processo individual de aprendizagem, mas sim ajudar outras mulheres que podem passar por situações como ela menciona ‘piores’ por ser uma ‘mulher branca’. Essa afirmação que Clarice faz, ao se reconhecer como mulher branca, nos permite entender a sua compreensão sobre cor/raça que são marcadores essenciais na luta das mulheres e a percepção de que está em posição de vantagem o que a põe em lugar de ‘responsabilidade’ com as outras e está ligada à educação construída com o feminismo.

A estudante aponta a responsabilidade que tem em repassar o conhecimento que tem adquirido no movimento feminista a todas as mulheres por meio de uma educação pautada na união e na liberdade. Ela se intitula como uma ‘ponte’ para quebrar os estereótipos de inferioridade, relacionados a sua condição de mulher, propagados por séculos na sociedade e poder auxiliar na construção de uma nova visão de mundo igualitário. A palavra ponte expressada por ela, remete a ideia de algo, ou uma estrutura que liga dois pontos, ou seja, uma forma de se ligar a outras mulheres para que possam receber e construir uma nova visão de mundo.

A partir das vivências que teve no movimento feminista, Clarice continua:

tem mulheres que não gostam de se chamar de feministas, porque elas acham que é tipo um movimento muito radical digamos assim; apesar de ter uma vertente que é radical e não tem nada a ver com ser agressivo e tudo mais, mas tipo eu nunca tive problema com isso de eu conhecer o feminismo **a primeira coisa que eu fiz foi me identificar feminista** então pra mim foi algo que abriu muito os meus olhos, como eu disse a gente acaba enxergando coisas que a gente visualizava antes e via como normal e hoje em dia não, então pra mim **me descobrir feminista foi uma das melhores coisas que eu aprendi aqui na universidade.**

A estudante comenta sobre o pensamento de algumas mulheres em relação a ser feminista, percebendo que há uma distorção e/ou um equívoco no seu significado e que ela, pelo contrário, gosta de se nomear assim 'nunca tive problema com isso' e complementa que se descobrir feminista foi uma das melhores coisas que aprendeu na universidade.

De acordo com Clarice, algumas meninas fazem confusão com o sentido que atribuem ao feminismo, comparando-o a uma vertente do movimento intitulada como radical, o que não é esse o caso, como demonstra em sua fala. Para ela, se identificar feminista foi natural e a universidade teve um importante papel, já que foi a partir do movimento feminista, enquanto coletivo estruturado dentro do campus, que ela passou a enxergar a vida de outra forma, pois 'foi algo que abriu os meus olhos', 'a gente visualizava antes e via como normal', o que passou a compreender em uma perspectiva diferente, como mencionado anteriormente. Sua fala sobre a importância que a universidade tem no seu processo de construção de uma educação feminista nos revela que a universidade é mais do que a sala de aula e os conhecimentos adquiridos no curso de graduação, que o ambiente acadêmico pode ser pensado nos seus vários espaços para construir, divulgar e legitimar o conhecimento e as pautas atribuídas pela militância.

Pagu compartilha de algumas posições atribuídas por Clarice, segundo ela:

o feminismo está presente em algumas coisas durante a nossa vida (.) só que por a gente tá em uma sociedade tão=tão machista que a gente não consegue perceber algumas atitudes e reconhecê-las como atitudes feministas (.) então na minha casa é maioria mulher e elas são feministas (.) têm atitudes feministas (.) mas não se consideram [...] enquanto eu puder ser essa feminista que fala pra essas outras mulheres que ainda não se reconhecem feministas e que ainda não sabem o que é o feminismo (.) o quanto ele é necessário (.) eu vou tá sempre na luta e vou ter sempre coragem de dizer que eu sou feminista.

Para ela, o feminismo está presente no cotidiano, contudo, por causa do machismo na sociedade, é difícil reconhecer algumas atitudes como sendo feministas. Pagu frisa que se reconhece como feminista e se posiciona a respeito de um feminismo cotidiano a partir da sua construção familiar como sendo 'maioria' de mulheres e que possuem atitudes feministas, assim como também apontou Clarice.

Pagu coloca como exemplo a sua experiência familiar, composta em sua maioria por mulheres, as quais possuem atitudes feministas, porém não se

identificam como uma. Esse não reconhecimento atribuído por ela pode revelar a falta de conhecimento a respeito do que é o feminismo por parte dos seus familiares, o que a faz lutar contra o desconhecimento que existe sobre o feminismo e principalmente a negação dele e talvez por isso o seu posicionamento em dizer para outras mulheres sobre o que vem a ser o feminismo e de como ela o considera necessário, pois 'eu vou ter sempre coragem de dizer que eu sou feminista', tornando uma das suas principais lutas.

Uma segunda posição pode ser identificada com Dandara:

Significa muita luta (2) diária assim, não é glamour e nem status é um negócio que a gente leva muita pedrada né às vezes até dentro de casa mesmo mas principalmente lutar pelas mulheres (.) pela vida das mulheres e pela minha própria vida enquanto mulher.

Dandara faz uma reflexão sobre o significado de ser feminista e pauta a sua fala na ideia de luta. Ela diz que ser feminista não é um 'glamour', e nem 'status' e que 'leva muita pedrada' e, sobretudo, é estar em uma luta diária por suas vidas. Se intitular e se posicionar enquanto feminista ainda é interpretado de maneira equivocada e que muitas vezes não é visto como algo bom pela sociedade e até mesmo 'dentro de casa', como apontado por ela.

Isso nos remete a um estereótipo envolvendo a imagem das feministas que tem sido propagado por gerações. A sua fala, apesar de não ter sido longa, identifica o feminismo principalmente como 'luta' pela vida das mulheres e pela sua própria vida, o que pode ser compreendido também pela discriminação de cor/raça que sofre ao ser uma mulher negra e o reconhecimento de que estas são mais vulneráveis. Indo ao encontro de Dandara, Maria se posiciona como:

Eu acho que é:: resistência sabe, eu acho que é o feminismo que faz com que exista é mulheres fortes sabe (.) mulheres guerreiras que fazem a gente ser o que nós somos hoje porque foi graças ao feminismo que a gente usa calça (.) é graças ao feminismo que a gente consegue usar calça **é graças ao feminismo também** que eu consigo contar para os meus pais que eu namoro uma moça sabe que eu sou bissexual (.) então é ele que dá forças pra gente vê além do que é imposto pra gente sabe (.) que mulher vai ter que casar (.) vai ter que ter filhos então o feminismo pra mim **é a revolução** porque tu vai contra tudo aquilo que sempre foi imposto pra ti sabe (.) é a inquietação.

Para Maria, ser feminista é 'resistência', '**revolução**' e 'inquietação'. Ela percebe as imposições sociais atribuídas às mulheres e compreende que houve

conquistas básicas por meio da luta das mulheres, como o uso da ‘calça’ e contar para os pais a respeito da sua orientação sexual.

Nota-se que ao se referir sobre o que é ser feminista, a estudante utiliza inicialmente o termo ‘resistência’ que embasa toda a sua narrativa e perpassa a ideia de força ao se referir às mulheres. Ela cita o fato de poder ‘usar calça’ devido ao feminismo, atribuindo à ideia de uma conquista que só foi possível devido à luta das mulheres, assim como a liberdade de poder contar aos pais que namora ‘uma moça’. De acordo com Maria, foi o feminismo que a fez enxergar as opressões e as imposições sociais impostas às mulheres, como ‘casar’ e ‘ter filhos’. Essas imposições fazem parte de uma educação voltada a um modelo de mulher para viver no âmbito do privado e que perpetua a ideia de cuidadora. Por compreender e ir contra isso, ela utiliza o feminismo como uma ‘revolução’, pois vai de contra todos os padrões estabelecidos.

Para a estudante Bertha:

eu digo que o feminismo me libertou (.) porque:: parece que eu tava presa nas correntes do patriarcado sabe e eu não ia sair de lá (2) se dependesse de homens da=da mulher tradicional eu não ia sair (.) o que me fez sair foi (.) a internet foi o meio que eu entrei (.) foi minhas professoras foi o movimento estudantil (.) foi o movimento feminista (.) foi o movimento de rua da Terra-Firme; lá (.) eu percebia que tinha condições, nós mulheres condições de estar a frente e é ali que eu vou ficar entendeu aonde eu estiver eu vou tá a frente das minhas coisas (.) ia o feminismo pra mim é libertação (.) libertação da mulher perante a sociedade patriarcal (.) porque a partir do momento que ela se entende como feminista ou se entende enquanto=quanto mulher ela percebe todas=todas as opressões que ela sofre e todos os tipos possíveis de violência que ela sofre e ela percebe que resistir nessa sociedade é uma luta diária [...] com o feminismo eu floresci @2@; é (.) minha liberdade (.) minha liberdade de me vestir como quiser (.) liberdade de ser quem eu quero e de amar quem eu quiser também entendeu.

Bertha também compartilha da ideia de que o feminismo mudou sua vida, quando reflete sobre a sua inserção no movimento feminista atribuindo a liberdade que começou a ter na sua vida e ao próprio reconhecimento que passou a ter sobre as opressões e violências vivenciadas. A frase ‘o feminismo me libertou’ revela a ideia de que antes de se reconhecer feminista parecia estar presa ‘nas correntes do patriarcado’, envolvida pelos padrões e determinações sociais impostas por esse sistema e que foi por meio do movimento que conseguiu exercer as suas vontades.

Segundo Bertha, se entender enquanto feminista é também se reconhecer como mulher na sociedade e poder compreender e perceber sobre as opressões e as violências enfrentadas, para resistir socialmente, se tornando uma 'luta diária' pela liberdade. A sua compreensão do feminismo perpassa a liberdade, 'o feminismo pra mim é libertação' e 'minha liberdade', pois pode ser quem quiser, atribuindo ao conhecimento que adquiriu ao participar de vários movimentos como o movimento estudantil, o movimento feminista e o movimento de rua do bairro em que mora, pois a partir deles passou a se conhecer e se posicionar como mulher na sociedade.

A sua construção a partir dos movimentos remete a uma educação para transformação, como se nota quando diz que 'com o feminismo eu floresci', o que possibilitou seu reconhecimento enquanto mulher e feminista, perpassando também as informações obtidas pela internet, o que tem sido importante para as novas gerações devido ao grande número de conhecimentos que são divulgados instantaneamente e disponibilizados nas redes sociais. Ela indica as professoras, como um exemplo a ser seguido e ao movimento estudantil pelo caráter de militância e de luta pelos direitos que o mesmo possui.

6.4 Análise das posições

Entre as entrevistadas podemos notar uma análise crítica que ressalta sua compreensão sobre ser mulher por meio de processos educativos que surgem em suas narrativas, apresentadas no item '*Ser Mulher*'. Por meio dos significados que emergiram nas narrativas identificamos sentidos a respeito do que para elas significa '*ser mulher*', '*ser jovem*' e '*ser feminista*' que demarcam posições e possibilitam compreender suas trajetórias.

Em relação à '*ser mulher*' na sociedade contemporânea, surgiram duas posições: a primeira que nomeamos como '*ser mulher é base e força*', representada por Pagu, Bertha, Dandara e Clarice. E a segunda como '*ser mulher é resistência e revolução*', representada por Leila e Maria.

Na sociedade contemporânea, ser mulher é estar diante de responsabilidades que conjugam papéis tradicionais e modernos sobre o lugar social que a mulher ocupa. Como apontado por Fraser (2007), se reconhecer enquanto mulher está para além de uma identidade, implica em uma contestação política e um novo

entendimento sobre as diferenças e os marcadores de opressão que estão colocados no processo de reconhecimento que foram abordados pelas estudantes.

Reconhecer-se enquanto mulher envolve assumir posições que vão para além de um modelo hegemônico e patriarcal que as invisibiliza e as submete a um segundo sexo, que se posiciona como sujeitos de direitos e reclamam participação política e social, assim como pontua Fraser (2007), já que o reconhecimento depende da formação de uma autoconsciência.

A primeira posição: *'ser mulher é base e força'*, está vinculada a uma educação familiar pautada em ideias de liberdade e igualdade que passa a reconhecer a educação machista presente nas esferas sociais e vai contra os modelos estabelecidos, questionando o sistema patriarcal imposto, conforme explica Saffioti (2015), na vida das mulheres e que as submete, uma vez que, identifica o macho como detentor do poder.

Por meio dos sentidos que emergiram durante as falas de que ser mulher é: ser *'forte'*, é *'base'*, é *'bem complicado'* e é *'carregar'*, tem-se uma posição que se pauta na condição das mulheres por meio de uma educação familiar sobre a relação entre homens e mulheres e os estereótipos de gênero demarcados na sociedade que acabam sendo revelados nesse processo de reconhecimento que constitui e marca a trajetória das jovens.

Já com a demarcação dos sentidos de que ser mulher é *'resistência'*, *'revolução'* e *'luta'*, tem-se a segunda posição a qual nomeamos ser mulher é *'resistência e revolução'* que perpassa uma educação que resiste à submissão e ao papel de inferioridade ligado às mulheres. A naturalização da mulher, como ser inferior na sociedade pautada pelas estudantes pode ser observada por Scott (1995) e na perspectiva em que o feminismo avança em suas várias "ondas" e passa a ser confrontado por meio de processos educacionais vivenciados por cada uma atribuindo a uma mentalidade feminista revelando a construção de uma educação através do feminismo.

As posições das estudantes demonstram que são conscientes do lugar que ocupam enquanto mulher na sociedade, identificando as violências e os preconceitos causados pelo machismo e resgatam a história das mulheres para questionar e pautar as lutas que o movimento feminista vem travando durante muitos anos, como mostra Costa e Sanderberg (2008). Por meio das narrativas, percebe-se a importância que pautam a respeito de uma mudança da sociedade em

relação à forma que continua sendo estruturada, remetendo a um processo de reeducação e de ruptura com a perspectiva de submissão das mulheres e dominação dos homens.

Sobre ser jovem apresentado no item '*Ser Jovem*', as narrativas perpassam principalmente pela potencialidade de transformação, considerando que estão em constante construção e que contestam posicionamentos de gerações anteriores. Por meio das suas visões de mundo identificamos duas posições: uma que associa o jovem à '*transformação social*' e outra que associa os conceitos de '*jovem e mulher*' como sujeitos sociais e históricos.

Pode-se dizer que as compreensões apresentadas sobre ser jovem ocorrem a partir de um processo educativo formal e informal, sendo a definição de juventude uma construção histórica e social que situa as especificidades de classe, de raça, de cultura e de gênero, como aborda Weller (2005) e que foi apresentada pelas estudantes.

A primeira posição em que ser jovem está ligada a '*transformação social*' é representada por Bertha, Dandara e Eneida que utilizam expressões as quais coadunam com o sentido de que ser jovem '*é um ser em potencial*' e '*é um por vir*', o qual pode '*construir uma outra sociedade*' e '*modificar o meio*', sendo visto também como uma fase de preparação para a vida adulta através da emancipação dos pais, apontando para o futuro, o que vai de encontro ao conceito da juventude como fase de vida. Contudo, pode-se inferir outro lado abordado no termo manifestado por Dandara que nos chamou atenção, sendo exposto como uma '*juventude conservadora*' que tem sido evidenciada através de um viés de comportamento político que reserva aspectos de gerações passadas de forma tradicional. Essa perspectiva da juventude, de acordo com Bassalo (2012), está atrelada a uma fase de vida e acaba sendo influenciada por uma visão adultocêntrica, uma vez que, coloca os jovens como seres de segunda ordem na sociedade.

A segunda posição denominada de '*ser 'jovem e mulher*' é representada por Leila, Maria e Pagu. As estudantes discordam de discursos que as homogeneiza e compreendem que são sujeitos sociais e que, por serem mulheres, possuem particularidades e durante as narrativas relacionam a juventude e o ser mulher por meio dos papéis sociais atribuídos, ou seja, o que a sociedade espera das mulheres em sua juventude.

‘*Ser jovem e mulher*’ caracteriza dois marcadores que, de acordo com as estudantes, interferem na forma que são vistas pela sociedade, envolvendo a juventude enquanto sujeitos sociais e históricos que perpassa o marcador de gênero, fazendo críticas ao machismo e aos estereótipos que envolvem a mulher jovem e as responsabilidades que acabam sendo colocadas a elas. É interessante observar a expressão ‘*novinha*’ que surgiu nas narrativas, a qual pontua a questão do corpo da mulher, chama atenção para a sexualização e erotização que tem sido atribuída às jovens socialmente.

A interseccionalidade apresentada na posição que atrela a juventude e a mulher, compreende as particularidades entre o marcador de gênero e geração que reconhece as diferenças e as opressões que giram em torno especificamente das mulheres jovens, como pontua Pocahy (2008). Demarcar isso por meio das experiências e visões de mundo das estudantes é reconhecer o lugar que ocupam na sociedade por meio de um processo de consciência sobre quem são que fica evidente em suas narrativas.

Sobre ser feminista, apresentada no item ‘*Ser Feminista*’, as narrativas perpassam o movimento de se reconhecer de forma política e social no mundo enquanto mulheres que se posicionam politicamente e questionam os papéis sociais atribuídos. Nesse processo de reconhecimento feminista das estudantes e sua compreensão no mundo, ficou evidente a percepção das opressões que sofreram e que sofrem depois de se posicionarem como feministas.

Nas falas das estudantes surgiram posições que se encontram na luta por uma sociedade mais igualitária e que perpassa a ideia de que as mulheres possam ser reconhecidas nas suas singularidades. Por meio de expressões como: ‘*entender que você é oprimida*’, ‘*ter sororidade*’, ‘*uma ponte a outras mulheres*’, ‘*pela vida das mulheres*’, ‘*libertação*’ e ‘*floresci*’ marcam a semelhança entre sentidos atribuídos pelas participantes que se reconhecem como feministas por determinadas razões, umas mais cedo que outras.

Sendo assim, foram identificadas duas posições: a primeira denominamos como ‘*feminismo é libertação*’ representada por Leila, Eneida, Clarice e Pagu, a segunda chamamos de ‘*enxergar as mulheres*’ representada por Dandara, Maria, e Bertha. Contudo, a forte influência do machismo pode revelar uma dificuldade de reconhecimento feminista demonstrado em algumas narrativas, o qual pode se dar

através de um processo educativo que ainda tem como base o masculino e que está colocado de forma naturalizada na sociedade.

A primeira posição, chamada de *'feminismo é libertação'*, pontua um reconhecimento que se pauta inicialmente na percepção das violências e opressões que foram descortinadas de acordo com o processo educativo que era construído, principalmente nos grupos feministas, demonstrando a percepção sobre os marcadores sociais para a compreensão de que algumas mulheres são mais oprimidas que outras, o que nos remete à interseccionalidade dentro do movimento feminista que percebe as mulheres em suas particularidades seja de classe, raça/cor e orientação sexual.

A segunda posição, *'enxergar as mulheres'*, denota o envolvimento que as estudantes passaram a ter por meio da sororidade e do sentimento de irmandade, combatendo a rivalidade feminina propagada e incentivada socialmente. Perceber as mulheres ao redor, como sujeitos de direitos que também são oprimidas, é fruto de um processo educacional que se fundamenta em uma perspectiva feminista.

O feminismo questiona a naturalidade em que as mulheres continuam sendo vistas como seres inferiores e as estudantes, por meio do processo de reconhecimento, passam a reivindicar um lugar na sociedade por meio da luta por transformações nas relações humanas e na ruptura da história de submissão que ainda vêm sendo propagadas às mulheres e assim, descobrir e revelar as suas potencialidades (COSTA; SANDERBERG, 2008).

Através das posições que surgiram nas narrativas, têm-se modelos de orientações identificados pelas aproximações de sentidos atribuídos pelas estudantes em torno do reconhecimento em ser mulher, jovem e feminista. Identificamos como modelo de orientação desta seção a *'Educação de mulheres'* que perpassa a construção desse reconhecimento por meio de um processo educacional familiar e social.

O processo de educação de mulheres em uma perspectiva familiar confronta a educação social, uma vez que através dos exemplos das mães baseados nas ideias de força e liberdade desconstrói os estereótipos que são atribuídos pelo sistema social que ainda mantém as desigualdades entre homens e mulheres, atribuindo aos homens lugares de poder e às mulheres o de submissão.

VII A UNIVERSIDADE SOB O OLHAR FEMINISTA

Esta seção objetiva fazer uma reflexão a partir das vivências das jovens feministas no universo que permeia a universidade envolvendo as suas experiências pessoais e acadêmicas a respeito de como se iniciou o processo de encontro com o feminismo e com a militância, o olhar que passaram a ter em relação às diversas situações no ambiente acadêmico e os relatos de violências contra as mulheres que ocorreram na universidade e passaram a fazer parte da história dessas estudantes, construindo as suas visões de mundo em uma perspectiva feminista.

7.1 Encontros e desencontros

A partir do momento em que as jovens universitárias se reconhecem feministas, passam a ter uma visão de mundo pautada em um posicionamento político e social em relação a ser mulher na sociedade, como revelado por elas na seção anterior. Sendo assim, este tópico aborda o momento em que começaram a conhecer o feminismo e adentrar nos espaços de discussão das relações de gênero. Para isso, foi perguntado às estudantes como se iniciou esse processo de conhecimento e encontro com o feminismo.

Podemos apontar como primeira posição a desenvolvida por Bertha, vejamos:

É (.) eu já conhecia em::: 2011 pela internet eu acho (.) aí quando eu entrei na universidade que eu passei a participar (.) a ter atividades a construir atividade mesmo com as meninas iai (.) eu conheci o JUNTAS (.) conheci:: outros coletivos de outros partidos iai (.) tinha muitas atividades assim o tempo todo (.) aí a questão do machismo a questão do assédio várias questões (.) só que eu nunca podia participar porque eu sempre trabalhava (3) iai (.) eu sempre falo que o ponto crucial da minha vida foi quando é:: aconteceu a chacina⁴⁰ na Terra-Firme em 2014 em novembro (.) eu só vivia trabalhando passava o dia trabalhando e ia pra=pra aula, então eu não vivia a universidade (.) iai (2) quando eu=eu (.) aconteceu a chacina eu parei sabe falei “égua (.) não vou ficar calada (.) não vou ficar só trabalhando (.) só me consumindo e tal eu vou dar um jeito”; aí foi que eu parei (.) aí foi que eu entrei pra militância de uma forma mais efetiva entendeu.

A fala de Bertha nos remete à importância que a universidade teve na sua trajetória e na construção do seu reconhecimento como feminista, pois foi por meio

⁴⁰ Crime de homicídio que ocorreu em novembro de 2014 em bairros periféricos na capital, Belém. Ver notícia em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/11/chacina-em-belem-completa-1-ano-e-crimes-permanecem-sem-solucao.html>>.

desse espaço formativo que ela pode vivenciar situações que a fez questionar o seu papel na sociedade e no local em que está inserida. A estudante diz que conheceu o feminismo inicialmente pela internet, contudo, foi após a sua entrada na universidade que passou a conhecer de forma mais específica, ‘quando eu entrei na universidade que eu passei a participar (.) a ter atividades a construir atividade mesmo com as meninas’ relacionadas ao machismo e ao assédio. A partir dos contatos na universidade conheceu outros grupos, porém relata a sua entrada no feminismo de forma mais efetiva através de um episódio de violência ocorrido no bairro em que reside.

Observa-se que, para que ela pudesse viver a universidade de uma forma mais ampla, para além da sala de aula, como situação impulsionadora ela atribui a um acontecimento de violência no bairro em que mora, no ano de 2014, ‘égua (.) não vou ficar calada (.) não vou ficar só trabalhando (.) só me consumindo e tal eu vou dar um jeito’, sendo um momento de reflexão sobre a realidade na qual está inserida e a partir disso foi que entrou ‘pra militância de uma forma mais efetiva’ participando dos partidos, coletivos e grupos de juventude e feminista.

Como mencionado na seção anterior, esses espaços de militância e de debates se tornam importantes para a construção de uma educação e percepção de vida baseada no olhar crítico para a sociedade. Por meio das suas experiências, ela continua a narrativa:

[...] eu comecei a perceber que eu reproduzia o machismo que:: os meus amigos eram machistas que meu pai era machista e isso eu já percebia né porque eu convivo com ele e:: pra mim eu comecei a entender o feminismo quando eu falei pro meu pai que eu não queria mais que ele batesse na minha mãe que eu não queria mais que ele me ameaçasse sabe de me bater de ficar esse joguinho e que eu ia denunciar ele (.) porque eu não ia ser obrigada sabe iai foi que eu comecei a entender que o feminismo era isso (.) era:: resistir nessa sociedade que te diz que o homem é o centro da casa (.) iai:: começou sabe aí veio a primavera feminista em novembro de 2014 aí teve várias coisas vários movimentos pelo “fora Cunha” legalização do aborto é (3) aqui também fazendo atividade contra o machismo o assédio sexual (.) assédio por parte dos homens que trabalham aqui iai eu comecei a ver o feminismo de uma outra forma sabe; eu via que as pessoas passavam de uma forma pejorativa o feminismo e hoje em dia eu vejo que é outra coisa entendeu (.) que na verdade não é que a gente tem que fugir do padrão (.) não é isso (.) a gente tem que ter condição de dizer “não (.) eu quero isso pra mim”, pode ser=pode ser do jeito que quiser (.) no padrão (.) fora do padrão iai eu percebi.

Através do conhecimento adquirido na militância, passou a perceber a reprodução de comportamentos machistas. A sua percepção do machismo se deu através de um olhar mais crítico e sensível a respeito das pessoas que estavam ao seu redor, como o pai, os amigos, e a si mesma.

Neste trecho Bertha revela à percepção que passou a ter da expressão do machismo na sua vida, 'comecei a perceber que eu reproduzia o machismo que:: os meus amigos eram machistas que meu pai era machista', e na sociedade, por meio do conhecimento feminista adquirido nos grupos e coletivos. Bertha fala ainda sobre a visão equivocada que algumas pessoas passam a respeito do feminismo. Essa percepção inicial, por meio das situações de vida, nos remete à construção de uma visão de mundo que perpassa inicialmente a compreensão e o enfrentamento de forma individual, para ser posteriormente, social.

Na frase 'comecei a perceber que eu reproduzia o machismo' revela o momento que, por meio de um novo processo educacional pautado em uma perspectiva feminista, confronta atitudes e comportamentos machistas que possuía e posteriormente passa a identificar o episódio familiar como centralizador do seu reconhecimento pessoal e social como feminista 'eu comecei a entender o feminismo quando eu falei pro meu pai que eu não queria mais que ele batesse na minha mãe', 'que eu não queria mais que ele me ameaçasse sabe de me bater'.

Ao enfrentar o pai, ela compreende que o feminismo é 'resistir nessa sociedade que te diz que o homem é o centro da casa', uma vez que 'resistir' revela que com o feminismo ela passa a se opor às imposições sociais, reconhecendo os seus direitos, de modo a não sucumbir à ideia do 'homem é o centro', reiterando que a sociedade não deve ser pautada na imagem do homem como centro da casa, questionando os valores patriarcais estabelecidos.

A partir da compreensão do feminismo, por meio da percepção do machismo que reproduzia e da ideia de que é resistir na sociedade, observa-se a passagem que faz em sua narrativa de uma visão de mundo que perpassa o pessoal para o social, pois pontua diversos movimentos organizados pelo feminismo como a 'primavera feminista, o 'fora Cunha' e a 'legalização do aborto'.

Por meio da militância, na participação das atividades, nos atos, na reivindicação nas ruas, ela fala sobre a visão que passou a ter do feminismo e que anteriormente havia sido repassado a ela de outra forma, 'as pessoas passavam de uma forma pejorativa o feminismo'.

A noção de ‘pejorativo’ apontado por ela remete a ideia de um discurso que desqualifica as demandas do feminismo e que muitas jovens possuem, o que pode estar ligado às várias manifestações que ocorreram na história, em que as mulheres feministas acabaram sendo identificadas como loucas por movimentarem a estrutura social estabelecida, a qual era baseada no poder do macho e acabaram fortemente reprimidas.

A narrativa de Dandara se assemelha à de Bertha, uma vez que elas pautam situações semelhantes em relação ao primeiro encontro com o feminismo:

O feminismo (.) o movimento feminista eu conheci pela internet, facebook né (.) conversando com as amigas (.) aquele momento que tu diz “ai eu sou feminista” @2@ mas participar de espaços não foi assim; eu conheci realmente pelo youtube assistindo vídeos e tudo mais iai seguia manas que eram feministas (.) que são feministas iai foi assim que essa discussão ela entrou né, mas principalmente por tu de fato perceber é:: por eu ter de fato percebido algumas situações bem escrotas em relacionamentos abusivos entende e daí é saber que de fato que tu não precisa disso e sobre aquela questão de tu ser mulher né ela não precisa ser passiva (.) eu não precisava ser passiva só porque a sociedade esperava isso (.) entende; e foi assim.

Para Dandara o contato inicial com o feminismo também foi por meio da internet, principalmente das redes sociais e na percepção de acontecimentos da sua vida, como em relacionamentos abusivos, que passaram a ser motivos de questionamentos. Assim como Bertha, a estudante relata que conheceu o feminismo através do *facebook* e do *youtube*, isso nos revela a importância que as redes sociais possuem na vida da juventude nos últimos anos. As jovens têm ficado cada vez mais conectadas, as informações chegam instantaneamente e tornam tudo mais próximo, o que tem sido responsável por caracterizar essa geração que se aproxima de uma militância internauta para posteriormente ir às ruas.

Conhecer o feminismo através da internet deu base para que ela percebesse as situações do seu cotidiano e se deparasse com ‘situações bem escrotas em relacionamentos abusivos’. De acordo com Dandara, o feminismo foi importante para que ela compreendesse a situação da mulher na sociedade, ‘eu não precisava ser passiva só porque a sociedade esperava isso’, a palavra passividade expressada por ela, remete à ideia de que o papel social da mulher está posto e que nada pode ser feito para alterá-lo, o que acaba sendo questionado em sua fala. Ela então associa a passividade ao desconhecimento do que seria um relacionamento

abusivo, achando, por exemplo, que o ciúme excessivo é prova de amor. A partir desse papel atribuído as mulheres, a estudante continua:

sempre questionei essa questão de ser submissa ou de ficar calada eu sempre questionei muito mas depois que eu me percebi feminista eu percebi a necessidade de ter base teórica pra falar sobre (.) de ter dados concretos pra falar de ter leituras e indicar e ter bases enfim (.) de ter leitura pra que eu pudesse refletir melhor essas opressões desde as micro opressões até o ápice da violência contra a mulher; então e, é uma construção que é diária né; tipo eu também não acredito que tenha a @carteirinha feminista né@, não acredito nisso mas eu acredito muito nessa necessidade da gente sempre tá estudando e se informando e marcando o nosso território né **enquanto mulheres feministas que somos.**

Dandara reflete sobre os questionamentos em relação à submissão das mulheres que tinha antes de se identificar feminista e que depois do seu reconhecimento passou a sentir ‘necessidade de ter base teórica pra falar sobre’.

Essa necessidade percebida por ela revela a importância que a formação teórica tem dentro dos movimentos feministas através de uma educação pautada na história das mulheres para a construção de posicionamentos e visões de mundo nas diversas pautas reivindicadas pelo feminismo, auxiliando também a percepção das mulheres em relação às opressões que passam ao longo da vida.

A educação que ocorre dentro dos movimentos feministas passa a ser o alicerce na construção do reconhecimento enquanto mulheres e feministas, entre risos ela exemplifica que não há uma ‘@carteirinha feminista@’, ou seja, não existe uma forma específica de se tornar feminista, sendo apontado pela estudante como ‘uma construção que é diária’ para o entendimento das reivindicações que são levantadas pelos movimentos de mulheres.

Clarice foi quem mais desenvolveu a narrativa sobre o seu encontro com o feminismo, ressaltando uma segunda posição. Para ela se iniciou da seguinte forma:

Eu conheci aqui no campus que eu entrei aqui em 2015 e até então a única coisa que eu tinha ouvido falar de feminismo é que=que ele (.) cresceu durante a ditadura aqui no Brasil, não=não cresceu mas ele se expôs bastante (.) mas eu achava que era só naquela época né (.) não ouvi falar na minha escola eu não ouvia falar por aí de jeito nenhum mas quando eu entrei aqui foi quando eu comecei a ler mais sobre (.) aí quando foi em 2016 que foi quando o movimento aqui se:: consolidou foi quando eu comecei a ler sobre o assunto iai eu procurei ler sobre o feminismo e eu me descobri feminista porque:: eu até então eu só via como um movimento distante; mas eu fui ler sobre os conceitos e tudo e foi uma coisa muito rápida pra eu entender aquilo sabe.

Para Clarice, o primeiro contato com o feminismo se iniciou a partir da sua entrada na universidade e principalmente com a consolidação do grupo feminista dentro do campus e a sua participação de forma efetiva. A estudante revela que possuía um entendimento superficial do movimento feminista e que foi na universidade que passou a conhecer de forma mais ampla, como expõe: ‘eu procurei ler sobre o feminismo e eu me descobri feminista’.

Ela fala sobre a ausência desse conhecimento em sua época escolar e diz que até então ‘via como um movimento distante’. Apenas com a sua participação dentro do grupo feminista da universidade e com os estudos sobre alguns conceitos que circundam os feminismos que disse ‘me descobri feminista’ e que ‘foi uma coisa muito rápida’, pois remete às ideias de como se deu a sua educação familiar. Clarice continua sua narrativa e fala que:

tipo assim tem mulheres que não gostam de se chamar de feministas, porque elas acham que é tipo um movimento muito radical digamos assim; apesar de ter uma vertente que é radical e não tem nada a ver com ser agressivo e tudo mais, mas tipo eu nunca tive problema com isso de eu conhecer o feminismo a **primeira coisa que eu fiz foi me identificar feminista** então pra mim foi algo que abriu muito os meus olhos, como eu disse a gente acaba enxergando coisas que a gente visualizava antes e via como normal e hoje em dia não, então pra mim **me descobrir feminista foi uma das melhores coisas que eu aprendi aqui na universidade** fora as coisas que aprendi do meu curso mesmo; então pra mim foi muito bom.

A estudante também aborda o feminismo através da confusão que existe sobre o seu significado, o que de acordo com ela faz com que muitas mulheres não queiram ser chamadas de feministas ‘porque elas acham que é tipo um movimento muito radical’. A partir da explicação de que existe ‘uma vertente que é radical e não tem nada a ver com ser agressivo’ ela enfatiza que a primeira coisa que fez quando conheceu o feminismo foi se ‘identificar feminista’ e que passou a enxergar a vida de outra forma, ‘coisas que a gente visualizava antes e via como normal e hoje em dia não’, revelando que passou a desnaturalizar algumas situações.

Quando diz com uma entonação mais forte que se ‘descobrir feminista foi uma das melhores coisas que eu aprendi aqui na universidade’, centraliza a universidade como local que proporciona novos conhecimentos, encontros e desencontros com ideias e posicionamentos que passam a ser construídos diariamente dentro e fora dos cursos de graduação.

Ela pontua que ainda existem preconceitos com o feminismo por parte de algumas mulheres, isso nos remete à desinformação que existe na sociedade sobre o movimento de mulheres e os estereótipos que são designados às feministas, acarretando por vezes no preconceito relacionado com a forma em que as mulheres são vistas socialmente. Nota-se a sua compreensão sobre o movimento feminista na explicação entre considera-lo radical e a vertente radical que existe. Sobre a falta de compreensão do feminismo na sociedade, ela continua:

e assim eu só queria deixar claro que pras pessoas que acabam vendo o feminismo como algo ameaçador (.) ruim entendeu, porque na minha vida só trouxe coisas boas (.) trouxe muitas coisas boas só aprendizado assim (.) então, **a minha vontade era fazer com que todas as pessoas conhecessem o feminismo de verdade como ele é (.) na essência** porque o que a gente vê é muita gente deturpando o que é o feminismo e outros movimentos também e assim (.) eu queria só:: se eu pudesse eu levava o feminismo pra todo mundo assim (.) e fazer com que as pessoas entendam o que é de fato entendeu (.) não só ficar falando (.) por fontes é:: que não são confiáveis ou então fontes que só atacam o movimento; então eu só queria que as pessoas pudessem conhecer e tentar olhar com outros olhos entendeu porque o que as pessoas fazem é reproduzir preconceito sobre o movimento (.) então só trouxe coisas boas na minha vida e por que não pode trazer coisas boas para as outras pessoas, principalmente para as outras mulheres; então é essa questão (.) que as pessoas deveriam conhecer (.) fazer conhecer o movimento de verdade não só ficar lendo coisas é:: deturpadas é:: coisas equivocadas sobre o movimento.

A estudante continua a sua fala sobre o preconceito em relação ao feminismo exemplificando a importância que passou a ter na sua vida e o quanto foi necessário, frisando que as ‘as pessoas deveriam conhecer (.) fazer conhecer o movimento de verdade’ por meio de fontes confiáveis, sinalizando que existe muita informação equivocada sobre o movimento.

O preconceito com o movimento feminista sinalizado por ela na frase ‘o que as pessoas fazem é reproduzir preconceito sobre o movimento’, indica a circulação de informações equivocadas e que remete à intolerância que existe na sociedade em relação aos movimentos sociais, vistos como algo ameaçado para as estruturas estabelecidas, como o patriarcado. Clarice desmonta essa caracterização negativa do feminismo através da valorização e importância que ele passou a ter no seu cotidiano ‘só trouxe coisas boas na minha vida’ e conduz a sua narrativa demonstrando que a sua vontade é fazer com que todas as pessoas conheçam o

que de fato é o movimento feminista. Através desse encontro com o feminismo, ela comenta que:

eu comecei a me descobrir como protagonista da minha vida; foi aos poucos entendeu mas foi um período (.) como eu disse eu amadureci muito aqui dentro da universidade e muito se deve ao feminismo entendeu que eu comecei a descobrir muitas coisas que até então eu não fazia ideia de como que é ser mulher e de como que nós temos força e que nós deveríamos saber disso desde criança; desde pequenas que a gente não aprende a gente aprende o contrário que a gente é frágil que a gente é insuficiente.

Clarice se posiciona em relação ao momento que conheceu o feminismo e se percebeu como 'protagonista' da sua própria vida, aponta novamente a universidade como um espaço de amadurecimento e de construção da sua visão de mundo por meio do encontro com uma educação pautada em uma perspectiva feminista que ocorre fora da sala de aula.

O termo 'protagonista', indicado em sua fala, revela que só após conhecer o feminismo passou a considerar-se como principal, ocupando o primeiro lugar em sua própria trajetória. Tal explicação faz supor uma resignificação de seu lugar como mulher, mais valorizado e central. Na frase 'amadureci muito aqui dentro da universidade' e na sua complementação 'muito se deve ao feminismo', centraliza o espaço universitário como ambiente que auxiliou na construção da sua identidade enquanto mulher a partir de uma educação que envolve a ideia de força feminina e se organiza no grupo feminista da universidade, desconstruindo o que ela diz ter aprendido na época em que era criança, ideias de que a mulher é 'frágil' e 'insuficiente'. Essas ideias são envolvidas e reproduzidas na sociedade como forma de manter o sistema patriarcal que estrutura os sistemas sociais.

Clarice prossegue e aborda a diferença que sua vida teve desde que conheceu o movimento feminista na universidade:

Eu acho que a maior diferença foi a forma que eu enxergo as mulheres, porque como eu disse a gente aprende a:: odiar as mulheres de graça só por ser mulher e quando eu era mais nova eu tinha essa questão de olhar para as outras mulheres e julgá-las sem conhecer né sem ter o menor contato só por ser outra mulher ou por fazer algo diferente (.) por pensar diferente de mim eu já xingava eu já chamava de puta e tudo mais achando que eu tava fazendo algo certo e quando eu conheci o feminismo que eu fui me tocar que tudo isso são armas do patriarcado (.) do machismo pra dominar né e impedir que a gente se una e faça algo diferente nossa parece que caiu a ficha completamente assim de eu olhar a outra com empatia

sabe as vezes até de eu entender quando a mulher se nega ao feminismo eu até procuro entender sabe porque existe toda uma educação por trás que=que faz com que a gente se negue (.) se negue completamente então; eu acho que a maior diferença foi essa, eu olhar pra outras mulheres e procurar exercer a sororidade né (2) por mais que assim (.) eu falo que **o feminismo não te ensina a amar todas as mulheres mas principalmente a não odiá-las só por ser mulher** então eu aprendi muita coisa com isso e::: foi o maior aprendizado; pra mim foi eu olhar para outras mulheres não como inimigas entendeu, mas assim como um sentimento de irmandade mesmo sabe (.) de tá no mesmo barco de::: precisar uma da outra (.) foi a maior diferença que eu senti.

A estudante observa que antes do feminismo era comum julgar as mulheres mesmo sem conhecê-las, e depois passou a olhar de forma empática e praticar a sororidade, sendo, um dos seus maiores aprendizados, ver as mulheres e passar a ter um sentimento de irmandade, sem odiá-las ou julgá-las independente de quem seja.

A forma que narra os seus posicionamentos envolve sentimentos de felicidade e orgulho por conhecer o feminismo. Ela identifica mudanças no modo como compreendia o lugar das mulheres, pois antes ela compartilhava do pensamento enraizado na sociedade por meio da rivalidade feminina 'a gente aprende a:: odiar as mulheres de graça só por ser mulher', 'olhar para as outras mulheres e julgá-las sem conhecer', 'já chamava de puta' e que posteriormente passou a 'olhar a outra com empatia' e 'exercer a sororidade'. Essa rivalidade feminina, de acordo com Clarice, caracteriza a sociedade patriarcal e faz parte de uma educação machista voltada a dominação masculina em que pauta a separação das mulheres que, segundo ela, são 'armas do patriarcado' para impedir a união no movimento e a consequente luta pelos direitos.

Esse processo de encontro com o feminismo para Pagu se acentua da seguinte forma:

No momento em que eu comecei a entrar no debate (.) ouvir relatos de outras mulheres do que passou (.) quais foram as atitudes (.) quais eram os direitos das mulheres (.) do porquê do feminismo (.) a história do feminismo (.) iai eu fui vendo toda a minha vida (3) eu fui uma mulher que sofreu muita agressão, eu tive relacionamentos muito abusivos, por eu começar a me relacionar muito nova; eu casei muito nova (.) já morei com uma pessoa (.) fui morar com ele eu tinha dezesseis pra dezessete anos e ele já tinha trinta e dois anos e sofri bastante porque ele era um psicopata; (2) eu fiquei presa dentro de casa perdi praticamente dois anos da minha vida (.) sendo abusada, claro né; porque depois que a gente tá com uma pessoa que só machuca a gente não faz mais nada com prazer então passou a ser

abuso (.) e eu fui começar a entender isso e ver realmente poxa eu sofri na mão de um psicopata (.) eu sofri todas as piores agressões do mundo e eu tinha vergonha de mim; eu tinha culpa (.) eu chorava muito (.) porque eu não queria colocar a culpa na minha mãe por ter deixado né (2) entre aspas ((gestos com os dedos)) a filha dela morar com uma pessoa e entendia também que ela tava fazendo aquilo porque acreditava que tava fazendo o meu bem que por eu já ser (.) mostrar um amadurecimento apesar da minha idade (.) eu já tava sabendo o que estava fazendo então era um assunto que eu nunca tocava e quando eu comecei a participar das rodas (.) ver os relatos e ver os meus direitos e tudo o que eu passei (.) falei “não, eu vou reverter toda essa minha dor, tudo o que eu passei” e sou feminista (.) eu sou da luta [...] Ele dizia que eu nunca ia entrar na universidade, eu fui estudei e entrei na universidade, eu não parei os meus estudos por mais que ele me proibisse eu continuei indo (.) e quando eu vi que eu passei de primeira que eu saí do terceiro ano e vim direto pra faculdade eu vi que eu conseguia “não, eu não sou burra, eu não sou essa mulher que esse homem diz que eu sou” né.

Pagu revela que o início do seu contato com o feminismo foi quando começou a participar de debates e a ouvir relatos de outras mulheres que passavam por relacionamentos abusivos e diversas formas de violências, percebendo as atitudes que tomavam e compreendendo os direitos que possuíam. A estudante inicia sua fala respondendo a pergunta de forma direta sobre o seu encontro com o feminismo por meio de ‘debate’, ‘relato de outras mulheres’, ‘as atitudes’, ‘os direitos das mulheres’, ‘do porquê do feminismo’ e ‘a história do feminismo’. Posteriormente faz uma reflexão sobre as suas vivências pessoais, dando enfoque ao relacionamento abusivo que sofreu e que se transforma em motivo de luta a partir do seu envolvimento com o feminismo.

Na frase ‘iai eu fui vendo toda a minha vida’ mostra a importância do contato com outras mulheres feministas para o despertar das situações da sua própria vida, reconhecendo as agressões que havia passado nos seus relacionamentos. As frases ‘eu fui uma mulher que sofreu muita agressão’, ‘eu tive relacionamentos muito abusivos’, ‘eu sofri na mão de um psicopata’ e ‘eu sofri todas as piores agressões do mundo’ demonstram como a sua percepção de mundo em relação ao que estava vivenciando foi se redelineando, tornando-se fundamental para romper com o ciclo de violência em que estava inserida.

Sua compreensão em relação às violências que sofria, revela sentimentos como: ‘eu tinha vergonha de mim; eu tinha culpa (.) eu chorava muito’. As palavras ‘vergonha’ e ‘culpa’ são frequentes em mulheres que passam por situações de agressão, sendo por vezes motivos que as fazem não perceber a imersão nos

relacionamentos abusivos. Esses sentimentos remetem à ideia de que as mulheres são responsáveis pelas agressões que sofrem, coadunando para a permanência nessas situações.

Em relação ao relacionamento abusivo, observa-se na frase ‘ele dizia que eu nunca ia entrar na universidade’ a opressão ocasionada pelo ex-companheiro e que foi enfrentada por Pagu à medida que não se submeteu, ou seja, não parou os estudos, por mais que ele ‘proibisse’. Esse enfrentamento revela a consciência que a estudante começava a ter sobre a situação de violência em que estava inserida e de como ele a fazia se enxergar ‘não, eu não sou burra, eu não sou essa mulher que esse homem diz que eu sou’.

Pagu segue a sua narrativa e fala sobre o movimento feminista:

Olha (3) eu acho assim que a gente ainda comete um grande erro no movimento feminista porque a gente vive em ilhas (.) como fala da questão da interseccionalidade né do feminismo (.) mas os feminismos ainda estão muito em ilhas (.) eles não conversam entre si (.) eles não entendem o outro feminismo (.) eles não fazem recortes feministas [...] na área feminista sempre tem alguma coisa a ser criticada “não (.) no nosso feminismo a gente não acredita que esse seja o certo” (.) “a gente não acredita que tu queres ser uma feminista que quer falar para os homens” porque eu sou dessa questão (.) não tem como a gente falar de feminismo e excluir eles (.) da conversa né.

Ao se referir sobre o movimento feminista, ela diz que eles ‘ainda estão muito em ilhas’, o que pode estar ligado diretamente com as diversas vertentes e particularidades que existem nos movimentos, demonstrando que os feminismos são diversos.

A expressão ‘ilhas’ revela que há um isolamento entre os vários feminismos e que essa separação pode ser compreendida como as vertentes que existem no movimento, que por sua diversidade acaba não interagindo entre si, o que, de acordo com Pagu ‘é um grande erro’, pois ‘eles não entendem o outro feminismo (.) eles não fazem recortes feministas’, revelando que existe um isolamento na luta das mulheres e uma separação nas pautas da militância que acaba excluindo as próprias mulheres. Ela ainda critica alguns feminismos sobre a exclusão dos homens nos debates ‘não tem como a gente falar de feminismo e excluir eles (.) da conversa’, pois acredita que a inclusão deles é fundamental para que se alcance a equidade de gênero e que se enfrentem os altos índices de violência que perpetuam na sociedade.

Seguindo o momento de encontro com o feminismo, Leila explica que:

Foi na universidade, eu sempre fui feminista é:: desde quando eu me entendo por gente eu sou feminista (.) mas quando eu vim publicamente e pessoalmente perceber foi na universidade a partir do Zo'é (.) foi com o grupo de estudo feminista ma::s infelizmente a gente não se entende por feminista mais cedo e:: por falta de informação e por conta da questão do (2) de (.) uma figura de feminista que os homens mal intencionados mostram pra gente que as feministas são mulheres que são loucas que querem ser melhores do que os homens então por=por essa questão de (.) estereótipo (.) estereótipo feminista que me impuseram e que eu tinha uma negação por conta disso (.) por conta também de não entender que existem **feminismos** e que eu podia me encaixar em algum deles e não só no extremismo que me mostravam e; por isso também eu tive tanta rejeição e por isso muitas mulheres tem tanta rejeição assim.

Leila conheceu o feminismo na universidade, mas identifica que era feminista mesmo sem antes ter ouvido falar sobre o termo, pois desde cedo tinha comportamentos que vão para além dos estereótipos impostos sobre ser mulher na sociedade. Observa-se a importância que é atribuída à universidade para o conhecimento dela em relação ao feminismo, pois foi neste ambiente, através do grupo feminista o qual faz parte, que passou a receber uma educação para a igualdade.

A frase 'quando eu vim publicamente e pessoalmente perceber' indica que seu encontro com o feminismo se iniciou ao conhecer o grupo feminista organizado em sua universidade, uma vez que 'publicamente' dá ideia de algo que foi aberto, partilhado, de modo social, o que acarretou no seu processo de reconhecimento.

Leila aborda o estereótipo social que foi sendo colocado nas mulheres que se identificavam como feministas e que 'por falta de informação', por conta de 'uma figura de feministas que os homens mal intencionados mostram pra gente', na maioria das vezes como 'mulheres que são loucas' que 'querem ser melhores do que os homens' chegou a ter uma negação em relação ao movimento feminista, pela ideia do extremismo que era mostrada a ela e que por isso, explica que acaba tendo 'tanta rejeição' também de outras mulheres.

Já para Maria, o encontro com o feminismo se iniciou da seguinte forma:

Eu conheci o feminismo quando eu entrei na universidade, eu já tinha ouvido falar na televisão e em redes sociais mas eu só tive o contato de fato pra eu saber né o que de fato é (.) porque a gente ouve mil coisas ruins porque quando tu não conhece de fato pelo menos no meu vê né até enquanto profissional que tá dentro da sala de aula

que tá numa escola (.) que não é falado ou quando é falado é da forma pejorativa do que é o feminismo e quando a gente conhece de verdade e eu te falo isso por mim e por todas as mulheres que eu conheço aqui na universidade que não tiveram esse contato antes né (.) a gente teve contato quando entrou na universidade (.) eu tive contato em 2015 quando eu entrei na universidade que tava na leva de greve na UEPA; quando eu entrei entrou em greve, eu acho que eu estudei um mês só e eu já tava nessas greves (.) eu sempre tive uma visão muito=muito além do que me mostravam na escola (.) eu era chefe de turma de querer mudar as coisas e tal desde sempre então quando eu entrei aqui eu já pude conhecer essa questão do movimento estudantil e eu conheci o movimento feminista através da Natália e da Treyci (.) a Natália me mostrou o que era me explicou de fato pra quebrar aquelas visões que eu tinha do que era o feminismo (.) mas eu falo que eu conheci de fato com a Treyci que eu descobri que não eram só palavras sabe que não era só um discurso mas era nas atitudes com a irmã (.) no cuidar no ouvir (.) não era o feminismo não é só tu ir pra rua e gritar mas tu tá ali com a mana no teu dia a dia com a irmã pra estender a mão quando precisar (.) eu acho que foi com ela que eu aprendi o verdadeiro significado do que é o feminismo.

Maria também conheceu o feminismo através da universidade, porém já havia ouvido falar na mídia de forma ‘pejorativa’, entretanto atribui a sua compreensão do movimento para além das teorias através de outras estudantes feministas na universidade. Após adentrar na universidade, ela comenta que teve o contato inicial com o movimento estudantil, pois estava acontecendo o momento de greve e logo se identificou com as mobilizações devido ter uma visão revolucionária desde a época da escola, exercendo liderança, como chefe de turma. A partir do encontro com outras estudantes do movimento estudantil e as que já se reconheciam feministas, em conversas, nas lutas estudantis ela começou a conhecer o que seria o feminismo, mudando a sua forma de pensar, envolvendo principalmente a irmandade para com as outras mulheres.

Na frase ‘eu descobri que não eram só palavras sabe que não era só um discurso mas era nas atitudes com a irmã (.) no cuidar no ouvir’, Maria centraliza o encontro com o feminismo como meio de estar mais próxima a outras mulheres, através de ‘atitudes’, do ‘cuidado’ e do ‘ouvir’, o que a auxilia também na construção de uma nova visão do movimento feminista baseada no fortalecimento das lutas e na união das mulheres. A expressão ‘eu descobri’ revela que, no contato com outras feministas, ela percebeu o feminismo para além dos estudos teóricos e da militância de rua, mas passou a enxergar na prática atitudes com outras mulheres que deram um novo significado para ela do que é o feminismo.

7.2 Vivendo entre tensões

Este tópico perpassa as experiências das jovens em relação às vivências na universidade, com um olhar crítico e sensível adquirido através do reconhecimento que passaram a ter enquanto feministas. Sendo assim, foi perguntado a elas como tem sido a vida na universidade desde que se posicionaram como feministas. Sendo assim, podemos apontar como primeira posição a desenvolvida por Pagu:

Muito difícil (.) muito difícil porque além de eu ser feminista eu sou do movimento estudantil e:: o feminismo bate muito forte no movimento estudantil (.) porque é um movimento que tá englobando todo mundo que tá indo contra uma reitoria contra uma direção contra uma política que afeta totalmente a educação (.) mas também no meio disso a gente vê que muitas questões políticas é por causa do machismo né como eu falei (2) é a gente não tem tanta atuação de mulheres (.) porque sempre tem homens (.) a maioria homens em chapas (.) a maioria homens falando (.) a maioria são homens determinando as coisas aqui na universidade e aí a gente já sai do movimento estudantil e fica mais no feminismo, porque (.) a gente precisa enxergar essa política a partir do feminismo não só uma questão de “eu quero ter poder” (.) mas “por que não uma mulher não pode ter poder?” “por que essa mulher tá sendo silenciada?”.

Segundo Pagu, sua vida na universidade tem sido difícil por se identificar e se posicionar como feminista e também por ser uma das lideranças do movimento estudantil, já que ela comenta que é um movimento que vai contra a política da gestão universitária e que o machismo acaba sendo uma das principais problemáticas, influenciando diretamente as questões políticas dentro do ambiente acadêmico, por isso a estudante define a vida na universidade, como feminista, na expressão ‘muito difícil (.) muito difícil’. Na frase ‘o feminismo bate muito forte no movimento estudantil’ indica que há uma crítica ao movimento estudantil de origem no movimento feminista.

A estudante relata a sua experiência a partir do conhecimento do feminismo e do movimento estudantil, situando o ambiente da universidade como sendo majoritariamente masculino, pois segundo ela ‘a maioria são homens determinando as coisas aqui na universidade’ e coloca o machismo no centro das reivindicações enquanto estudante, feminista e membro do movimento estudantil.

Isso nos revela que o conhecimento político adquirido com os movimentos a faz questionar as estruturas do meio em que está inserida, reportando a centralidade do poder masculino nos cargos de poder da instituição de ensino superior, já que ‘não tem tanta atuação de mulheres’, ‘a maioria homens em chapas’, ‘a maioria

homens falando’, o que remete à desigualdade de gênero existente nos cargos de chefia e comando. Para ela, deve-se ‘enxergar essa política a partir do feminismo’, uma vez que o mesmo complementa o movimento estudantil na compreensão do machismo que envolve o ambiente acadêmico e silencia as mulheres, sendo professoras e/ou estudantes na luta pelo lugar de fala dentro da instituição. A universitária continua a narrativa e exemplifica algumas situações:

Tivemos um ato aqui (2) vou dar um exemplo (.) por que só mulheres foram atrás do diretor pra reivindicar algumas coisas? Ele não parou pra conversar com a gente; ele não queria conversa com a gente e logo depois os meninos marcaram uma reunião com ele e ele tinha disponibilidade pra falar (.), então é uma questão complicada que a gente coloca o feminismo aqui e tem que ir de frente com tudo (2) em sala de aula tem professores mega machistas (.) mega homofóbicos e a gente tem que tá ali também batendo de frente (.) a gente tem que se posicionar e eu enquanto feminista na universidade (.) todo e qualquer trabalho que eu faço, eu meto o feminismo, porque dentro da sala de aula (.) eu falo assim pra todo mundo que o que me entristece na pedagogia (.) é que em cada turma digamos tem em média de trinta pessoas e cinco se formam bons educadores e educadoras (.) por mais que muitos falem que não, que é exagero, cinco só? Acham que é exagero (.) mas não é exagero (.) na minha sala são dez (.) porque somos dez amigas que discutimos as mesmas coisas (.) mas o resto todos são contra o feminismo (.) são contra os movimentos sociais; pra eles é exagero.

Através de exemplos ela continua demarcando posições machistas que ocorrem no ambiente universitário, perpassando os cargos de poder até o convívio dentro da sala de aula com as/os colegas de curso, colocando o feminismo no centro das discussões. A visão de Pagu sob a sua atuação na universidade engloba o conhecimento feminista, assumindo grande importância para a percepção das opressões que ocorrem também no ambiente acadêmico, colocando em questionamento a validação da fala masculina em relação à feminina.

Nas frases ‘ele não parou pra conversar com a gente’, ‘ele não queria conversa com a gente’ reflete que o diretor quando procurado por um grupo de estudantes mulheres se recusou a ouvi-las. No trecho ‘logo depois os meninos marcaram uma reunião com ele e ele tinha disponibilidade pra falar’ parece revelar a dificuldade que as mulheres possuem em serem ouvidas em todos os espaços, remetendo à invisibilidade do posicionamento e da fala das mulheres.

Ela situa ainda a importância do feminismo na universidade e o coloca no centro das suas discussões, pois, segundo a estudante, dentro de sala de aula existem ‘professores mega machistas’ e ‘mega homofóbicos’ de modo que afirma ‘a

gente tem que se posicionar’, ou seja, assume a tarefa de em sala de aula ser porta voz da igualdade, combatendo os preconceitos. Ratifica essa atitude na frase ‘enquanto feminista na universidade (.) todo e qualquer trabalho que eu faço, eu meto o feminismo’, mesmo que grande parte da sua turma seja ‘contra o feminismo’ ou ‘contra os movimentos sociais’, caracterizados por eles como ‘exagero’. Com essa constatação explica que ‘bons educadores e educadoras’ seriam aqueles que não fossem sexistas ou tivessem preconceitos contra homossexuais.

Pode-se compreender que Pagu vivencia o feminismo diariamente, interferindo e auxiliando na construção do meio em que está inserida, como estudante universitária, feminista, membro do movimento estudantil e futura professora.

Já para estudante Eneida:

É muito @difícil@ (.) porque é uma resistência muito grande né a hegemonia dos professores homens brancos e tudo mais eu=eu tenho passado agora (.) quer dizer eu já passei por assédio na universidade é (.) inclusive por eu não concordar com=com alguns posicionamentos do professor (.) tudo que a gente infelizmente comumente vê [...] Alunos (.) assim companheiros de classe já (.) já tiveram atitudes assim muito=muito machistas mesmo e de professores também é:: mas eu sempre tento falar alguma coisa, inclusive reprodução de machismo com as meninas também e é muito comum; elas nem se dão conta.

Eneida remete ao machismo que ocorre dentro da universidade pela hegemonia que há, em sua maioria sendo manifestado por professores, contudo ela aprendeu a se posicionar e questionar tais atitudes até mesmo das meninas da turma que reproduzem o machismo sendo comum, já que a educação ainda é pautada na sua reprodução e a sociedade continua mantendo o machismo como parte do seu sistema.

A futura professora relata entre risos que as suas vivências foram ‘muito @difícil@’, principalmente porque percebeu ‘uma resistência muito grande’ por conta da ‘hegemonia dos professores homens brancos’ e pela percepção do machismo que passou a ter, com a compreensão do feminismo. Ela comenta sobre as atitudes machistas tanto de estudantes quanto de professores dentro do ambiente acadêmico, e que por isso tem que resistir diariamente às várias situações.

Nas frases ‘a gente comumente vê’, ‘eu sempre tento falar alguma coisa’ e ‘elas nem se dão conta’, indica que é frequente as atitudes machistas dentro da

universidade e que mesmo ela tendo a percepção das situações nem sempre consegue se posicionar.

Ser feminista na universidade, para Maria é:

ser feminista dentro da universidade é muito=muito complicado (.) tu tem que ter muita força e ter certeza do que tu és porque se não tu acaba se sucumbindo a tudo que é imposto sabe (.) por isso eu falo que a gente costuma ler muito pra gente conseguir debater com aprofundamento teórico pra quando (.) principalmente professor (.) pra quando ele vier bater de frente com a gente a gente está falando aquilo mas não da boca pra fora (.) pra ele saber que a gente tem vivência e estudo; no que a gente tá falando, então quando tem debates em sala as maiores indagações e os melhores comentários acabam saindo da gente (.) porque a gente não lê só sobre o movimento feminista (.) a gente lê sobre as lutas de classe (.) a gente tem contato com professores a gente tem contato com eventos então a gente acaba é:: graças aos movimentos sociais (.) ao movimento estudantil e tal a gente acaba se aprofundando mais e tendo um aprofundamento teórico maior e na hora de discutir a gente tem argumentos pra=pra dialogar sabe pra discutir (.) pra debater enquanto as outras pessoas não; muitas vezes acabam partindo pra agressão, pra agressão física e psicológica também (.) verbal que foi o que a gente já sofreu várias vezes; aqui dentro.

Percebe-se, na fala de Maria, a importância sobre adquirir conhecimentos teóricos em relação às suas lutas, pois, de acordo com a universitária, é uma forma de ‘dialogar’ e ‘debater’ principalmente com ‘os professores’, demonstrando que dentro dos movimentos sociais, do movimento estudantil existem aprofundamentos de diversas teorias e que elas embasam a construção de uma educação na busca pelo reconhecimento/respeito das/dos sujeitos enquanto meio de mudança social para que as mulheres conquistem seu espaço e não sejam silenciadas ou encaradas como reprodutoras de um discurso vazio.

Para a estudante, ser feminista na universidade é ‘muito=muito complicado’, pois ela destaca que para não sucumbir às imposições sociais que acabam interferindo no meio acadêmico, ‘tu tem que ter muita força’ e ‘ter certeza do que tu és’, uma vez que ocorrem situações a qual precisa estar ciente de como utilizar argumentos e se posicionar para garantir reconhecimento e respeito em suas falas. Ela se refere a saber-se feminista e ter conhecimento de seus direitos como mulher.

Sua fala revela uma constante busca por novos aprendizados que tornem possível o enfrentamento às mais diversas formas de preconceito sofrido pelas mulheres em quaisquer ambientes que é percebido nas frases ‘pra ele saber que a

gente tem vivência e estudo’ e ‘na hora de discutir a gente tem argumentos pra=pra dialogar’.

Situando a sua experiência em relação à turma em que está inserida, Maria relata que:

a minha sala é super dividida, é cada um pro seu lado porque eu e as minhas amigas nós somos feministas militantes mesmo do movimento estudantil e do movimento feminista e a minha turma são super conservadores é casa sala de aula (.) casa sala de aula então quando a gente vem com essas discussões nós somos vistas de uma forma ruim até pelas meninas na sala (.) mas muito pior pelos meninos (.) [...] a minha turma na época que aconteceu todas essas confusões foi em 2017 (.) no primeiro semestre de 2017 é eram cinco meninos e três deles eram super escrotos assim (.) eu lembro que a gente teve até uma conversa sabe eu cheguei num auge tão do ápice que eu falei “pô eu não vou discutir”; essa foi a primeira vez que a gente brigou eu vou conversar, nós conversamos três horas em uma maloca assim eu meti sarrafo falei=falei (.) falei o que era o feminismo (.) o que era pra ele enquanto professor (.) qual seria o posicionamento dele aí eu falei pra ele eu vou fazer pra ti uma visão do futuro (.) tu chegando numa sala de aula ribeirinha por exemplo e a tua aluna chegando com um short curto que no teu vê não é certo (.) tu vai fazer o que? tu vai assediar a tua aluna? tu vai estuprar a tua aluna porque ela não tá com a roupa adequada ((gestos de aspas com os dedos)) pra ir pra uma sala de aula? laí a gente começou falou muito e até que deu uma acalmada (.) quando teve uma segunda vez que vazou esses prints que eu mandei no grupo e que a turma totalmente se dividiu (.) aí a gente vê que o quanto **ser feminista é resistência** (.) porque eu mostrei pra ele que eu podia ser a professora feminista mas que ele ia ser o professor opressor (.) o machista o que não ia saber tratar a::: a aluna dele.

A estudante envolve inicialmente as suas vivências em sala de aula, caracterizando a sua turma da pedagogia como sendo ‘super conservadores’, pontuando que faz parte da minoria atrelada ao movimento estudantil e feminista, o que gerou algumas situações de conflitos.

Por fazer parte do grupo que leva discussões sobre o feminismo e os movimentos sociais para dentro de sala de aula, Maria relata que ela e as amigas são vistas de ‘forma ruim’, despertando a discussão que tem se pautado na sociedade sobre a discriminação e preconceito do movimento feminista. Sobre isso, a estudante exemplifica uma situação envolvendo o machismo com um colega de turma, mostrando que poderia ‘ser a professora feminista mas que ele ia ser o professor opressor (.) o machista o que não ia saber tratar a::: a aluna’, desconstruindo o pensamento equivocado que estava sendo propagado e mantido na turma.

De acordo com os seus exemplos, a universitária enfatiza que ‘ser feminista é resistência’, já que as suas vivências, desde o momento que se reconheceu feminista, pautam-se em desconstruir falas e atitudes machistas que são propagadas diariamente no ambiente acadêmico, pois segundo ela, isso faz com que os futuros professores não saibam tratar as suas alunas, revelando a manutenção de uma educação machista.

Já a estudante Bertha situa as suas vivências na universidade demarcando uma segunda posição por meio de algumas situações:

depois que eu comecei a vivenciar a universidade eu mudei, iai foi quando eu comecei a me aceitar mais (.) já falando do meu lado pessoal eu comecei a entender outras questões também iai (.) é:: o papo da orientação sexual também eu comecei a me ver me perceber e a me entender mais e a entender que é (2) eu tava muito fechada na minha vida e tal (.) iai quando eu comecei a:: me libertar mesmo sabe das amarras e tal; hoje em dia eu sou bissexual entendeu porque eu tive outras vivências (.) nos encontros nessas conversas com as minhas amigas com as outras pessoas (.) comecei a perceber muita coisa iai eu mudei total até a minha forma de pensar eu era muito egoísta, hoje em dia eu:: tento ajudar as pessoas.

Segundo a universitária, a partir do momento em que começou a vivenciar a academia, sentiu mudanças iniciais na vida pessoal e foi quando passou a entender questões vinculadas a sua orientação sexual e a aceitá-la, compreendendo-se como ‘bissexual’ e se libertando de preconceitos e estereótipos por meio das experiências que passou a construir na universidade.

Bertha, respondendo a questão da vida na universidade como feminista, afirma: ‘eu mudei’. Revela que depois que começou a ‘vivenciar a universidade’ ampliou sua compreensão para além da questão da mulher e foi quando começou a se ‘aceitar mais’, se ‘perceber’ e se ‘entender’. Ela relaciona essa mudança ‘a entender outras questões’, de âmbito particular, de sua vida referindo-se à sua orientação sexual, pontuando as experiências que passou a ter após o reconhecimento enquanto feminista. Na frase ‘me libertar mesmo sabe das amarras e tal’ relaciona as experiências no grupo feminista à ampliação da compreensão de si.

Percebe-se que ela situa a vida na universidade como transformadora tanto em relação à compreensão de sua orientação sexual como em relação à defesa unicamente de seus próprios interesses. Bertha parece revelar o meio universitário

como um ambiente que não apenas contribui na construção de uma perspectiva educacional e profissional, mas também possibilita a construção humana e da própria identidade dos sujeitos.

Ela continua a narrativa pautando as suas experiências no curso de Pedagogia:

iai tipo eu tô terminando o curso (.) o curso foi bem tranquilo tive altos e baixos mas eu via muita disputa das mulheres dentro do curso como elas se vestiam sabe (.) como elas são a maioria são evangélicas (.) a metade do curso é evangélico então a gente percebe também que é toda uma estrutura né que ainda tá muito na nossa mentalidade que as pedagogas são as mulheres (.) são as mães de família são as pastoras né então existe muito essa carga ainda e muita gente não se diz feminista e tal, porque não quer deixar o cabelo do @“suvaco” crescer@ por exemplo; coisas assim que não é motivo a pessoa não entende ou a pessoa ouviu a outra pessoa que provavelmente é o homem falando por trás de tudo isso (.) iai acaba que tem uma=uma rolou muita intriga sabe das pessoas das mulheres (.) vivi a minha graduação toda vivi um dilema “como assim nós somos mulheres e estamos brigando né contra nós mesmas e tal como assim? A gente tem que se unir entendeu?”, iai eu comecei a perceber isso quando eu entrei pro movimento feminista quando eu entrei pro JUNTAS em 2014 em dezembro de 2014.

Bertha, por estar no último semestre de Pedagogia, apenas finalizando o trabalho de conclusão de curso, comenta a percepção que teve em relação ao curso, pautando em sua fala principalmente sobre a disputa entre as mulheres da turma e a mentalidade que existe ainda hoje sobre as pedagogas que são as ‘mães de família’, ‘as pastoras’ e que só conseguiu perceber tais questões a partir do momento que entrou para o movimento feminista ‘JUNTAS em 2014’.

Em relação à disputa das mulheres dentro do curso, a estudante exemplifica essa afirmação por situações que envolviam o jeito que costumavam se vestir, remetendo à rivalidade feminina que ainda é algo comum na sociedade. Bertha comenta que na sua turma ‘a maioria são evangélicas’ e, segundo ela, talvez esse marcador seja responsável pela mentalidade que apresentavam até mesmo em relação à identidade profissional, como pontua a percepção existente de que ‘as pedagogas são as mulheres (.) são as mães de família são as pastoras né’ e, também em relação às feministas, abordando falas comuns na sociedade e que refletem também no ambiente acadêmico.

Continuando a narrativa, ela aponta algumas experiências acadêmicas que considera essenciais para a sua formação pessoal e profissional:

em 2016 aí eu já::: entrei mais pra projeto de pesquisa aqui dentro da universidade aí eu tava no Includere (.) fiquei três meses no Includere porque teve problema de bolsa e tal aí saí do Includere e fiquei como voluntária no projeto do transformador e depois continuei no transformador aí entrei pra clínica (.) a primeira clínica de atenção a violência aqui dentro da universidade na verdade do país que funciona na universidade que atende especificamente pessoas que foram vítimas de violência só que são seis tipos de violência a priori (.) violência contra a mulher violência contra idoso violência contra LGBT violência cibernética eu acho (.) acho que é isso e outras (.) violência racial e tal (2) iai o meu papel era fazer o atendimento jurídico humanizado, então eu ouvia as mulheres e era uma pisa entendeu porque era toda sexta-feira a pisa assim do dia era de oito ao meio-dia eu ouvindo as mulheres chorando e tu tem que ficar (2) plena sabe e quando a pessoa saia tu ficava assim “meu Deus do céu” e tu queria ajudar e tal (.) tinha que ter um trabalho psicológico também então tudo isso sabe tudo isso fez eu mudar bastante e ser hoje quem eu sou sabe eu dou graças a Deus por isso porque se eu continuasse sendo a mesma pessoa de antes eu acho que não estaria (.) onde eu estou hoje e acho isso.

As experiências na universidade que auxiliam na construção dos indivíduos perpassam o ensino, a pesquisa, e a extensão e Bertha aborda, em sua narrativa, projetos e grupos de pesquisa que participou durante a graduação e que deram suporte para a sua formação mais ampla e humanizada. Ela aponta, inicialmente, a entrada em um grupo de pesquisa, o qual permaneceu por três meses e que saiu porque ‘teve problema de bolsa’, ou seja, a falta de auxílio financeiro, revela uma problemática constante nas instituições públicas e que impactam diretamente na continuação da formação acadêmica. Posteriormente, a universitária ressalta outros projetos que fez parte, sendo de forma voluntária em um que faz um trabalho humanizado com as mulheres grávidas da comunidade e, por último, na Clínica de Atenção a Violência que funciona dentro da universidade.

Na sua narrativa, percebe-se uma maior importância em relação às vivências que teve no último, dado o detalhamento de suas atividades na narração. De acordo com Bertha sua função era fazer ‘o atendimento jurídico humanizado’ com as mulheres que sofriam violência, o que contribuiu significativamente para a sua formação enquanto mulher, educadora e feminista, como ela conclui na narrativa: ‘tudo isso fez eu mudar bastante e ser hoje quem eu sou’.

Nas frases ‘eu ouvia as mulheres e era uma pisa’, ‘a pisa assim do dia’, ‘eu ouvia as mulheres chorando’ e ‘tu tem que ficar plena’ revelam o peso que ela sentia durante as atividades de escuta, evidenciado pelo termo ‘pisa’ que dá ideia de algo que abala, que é pesado. Essas experiências mostram a importância dos projetos de

iniciação científica e extensão e dos grupos de pesquisa dentro da universidade na construção das suas visões de mundo, fortalecendo seus conhecimentos e suas identidades pessoais e profissionais.

Já para a estudante Dandara:

A gente:: inevitavelmente depois que tu tem acesso a algumas informações e leituras e busca também porque esse processo de empoderamento e emancipação, ele não acontece assim “ai agora eu sou empoderada (.) o meu corpo é meu (.) meu corpo e minhas regras” não é assim; ele parte fundamentalmente de uma base e de uma base teórica né que tu venha estudar iai tu te depara no cotidiano com várias incoerências né (.) várias situações assim que tu observa (.) o machismo dentro da sala de aula (.) o machismo velado a gente até produziu uma pesquisa com o professor né que foi com o tema política no cotidiano iai a gente abordou a questão do machismo velado dentro da sala que eram situações bem corriqueiras do tipo é:: não ter as nossas produções como válidas entende ou ter sempre essa necessidade de aprovação masculina ou ter também as nossas falas atravessadas e interrompidas em meios de seminários mesmo e outras situações que por mais que a turma seja a maioria mulheres a gente ainda percebe a dominação masculina porque o sistema é patriarcal e a universidade não tá a parte desse sistema, então existem algumas situações que acontecem e que inevitavelmente precisa se manifestar (2) iai pra mim é perceber essas coisas e não me calar sabe falar sempre e (.) me manifestar e (.) colocar nas pesquisas porque isso é científico também; não é porque são produzidos por mulheres que não é ciência ou não é porque é uma militância e não é ciência porque muitas vezes a gente é interpretada dessa forma, “olha lá vem a milituda” @ (2) @ “@a militonta@” “porque tudo é machismo” (.) @sim tudo é machismo@ a gente tá num mundo (.) tá mergulhado nesse machismo @ (2) @.

Dandara reflete sobre sua vida na universidade como feminista e frisa que o conhecimento adquirido no processo de formação feminista põe no centro da percepção o machismo presente na academia. Enfatizando os estudos, o aprofundamento teórico como fundamental para compreender o contexto, estabelecer questionamentos, passando a ter um posicionamento crítico no cotidiano da universidade.

Ao iniciar a fala com ‘inevitavelmente depois que tu tem acesso a algumas informações’ indica que, iniciado o processo de educação feminista, não há como retornar a uma condição anterior. Entretanto na frase ‘esse processo de empoderamento e emancipação, ele não acontece assim ai agora eu sou empoderada’, ‘meu corpo é meu (.) meu corpo e minhas regras não é assim’, reconhece que não é um processo rápido ou imediato, mas que faz parte de uma

construção que ocorre de acordo com as experiências e os conhecimentos adquiridos.

Ela relata que o processo de empoderamento e emancipação inicia: ‘fundamentalmente de=de uma base e de uma base teórica’ para compreender as teorias, ou seja, destaca a importância e a necessidade que tem de estudar e conhecer referenciais teóricos para que suas falas possam estar embasadas cientificamente. A aprendizagem por meio do feminismo a fez compreender situações que acabam sendo comuns e que antes passava despercebida, como o ‘machismo dentro da sala de aula’ exemplificado pela não validação da produção científica das mulheres, necessidade de ‘aprovação masculina’, ‘falas atravessadas e interrompidas’ por homens, sendo professores e colegas de turma. A percepção que Dandara possui afirma que, mesmo a maioria da turma sendo composta por mulheres, ainda prevalece a ‘dominação masculina’.

Para a estudante, a ‘dominação masculina’ só prevalece devido ao sistema patriarcal que envolve a sociedade, já que a ‘universidade não tá a parte desse sistema’. Por isso, a importância da construção do conhecimento feminista para que ocorram manifestações e questionamentos de atitudes machistas, preconceituosas e misóginas para que a realidade possa ser transformada, como apresentado por ela, por meio de pesquisas, validando o conhecimento acadêmico-científico feminino e também o da militância.

Centralizando o movimento feminista na universidade, Clarice narra sua percepção sobre a questão:

É boa (.) mas ao mesmo tempo é difícil que a gente querendo ou não tem que lidar com o preconceito, por ignorância mesmo porque muitas pessoas não sabem o que é feminismo acham que é (.) sei lá (.) mulheres querendo privilégio que é uma coisa que nem tem como é (.) então pra mim foi bom porque como eu disse a gente pode conscientizar outras meninas outras mulheres (.) mas (2) ao mesmo tempo foi difícil só que eu falo assim é a minha experiência aqui foi melhor (.) foi mais bom do que ruim a gente lida com o discurso de ódio em todo lugar em todo canto e na universidade a gente não tá imune (.) mas eu consegui me ver amiga das mulheres assim de uma forma que a gente não aprende a gente aprende ser rival de outras mulheres a gente aprende coisas ruins e eu fui me desconstruir de tudo isso e ajudando as outras meninas e recebendo ajuda delas pra mim foi muito (.) nossa maravilhoso assim (.) podia aprender amadurecer e ver outras meninas amadurecendo; enfim pra mim foi maravilhoso, a única coisa que eu fiquei triste foi a questão do movimento ter dado uma esfriada entendeu; ficar um pouco parado, e as vezes eu fico triste por causa disso (.) mas eu entendo que eu

tenho a minha vida acadêmica e as vezes acaba deixando a gente muito ocupada entendeu (.) mas só o fato de eu ter participado de movimento de rodas de conversa aqui pra mim foi único porque as vezes a gente passa (.) tem muita gente que passa os quatro anos e não=não vive nada disso então eu vivi isso e eu vi outras pessoas vivendo pra mim; foi muito gratificante assim.

A jovem caracteriza as suas experiências na universidade a partir do seu reconhecimento como feminista, como 'boa' e 'difícil' citando o preconceito que percebeu por ser feminista e a oportunidade que passou a ter para conscientizar outras estudantes na universidade.

Ao identificar as suas experiências como 'difícil', relaciona ao fato de que 'querendo ou não tem que lidar com o preconceito', ou seja, estando ou não esclarecida o preconceito é maior que a clareza sobre ele. Na frase 'muitas pessoas não sabem o que é feminismo' indica que a falta de conhecimento a respeito do que significa o feminismo, leva a uma forma equivocada, a um pensamento errôneo como se fosse 'mulheres querendo privilégios', o que acaba sendo questionado em sua própria narrativa, 'que é uma coisa que nem tem como'. Na sua fala aparecem situações de conflito como lidar com 'o discurso de ódio' que ocorrem em vários ambientes e, na percepção inclusive de acadêmicos, uma vez que, segundo ela, 'na universidade não tá imune' e, por isso, teve que aprender a se posicionar.

As experiências que ela considera como boas surgem pelo conhecimento adquirido na militância dentro do grupo feminista com a construção das atividades para auxiliar o empoderamento de outras meninas, o que também ajudou na sua desconstrução sobre a rivalidade feminina, pois conseguiu se ver 'amiga das mulheres' e 'ver outras meninas amadurecendo' revelando a compreensão das mulheres que passou a ter e a vivenciar por meio das suas amigadas, ajudando-as em seu fortalecimento dentro e fora da universidade, o que considera gratificante para sua formação. Depois de uma pausa, ela continua:

eu ouço falar muito sobre as questões do silenciamento da mulher não só verbalmente como (.) algumas mulheres elas produzem e não são reconhecidas ou é (2) elas são vistas como se não produzissem bem né a questão das produções acadêmicas mesmo mas o que eu vejo muito na minha sala é que tem homens que se incomodam com o feminismo (.) eu já vi alguns olhares (.) alguns discursos e a única coisa que eu sei é que quando eu for professora eu não quero perpetuar esse tipo de situação dentro de sala (.) a questão de alunos e alunas um silenciar o outro dentro de sala usar a sua voz grossa pra silenciar a mulher que (.) querendo ou não isso acontece, na minha sala isso nunca aconteceu de alguém silenciar uma mulher,

quer dizer um rapaz tentou uma vez falar alto perto de mim quando eu tava falando ele me interrompeu só que na mesma hora a gente tem noção das coisas e eu me impus e eu falei “**eu to falando ainda**” e ele se calou (.) então mesmo que isso seja uma besteira mas isso é fruto de toda uma educação de que a mulher tem que falar baixo ela tem que se calar quando o homem fala (.) então eu pude perceber querendo ou não nas pequenas diferenças mas quando a gente se impõe isso acaba diminuindo entendeu.

Assim como Dandara, Clarice também fala sobre a falta de reconhecimento da mulher como produtora do conhecimento e situa o silenciamento das mulheres que ocorre também dentro de sala de aula, em que os homens acabam utilizando da sua voz para calar as mulheres. A validação das ‘produções acadêmicas’ e as mulheres sendo ‘vistas como se não produzissem’ nos remete à invisibilidade das mulheres na ciência e a entrada tardia delas no ensino superior, o que pode estar ligado ao preconceito existente em relação às produções científicas dando margem para o esquecimento das cientistas femininas, impactando os dias atuais.

Clarice aponta o incomodo que os homens sentem na universidade em relação ao feminismo, demonstrado em ‘olhares’ e ‘discursos’ que por vezes tentam silenciar as mulheres e interrompê-las quando estão à frente de situações, sejam elas apresentações de trabalho ou discussões.

Segundo a estudante, comportamentos como esses, de silenciamento e submissão, são ‘fruto de toda uma educação de que a mulher tem que falar baixo’, ‘ela tem que se calar quando o homem fala’ o que é questionado por ela, tendo essa percepção como parte de uma desconstrução dessa educação para a submissão.

7.3 A violência contra as mulheres na universidade

A luta por viver uma vida sem violência continua sendo uma das principais bandeiras do movimento feminista adulto e que foi incorporada pela militância das jovens dentro do ambiente acadêmico, já que têm sido contínuos os casos de violências cometidos contra as mulheres nesse espaço, sendo o assédio, o mais comum, como demonstrado na seção IV. Mesmo a universidade sendo um ambiente de construção de identidades pessoais e profissionais pautadas no respeito e na cidadania, tais atitudes se tornaram frequentes e são questionadas diversas vezes pelas entrevistadas.

Por isso, este tópico se propõe a demonstrar, por meio dos relatos das estudantes, casos de violência contra a mulher que ocorreram dentro das

instituições de ensino superior que saíram da invisibilidade por meio das reivindicações dos grupos feministas que se estruturaram nas universidades. Sendo assim, foi perguntado às estudantes se já passaram e/ou se conheciam episódios de violência cometidos contra as mulheres dentro da universidade.

Bertha relata que:

Uma vez é (2) uma mulher na ocupação (.) foram vários casos mas eu vou só citar esse e o da ocupação (.) a menina ela sofreu assédio parece iai ela não queria que o cara ficasse lá no espaço da plenária (.) aí a gente falou “se retire então (.) se retire e tal” iai ele calou a boca dele ela parou de falar no microfone (.) iai quando ela parou de falar no microfone pegaram o microfone (.) outra pessoa falou e ele foi lá chegou e começou meio que assediá-la iai ele foi pra cima dela entendeu ele não chegou a bater nela de fato (.) mas ele ia bater ela tava do meu lado aí ele começou a brigar a falar alto e ela também (.) aí eu falei “ei mano sai daí sabe (.) vai embora sai daqui (.) tu quer bater nela tu vai bater nela mesmo?”; aí foi que ele saiu (.) então várias coisas assim sabe e o assédio também dos técnicos dos professores tudo isso é violência sabe; a partir do momento que eu entrei pra essa especialização eu percebi que tudo é violência sabe (.) muita coisa ali é uma linha muito tênue (.) ter uma relação abusiva não é só com o teu companheiro (.) é com as tuas amigas sabe com os teus amigos é:: com os colegas de trabalho então é mui- (.) a gente teve um relatório da PROEX em 2015 a gente falou, mais de duzentas mulheres sofreram lá na página (.) no papel tava dizendo assédio e tipo estupro entendeu então ficou parecendo que foram mais de duzentos casos (.) trezentos de tentativa de estupro entendeu então a gente sofre muito (.) são vários tipos de violência.

Bertha inicia sua narrativa apresentando casos de assédio praticados por estudantes, técnicos e professores e que passou a perceber as violências com mais facilidade desde que começou um curso especialização que tratava dessa temática. Posteriormente, ela traz, como dados da violência contra a mulher na universidade, um relatório da Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da universidade em que estuda.

A universitária apresenta inicialmente uma situação de violência, que presenciou em uma ocupação⁴¹, cometida por um estudante dentro da universidade, na qual teve que interferir, visto que, segundo ela, dava indícios de que se tornaria uma agressão física, já que ‘ele foi pra cima dela’, ‘ele não chegou a bater nela de fato (.) mas ele ia bater’. Esse fato pode estar atrelado a uma mentalidade pautada nos valores patriarcais em que o poder de fala continua sendo atribuído ao homem, o que faz com que esse tenha atitudes machistas que coadunam com

⁴¹ Manifestação social em que estudantes universitários ocuparam vários espaços dentro das universidades públicas chamando atenção aos problemas políticos e sociais que o país enfrenta.

comportamentos agressivos diante de mulheres, acarretando diferentes tipos de violência.

Baseando-se em dados demonstrados através de um 'relatório da PROEX', Bertha comenta que 'são vários tipos de violência' contra a mulher na universidade, e, segundo ela, 'mais de duzentas mulheres' sofreram violência no ambiente acadêmico. Essa informação revela que a universidade não está à margem da sociedade e reflete uma problemática que também merece atenção sob um viés intrínseco à própria instituição. Ela continua a narrativa:

um amigo meu me chamou e disse "preciso da tua ajuda" e eu "o que foi?" (.) "Olha uma amiga minha tá sofrendo assédio sexual de um professor e tal e ela tá com medo" iai tipo (2) depois de um ano praticamente que esse caso tá sendo investigado sabe (.) então é muito escroto sabe são vários tipos de violência que a gente enfrenta, na ouvidoria tem várias coisas mas não chega na ouvidoria porque se não a UFPA acaba tendo que abrir um processo administrativo contra os professores e eles vão saber quem é e o assédio vai continuar porque a UFPA parece que não tem política uma prática pedagógica pra isso (.) aí é isso meio que fica; (2) o antigo pró reitor de extensão falou em uma mesa num congresso na UFPA pros estudantes que a mulher tinha que fechar a perna pra ela não engravidar mais pra ela não ter mais filho entendeu, aí como assim um cara vem falar isso da gente e o que é isso entendeu (.) é uma falta de respeito né; é uma violência simbólica porque acaba te agredindo enquanto mulher enquanto ser humano um homem falando isso e um pró-reitor de extensão da universidade que hoje em dia não é mais.

A estudante percebe que são vários tipos de violência cometidos contra as mulheres no ambiente acadêmico e narra um pedido de ajuda que recebeu a respeito de um assédio sexual que uma discente estava sofrendo por um docente. Ela questiona a falta de 'política' e 'prática pedagógica' adequada para o enfrentamento a essa problemática, assim como a 'violência simbólica' cometida por meio da fala de uma das pessoas que possuem cargo de poder. Esse questionamento revela que existem lacunas em relação ao enfrentamento à violência contra as mulheres nesses espaços e que as instituições de ensino superior não têm dado atenção necessária aos casos relatados pela jovem, evidenciando a falta de práticas e punições adequadas aos agressores, sendo eles, professores, servidores e/ou estudantes.

Em relação às violências contra a mulher na universidade, Dandara relata que:

Conheço e já sofri também; conheço manas que já tiveram as suas produções desvalidadas por professores mesmo e nitidamente por uma questão de machismo (2) nos eventos também rola super; aqui na UEPA existe uma crença aí que foi disseminada pela cidade que as meninas todas aí são prostitutas e:: quando tem assim eventos ou culturais que a gente fala, cultural (.) sarau e tal (.) mas principalmente quando é cultural que é aberta ao público vai muita gente que não é da universidade e daí esses caras eles se sentem no direito assim de tocar na gente entende, porque todo mundo ali é prostituta e já aconteceram situações de uma menina (.) inclusive amiga nossa ela tava aí de boa curtindo a festa e tal aí os caras tinham um grupo e ela tava em um grupo de amigas e o outro grupo de homens perto e que assediou elas, iai elas disseram que não que não queriam a companhia deles e tal e daí em um dado momento (.) toda vez que uma ia fazer xixi todas iam no banheiro acompanhando daí teve um momento que uma foi sozinha e ele percebeu e ele foi atrás dela e ele passou a mão por dentro da saia dela e foi horrível assim depois ela contando pra gente; ficou super traumatizada a festa acabou pra ela.

Ela inicia seu relato dizendo que conhece meninas que sofreram violência no ambiente acadêmico e que também já sofreu, por professores dentro de sala de aula e por estudantes e não estudantes nas culturais⁴² realizadas na universidade.

Dandara pontua como uma das violências, as produções de estudantes mulheres que acabam sendo ‘desvalidadas’ por professores e atribui essa falta de reconhecimento ao machismo. Essa desvalorização do conhecimento científico das mulheres remete à violência simbólica, uma vez que estão ligadas às diferenças de poder estabelecidas pela dominação masculina, a qual ainda rege a construção do conhecimento acadêmico-científico.

A universitária comenta também os assédios que ocorrem nos eventos acadêmicos, os quais ela nomeia como ‘cultural’ e ‘sarau’, que são eventos, na maioria das vezes, abertos ao público, não restrito apenas aos acadêmicos. De acordo com a estudante ‘existe uma crença aí que foi disseminada pela cidade que as meninas todas aí são prostitutas’ e que por isso os homens que não fazem parte da universidade acabam criando as situações de assédio sexual em relação às discentes, como no exemplo citado em sua narrativa de que uma amiga da universitária que estava na cultural e um homem ‘passou a mão por dentro da saia dela’. Esse estereótipo ligado às jovens, pode estar relacionado com o machismo presente também na cultura dos interiores, haja vista que a universidade citada por Dandara fica localizada em um campus de interiorização, ou seja, longe da capital.

⁴² Festa organizada por discentes da instituição.

Continuando a narrativa, ela relata que também já passou por assédio:

já aconteceu comigo também de eu tá passando e o cara passar a mão na minha costa (.) na minha nuca entende uma palhaçada; eu fiquei muito transtornada nesse dia e outras situações mesmo, dos caras acharem que podem que a gente tá ali pra divertir eles e a gente não tá ali pra se divertir sozinha ou tá procurando homem pra pagar a cerveja ou enfim pra transar com eles disponíveis o tempo todo porque os homens têm essa construção né de que as mulheres elas estão sempre disponíveis e daí se tu der um não né; “como assim tu me deu um não?”, @se for hetero né piorou a situação@ que o boy não aceita um não (.) não aceita ser rejeitado e é muito constrangedor né ter que passar por esse tipo de situações (.) tu não pode nem se divertir né na festa que tá dentro da tua universidade com os teus amigos e tu não pode tem que ficar como que se vigiando porque se tu der um passo pra trás significa que tu quer o boy; e não é assim né e é muito escroto mesmo quando acontece, a gente até fica na onda de nem querer ir quando é aberto assim porque quando é fechado a gente tem maior controle, a gente enxerga mais as pessoas que estão ali dentro e se acontecer qualquer situação a gente meio que vai poder se sair; mas é muito escroto mesmo, outro dia a gente tava lá e a gente tava dançando eu e a Mylena e um cara secando a gente sabe e eu fiquei muito puta (.) muito puta eu não gosto (.) eu não gosto me dá muita raiva (.) aí eu tava bêbada @(2)@ e a @gata já queria fazer confusão e a Mylena só me puxou@ é triste; é triste, mas porque porra tu fica pensando todo dia tu tem que lutar contra isso e até na hora que tu tá se divertindo e; enfim tu tem que continuar lutando contra (.) é foda.

Dandara narra episódios que ocorreram com ela dentro do ambiente acadêmico e questiona que todos os dias tem que lutar contra as violências e até mesmo momentos que deveriam ser para a sua diversão acabam se tornando experiências para sua militância, pois ela comenta que ‘todo dia tu tem que lutar contra isso e até na hora que tu tá se divertindo’.

Nas situações vivenciadas por ela, é evidenciado o assédio sexual como a principal violência que circunda a universidade na qual está inserida, exemplificado pelo toque no corpo sem consentimento, como passar a mão na ‘costa’ e na ‘nuca’, os olhares indevidos durante as culturais, e até mesmo convites para ‘pagar cerveja’ e de cunho sexual. As frases ‘os homens têm essa construção né de que as mulheres elas estão sempre disponíveis’, ‘não aceita um não (.) não aceita ser rejeitado’ e ‘tem que ficar como que se vigiando porque se tu der um passo pra trás significa que tu quer o boy’, revelam a mentalidade dos homens construída historicamente pelo machismo que coloca as mulheres como disponíveis e submissas ao controle das vontades masculinas.

Clarice conta que:

Olha já (.) assim a questão das violências que a gente sofre aqui são variadas né (.) porque têm pessoas que sofrem racismo as meninas (.) por causa do cabelo black quando elas assumem, querendo ou não atraí olhares e as vezes até palavras só que o que eu sofri aqui mesmo foi assédio sexual de:: tocar em mim; alguém tocou em mim em uma festa e até foi quando eu percebi assim, como que é difícil a gente lidar com o assédio por mais que a gente tenha noção e consciência do que se deve fazer né (.) porque quando tocaram em mim eu fiquei assim parada (.) por:: uns segundos eu fiquei parada pensando e depois que eu fui reagir (.) depois de um tempo então (.) aquilo me:: tocou muito assim.

A estudante aponta que são várias as violências que ocorrem na universidade e pontua o racismo e o assédio sexual nas suas vivências, recordando dois episódios que demonstram as violências citadas e que a marcaram.

Ela destaca o racismo através da percepção do momento em que as meninas passam a assumir a identidade da mulher por meio do ‘cabelo black’ que, segundo Clarice, ‘atraí olhares e as vezes até palavras’, o que pode inferir o incômodo ocasionado pelo reconhecimento que as estudantes passam a ter da sua raça/cor e de si mesmas. Isso pode revelar que a mulher negra sofre violência em dobro: pelo gênero e pela raça.

Em relação ao assédio sexual sofrido por Clarice, ela fala que foi tocada em uma festa e que foi quando percebeu ‘como que é difícil lidar com o assédio’ por mais que se ‘tenha noção e consciência do que se deve fazer’ foi difícil enfrentar a situação e que só conseguiu reagir depois de passado um tempo. Denota-se, assim, que o machismo, apesar de muito combatido por ela e pelo feminismo, ainda choca quando se revela diante da pessoa afetada por ele.

Leila, por sua vez, compartilha que:

quando eu tinha quatorze anos que eu fui fazer uma apresentação na UFPA e eu fui fazer uma dança (.) eu tinha quatorze anos e esse professor ficou apaixonado por mim (.) dizia que tava apaixonado que queria ficar comigo e quando eu entrei eu fui aluna dele e ele ficava dizendo toda hora que ele me queria como mulher e (.) ele ficava me chamando pra ir pra casa dele e foi justamente em uma época que eu tava com ansiedade muito pesada e eu passava mal e ele ia comigo e falava se eu não queria ir pra casa dele que é lá perto da universidade e eu dizia que não (.) negava (.) eu ignorava porque ele falava e ele ficou com raiva de mim e hoje em dia a gente não se fala e graças a Deus; e tem professor que ele (.) que eles ficam olhando para as alunas (.) eles tiram um tempo da aula pra ficar assediando (.) falando como elas estão ou falando como elas devem ser [...] a UFPA ela promovia muitas festas (.) principalmente na UFPA de Castanhal era o pessoal de educação física e tinha muitocava de tudo (.) funk, e eu amo dançar funk eu amo amo amo e eu

danço mesmo o funk raiz (.) eu mexo a bunda e tudo mais e esses alunos (.) muitos alunos de educação física são muito assediadores (.) inclusive passaram a mão em mim (.) chegaram a passar a mão em todas as partes e isso me chateia muito e principalmente por eles serem graduandos (.) eles serem e vão ser professores.

A estudante retrata um fato ocorrido em sua adolescência, no qual foi assediada por um professor da universidade, antes mesmo de estar no ensino superior e, quando ingressou na academia, o reencontrou sendo seu professor e o assédio persistiu, dizendo que a 'queria como mulher'. Quando enfrentava problemas de ansiedade e, devido não ter cedido aos convites feitos por tal professor, percebeu que o mesmo ficou com raiva por suas negativas e acabaram perdendo o contato, o que para ela é visto de forma positiva, 'hoje em dia a gente não se fala e graças a Deus'.

A expressão 'graças a Deus' que aparece em sua fala parece remeter à ideia de alívio por parte da estudante, uma vez que, com o afastamento do professor os assédios pararam. Leila conta também que outras alunas lidam com o mesmo tipo de assédio sofrido por ela e que além dos professores, alunos da própria instituição, principalmente do curso de educação física, praticam os mesmos atos.

Os fatos revelados aludem para um cenário que tem se repetido nos relatos das estudantes, no qual os professores demonstram, dentro das universidades, comportamentos que refletem a dominação masculina, uma vez que os mesmos utilizam do seu poder para coagir e silenciar as discentes. Essa atitude não é mérito apenas dos docentes, já que Leila questiona o assédio sofrido nas 'festas da universidade' pelos discentes do curso de educação física em que tocaram em seu corpo sem seu consentimento, causando-lhe constrangimento ao fazer algo que gosta, como dançar funk, evidenciando que atitudes machistas seguem inibindo o comportamento feminino.

Pagu em seu relato diz que:

Bom (2) eu conheço né:: uma moça que foi violentada aqui dentro, (2) conheci várias meninas que teve tentativa mas não de ser próximas assim e por conta de a gente tá a frente dos atos (.) tipo a gente tá a frente das discussões então a gente acaba virando referência na universidade (.) então tudo que acontece, ah ela discute o feminismo (.) ela tava naquele dia lutando por tal coisa então ela pode ajudar a gente e algumas meninas:: vão atrás de mim; (.) relato de professor que tentou passar a mão e isso é constante (.) professor que alisa quando vai dar uma nota (.) quando vai dar uma orientação (.) que (3) pede números (.) que fica

assediando de todas as formas (.) as meninas que estavam no banheiro e acharam que tinha alguém no banheiro e por elas estarem sozinhas queriam abusar delas mas elas saíram e fizeram barulho, o nosso banheiro ficou mais perigoso, porque o diretor teve a::: brilhante ideia de colocar uma luz que apaga em segundos por falta de movimento e ninguém fica dentro do box né @se movimentando toda hora@ e aí fica tudo escuro então (.) fica assim pavoroso né e depois disso (.) muitas meninas começaram a falar que acharam que tinham homens tentando abusar delas (.) e até os próprios servidores que fingiam que iam limpar e entravam na hora que elas estavam lá (2) e:: uma moça que foi; que chegou mesmo no ato sexual que ele conseguiu mesmo estuprar ela. (3) então é mais difícil ainda tu conhecer a pessoa (.), porque a gente vê uma grande diferença em falar por meio de livros (.) por meios de textos (.) por meio dos nossos próprios relatos mas quando tu vê que tá discutindo tanto aquilo e tu acha que tá mudando aí do teu lado ocorre um estupro **e ninguém viu, ninguém fala (.) ninguém se movimenta** (.) todo mundo acha normal e quando se interessam é só pra saber o que aconteceu com a vítima (.) por que aconteceu isso com ela? o que que ela tava fazendo? onde que ela tava? tava escuro? ela tava sozinha? Então já culpabilizando a vítima (.) então tudo isso é muito complicado.

A estudante comenta a vulnerabilidade das mulheres dentro da própria universidade, uma vez que expõe a situação em que uma jovem ‘foi violentada’ e destaca seu papel de importância dentro do movimento feminista, o que faz com que as alunas que sofrem algum de tipo de assédio/violência recorram a ela para obter ajuda, virando ‘referência’ sobre as temáticas que envolvem as relações de gênero. Pagu ainda fala sobre o fato da administração da própria faculdade adotar medidas que não colaboram com a diminuição dos problemas enfrentados pelas estudantes nesse âmbito.

Ela revela que há uma diferença entre estudar as teorias e vivencia-las, uma vez que, na prática, é muito mais difícil expor os problemas que o feminismo visa combater, já que ‘todo mundo acha normal’ uma estudante ser violentada dentro da universidade, já que o interesse é apenas para saber o que ‘aconteceu com a vítima’, ‘o que que ela tava fazendo?’, ‘onde que ela tava?’, ‘tava escuro?’, ‘ela tava sozinha’, comentários que compactuam com a culpabilização da vítima.

Pagu percebe a diferença em discutir a respeito da violência e vivenciar através de alguém próximo, uma vez que, para ela, situações como a de um estupro estariam cada vez mais distantes, ainda mais quando ocorre a culpabilização da vítima, revelando que há a naturalização da violência contra a mulher.

Tais situações remetem à importância do movimento feminista dentro da universidade, visto que as estudantes ainda se sentem desprovidas de amparo e

sentem necessidade de compartilharem os problemas que enfrentam, sejam eles assédios ou a configuração da violência. Ela questiona também a falta de melhorias para evitar que ocorram episódios como esses, pois critica que o 'banheiro ficou mais perigoso', sinalizando que foi colocada 'uma luz que apaga em segundos por falta de movimento', o que revela uma precarização da estrutura básica na instituição, exemplificada pela falta de iluminação adequada nos banheiros.

Maria foi quem mais desenvolveu a narrativa a respeito da violência sofrida pelas mulheres no ambiente acadêmico. Ela começa relatando que:

É teve a tentativa de estupro em 2016 e o estupro em 2018 com a mesma menina inclusive; é (.) essa moça ela é até (.) tem até não sei bem se é uma deficiência (.) mas ela tem uns problemas motores, então quando a gente é:: tentou lutar dentro da universidade eu te falo que nada aconteceu sabe (.) a gente fez o B.O (.) fez as denúncias e tudo mais na ouvidoria da universidade e nada aconteceu (.) nada=nada e foi uma luta assim quase que em vão sabe (.) porque a gente gritou fechou a rua na primeira vez que aconteceu a tentativa é:: e nada foi feito e, teve outra vez que um rapaz se masturbou dentro da sala de aula que foi numa turma da noite que eles viram uma movimentação que o rapaz não era da universidade (.) simplesmente ele entrou aqui e começou a se masturbar dentro da sala de aula e quanto mais ele via gente olhando mais ele fazia parece que ele queria público mesmo; pra aquilo que ele tava fazendo, aconteceu com duas turmas que eu tenho contato.

No relato, a estudante expõe duas diferentes situações de estupros que tiveram como vítima a mesma jovem, que sofre de um tipo de deficiência, cujos casos, mesmo sendo denunciados e motivadores de protestos, não resultaram em qualquer posicionamento por parte dos que deveriam inibir a violência contra a mulher na universidade, mesmo tendo feito 'B.O', 'denúncias e tudo mais na ouvidoria da universidade', pontua que 'nada aconteceu'. Maria fala também de outra situação ocorrida, desta vez dentro de uma sala de aula, onde um homem realizou atos de cunho sexual publicamente e parecia se satisfazer com a atenção que era dada a ele.

Nas frases 'eu te falo que nada aconteceu sabe', 'nada aconteceu (.) nada=nada', revela que há um possível desdém com os casos de violências sofridas pelas mulheres, uma vez que nenhuma solução é apresentada, o que pode acabar contribuindo com a persistência de atos que não condizem com o bem comum para as mulheres. O caso do homem que agia de forma sexualmente explícita dentro de

uma sala de aula, também relatado por Maria, corrobora com tal pensamento, visto se tratar de outro caso que aconteceu ‘com duas turmas’, ou seja, mais de uma vez.

A respeito do episódio de estupro, Maria continua:

aconteceu um estupro dentro da universidade e nada foi feito (.) nada mudou (.) a não ser quando agen- aconteceu coisa assim tipo no bloco e a câmera não funcionava e a gente fez=fez que conseguiu que iluminasse a universidade que aqui a noite era um breu (.) as meninas morriam de medo de andar sozinha foi que a gente brigou e tipo “você quer luz?” **claro (.) porque uma luz pode evitar um estupro** (.) uma câmera pode evitar; não evita mas, o cara pode pelo menos ser punido e evite que outras manas aconteçam e nada mudou sabe (.) colocaram uma luz e uma câmera mas e o resto? Segurança? Porque a segurança ela não protege a gente ela protege o patrimônio; eles mesmo deixam isso bem claro pra gente, então quantas vezes mais (.) foi a fala que eu usei pro diretor de centro “quantas manas mais vocês vão querer que sejam estupradas dentro da universidade de vocês pra que seja feita alguma coisa?” (.) “Vai precisar que alguém morra (.) que uma mulher morra aqui dentro pra acontecer alguma coisa?” Porque já aconteceu “N” coisas e nada muda sabe (.) eu tô aqui a quatro anos e eu não vi nada.

Em sua fala, a estudante reitera que as providências tomadas pela gestão da universidade pouco contribuem para melhorar a segurança das mulheres no campus e que, embora tenha se providenciado ‘iluminação’ e ‘câmeras’, essas por si só são ineficazes, uma vez que podem inibir, mas não acabam com a violência, sendo que, para isso, seria necessária a presença de seguranças. No entanto, segundo Maria, a segurança cuida apenas da proteção do ‘patrimônio’, o que é motivo de revolta, pois gera a impressão que ‘nada muda’ na universidade.

Para a estudante, há um descaso com a vida das mulheres e ele se revela, principalmente, através da resistência que a universidade apresenta em colocar seguranças para fazer a proteção de seu público e não apenas de seu patrimônio, como questionado na narrativa. Isso pode estar ligado à naturalização da violência que acaba não sendo considerado um problema relevante em relação aos vários que a instituição possui.

As frases ‘nada foi feito’, ‘nada mudou’, ‘nada mudou sabe’, ‘nada muda sabe’ e ‘eu não vi nada’ reforçam a ideia de descaso em relação aos episódios de violência contra as mulheres no ambiente acadêmico, uma vez que a palavra ‘nada’, utilizada por ela várias vezes neste trecho da narrativa, remete a um sentimento de vazio, de vácuo que parece acarretar em frustração, por perceber que apesar de todos os questionamentos e ações das jovens estudantes para mudar a realidade do

que acontece com as mulheres na universidade essa problemática continua sendo invisibilizada pelos gestores.

Maria ainda relata outros episódios:

como eu era do centro acadêmico muitas denúncias chegavam na gente né e teve três casos que são os mais recentes que eu me lembro que foi um professor dentro de sala de aula que as meninas estavam abraçadas e ele falou assim “pode separar porque eu não gosto desse negócio de sapatão na minha sala de aula” e as meninas falaram que não era nada daquilo e ele começou a falar das roupas delas então quanto mais elas debatiam mais ele vinha com argumentos escrotos sabe (.) argumentos sem pé nem cabeça (.) que ele não gostava de feminista que esse negócio de se beijar na sala dele era uma falta de respeito e as meninas não eram nada eram só amigas e estavam abraçadas (.) então o que é né esse professor dentro de sala de aula e não é a primeira nem a segunda e nem a terceira vez que tem denuncia sobre ele e quando foi levado pra coordenação a antiga coordenadora falou que ela era amiga dele que ela ia conversar pra mudar as coisas; mas nada mudou, ele continuou sendo professor e todas as meninas que foram bater de frente com ele desistiram da disciplina e vão ter que refazer a disciplina agora (.) mas que falaram que não iam aceitar que um professor as agredisse dessa maneira né (.) ele mudou a postura ((gesto de aspas com os dedos)) entre aspas até na primeira semana na segunda tentou agir diferente (.) mas a postura continua a mesma; extremamente machista dentro de sala de aula e por isso as meninas acabaram desistindo da disciplina, o outro caso foi um professor que uma turma inteira denunciou ele inclusive abriu um PAD na uepa e ele saiu porque:: as meninas entraram com um processo pra cima dele que era gigantesco tinha duas amigas minha que faziam parte das meninas que estavam denunciando (.) ele chamava as meninas individual e falava que eles podiam negociar a nota que eles podiam resolver de uma outra forma e ele passava a mão nas meninas então (.) é todas elas foram assediadas (.) porque como era esse negocio individual e elas até então não sabiam né como era que funcionava as coisas (.) elas aceitaram né ((gestos de aspas com os dedos)) sobre essa questão dessa orientação individual foi quando elas começaram a saber de fato o que tava acontecendo que elas começaram a contar uma pra outra (.) porque uma coisa é tu tá sabendo que tá acontecendo aquilo contigo mas tu não sabe o que a outra tá passando.

Ela comenta que faz parte do centro acadêmico e que, por isso, tem conhecimento de vários casos de violências cometidos por docentes contra discentes, sendo que um desses casos acarretou na desistência das alunas em cursar uma disciplina. Outro caso culminou, após a abertura de um Processo Administrativo (PAD), na saída do professor da instituição de ensino.

De acordo com Maria, a desistência das estudantes da disciplina está relacionada com a postura machista do professor dentro de sala de aula, o que

talvez possa impactar diretamente na formação das discentes. O outro episódio explorado por ela demonstra uma série de atitudes cometidas por um professor que se enquadram em assédio sexual, tais como: 'negociar nota' e 'passar a mão' nas jovens, tudo por meio de orientação individual, até que começaram a surgir denúncias que, segundo Maria, acarretaram no PAD contra o professor, tendo como resultado sua demissão.

7.4 Análise das posições

Neste capítulo podemos notar falas emblemáticas das jovens universitárias em relação ao momento de encontro com o feminismo, as suas experiências no ambiente acadêmico a partir do momento em que se reconheceram feministas e os relatos de episódios de violência contra as mulheres que permeia as universidades.

Em relação ao tópico *'encontros e desencontros'* duas posições podem ser delineadas. A primeira representada por Bertha e Dandara que nomeamos como *'feminismo nas redes'*. E a segunda posição representada por Clarice, Pagu, Leila e Maria chamamos de *'feminismo na universidade'*.

Nas narrativas que demarcam a primeira posição *'feminismo nas redes'* encontra-se a internet como marcador inicial para o encontro com o feminismo, por meio do envolvimento das jovens com as redes sociais, como *facebook*, *twitter* e *youtube* que caracterizam um tempo e uma geração pautada na influência das tecnologias digitais, como apontado por Bassalo (2012). Observa-se na fala das jovens que a internet possibilita a interação e a divulgação de informações, pois alcança um grande número de pessoas em um curto período de tempo, o que as fizeram se aproximar do feminismo de modo superficial. Ao analisar esta questão, Bassalo (2015) reconhece que o encontro e a militância feminista, via rede, demarcam significados que perpassam uma nova geração de jovens feministas que, ao longo de sua atividade na web, desenvolveram um ciberfeminismo.

A segunda posição *'feminismo na universidade'* demarca a universidade como principal espaço de encontro com o feminismo, indo além da formação acadêmica e profissional, sendo um ambiente que proporcionou o encontro das jovens com novos conhecimentos e amadurecimento pessoal e social, encontrando o feminismo e o fortalecendo através dos grupos de militância e estudos feministas.

O encontro com o feminismo no ambiente acadêmico possibilitou as universitárias a descaracterização do estereótipo repassado a elas sobre as mulheres feministas, reinventando novos significados a partir das suas visões de mundo, resgatando principalmente as suas experiências pessoais. Por meio do conhecimento feminista, as jovens passaram a centralizar a união das mulheres, como um sentimento de irmandade, entendida no feminismo como sororidade e que passa a envolver a desconstrução das estudantes a respeito da rivalidade feminina estimulada socialmente.

Essas posições resgatam os significados que o encontro com o feminismo passa a ter na vida de cada uma das jovens, iniciando de maneira específica, mas se complementando em certos sentidos que foram apontados e descrito por elas em cada trecho das narrativas e que moldam um novo olhar social adquirido por meio de uma educação feminista, construída diariamente com os estudos e com a militância.

Em relação ao segundo tópico *'vivendo entre tensões'* são indicadas, por meio das vivências, algumas posições referentes à maneira que passaram a enxergar o mundo a sua volta, especificamente ao ambiente acadêmico.

As jovens trazem à tona situações rotineiras enfrentadas na universidade devido ao machismo enraizado em uma sociedade culturalmente patriarcal. Por meio das narrativas, foram identificadas duas posições: a primeira nomeada de *'mudanças'*, representada por Bertha, Dandara e Clarice. E a segunda designada como *'resistência'* e identificada através das falas de Pagu, Eneida e Maria.

A primeira posição *'mudanças'* pontua significados que perpassam a mudança da visão de mundo que as estudantes passaram a ter, identificando a importância de estudos pautado em uma base teórica para fortalecer as suas falas, assim como a percepção que passaram a ter sobre si mesmas de acordo com as experiências proporcionadas na universidade, como: eventos, congressos, projetos de pesquisa e extensão e, até mesmo, suas relações pessoais, colaboraram para a mudança de suas mentalidades, seja em relação à orientação sexual, como em relação à forma que se posicionam na sociedade, alicerçadas em uma quebra de paradigmas estabelecidos, paradigmas esses, que insistem em qualificar sujeitos através de seus gêneros.

A segunda posição *'resistência'* identifica vivências dentro do ambiente acadêmico, como difíceis e/ou complicadas, pois a partir de uma visão feminista, as

estudantes escancaram as opressões que perpassam esse espaço, como a homofobia e, principalmente, o machismo em um meio que deveria, por sua importância enquanto lugar de produção de conhecimento e de transformação social, ser o preconizador de relações mais humanas voltadas ao respeito, à garantia de direitos e à equidade entre os gêneros.

Dentre essas opressões, tem-se o machismo como a principal, visto que as universitárias exemplificam situações vivenciadas, tais como: a falta de reconhecimento de suas produções por professores, ter suas falas atravessadas e/ou interrompidas por colegas de turma, o assédio e o subjugamento pelo simples fato de serem mulheres.

Por conta do machismo enfrentado por elas, atrela-se a essas situações a dominação masculina percebida em suas narrativas, como nos casos em que se evidencia a falta de reconhecimento e representatividade das mulheres nos referenciais teóricos utilizados pelos professores e nos cargos de poder dentro das universidades.

Observa-se nas narrativas que a universidade continua sendo marcada como um ambiente masculino, mesmo com o aumento da entrada das mulheres no ensino superior e alguns cursos sendo majoritariamente femininos, como as licenciaturas (MEC/2017). Essa perspectiva colabora com a manutenção da invisibilidade das mulheres nesse meio, seja no relacionamento com os professores, com a gestão e com os estudantes.

Diante disso, evidencia-se nas falas das entrevistadas a importância do conhecimento adquirido por meio do movimento feminista, mostrando a relevância dos movimentos sociais para uma construção mais humanizada enquanto pessoas e profissionais da educação que identificam os preconceitos e as opressões e lutam pela igualdade de direitos em todos os espaços. Logo, admite-se que o processo de assimilação de uma nova mentalidade que prega por reconhecer a história pela perspectiva das mulheres, deve estar mais presente nas universidades para que se enfrentem as opressões ainda tão presentes nesse meio, como apontado pelas estudantes.

No tópico '*A violência contra as mulheres na universidade*' observa-se, nas narrativas uma única posição, nomeada de '*denúncia*', tendo como cenário, as universidades, as quais refletem os altos índices de violência contra a mulher na sociedade, pois fica evidente, na fala das estudantes, que os episódios de assédios

não são isolados, sendo percebido por elas através da posição política e social que passaram a manifestar como feministas.

Nos relatos, destacam-se o assédio praticado pelos professores como a principal violência mencionada pelas universitárias, centralizando as atitudes machistas que os mesmos demonstram no ambiente acadêmico, constringendo e prejudicando as jovens, inclusive em suas formações, o que acaba sendo questionado em suas falas, assim como o assédio praticado também pelos universitários nas turmas por meio do silenciamento e das falas atravessadas e nos eventos culturais, lugar que deveria ser para a socialização e diversão, acaba sendo também onde ocorre alguns tipos de violência. Esses fatos acabam despertando para uma problemática que envolve a formação de professores, uma vez que tanto os professores atuantes, quanto os que estão em formação, possuem atitudes que ferem a dignidade das mulheres.

Também é centralizado nas narrativas o descaso, o silenciamento e a falta de amparo que as estudantes enfrentam em relação às universidades. A falta de posicionamento pelas instituições de ensino contribui para a naturalização da violência contra a mulher, haja vista que apenas um caso obteve punição e os demais, assim como as reivindicações feitas pelas estudantes para o enfrentamento às violências, não foram atendidas. As entrevistadas consideram-nos como motivos que as levam a ser vítimas de tal mazela, de modo que acreditam ser necessário que o próprio movimento feminista dentro das universidades se adeque e fortaleça para que novos episódios dessas violências não sejam naturalizados.

Através das posições que surgiram nas narrativas e aproximações de sentidos atribuídos pelas estudantes foi identificado como modelo de orientação dessa seção uma *'Educação feminista'* que envolve o processo de conhecimento e estruturação de um pensamento por meio de estudos baseados em teorias e práticas da militância.

VIII A DOCÊNCIA A PARTIR DA PERSPECTIVA FEMINISTA

Nesta seção, será dado o enfoque à docência pautada em uma perspectiva feminista que une os conhecimentos dos cursos de formação de professores aos conhecimentos adquiridos com o feminismo por meio dos relatos das estudantes dos cursos de licenciatura: Pedagogia, Letras e Ciências Sociais. As narrativas demarcam uma visão de mundo que perpassam as experiências dentro e fora da universidade para pensar as suas formações e a atuação enquanto futuras professoras que estarão adentrando o campo profissional em um momento que envolve retrocessos e indecisões em torno dos debates de gênero no campo educacional do Brasil.

8.1 A formação de professores e a reflexão sobre relações de gênero

Neste tópico, busca-se compreender o olhar que as estudantes possuem dos cursos de licenciatura em que estão inseridas, uma vez que suas experiências embasam a sua formação para a atuação profissional. Não é de interesse fazer uma avaliação curricular, mas sim, dialogar por meio da percepção que passaram a ter com as suas vivências a partir do feminismo.

Sendo assim, foi perguntado às estudantes como que a formação na universidade tem auxiliado na reflexão dos debates de gênero. Como primeira posição, podemos apontar o que diz Pagu:

Olha (.) ela me ajuda a refletir por não ter a discussão de relação de gênero (.) por ser tão ausente no nosso curso e eu passei a refletir muito mais quando eu:: porque a gente tem disciplinas eletivas e as nossas disciplinas eletivas são disciplinas que deveriam ser obrigatórias (2) relações étnico raciais (.) educação sexual então (.) na discussão em votação de disciplina eletiva tava disputando literatura infantil e educação sexual (.) então foi muita porrada pra gente conseguir educação sexual porque ninguém quer discutir isso (2) e isso me incentiva, ver que eu preciso me formar quanto uma educadora que fale dessa educação sexual que não esteja em uma escola e veja tantas situações de=de relacionada ao gênero e ficar calada e não saber tomar atitude (.) não saber orientar os próprios professores que não sabem tomar atitude (.) as crianças (.) a própria coordenação ou direção (.) a gestão da escola; então (.) eu preciso estar preparada pra isso e nessa disciplina de educação sexual a professora propôs pra gente uma coisa magnífica, sair da UEPA e colocar em prática o que a gente tá aprendendo (2) e a gente discutia sobre aborto e ia falar na escola que era no Magalhães e isso foi me incentivando mais ainda de ver que a metade da turma (.) mais da metade não tava tão interessada (.) tava ali por obrigação; as dez né

que sou eu e as minhas amigas estávamos a fim (.) a gente queria discutir (.) a gente dava o nosso sangue pra discutir (.) a gente tava ali pra conversar com esses meninos.

Pagu, na frase ‘ela me ajuda por não ter a discussão de relação de gênero (.) por ser tão ausente no nosso curso e eu passei a refletir muito mais’, observa que a formação na universidade não inclui essa temática como tópico a ser estudado e este ‘não ter’ contraditoriamente a auxilia a refletir o quanto essa discussão se faz necessária. Pontua que existe uma disciplina eletiva no curso de pedagogia chamada ‘educação sexual’ e que foi por meio dela que teve a chance de ter um debate a respeito de gênero e sexualidade, mas comenta que ‘ninguém quer discutir isso’, o que a incentiva e estimula em se ‘formar quanto uma educadora que fale dessa educação sexual’ e que mostre a importância de tratar desses temas perante alunos, professores, coordenadores e diretores da escola que venha a atuar.

Através de suas experiências, a estudante conta que, na disciplina de educação sexual, a professora sugeriu que colocassem alguns conhecimentos em prática e que a turma fosse a uma escola e falasse a respeito do aborto e esse episódio, ao mesmo tempo em que lhe deixou motivada, reforçou que ‘a metade da turma (.) mais da metade não tava tão interessada’ e que ‘tava ali por obrigação’. A falta de interesse apresentada pela turma a respeito da disciplina pode revelar que ainda existem estigmas a respeito de debates que envolvem a educação sexual e que ainda são minorias aqueles que se propõem a estudar e discutir sobre o tema.

Diante do ‘não ter’, ela decide ou percebe a necessidade de discutir sobre o tema e segue a narrativa a partir de algumas experiências em relação à disciplina:

e quando chegava no Magalhães a gente vê que, realmente a universidade também tá numa ilha (.) ela não transpõe esses muros (.) ela discute tanto que precisa mudar (.) mas aqui do lado o Magalhães é aqui do lado e não tem nada pra esses meninos; daí e a gente conversando com eles são meninos de dezesseis anos (.) dezessete anos que praticamente não sabem nem como se usa uma camisinha (.) então não é só chegar e falar “**usa camisinha**” (.) não é só chegar e dizer que a mulher tem **tal direito** e não explicar o que é de fato (.) a importância disso; e quando a gente levou a questão do aborto pra eles foi muito complicado (.) porque aí entra a questão da religião e a gente ainda é muito atrasado porque a gente tem uma religião grudada na gente (.) atitudes religiosas assim (.) intoleráveis que faz a gente se tornar intolerante sobre tudo (.) a gente começa a achar que aquilo é errado que não é certo por conta da minha religião e a gente sabia que a gente ia encontrar isso lá e foi o que mais a gente encontrou; “Eu não tô matando? Deus não vai me castigar porque eu tô matando alguém?” (.) “Eu não tô fazendo isso

errado? Porque a bíblia diz que é errado” (.) então fica na questão da religião (.) fica na questão da bíblia (.) mas o direito do corpo da mulher (.) a saúde da mulher “foge do assunto né” (.) a importância da vida tanto desse homem que vai se tornar pai pra essa mulher que vai se tornar mãe, a gente colocou em questão também se só o aborto é a mulher que faz (.) eles ‘bugaram’ (.) “não como assim, é claro que só a mulher que faz” (.) tinha um menino lá assim “sim eu quero saber se eu engravidou”; aí foi que a gente explicou o aborto quando surge do homem é porque ele abandona e tudo mais (.) então quando a gente tá nas escolas principalmente nas escolas públicas (2) e a gente vem aqui pra dentro da academia e olha como tá sendo a nossa formação isso tudo por estar errado (.) por estar distante da discussão me incentiva a ir mais à frente (.) a discutir cada vez mais.

Pagu observa, na frase ‘realmente a universidade também tá numa ilha’, sua percepção da relação entre a universidade e os debates sobre as relações de gênero. A palavra ilha pode revelar um distanciamento entre a universidade e outros ambientes sociais e educacionais, pois ‘ela não transpõe esses muros’, o que remete à ideia de que a universidade acaba se isolando de outros espaços, como, por exemplo, a escola situada ao lado, o que é criticado pela estudante.

A compreensão de Pagu a respeito do distanciamento entre o que é tratado na universidade e a dificuldade de se levar o conhecimento acadêmico para uma prática eficaz em meio à sociedade, traz a tona uma preocupação da estudante por meio da expressão ‘como tá sendo a nossa formação’ e ‘por estar distante da discussão me incentiva a ir mais à frente’ ou seja, o processo de formação no qual está inserida, tanto na universidade, quanto fora dela.

Ela ainda conta sobre acontecimentos que a motivaram a querer ‘discutir cada vez mais’ essas questões, uma vez que, durante o debate sobre o aborto, percebeu que a fala por meio da religião deixa as pessoas mais ‘intolerantes’ e afasta a compreensão sobre os direitos da mulher, sobre o corpo, tirando a importância desse debate na formação das/dos estudantes.

Já Bertha expõe que:

Pois é né (.) como eu sou pedagoga (.) praticamente pedagoga é (.) teve duas somente duas disciplinas mais ou menos (.) uma em direitos humanos e outra em currículo mas tipo (.) no primeiro=primeiro semestre a gente esquece sabe fica muito rápido e a outra que foi sobre currículo que é parecida com essa era:: matéria que tu não era obrigado a fazer (.) optativa, então fica muito (.) o currículo da universidade da pedagogia ele é muito fraco entendeu ele é fraco (.) ele é defasado e ele precisa ser modificado porque se não a gente vai continuar criando aí formando aí pedagogos que (2) se utilizam de outras práticas e tal que não é aquilo sabe que tem

que ser aquela pedagogia pra libertar pedagogia emancipadora e tal e não é isso sabe; acaba fugindo do ciclo (.) acaba fugindo dali aí mana já era.

A estudante diz ter vivenciado, na sua graduação em Pedagogia, a questão dos debates sobre gênero em 'duas disciplinas mais ou menos', sendo que uma delas era no início do curso e a outra era 'optativa'. Ela critica o currículo do curso e o denomina como 'muito fraco' e que está 'defasado', refletindo que 'ele precisa ser modificado' para que ocorra uma formação que envolva uma 'pedagogia pra libertar' ou uma 'pedagogia emancipadora'.

As expressões 'pedagogia pra libertar' e 'pedagogia emancipadora' revelam o desejo para a mudança na formação das/dos profissionais de pedagogia, pois parece ainda estar pautada em uma formação mais tradicional. A crítica que Bertha faz expõe a necessidade de mudança do currículo acadêmico adotado para as/os estudantes de pedagogia para que temáticas como as que envolvem as discussões de gênero não fiquem restritas apenas a disciplinas 'optativas', ou seja, que possam estar mais presentes na formação inicial.

Maria, a respeito de como a formação na universidade tem auxiliado na reflexão dos debates de gênero, fala que:

Assim se for currículo (.) as minhas vivências na universidade porque eu busquei fazer de fato eu ter outra visão (.) saber que eu quero ser uma professora diferente do que eu tive de toda a minha vida acadêmica não só dentro da universidade no ensino médio e na universidade mas assim (.) currículo (.) nada, eu tive uma professora pra ti dizer que fez diferença dentro de sala de aula tipo (.) com a disciplina que foi em psicologia que a gente trabalhou um pouquinho de tudo e com ela eu aprendi muita coisa sabe (.) a minha visão enquanto professora e tudo mais (.) e outra é optativa a disciplina não é obrigatória (.) era educação sexual a disciplina só que a professora era psicóloga (.) foi a professora dentro da sala de aula que:: ajudou muito as meninas sabe a gente conversava muito sobre o feminismo sobre sexualidade (.) ela acendeu luzes em muitas meninas inclusive (.) foi o semestre que a minha turma teve paz (.) porque a gente aprendeu a se ouvir (.) ela fez com que a gente enxergasse as outras de outra maneira sabe; então só ela que eu posso te dizer e outra, ela fazia discussões pra atingir os meninos porque a gente chegou e contou tudo pra ela (.) a gente abriu o coração sabe; teve um dia na aula que foi só choro, porque a gente abriu o coração pra ela a gente falou de violências que já tinha sofrido e ela até fala que como nós sofremos essas agressões muito cedo o nosso cérebro faz com que a gente esqueça então na aula dela muitas coisas foram lembradas sabe de agressões que nós sofremos desde quando éramos crianças então eu acho que é a única professora que eu posso dizer dentro de sala de aula assim

que (.) nos ajudou consideravelmente e agora no final que eu tive contato mais diretamente com uma outra professora pessoalmente na disciplina de estágio; mas de currículo, eu posso te dizer que não tem nada assim que faça as pessoas mudarem de opinião (.) de:: enxergar o outro de outra maneira sabe.

Na frase 'as minhas vivências porque eu busquei fazem de fato eu ter outra visão', Maria indica que foi por meio das experiências, que buscou ter dentro da universidade, que passou a ter um novo olhar em relação à profissional que pretende se transformar, pois almeja ser uma 'professora diferente' do que teve durante toda sua jornada enquanto acadêmica. Na frase 'assim (.) currículo (.) nada' revela a fragilidade do currículo adotado pela instituição a respeito da abordagem sobre questões de gênero, dizendo que, somente em uma disciplina 'optativa', ou seja, não obrigatória, viu uma docente abordar tais assuntos dentro de sala de aula como 'feminismo' e 'sexualidade' e que essa docente 'acendeu luzes em muitas meninas', além de colaborar com uma melhor relação entre os próprios discentes, uma vez que a turma 'aprendeu a se ouvir' o que, conseqüentemente, fez com que as/os estudantes se colocassem uns no lugar dos outros.

Maria enaltece ainda mais o papel da professora quando diz que ela proporcionava discussões nas quais a turma tinha a oportunidade de falar sobre os vários tipos de problemas que encarava, fora isso, ela conta que só teve outro contato, de forma particular, na disciplina de estágio, com outra professora que tratava sobre essas temáticas e critica que no currículo do curso não existem disciplinas que façam 'enxergar o outro de outra maneira'.

Ela relata que foi a partir da docente que ministrava a disciplina de psicologia que aprendeu a ter uma 'visão enquanto professora', tanto que marcou a figura da profissional de maneira positiva, a ponto de ela ser a única mencionada como alguém que se propôs a trazer uma forma diferente de abordagem para a turma.

Na frase 'não tem nada assim que faça as pessoas mudarem de opinião' constata a inexistência de um olhar que transforme as desigualdades de gênero na trajetória de formação de professores e professoras. Sendo assim, Maria segue falando sobre a importância de suas vivências na universidade:

as minhas vivências na universidade fez eu construir quem eu sou sabe (.) até tava conversando hoje com uma amiga que foi o movimento estudantil que montou a pessoal e a profissional que eu sou hoje sabe (.) foi o contato com meninas foi:: a Treyçi (.) foi a Natália foi a Fany enfim (.) foram pessoas que já passaram na minha

vida e que me mostraram o que é o movimento estudantil (.) o que é o feminismo e é o que eu tenho uma visão além da sala de aula (.) além do livro didático (.) além de um caderno sabe (.) eu acho que a escola que o professor não é só aquele que te ensina a ler e a escrever sabe (.) mas ele te dá visão de mundo (.) quando um menino já é::: opressor com uma menina dentro de sala de aula ainda muito pequeno sabe (.) então na escola a gente ouve muito esses discursos (.) muito=muito de tipo é isso mesmo (.) a menina é inferior ao menino (.) tem que lavar louça o menino tem que brincar sabe (.) a gente ainda ouve muito (.) quando eu vejo isso eu fico me coçando sabe que eu vejo que não é essa a profissional que eu quero ser (.) eu quero dar uma visão diferente pros meus alunos então eu te falo com as minhas vivências que eu busquei fora da universidade fora da sala de aula me construiu na pessoal que eu sou hoje.

A estudante reafirma que ‘as minhas vivências na universidade fez eu construir quem eu sou’ e reconhece a importância do movimento estudantil e do contato que passou a ter com outras ‘meninas’, de dentro dele, que lhe aproximaram do feminismo e contribuíram para ‘uma visão além da sala de aula’, ‘além do livro didático’ e ‘além de um caderno’, fazendo-a perceber que o papel do professor é muito maior do que ser a pessoa que só ensina a ‘ler e a escrever’, pois, segundo ela, ‘ele te dá visão de mundo’.

Maria, em sua narrativa, exemplifica situações do cotidiano dos alunos na escola, nas quais o menino se comporta de forma opressora com as meninas desde ‘muito pequeno’ e revela que isso a motiva a querer ‘dar uma visão diferente’ para seus alunos. Por meio dos exemplos citados, revela-se que ela localiza comportamentos que reproduzem atitudes machistas no contexto escolar que mantém o sistema patriarcal e que, para perceber isso, buscou outras vivências, construindo uma ‘visão de mundo’ que questione tais comportamentos. Na frase ‘eu quero dar uma visão diferente pros meus alunos’, ela atribui às experiências fora de sala de aula a construção de um olhar social mais crítico enquanto profissional, já que no curso foram poucos os aprendizados que puderam contribuir com a sua formação nessa perspectiva. Contudo, ela acrescenta que:

dentro da sala de aula pouquíssimos professores me contribuíram (.) tanto que no meu tema de TCC eu falo também do empoderamento feminino só que eu vou falar fora do âmbito escolar né (.) eu vou falar no cárcere ma::s foi graças a tudo isso que me fez ver a minoria sabe foi=foi com as minhas vivências nos movimentos sociais que fez eu querer estudar a minoria e não o que todo mundo quer estudar sabe (.) que é a sala de aula que é a criança; eu quero, ouvir a voz das manas que são caladas sabe (.) mas não é a academia assim a Uepa (.) a sala de aula que faz eu ver isso porque ainda constrói

muito a visão de um professor tradicional porque esses professores não tem a formação então como que eles vão ensinar algo que eles não tem? As professoras que discutem essas coisas na universidade eu não tive tanto contato eu tive contato com uma professora mas era de=de TCC (.) de pré projeto então ela não entrou em uma disciplina específica (.) a gente discutia; conversava, ela chegou a levar pra dentro da sala de aula porque ela percebeu o clima da turma (.) ela levou uma mana pra falar sobre sexualidade na sala sobre essa questão de gênero porque ela sentiu o que era a turma porque toda vez que a gente falava era olhos revirados sabe (.) era risadinha então ela percebeu todo mundo percebe (.) por conta disso todo mundo pensa que ser dos movimentos sociais é uma coisa ruim (.) não conseguem ver como uma coisa positiva nas pessoas (.) eles acham que é baderneiro sabe que a gente é extremista mas eles não têm noção do que é o movimento social na vida de um estudante sabe (.) **o quanto te constrói o quanto te faz ter uma visão diferente** que a academia quer que tu tenha.

A estudante conta que, durante a graduação, teve contato com poucos professores que tenham lhe acrescentado algo a respeito da temática de gênero e que buscou, em seu TCC, tratar de um tema que estivesse ‘fora do âmbito escolar’, atribuindo essa vontade a suas ‘vivências nos movimentos sociais’, uma vez que eles motivaram a ‘querer estudar a minoria e não o que todo mundo quer estudar’.

Na frase ‘dentro de sala de aula pouquíssimos professores me contribuíram’, ela localiza que foi pouca a contribuição de professores para a sua formação no campo das relações de gênero. Ela revela que sua universidade ainda estimula o discente a ter ‘a visão de um professor tradicional’, já que ‘esses professores não tem a formação’ e questiona ‘como que eles vão ensinar algo que eles não tem?’, o que parece revelar uma lacuna na formação de professores e professoras. Prova disso é que, dentre os poucos contatos que a estudante teve com professoras que falam sobre gênero, pôde presenciar o caso de uma professora, que ‘não entrou em uma disciplina específica’, levantando, dentro de sala de aula, o debate sobre sexualidade através de uma convidada, o que gerou incômodo em parte da turma, pois Maria diz ter percebido atitudes inconvenientes por parte de alguns discentes como ‘olhos revirados’ e ‘risadinhas’, o que acabou transparecendo que eles ‘não têm noção do que é o movimento social na vida de um estudante’.

As narrativas de Maria parecem revelar a visão de quem foi impactada mais por vivências sociais do que por experiências acadêmicas, uma vez que, como aponta, ela se dedicará a ‘ouvir a voz das manas que são caladas’ e questiona o rumo que a academia adota para a construção dos profissionais.

A estudante também mostra seu descontentamento com a postura de discentes que menosprezam a importância dos movimentos sociais e que ‘acham que é baderneiro’ ou ‘extremista’ quem se envolve com eles, pois viu de perto reações que aludem para essa constatação, o que para ela é lamentável, dado que os movimentos a ajudaram em sua construção pessoal e a ter pontos de vista diferentes dos que são tratados na universidade. Com as expressões ‘baderneiro’ e ‘extremista’ ela identifica a ideia de pessoas que causam confusão e desordem na sociedade, sendo vinculada aos movimentos sociais de forma pejorativa e estereotipada pelo objetivo de transformação e de luta que possui, sendo questionado por ela.

Já a universitária Dandara aponta uma segunda posição sobre como a formação na universidade tem auxiliado na reflexão dos debates de gênero:

o nosso curso né mesmo tendo uma grande maioria de mulheres a gente não tem representatividade no referencial teórico (.) noventa por cento ou até mais em um ano de curso eu não lembro assim de um professor ter dado uma leitura ou a própria professora ter dado uma leitura pra gente tipo uma leitura obrigatória tipo (.) “essa daqui é uma mulher (.) uma autora muito importante pra ciências sociais e tal e vocês tem que ler ela e apresentar” (.) já rolou em seminários (.) de que a gente divide em grupos (.) mas assim da professora ou do professor chegar e apresentar pra gente autoras é muito difícil; não aconteceu e, eu penso né (.) quando eu vejo assim uma mulher (.) outro dia eu tava lendo pra fazer a prova da monitoria né aí eu tava lendo um texto que é até do Anthony Giddens e ele tava falando sobre os clássicos e tal e por último ele fala de uma mulher que eu nunca tinha ouvido falar dela e ele coloca lá no título a fundadora esquecida que foi uma das fundadoras das ciências sociais (.) da sociologia no caso e veio antes até mesmo de Marx e de Durkheim e de todos eles (.) de Augusto Comte que é considerado um dos pais né da sociologia e ela não tem esse crédito e a gente não vê (.) a gente nunca viu a gente não fala dela sabe e foi uma mulher muito importante na luta das mulheres pelas mulheres (.) pelas causas das mulheres e pelas causas raciais nos Estados Unidos e na Inglaterra e daí **quando eu vejo mulheres fazendo ciência eu penso “eu também posso fazer”** e quando eu não vejo das duas uma (.) ou tu pensa eu vou fazer mesmo assim ou tu pensa @pô isso daqui não é pra mim@ realmente; o que que eu tô fazendo aqui, e estar nesse curso e perceber tudo isso (.) me questionar me faz ter mais força pra não parar de estudar (.) pra que eu um dia quem sabe possa estar nesse referencial ou possa ter mais mulheres e eu dizer “olha eu lutei pra ter mais mulheres nesse referencial teórico” e que mais mulheres se sintam representadas e sintam que também podem (.) mais meninas também porque a gente percebe muito.

A estudante conta que, no curso de Ciências Sociais, ‘mesmo tendo uma grande maioria de mulheres’, não tem ‘representatividade no referencial teórico’ e

que não é comum docentes apresentarem autoras referências para as/os discentes em sala de aula, mesmo com o curso sendo formado por maioria de discentes mulheres. Ela relata a experiência em que, ao estudar para participar do processo seletivo de monitoria da universidade, percebeu que um autor que estava nas referências destaca a importância de uma mulher, a qual ela ‘nunca tinha ouvido falar’, para as ciências sociais e que não teve tanto reconhecimento quanto os homens nesse âmbito.

Mesmo criticando a ausência de autoras mulheres, ela cita apenas o nome dos autores homens e não lembra o nome da autora, a qual pontua como ‘a fundadora esquecida’. A autora em questão é Harriet Martineau⁴³, a qual foi identificada como a primeira mulher socióloga, mas como pontua Dandara, ‘ela não tem esse crédito e a gente não vê’, apesar da sua importância para a sociologia e para a luta das mulheres.

Para a futura professora, exemplos como esse são inspiradores, pois revela que, quando vê ‘**mulheres fazendo ciência**’, pensa ‘**eu também posso fazer**’ e, quando não vê o devido destaque dado a autoras, ela se motiva a ser uma entre mais mulheres que possam estar representando o referencial teórico e, conseqüentemente, modificar o currículo acadêmico de seu curso para que ‘mais mulheres se sintam representadas e sintam que também podem’.

A falta de representatividade no referencial teórico parece revelar o debate sobre gênero intrínseco ao meio acadêmico, uma vez que ela, enquanto mulher e futura professora, percebe uma lacuna e tece críticas. Questiona ainda a proporção e reconhecimento dado aos autores para a ciência em comparação com a que é dada às autoras, localizando a trajetória histórica do conhecimento que tende a valorizar a produção dos homens e apagar, ocultar ou desvalorizar a produção das mulheres, pois, como percebido pela estudante, não se lê e não se estuda as mulheres ou sobre as mulheres. Em relação a essa questão, Leila diz que:

A minha formação na universidade, o meu curso não tá adiantando de nada (.) é eu estudo letras e o que a gente estuda são homens (.) então são os homens na literatura são os cânones os principais e o pessoal de português é o Machado de Assis o nosso é o Garcia Matos mas **cadê as mulheres?** Cadê Eneida de Moraes? que é paraense (.) cadê as mulheres negras latino americanas? Cadê? Por que que a gente não estuda? Então (.) a gente nem precisa falar

⁴³ Harriet Martineau (1802-1876) – Uma fundadora esquecida. Ver em: GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 6ª ed. Lisboa – Fund. Calouste Gulbenkian, 2008. p. 14 – 15.

diretamente o feminismo (.) o professor e a professora nem precisa falar isso é (.) você precisa criar representatividade é:: e principalmente nós que escrevemos recentemente né e isso não é exposto os professores deixam muito claro que eles não querem passar isso que eles querem aqueles caras que já são muito estudados e que nada mais importa; só eles, e inclusive até autores de gramática enfim (.) que a gente vê que é o patriarcado em todos os aspectos e é bem difícil isso porque (.) tu não vê uma literatura feminina não precisa ser feminista mas que tenha representatividade feminina; a gente tem muito o que mostrar e **incentivar as mulheres a escreverem** e que por conta da representatividade a gente não tem científico.

Ao responder a respeito da reflexão sobre os debates de relação de gênero, Leila fala que ‘a minha formação na universidade-, o meu curso não tá adiantando de nada’, pois pontua na sua narrativa que ‘você precisa criar representatividade’ questionando a ausência dos estudos de mulheres e sobre mulheres na universidade e em seu curso.

Na frase ‘o que a gente estuda são homens (.) então são os homens na literatura são os cânones os principais’, se assemelha ao pensamento de Dandara por criticar a ausência de reconhecimento das autoras/escritoras femininas em seu curso, o que a faz questionar: ‘**cadê as mulheres?**’, ‘Cadê Eneida de Moraes? que é paraense’, ‘cadê as mulheres negras latino americanas?’ ‘Cadê?’, ‘Por que que a gente não estuda?’, ressaltando que aos autores/escritores homens é dado bem mais espaço, inclusive na literatura. Esses questionamentos também reforçam sua necessidade em ‘criar representatividade’, visto que pontua, de forma enfática, que se deve ‘**incentivar as mulheres a escreverem**’.

Observam-se em sua narrativa vários questionamentos, por meio da expressão ‘**cadê as mulheres?**’. Essa expressão remete à compreensão a partir de uma perspectiva feminista que indaga a sua formação e seu curso. Ela identifica que, para os docentes, parece ser conveniente incluir apenas autores que já são estudados, os clássicos, e localiza nesta ação a ideia de um ‘patriarcado em todos os aspectos’ que está inserido também no currículo do curso, uma vez que ‘não há representatividades femininas’, fato que a faz dizer que seu curso ‘não tá adiantando de nada’.

Com relação aos debates envolvendo as relações de gênero no curso, ela destaca que ‘não precisa ser feminista, mas que tenha representatividade feminina’, ou seja, que possa incluir as referências de autoras importantes para o curso, remetendo a importância de estudar as mulheres, não sendo necessariamente

militantes e que falem sobre o feminismo, mas que possam ter representatividade entre as autoras.

Por fim, Eneida fala que:

No currículo a gente não tem (.) mas o Zo'é é um grupo que faz parte da universidade (2) e (.) na minha área que é letras há um marcador de gênero (2) esse recorte tem=tem me proporcionado refletir sobre a invisibilidade das mulheres na literatura (.) assim no campo literário é muito difícil até o modernismo assim falar em alguma mulher não existe (.) e mesmo nessa literatura do século XX elas são muito invisibilizadas e aí o meu trabalho é mais ou menos agora é (.) tentar descortinar isso (2) principalmente a (.) literatura das mulheres negras (.) é extremamente invisibilizadas.

Na percepção da estudante, no currículo não existe uma discussão em torno de temáticas que envolvem gênero. Ela informa que passou a ter acesso a essas discussões, dentro da universidade, por meio de um grupo feminista. A frase 'na minha área que é letras há um marcador de gênero' e esse marcador tem auxiliado a 'refletir sobre a invisibilidade das mulheres na literatura', demonstra que identifica a ausência da figura feminina no currículo do seu curso, especialmente no âmbito da literatura, o que a faz afirmar que as mulheres 'são muito invisibilizadas' e, principalmente, a 'literatura das mulheres negras'.

Na frase 'tentar descortinar isso', Eneida expõe um posicionamento, também demonstrado por Leila, de se inserir na busca por um cenário diferente, em que buscam a representatividade das mulheres nos referenciais teóricos dos cursos, evidenciando que a literatura nunca foi campo de atuação apenas dos homens.

Ela segue dizendo que:

Eu acho que a universidade deve sair um pouquinho do=do (.) são raras as discussões mas quando tem a universidade não sai do seu ar condicionado (.) a universidade não sai pra ir pra comunidade (.) não sai ela fica naquela discussão entre as mulheres e também não se expande (.) eu acho que a universidade deveria ir pra comunidade e:: deveria ser modificado ou então implementado alguma coisa no currículo assim (.) eu acho que a modificação do currículo e a universidade se expandir pra se comunicar com a comunidade.

Nas frases 'não sai do seu ar condicionado' uma vez que ela 'não sai pra ir pra comunidade' parece ir de encontro à ideia de Pagu sobre a universidade estar em 'ilhas' e não transpor seus muros. Desse modo, a estudante deixa claro que a 'modificação do currículo' e a expansão da universidade 'pra se comunicar com a comunidade' contribuiria para a busca de transformações quanto à propagação dos

saberes produzidos no ambiente acadêmico. Logo, tem-se que, para Eneida, além da inserção da representatividade das mulheres no currículo da graduação, há uma necessidade da própria universidade levar conhecimento para além de seu espaço físico.

8.2 Futura professora e feminista

Neste tópico será abordada a perspectiva das estudantes em relação à atuação profissional, desenvolvendo a visão de mundo que vem sendo construída por meio das suas experiências acadêmicas e com base nos conhecimentos adquiridos pelo feminismo. Sendo assim, foi perguntado sobre a contribuição do feminismo para suas formações enquanto futuras professoras e o que significaria ser professora e feminista.

Podemos apontar, como primeira posição, a desenvolvida por Bertha. Vejamos:

eu percebi que o feminismo ele=ele é a minha vida cotidiana é o meu cotidiano, então (.) acaba que a gente pode ter várias formas de fomentar o debate na=na escola nos espaços políticos em todos os lugares entendeu até então acaba por influenciar. A gente tá fazendo um projeto que é o chalé da paz né que é a casa do Francisco, vai ser a minha casa também (.) iai a gente vai trabalhar com as crianças porque a gente resolveu especificamente cuidar das crianças daquele bairro porque naquela área ali tem muita criança que passa o dia na rua entendeu (.) então a gente dando uma coisa ali meio que assistencialista mes::mo sabe porque a gente não tem aquela estrutura pra acolher; a gente tá fazendo oficina (.) a gente vai continuar fazendo oficinas então eu também quero que eles possam conhecer o feminismo entendeu (.) mas eu quero mas=mas aí que tá a gente vai fazer isso tudo a partir de uma mediação entendeu (.) a gente não vai dizer “ai não (.) não tá certo tá errado” (.) “não mas por quê? Por que tu acha isso” sabe, a partir dessa narrativa a gente vai escutar a narrativa deles (.) a gente vai fazer eles pensarem então é essa ideia de ser uma professora que tenha condições de fomentar o debate na sala de aula (.) iai pelo menos vai deixar eles com aquela pulga atrás da orelha sabe que se já deixa já é um ótimo passo (.) vai deixando vai deixando vai deixando vai plantando aquela sementinha que um dia foi plantada comigo entendeu e é assim (.) é um trabalho cansativo né que é um trabalho de formiguinha em formiguinha, é o tempo todo ali naquele embate né “mas por que? mas não sei o que” sabe (.) são várias coisas (2) iai tu tem que também ter formação pra isso (.) tem que também estudar sobre isso.

A estudante diz que o feminismo é o seu ‘cotidiano’, o que ela vive no dia a dia, e que os debates relacionados ao feminismo podem ser levados a vários

lugares. Ao falar do projeto 'chalé da paz', ela exemplifica a possibilidade de educar as crianças do bairro, utilizando conhecimentos adquiridos no curso de pedagogia e no feminismo, através de mediações durante debates aos participantes do projeto.

Na frase 'o feminismo é a minha vida cotidiana é o meu cotidiano', Bertha compreende que o feminismo está diariamente em sua vida, já que a palavra 'cotidiano' dá ideia de que é comum, de que faz parte das suas ações e da sua vida todos os dias. A universitária se entende como uma professora 'que tenha condições de fomentar o debate na sala de aula', ou seja, de estimular e favorecer a introdução das temáticas que envolvem o feminismo em suas aulas.

Ela reconhece que o trabalho é meticuloso e cansativo, pois diz que 'é um trabalho de formiguinha em formiguinha, é o tempo todo ali naquele embate' e que sua formação e estudos são fundamentais no alcance de suas metas. A expressão 'trabalho de formiguinha' utilizada pela estudante dá ideia de algo que é construído aos poucos, gradativamente e em uma rede de pessoas, mas que possui objetivo a ser alcançado. Posteriormente, fala que:

a gente vive em uma censura a gente vive de fato (.) ia a gente tem que tomar bastante cuidado não só por ser professora mas por ser militante por morar na Terra-Firme por morar em um lugar que é super perigoso entendeu; tá rolando muita coisa lá perto de casa o tempo todo rola (.) o tempo todo é carro prata carro preto é polícia matando é polícia sendo escrota sabe, então é uma realidade muito dura pra mim (.) então eu fico ali (.) eu fico no fronte sabe mas ao mesmo tempo sabe aqui (2) se for preciso recuar eu vou ter que recuar porque é a minha sobrevivência é o meu pai é a minha mãe que já tem mais de cinquenta anos entendeu eu preciso estar viva também pra ajudar eles; então é um dilema porque é (.) ao mesmo tempo que eu quero ir pra frente eu não quero mais voltar pra trás (.) eu tenho que voltar pra trás, porque a gente vive em uma sociedade capitalista a gente vive em uma sociedade que mata mulher o tempo todo (.) a gente vive em uma sociedade que mata LGBT o tempo todo é uma serie de coisas que (.) a gente só tem que resistir e a gente tem que encontrar forma de resistir porque se a gente não encontrar a gente morre e mesmo se a gente encontrar eles vão matar a gente entendeu (.) então a gente tem que ser altamente articulado com os nossos é isso.

Trazendo a tona os graves problemas encarados por quem se propõe a militar e a educar, Bertha elucida os problemas encarados em seu cotidiano, deixando claro que a vontade de mudar a realidade a seu redor é afetada pela imposição da violência comum a um bairro periférico, violência essa que coloca não apenas a sua vida em risco, mas também a de pessoas ao seu redor.

Na frase ‘é uma realidade muito dura pra mim’, ela remete aos episódios de violência que ocorrem no bairro em que mora e diz que ‘se for preciso recuar eu vou ter que recuar’ compreendendo que a sua militância é uma questão de sobrevivência. Ela fala que ‘a gente vive em uma censura a gente vive de fato’ compreendendo que existe uma repreensão ou uma crítica severa a respeito de alguns debates e que precisa estar atenta ‘não só por ser professora mas por ser militante’ e ‘por morar em um lugar que é super perigoso’. Revelando exemplos de violências presenciadas em seu bairro, como ‘polícia matando’, ela traz a tona o fato de que, ao mesmo tempo em que está no ‘frente’, ou seja, na frente, lida com a necessidade de ‘ter que recuar’ para proteger a própria vida e a de seus familiares, o que acaba sendo um dilema, haja vista que almeja avançar, mas se vê obrigada a recuar com o que se propõe a falar.

Bertha destaca que vive em uma sociedade capitalista que, entre outros complicadores, ‘mata mulher o tempo todo’ e ‘mata LGBT o tempo todo’ e que, por isso, é preciso encontrar formas de resistência, do contrário, o resultado será a morte. Atribuindo mortes, motivadas pelo machismo e pelo preconceito, aos efeitos de uma sociedade capitalista, ela diz que é preciso ‘ser altamente articulado’ com pessoas que tenham sua mesma forma de pensar, a fim de buscar formas de resistir e não sucumbir diante dessa sociedade que mata. Ainda acrescenta que:

((mexendo no celular)) sim (.) sobre o feminismo (3) tu vai trabalhar com a educação básica iai tu vais (2) ensinar aquela criança tu vais educar a se comportar a lidar com as situações, iai muitas=muitas professoras dizem “brinquedo de menina (.) brinquedo de menino” e a própria criança já chega com isso na cabeça porque o pai e a mãe fazem isso né eles educam ainda naquela forma “tem que vestir rosa ou azul” iai (2) tu quebrando isso tu vai educar aquela criança (.) tu vai o tempo todo tá conversando com ela e educar é isso é tu conversar com ela (.) não é simplesmente mandar nela; ela vai começar a perceber que ela pensa que ela=ela entende que ela acha que é melhor mesmo e esse é o processo de transformação, tu começando desde o início a criança mesmo vai ser diferente (.) já não vai mais querer alisar o cabelo dela porque o da amiga é liso iai vai=vai criando uma resistência ali (.) não só isso mas o racismo e é tudo isso (2) só que com esses projetos pra retirar o gênero das escolas pra não querer falar de gênero nas escolas isso é uma retirada de direitos nossos (.) é uma censura iai (.) a gente tem que reagir contra isso se não a gente não vai ter condições de dizer “é isso aqui a vida é essa” é dizer que a vida tem esses caminhos e vocês vão ter que decidir o que vocês querem pra vocês; é isso a gente tem que ser o mediador (.) o mentor a mediadora da @transformação daquela criança@.

Versando sobre situações que o profissional de educação encontra no dia a dia, Bertha frisa que as crianças são instruídas, na educação dada por pais, mães e até professoras, a pensarem que existe ‘brinquedo de menina’ e ‘brinquedo de menino’, assim como cores pra definir gênero. Ela destaca que cabe ao educador romper com esse padrão através da conversa e não dando ordens, pois assim, a criança vai ‘começar a perceber que ela pensa’, sendo esse o melhor processo de transformação, pois trabalha as mudanças desde cedo e pode trazer a efetivação de resistências, como por exemplo, a que Bertha cita no caso de uma criança não ‘mais querer alisar o cabelo dela porque o da amiga é liso’ e também no enfrentamento ao racismo. Bertha salienta que ‘projetos pra retirar o gênero das escolas pra não querer falar de gênero nas escolas’ representam uma ‘retirada de direitos’ e uma ‘censura’, e que, por isso, é preciso ‘reagir contra isso’, caso contrário não será possível mostrar a realidade às crianças e permiti-las escolher o que querem para suas vidas.

A representação de um cotidiano enraizado em preceitos, que estabelecem cores e brinquedos próprios a cada gênero estabelecidos pelo meio familiar e até mesmo na escola, conforme Bertha revela, demonstra que a educação tem muitos desafios a superar durante o processo de transformação que almeja cumprir. Para a estudante, as crianças, quando educadas desde cedo por meio de conversas, tendem a ser diferentes e a se portarem mais adequadamente diante de situações que revelam preconceito. Ela considera que projetos, que visam tirar o debate sobre gênero de dentro das escolas, configuram uma forma de fazer censura e de subtrair direitos da sociedade e que, na luta contra isso, o educador, enquanto mediador, deve instruir as crianças a terem suas próprias decisões.

Já Dandara narra que:

eu dou aula no cursinho popular e as vezes é:: inevitavelmente as vezes a gente passa a nossa orientação ideológica e política porque (.) enfim não existe nada neutro (.) o que vai diferenciar na verdade são as tuas bases (.) Paulo Freire já falava sobre isso né então; é passar pra que essas meninas (.) pra que elas possam se compreender no mundo enquanto seres sociais né e mulheres principalmente e que precisam sim estar sempre lutando pelos seus direitos (.) está sempre lutando pelo seu espaço e está afirmando o seu espaço e empoderando também né sendo esse meio de=de transmissão do conhecimento, e também de representatividade né pra que elas me olhem e pensem que também podem estar lá porque outro dia foi até na ocupação a gente tava conversando que a gente queria trazer eles pra lá pra ocupação pra eles levarem

também rodas e tal (.) iai eles estavam fazendo um seminário (.) elas na verdade era um grupo de meninas (.) daí ela olhou assim pra mim “eras tu é muito inteligente (.) eu não vou conseguir falar tudo” (.) mas mana como assim? (.) não a gente tá no mesmo barco; se eu posso tá aqui na universidade tu tá estudando pra tá aqui também então tu não é inferior, iai isso deu força pra elas e tal e uma delas foi lá apresentar as outras @deram furo na gente@ mas foi muito bom assim (.) muito legal eu ter visto isso sabe ter encorajado ela e ela a partir disso foi e levou a roda de conversa sozinha e falou muito bem sobre etnocentrismo e eu fiquei “olha, arrasou querida” @(2)@.

Dandara não se limita a uma posição de neutralidade em sala de aula e evidencia que é fundamental que as mulheres reconheçam seus espaços e se interessem pela luta. Ao dizer que, quando dá aula em um cursinho popular, ela acaba passando suas orientações políticas e ideológicas, a estudante revela que ‘não existe nada neutro’ e remete a Paulo Freire para afirmar que o que diferencia ‘são as tuas bases’, ou seja, do que cada um tem de conhecimento, sendo que a importância de passar isso para as meninas reside no aspecto de que, como mulheres, ‘elas possam se compreender no mundo enquanto seres sociais’, ‘que precisam sim estar sempre lutando pelos seus direitos’ e ‘sempre lutando pelo seu espaço’ de forma a contribuir para o empoderamento e para a ‘transmissão do conhecimento, e também de representatividade’.

Ela ilustra o efeito do empoderamento, através de uma situação vivida em uma ocupação, citando o exemplo de um grupo de meninas que a via como uma pessoa ‘muito inteligente’ e que não se sentiam confiantes para fazer uma apresentação, até que entrevistou e encorajou uma das meninas que no final falou muito bem sobre etnocentrismo.

Sobre a contribuição do feminismo para a sua formação enquanto futura professora e o que significaria ser professora e feminista, Pagu ressalta outra posição:

quando eu fui pras escolas eu percebi que muita coisa precisa mudar, duas coisas que precisam mudar a formação dessa galera que vem dar aula e (3) o nosso posicionamento ali com essas crianças e eu vejo que o feminismo ele é a minha base assim pra tudo porque (.) o feminismo não te ensina a chegar e excluir o menino e falar “não tu não pode fazer isso” e a menina é isso e exaltar a menina somente né e também ver situações que muitas professoras não sabem como reagir (2) então o feminismo por eu estudar (.) por precisares estudar muito da história (.) precisar do debate amplo de tudo (.) das questões políticas (.) da questão de gênero e:: ele vai me dar essa base (.) ele me dá essa base pra ir pra uma sala de aula e discutir todos os feminismos e falar desse

feminismo né ter a prática do feminismo pra relação dessas crianças e porque eu lembro que logo quando eu entrei na universidade a gente deu em psicologia que era muito normal nos anos iniciais os meninos excluïrem as meninas, baterem nas meninas (.) humilharem as meninas (.) dizer que as meninas não eram capazes; era normal (.) a psicologia entende como normal (.) pelo menos a professora falava (.) porque é uma fase que o ego tá maior então o menino (.) sempre vai se colocar como melhor que a menina e é normal; iai quando eu entro em contato com o feminismo (.) não, eu não vou deixar um menino tomar atitudes super machistas né (.) já pequenininho aprender ser tão machista porque é normal diante da psicologia e a menina ficar de canto (.) a menina ser aquela que é a burra (.) aquela que não sabe fazer a matemática (.) aquela que não sabe ler direito né (.) então as meninas vão ficando retraïdas (.) não participam de nada porque os meninos sempre vão rir (.) os meninos sempre vão dizer que elas não podem (.) então isso me dá uma grande base pra discutir tudo que acontece em sala de aula que é diário é diário (.) se for parar pra pensar, se for parar pra perceber na verdade (3) se você for dar a atenção necessária pra essas coisas a gente vai ver mais de dez atitudes tão machistas dentro de sala de aula que a gente fica **“meu Deus, como que isso pode acontecer?”** e a gente vai deixando passar; e aí depois não entende, “por que esse menino é tão machista?” (.) “por que esse menino é tão racista?” né; reprodução dos pais claramente e a escola deixar (.) a escola permitir tudo isso né (.) a gestão (.) os professores (.) todo mundo permitir que isso aconteça.

Na frase ‘eu fui pras escolas eu percebi que muita coisa precisa mudar’, para a estudante, destacam-se: ‘a formação dessa galera que vem dar aula’, ou seja, a formação de professores e o ‘posicionamento ali com essas crianças’ que para ela envolve a construção de uma educação baseada na equidade de gênero. No trecho ‘o feminismo não te ensina a chegar e a excluir o menino e falar tu não pode fazer isso’, ela relaciona a importância do feminismo sob o modo que possibilita perceber casos que ‘muitas professoras não sabem como reagir’ e desmistifica o que seria a atitude de uma professora com base no feminismo. Logo, para Pagu, o feminismo, ao precisar do estudo da história, de debates amplos, de questões políticas e de gênero, permite que ela tenha suporte para estar em uma sala de aula e levar esses conhecimentos a seus alunos.

A futura professora lembra que, ao entrar na universidade, teve conhecimento ‘que era muito normal nos anos iniciais os meninos excluïrem as meninas, baterem nas meninas’, além de ‘humilharem as meninas’ e ‘dizer que as meninas não eram capazes’ e que a psicologia via isso como trivial devido ao ego do menino. Porém ela discorda e revela que através do feminismo pode mudar essa perspectiva e fazer com que, desde pequenos, os meninos não assimilem que o machismo é normal.

Afirma que ter uma formação no campo do feminismo lhe ‘dá uma grande base pra discutir tudo que acontece em sala de aula que é diário’ e questionar por que comportamentos inadequados, como atitudes machistas e racistas, são presenciados dentro de sala de aula, assim como também o papel dos pais e da escola na manutenção desses comportamentos.

Os relatos de Pagu revelam sua visão de que a relação entre a carreira de professora e o posicionamento feminista lhe permite ‘ter a prática do feminismo pra relação dessas crianças’ e buscar uma igualdade de gênero dentro de sala de aula, mesmo diante de alunos com pouca idade, e que, com essa mentalidade, pode questionar padrões estabelecidos e mudar as relações que crianças têm atualmente.

Sobre a profissão que escolheu, acrescenta que:

eu tenho muito orgulho do que eu sou (.) da minha profissão (.) um orgulho assim extremo; por mais que a gente sempre é criticada por escolher a educação e parece que cada vez só piora pro nosso lado quanto educadores (.) nossos salários não melhora (.) a gente tem que tá em greve toda hora e todo mundo fica “por que tu escolheu a profissão pedagoga?” (.) “por que tu quer ser professora?” só que (2) eu me apaixonei era uma coisa que eu queria porque na verdade duas áreas que sou apaixonada era a veterinária e a pedagogia e quando eu me encontro na universidade (.) me encontro dando aula, pra mim é um prazer tão grande como uma professora fala é um @orgasmo pedagógico@ e eu tenho muito orgulho de ser professora e feminista (.) porque além de eu ser pedagoga (.) porque assim eu acho que os pedagogos discutem de tudo né (.) porque a gente é obrigado por causa do nosso currículo (.) da nossa formação a gente discutir tudo=tudo e quando tu és feminista por estar também nas series iniciais e nos outros ambientes em que a pedagogia pode tá pode atuar (.) te proporciona mudar muita coisa (.) te proporciona mudar as atitudes desses meninos que estão reproduzindo o que veem em casa (.) falar com eles também e não criticá-los apenas e sim construir enquanto homens de fato porque pra mim homem é aquele que respeita mesmo as mulheres que se entende a equidade (.) que entende todos os direitos; enfim o respeito em si e:: [...] quando tu és uma professora que é mesmo dedicada (.) que gosta mesmo de educar de tá ali junto com aquelas crianças tanto meninos quanto meninas e tu és feminista, tu sabe como tá amparando aquelas meninas (.) tu sabe como lidar com aquelas meninas; então pra mim é um grande orgulho ser professora e ser feminista.

Na frase ‘eu tenho muito orgulho do que eu sou (.) da minha profissão (.) um orgulho assim extremo’, Pagu demonstra satisfação consigo e com a atividade profissional que escolheu. Revela que, apesar das críticas e dos problemas enfrentados por quem trabalha na área da educação como ‘os salários’ que não melhoram e tem que ‘tá em greve toda hora’, ela revela que se trata de uma paixão

e que nem perguntas como ‘por que tu escolheu a profissão pedagoga?’ e ‘por que tu quer ser professora?’ a fizeram optar por outro rumo, nem mesmo pela veterinária, outra área com a qual se identificava.

Na frase ‘eu tenho muito orgulho de ser professora e feminista’, ela fala sobre o quanto é satisfatório estar em uma sala de aula e reafirma seu contentamento ao nomear-se como ‘professora e feminista’. Revela que o feminismo auxilia a pedagogia, visto que ‘os pedagogos discutem de tudo’ e as ideias do movimento possibilitam mudar o contexto da sala de aula, sobretudo a reprodução de atitudes machistas dos meninos, instruindo-os em suas formações enquanto homens, pois Pagu entende que ‘homem é aquele que respeita mesmo as mulheres’ que ‘entende a equidade’, que ‘entende todos os direitos’ e o ‘respeito em si’. Para ela, ‘uma professora que é mesmo dedicada’ e ‘que gosta mesmo de educar’, além de contribuir com a educação, pode ajudar as meninas a lidar melhor com os problemas que elas enfrentam.

O modo como Pagu se vê enquanto profissional da educação, o contentamento com a carreira que escolheu, permite observar que seu trabalho exige um olhar que, além do que é visto na formação do curso de Pedagogia, busque suporte em outras formas de conhecimento, como, no caso dela, o feminismo, pois ele ‘proporciona mudar muita coisa’, o que, conseqüentemente, trará mudanças no âmbito do respeito, da ‘equidade’ e na forma de dar apoio às meninas. Nesse contexto, ela continua a narrativa:

Olha (2) eu me observo assim (.) que eu tenho que cada vez mais é criar forças porque desde que eu entrei aqui eu ouvi uma coisa de uma professora que me marcou tanto, eu estava em um evento e me interessei e ela falou uma coisa que regeu toda a minha vida na academia e enquanto mulher (.) enquanto professora feminista ela falou que existia um sistema (.) tem um sistema educacional só que a gente não tem que tá sempre se submetendo a ele que a gente tem que transgredir o sistema e diante desse contexto político eu entendo que **o meu papel é transgredir cada vez mais esse sistema**; (2) tá mais presente nos debates é trazer mais esse debate (.) por mais que eu sofra as diversas represálias como sofri na escola sendo estagiária (.) porque eu trazia o debate pra uma escola que era (.) que tinha uma religião (2) e:: eu acho que o meu papel é esse (.) é levar o debate tanto aqui pra academia quanto pra sala de aula (.) tá sempre me dedicando a isso quanto educadora, se eu me coloquei nesse lugar, se eu escolhi esse lugar eu tenho que tá ali também por amor (.) por responsabilidade; porque é uma grande responsabilidade ser educadora porque (2) o que tu fala na sala as vezes é lei (.) os teus atos na sala é lei pra algumas crianças (.) então é uma grande responsabilidade e eu enxergo esse papel né (.)

o meu papel é esse (.) é tá sempre debatendo (.) é tá sempre (.) dando a atenção necessária pra tudo que acontecer aos meus olhos.

Sua fala alude a uma situação que ocorreu e que a fez se sentir no dever de ter cada vez mais forças enquanto mulher e professora feminista. Destaca como fato marcante a situação na qual uma professora falou sobre a existência de um sistema educacional e revelou que a mulher 'não tem que tá sempre se submetendo' a ele. Isso reforçou em Pagu a consciência de que seu 'papel é transgredir cada vez mais esse sistema', além de motivá-la para o debate e enfrentamento de represálias.

Ela reforça a importância de seu papel em levar esse debate 'tanto aqui para a academia quanto pra sala de aula', além de estar se 'dedicando a isso quanto educadora', visto que sua profissão exige 'amor' e 'responsabilidade' para que sejam adotadas boas condutas diante de crianças.

Revela-se, no relato de Pagu, que ela compreende seu papel social como educadora e busca motivação constantemente, enfatizando a importância de propor debates e de se engajar neles. A universitária aborda também a importância que a escola tem no processo de educar, pois já vivenciou enfrentamentos em uma escola religiosa. Ela ainda enfatiza que os educadores devem estar cientes da importância que têm para seus alunos, pois o ato de quem ensina é 'lei pra algumas crianças' e, por isso, deve-se dar atenção necessária a tudo o que é vivenciado.

Clarice, por sua vez, ao responder sobre a contribuição do feminismo para a sua formação enquanto futura professora e o que significa ser feminista, relata que:

a gente tem que fazer uma educação diferente né ou tentar buscar uma educação que, seja emancipadora pra mulheres e pra homens então quando eu falo assim que eu pretendo fazer diferença enquanto professora (.) em todas as formas não só do que eu aprendi no meu curso e como fazer com que os alunos aprendem de forma mais efetiva mais (.) de perceber as violências e não deixar que elas continuem entendeu; porque o que a gente vê nas escolas é que acontece muito a questão de bullying e até mesmo assédio entre os alunos né eu=eu tive experiência de professora bem rápida uns três meses só e eu não vi tanta diferença assim na=na turma que eu dei aula mas (.) eu conversava com os alunos falava que (.) sobre desrespeitar o outro que a gente não pode tolerar essa situação de::: qualquer tipo de violência né porque, quando a gente tem noção de feminismo e de machismo a gente acaba tendo empatia com o outro com outras violências (.) com outras pessoas que sofrem violência o racismo a gordofobia tudo a gente acaba também levando junto pra como que a gente pode combater isso né (.) quer dizer eu vou tentar ter cuidado pra que não ocorra violência contra a mulher na sala de aula mas contra a pessoa negra também contra a pessoa gorda também (.) a gente acaba tendo noção de como que essas violências

tão ligadas né:: e é o que eu vejo assim que o feminismo me traz são essas questões da gente tentar preparar cidadãos que respeitem um ao outro e não só fingir que tá ensinando que tá tentando educar ou então passar a mão na cabeça né porque não faz parte do meu trabalho isso não é da minha área (.) então o feminismo me trouxe muito isso a questão **de eu olhar pro meu aluno como um sujeito como uma pessoa e não só como aluno** como alguém que eu tô só ensinando ali o conteúdo e pronto; então eu acho que foi muito positivo de todas as formas o feminismo na minha vida, **enquanto aluna enquanto mulher e enquanto jovem.**

A estudante inicia a narrativa dizendo que se deve ‘fazer uma educação diferente’, de modo que a educação possa ser ‘emancipadora pra mulheres e pra homens’, pois ela acredita que, enquanto professora, pode ser fator diferencial, pois pretende levar conhecimentos não embasados apenas no que ela aprendeu em sua formação, mas também ensinar de uma maneira que seus alunos possam ‘perceber as violências e não deixar que elas continuem’, uma vez que ela pontua que, nas escolas, a violência ainda é muito presente e exemplifica citando casos de ‘*bullying*’ e ‘assédio entre os alunos’.

Clarice também diz que, durante a breve experiência que teve como professora, não notou diferenças na turma em que deu aula, mas que ainda assim conversava com seus alunos sobre respeito e sobre violência, baseando-se nos seus conhecimentos acerca do machismo e do feminismo para ‘preparar cidadãos que respeitem um ao outro’. Ela ainda cita outros tipos de violências das quais teve conhecimento: o ‘racismo’ e a ‘gordofobia’, relatando que, ao adotar uma atitude empática com os alunos que sofreram/sofrem tais violências, também se coloca como ser atuante que busca combater isso, uma vez que o feminismo lhe ensina a olhar para seu aluno ‘como um sujeito’, ‘como uma pessoa e não só como aluno’.

O que Clarice expõe, revela a importância do olhar a partir de conhecimentos feministas dentro do processo educacional, visto que, para ela, debates baseados apenas nos conhecimentos obtidos no curso de graduação não se sustentam, pois o professor deve fazer com que os alunos aprendam ‘de forma mais efetiva’ e sejam pessoas atuantes no combate aos diversos tipos de violências que estão presente em seus cotidianos. Para ela, o feminismo contribui na sua vida não apenas como futura professora, mas também ‘enquanto aluna’, ‘enquanto mulher’, e ‘enquanto jovem’.

Ela segue dizendo que:

Essas questões de eu:: perceber quais as violências que estão ocorrendo na sala de aula e:: tentar falar principalmente com as alunas (2) como eu disse né que se nós percebêssemos o feminismo desde nova muita coisa seria evitada na nossa vida muitos transtornos muitos traumas muitas violências; então eu acho que o feminismo pra mim enquanto futura professora ele me trouxe muitas coisas pra eu refletir (.) pra eu refletir e perceber o meu aluno a minha aluna em sala de aula e não deixar que, principalmente naturalize violências (.) porque o aluno ele vê faz uma brincadeirinha ali uma brincadeirinha racista sei lá machista e todo mundo ri e é uma coisa que eu como professora não deveria admitir em sala de aula; então eu levo muito isso daqui.

As frases ‘eu acho que o feminismo pra mim enquanto futura professora ele me trouxe muitas coisas pra eu refletir’ e ‘perceber o meu aluno a minha aluna em sala de aula e não deixar que principalmente naturalize violências’ refletem os conhecimentos adquiridos com o feminismo, assim como ‘perceber quais as violências que estão ocorrendo na sala de aula’ e de se conversar ‘principalmente com as alunas’ a respeito do feminismo, pois ele, sendo abordado desde cedo, pode fazer com que muitas violências e traumas não ocorram. Ela diz também que o feminismo lhe permitiu muitas reflexões e possibilidades de perceber seus alunos, de modo a fazer que eles não naturalizem as violências que por vezes ocorrem através da ‘brincadeirinha’, já que ‘todo mundo ri’.

Conforme revela, Clarice tem, no feminismo, um meio capaz de trazer transformações e acrescentar valores positivos na vida de seus alunos, pois, diz que ‘se nós percebêssemos o feminismo desde nova muita coisa seria evitada’, ou seja, compreende-se que, segundo ela, o feminismo deveria ser incluído desde cedo na vida dos alunos. Para a estudante, o feminismo não se trata apenas de ajudar mulheres, uma vez que ele permite também o questionamento a respeito de outros preconceitos, como o racismo e o machismo, o que, de acordo com ela, é algo que ‘como professora não deveria admitir em sala de aula’. Ela ainda afirma:

Eu acho que a gente tem que fazer o possível pra tentar fazer com que o aluno reflita a levar, por exemplo as questões de gênero como que eu posso conversar com o meu aluno e com a minha aluna (.) sobre:: digamos assim; sobre alguém tocar no seu corpo né de forma (.) indevida sem o seu consentimento que eu (2) por mais difícil que seja falar sobre isso eu tenho que tentar pelo menos, se eu quero algo diferente na minha prática; enquanto professora eu tenho que tentar buscar formas, por exemplo eu que vou dar aula de língua portuguesa eu vejo uma oportunidade de eu levar textos pra trabalhar com os alunos que falem sobre isso (.) inclusive eu já fiz isso dando aula e:: eu acho que a gente tem uma chance de mudar (.) mesmo que seja difícil (.) mesmo que tenha projeto como o escola

sem partido que veio aí pra atrapalhar tudo (.) piorar a situação né; mas eu acho que a gente deve sentar e procurar formas de=de conscientizar os nossos alunos através das nossas aulas (.) como que a gente vai fazer isso né? Como eu falei trabalhar textos que tratem sobre isso, eu::: poderia fazer assim né trabalhar textos que (2) tratem sobre a violência contra a mulher ou sobre o machismo no cotidiano assim (2) enfim eu acho que eu tenho esse poder de fazer isso a questão é procurar a melhor forma de não ser impedida, de não confundirem o que eu to ensinando que; eu acho que é um desafio muito grande para os professores.

Clarice acredita que ‘tem que fazer o possível pra tentar fazer com que o aluno reflita’, levando questões de gênero até eles, como, por exemplo, a questão do toque, de forma indevida, em seus corpos ‘sem o seu consentimento’. Ela acrescenta que, enquanto professora, ‘por mais difícil que seja falar sobre isso’, é preciso ‘tentar buscar formas’, exemplificando que, em uma aula de português, é possível trabalhar com textos que abordem essa temática e que ‘mesmo que seja difícil’, dada a existência de ‘projeto como o escola sem partido’, é necessário conscientizar os alunos através das aulas.

As palavras ‘tentar’, ‘chance’ e ‘poder’ que surgem em sua narrativa denotam a ideia de que a estudante compreende que existem formas de mudar a realidade em que estiver inserida, procurando a melhor forma de exercer a profissão e incluindo os conhecimentos adquiridos com o feminismo.

Em relação à contribuição do feminismo para a sua formação, Leila expõe que:

primeiro nas mini revoluções mostrar para as meninas (.) fazer elas enxergarem as opressões delas (.) começando por aí (.) promover a afetividade a irmandade entre elas porque elas precisam se unir contra isso e fazer com que os meninos entendam as opressões que eles provocam; então:: eu percebo que eu mesma que já estagiei, isso é possível (.) isso fica bem claro e é mais ou menos assim [...] Eu acredito nas mini revoluções e principalmente quando me vejo como professora eu percebo que eu vou me expandir então (.) essa mini revolução de=de promover a mudança do pensamento de meus alunos e minhas alunas eu vou poder passar pra eles (.) eu vou poder passar pra outras pessoas (.) pra outros alunos então a gente tem uma margem de expansão das nossas ideologias muito grande; então quem é professora, se a gente vai pegar muito aluno pela frente (.) pela vida e esses alunos vão repassar tudo isso então eu acho que é a profissão que mais modifica as pessoas; e o fato de ser mulher feminista vai expandir muito.

Na visão da estudante, o feminismo contribui para que ela possa ‘mostrar para as meninas’, ‘fazer elas enxergarem’ as opressões que sofrem e, a partir de

então, ‘promover a afetividade a irmandade entre elas’ e fazer ‘com que os meninos entendam as opressões que eles provocam’, desse modo ela se baseia na sua experiência de estágio para afirmar que é possível provocar tais mudanças e que, quando professora, poderá ‘promover a mudança do pensamento’ de seus alunos e alunas, fazendo com que eles reproduzam as ideologias aprendidas em sala de aula e as expandam.

Leila acredita em ‘mini revoluções’ e utiliza essa expressão três vezes em sua narrativa, o que parece remeter à ideia de pequenas transformações que podem ser despertadas no ambiente escolar para modificar atitudes e pensamentos, principalmente dos estudantes, promovendo o respeito nas relações sociais e combatendo as opressões. Para ela, o professor tem papel crucial na formação de seus alunos, pois ele exerce a ‘profissão que mais modifica as pessoas’ e possibilita a expansão de ideologias, remetendo que, durante a carreira, muitos alunos poderão ser afetados pelo que lhes é passado em sala de aula através do professor.

Eneida, por sua vez, avalia que:

Eu sempre vou puxar pro meu campo (.) porque eu sou estudante de letras e eu sinto (.) eu sou e eu to me especializando pra ser professora de literatura (.) então o feminismo me ajuda nesse sentido (.) em não buscar somente o cânone masculino (.) aquele eu lírico que sofre por uma mulher que é objetificada na literatura (.) e na literatura também tem o papel de perpetuar imagens (.) então eu busco conversar com os cânones que são esses clássicos (.) mas também trazer as mulheres que foram invisibilizadas (.) trazer o eu lírico feminino pras meninas também se identificarem (.) porque a literatura também é um grande meio de identificação e significados (.) e a literatura também forma ideologias; então nesse sentido eu procuro trabalhar, o feminismo me ajudou na escolha da literatura que eu tenho trabalhado e que eu vou trabalhar é:: não só isso né mas também as atitudes em sala (.) os posicionamentos quando (2) é e eu já presenciei alguns é (3) algumas atitudes mais machistas na sala de aula que eu intervi eu soube como fazer isso por conta do feminismo e eu soube que isso era machismo por conta do feminismo; e dentre outras coisas.

Situando o feminismo no contexto de seu curso, a estudante relata a importância do feminismo no seu envolvimento com a literatura, uma vez que ela busca não tratar apenas os clássicos, ‘não buscar somente o cânone masculino (.) aquele eu lírico que sofre por uma mulher que é objetificada na literatura’, mas trabalhar a figura das mulheres ‘que foram invisibilizadas’ e ‘trazer o eu lírico feminino pras meninas também se identificarem’, pois, como diz, a ‘literatura também é um grande meio de identificação e significados’ e ‘também forma ideologias’. Ela

revela que o feminismo, além de ter ajudado na escolha pela literatura, lhe ajuda com o posicionamento adotado em sala de aula, principalmente diante de atitudes machistas.

Como estudante de letras e se especializando para ser professora de literatura, Eneida revela que o feminismo indica novas possibilidades de trabalho, lhe ajuda a propor outras obras, não a limitando ao trato da figura do escritor homem como sendo principal, mas buscando dar visibilidade de mulheres no contexto literário e fazendo com que elas sirvam de inspiração para outras meninas.

Já Maria apontou outros aspectos da relação entre o feminismo e sua formação e atuação como docente:

assim a gente **aprende** sabe sobre as outras pessoas (.) eu vejo assim que os movimentos sociais ele me ensinou a ter empatia com o outro sabe (.) ele me ensinou a ver além do meu umbigo que a maioria vê sabe então eu dentro de uma sala de aula coisas assim que o meu aluno só brinque de bola que eu grite quando ele pegar uma boneca sabe (.) porque é o que eu já faço por exemplo o meu aluno é especial então ele adora bonecas eu não tiro da mão dele e digo que ele tem que brincar de bola porque ele pode ser pai então ele vai cuidar da boneca como ele pode cuidar do filho dele (.) eu vou impedir que a menina brinque com carrinho (.) porque carrinho é de menino? Entendeu? Então eu acho que são coisas assim simples mas que lá na frente vai constituir um ser humano sabe (.) tipo são coisas que agora eles são privados mas lá na frente vai ser de extrema importância sabe tipo a história do=do hoje o menino me perguntou “tia cadê o pintinho da menina?” **isso é educação sexual** (.) é sexualidade sabe que não é o sexo né que é o que todo mundo pensa que falar educação sexual e de sexualidade na escola a gente vai ensinar a ter a relação sexual precoce e não é isso; é aprender sobre o corpo (.) aprender sobre o outro sobre ela mesma que é a questão de emoções e sentimentos, então eu enquanto professora eu=eu pretendo ter essa linha sabe de não esconder dos meus alunos as coisas (.) não privá-lo de fazer as coisas porque é o que eu vejo muito no âmbito da escola sabe (.) vem de casa e a professora acaba reproduzindo tudo aquilo e **eu não quero ser essa profissional.**

A estudante reforça a questão da formação humana fora da sala de aula, da empatia que os movimentos sociais ensinam as pessoas a terem umas com as outras, a não olhar apenas para si. Ela diz que acha errado que o aluno ‘só brinque de bola’ e seja repreendido quando pegue uma boneca, da mesma forma que não acha correto uma menina ser impedida de brincar de carrinho, pois acredita que essas ‘coisas assim simples’ contribuem com a formação, visto que ‘são coisas que agora eles são privados mas lá na frente vai ser de extrema importância’.

Nessa questão da formação, Maria cita o exemplo de um menino, que lhe perguntou ‘tia cadê o pintinho da menina?’, para reforçar a importância da assimilação da educação sexual e não confundi-la com ‘ensinar a ter a relação sexual precoce’, uma vez que se trata de aprender sobre o corpo e aprender a lidar com a ‘questão de emoções e sentimentos’ e isso reforça a imagem de professora que Maria pretende passar, sendo aquela que não omite formas de conhecimento diante de seus alunos e não os priva de agir de determinadas formas.

Maria ilustra situações que não condizem com o que acha ideal para a formação de um indivíduo, haja vista que não considera certo que um aluno ou uma aluna seja advertido/advertida por brincar com brinquedos que as pessoas normalmente tendem a considerar próprios apenas para o sexo oposto, reproduzindo os estereótipos de gênero. Segundo ela, o que é assimilado na infância tende a interferir na constituição do caráter do ser humano, pois ‘lá na frente vai ser de extrema importância’. Para ela, há ainda que se desmistificar o que se entende por educação sexual, uma vez que se trata de ‘sexualidade’ e não de ‘sexo’ e isso também a motiva a ser uma professora diferente das profissionais que costuma ver, pois acredita que as/os alunas/os devem aprender sobre os mais diversos assuntos, inclusive sobre o próprio corpo.

A estudante segue dizendo que:

eu tenho muito medo do que pode ser imposto pra mim e muitas vezes eu não consigo fazer principalmente na escola particular que a gente tem que seguir regras; a gente tem que seguir um livro, mas eu quero sempre procurar seguir nessa linha também pra que eu consiga formar alunos diferentes do que eu fui formada por exemplo (.) eu graças a Deus dentro da universidade eu consegui ter outras visões mas que se eu fosse depender só da minha formação acadêmica até antes de entrar aqui eu ia ser o que todo mundo é (.) a cabeça fechada (.) que a menina tem que varrer casa tem que cuidar do lar não que eu não possa fazer isso sabe mas que não é só isso tem um mundo fora dele (.) então dentro do movimento feminista eu=eu quero ser uma professora feminista sim sabe (.) pra formar meninas pra empoderar as meninas e não silenciá-las cada vez mais então eu pretendo ser esse tipo de professora né; mas como eu tô te falando, o sistema impõe coisa na gente (.) eu tava até debatendo isso ontem na sala de aula que eu tenho muito medo da profissional que eu possa ser (.) porque a gente fala tanto em fazer a mudança mas a gente não sabe o que vai ser imposto pra gente pra que a gente consiga fazer (.) tipo eu critico muito professores tradicionais que tem aquele (.) segue o livro didático e acabou sabe; mas eu não sei como é que vai ser, eu pretendo ser diferente mas eu não sei como é que vai ser quando eu tiver formada é::: comandando uma

sala entendeu (.) eu pretendo ser diferente mas eu só vou saber de fato quando eu tiver dentro de uma sala de aula regendo uma turma.

A universitária revela que teme as imposições que podem ser postas a ela, ‘principalmente na escola particular’, onde, de acordo com ela, as regras e os livros têm que ser seguidos, mas diz que pretende sempre seguir seus princípios e formar seus alunos/alunas diferentemente da forma em que ela foi formada. Maria agradece ao fato da universidade ter lhe proporcionado visões diferentes, pois se dependesse apenas de sua formação inicial, ela ‘ia ser o que todo mundo é’ e apenas reproduziria os estereótipos que são postos às mulheres como: ‘varrer casa’ e ‘cuidar do lar’. Ela acrescenta que pretende ‘ser uma professora feminista’ e ajudar, através da formação, no empoderamento de meninas e principalmente ‘não silenciá-las’, já que infelizmente a educação ainda é estabelecida por uma perspectiva machista que acaba as submetendo.

Contudo, ela deixa transparecer certo receio uma vez que afirma que, embora haja o desejo de fazer mudança, entende que o desconhecimento das imposições que lhes vão ser colocadas, como, por exemplo, ‘seguir o que o livro didático’, pode ser um entrave, mas que essa é uma certeza que ela só terá quando estiver ‘dentro de uma sala de aula regendo uma turma’.

Os medos que Maria revela ter, por conta de eventuais imposições estabelecidas nos ambientes de ensino, colocados em consonância com seus desejos de buscar uma formação diferente para os estudantes, trazem à tona a importância do feminismo somado a outros conhecimentos que obteve na universidade, na busca pela desconstrução de paradigmas que a sociedade ainda vivencia, fazendo-a crer que pode encorajar meninas a buscarem seus espaços e serem ouvidas. Prosseguindo a narrativa, conta que:

eu não vou permitir que um aluno ria do outro porque ele é negro (.) agora se a professora fechar o olho pra isso sendo que muitas vezes ela mesma é racista esse aluno vai continuar reproduzindo isso até a vida adulta dele então se (.) a gente cortar o mal pela raiz agora enquanto eles são crianças (.) mostrar pra eles (.) trabalhar esses temas em sala de aula até muitas vezes antes deles cometerem essas coisas (.) antes deles fazerem essas coisas porque muitas vezes vem de casa (.) o pai bate na mãe então quando ele chega na escola ele acha que pode bater em todas as meninas mas ele não bate em menino porque ele sabe que tem a mesma força e que ele pode acabar apanhando ao invés de bater sabe; então essas (.) muitas coisas vem de casa então as vezes é um- (.) não deveria ser o papel do professor né porque a gente fala que enfim né quem

educa é a família mas muitas vezes eles vem com essas questões de casa que acabam sendo mais forte dentro da escola (.) tipo rir do amigo ou então as meninas falarem que só vão brincar com o brinquedo rosa porque azul é de menino isso a gente ouve muito=muito dentro das escolas então eu acho que são nessas questões que a gente começa a trabalhar pra que essa criança amanhã não seja um adulto machista (.) homofóbico sabe e racista; então eu acho que a gente já consegue ver uma=uma geração diferente da minha por exemplo.

Maria conta que não vai 'permitir que um aluno ria do outro porque ele é negro', mas revela que se a professora não se atentar a essa questão, sendo a própria racista, o 'aluno vai continuar reproduzindo isso até a vida adulta dele' e que, por isso, é necessário 'cortar o mal pela raiz agora enquanto eles são crianças'. A expressão 'cortar o mal pela raiz' dá a ideia que ela, como professora, antes de tudo, consegue identificar uma problemática e pode evitar que ela cresça tomando grandes proporções. Tais problemáticas são mencionadas por ela: 'bater em todas as meninas', como consequência de atitudes que em casa, 'rir do amigo', escolher 'brinquedo rosa porque azul é de menino', dentre outras, o que deve ser combatido para que possa haver uma educação para a equidade de gênero. Pois:

formar seres diferentes sabe eu acho que cabe a nós principalmente pedagogos né que o nosso maior campo de trabalho são as crianças (.) porque eles são seres humanos que chegam como uma folha em branco e que a gente vai é acaba moldando querendo ou não sabe o professor ele acaba sendo referência (.) acaba sendo espelho pra aquele aluno principalmente quando ele é muito pequeno que ele vai pra escola tendo só como visão a família então tu acaba sendo muitas vezes pra aquela criança a primeira (.) o primeiro contato com o mundo fora de casa então cabe a nós mudar essa sociedade que a gente fala que é machista que é homofóbica que é racista com coisas pequenas sabe (.) tipo um dia desses na sala de aula o aluno riu porque a professora falou que o outro aluno era negro (.) então (.) por que que ele riu? Porque alguma coisa ele viu porque ele é uma criança ele não reproduz essas coisas do nada (.) ele não riu do nada ele chega sem saber nada (.) ele chega no mundo sem saber nada; então alguma coisa ele ouviu de casa, e ele é negro o que riu (.) ou de casa ou sei lá ou do meio dele então eu acho que assim nesses momentos que isso faz diferença pra gente (.) como é que a gente vai abordar isso com a criança a gente não vai simplesmente ignorar mas sim falar pra ele que ninguém é diferente que a cor da pele não diz sobre se é certo ou errado sabe (.) quando o menino bater na menina explicar que ele tem mais força (.) enfim eu acho que são coisas pequenas que a gente muda o mundo que a gente tá sabe.

Na perspectiva da estudante, a formação diferenciada das pessoas cabe principalmente aos pedagogos, visto que é a profissão que trabalha, em sua maior

parte, com crianças, sendo que as crianças são como ‘uma folha em branco’ que podem ser moldadas e, por isso, o professor ‘acaba sendo referência’, ‘acaba sendo espelho pra aquele aluno principalmente quando ele é muito pequeno’ e leva para a escola apenas o que aprende com sua família, o que faz com que o contato com o pedagogo seja o primeiro contato que a criança realiza ‘com o mundo fora de casa’ e por isso, de acordo com ela, os cabe o dever de mudar uma sociedade tida como machista, homofóbica e racista.

Maria exemplifica a questão abordada ao lembrar de um episódio ocorrido em sala de aula, no qual ‘o aluno riu porque a professora falou que o outro aluno era negro’, o que fez com que ela se questionasse a respeito do porquê da risada e crer que tal atitude tenha sido motivada por um comportamento visto antes. Para ela, são exemplos como esse que fazem a diferença, pois permitem pensar sobre como o profissional da pedagogia vai tratar essa questão diante da criança, da mesma forma que terá que pensar sobre como explicar para um menino que ele não pode bater em uma menina porque tem mais força que ela.

Logo, Maria revela que a função social da profissional de pedagogia é muito importante, pois lida com a formação de pessoas que ainda estão dando seus primeiros passos na construção de suas personalidades e que, por isso, é fundamental que espelhe bons exemplos e a partir de então, realizar transformações, pois, como coloca Maria ‘são coisas pequenas que a gente muda o mundo que a gente tá’.

8.3 Análise das posições

Neste capítulo foi dado o enfoque à formação das futuras professoras que perpassam as suas experiências dentro e fora da sala de aula, pautando projeções de futuro em torno da atuação profissional. Por meio de uma educação para a equidade de gênero, as estudantes assumem posições que vinculam o conhecimento adquirido com o feminismo e a docência.

Com a presença do feminismo na universidade, inicialmente, por meio dos grupos de pesquisa, os debates que envolvem as relações de gênero têm sido mais visualizados, porém, de acordo com as narrativas das futuras professoras, observa-se que ainda há uma rejeição a respeito dessa temática tanto de estudantes quanto

dos profissionais da educação que continuam propagando as diversas opressões no ambiente acadêmico.

A partir dos significados que emergiram nas narrativas, foram identificados sentidos a respeito dos cursos de formação de professores e do significado que atribuem a serem futuras professoras e feministas, demarcando posições que nos possibilitam compreender as suas formações e pensar nas projeções que possuem sobre a profissão que escolheram.

No tópico *'A formação de professores e a reflexão sobre relações de gênero'*, surgiram duas posições: a primeira, que denominamos de *'escolha no currículo'*, representada por Pagu, Bertha e Maria; e, a segunda, representada pelas estudantes Dandara, Leila e Eneida, nomeamos de *'sem escolha no currículo'*.

A primeira posição, *'escolha no currículo'*, está vinculada à ausência das discussões sobre relações de gênero nos cursos de formação de professores, sendo mencionado pelas estudantes apenas por meio de disciplinas que não são obrigatórias nos currículos das licenciaturas e que podem ou não serem cursadas, dependendo da demanda e interesse da turma.

Os relatos das universitárias perpassam a invisibilidade das temáticas de gênero nos cursos e questionam a falta dessas discussões através da percepção de como está sendo a formação das professoras e dos professores. De acordo com as narrativas, essa ausência perpassa a construção do currículo do curso como um currículo que precisa ser modificado para atender as demandas da sociedade e preparar para as diversas situações que ocorrem no ambiente escolar, sem restringir as temáticas de gênero a disciplinas que não são obrigatórias.

Nesta posição as estudantes trazem à tona uma formação para além da sala de aula a respeito das discussões das relações de gênero que foram sendo vivenciadas principalmente através do movimento feminista e estudantil. Essas experiências, aliadas à militância feminista, fazem parte da construção de uma educação voltada à equidade de gênero identificada nas narrativas.

Na segunda posição, nomeada como *'sem escolha no currículo'*, as estudantes destacam em suas narrativas a falta de representatividade de autoras/escritoras nos referenciais teóricos que fazem parte do currículo de seus cursos. Elas pontuam a ausência do reconhecimento das produções das mulheres no âmbito acadêmico e chamam atenção para a valorização dos autores em detrimento das autoras, o que podemos identificar como um patriarcado que também

está presente nos currículos dos cursos de formação de professores, sendo reflexo da estrutura social, uma vez que o patriarcado continua fazendo parte de como a sociedade está organizada. Sobre essa organização da sociedade patriarcal, Biroli e Miguel (2014) comentam que as desigualdades de gênero fazem parte dessa estrutura social e reduzem a participação das mulheres nas esferas públicas.

Essa ausência e invisibilidade das mulheres nos referenciais teóricos caracteriza o ambiente acadêmico como ainda essencialmente masculino que propaga posições hegemônicas em que o homem, branco e heterossexual, continua sendo o detentor do conhecimento e pouco ou nada se voltam para o estudo das mulheres ou pelas suas perspectivas, o que é questionado pelas estudantes, uma vez que, por meio do conhecimento adquirido com o feminismo, passam a perceber e identificar como uma problemática que ocorre também devido ao machismo velado dentro das universidades e nos ambientes científicos.

No tópico *'Futura professora e feminista'*, as narrativas perpassam as perspectivas futuras em relação à profissão que irão seguir frente à visão de mundo que adquiriram com o feminismo. Por meio dos sentidos que atribuíram à prática docente surgiram duas posições: a primeira posição é identificada através das falas de Bertha e Dandara, que denominamos de *'educação para o social'*; e a segunda posição é identificada por Pagu, Clarice, Leila, Eneida e Maria, *'mudanças e desafios'*.

A primeira posição, *'educação para o social'*, identifica uma perspectiva de futuro que envolve mudanças na realidade em que estão inseridas, projetando uma prática docente para além da sala de aula que envolve o feminismo no cotidiano e que contribui com a transformação social.

Essa posição, representada por Bertha e Dandara, infere uma projeção de futuro em torno da atuação profissional que pensa na construção de uma educação para a equidade de gênero envolvendo a docência e os conhecimentos feministas, demonstrando que a educação para a transformação ocorre também em outros espaços e que pode ser propagado por elas na construção de uma nova visão de mundo que pauta na superação das opressões e das desigualdades.

A segunda posição, denominada de *'mudanças e desafios'*, destaca o pensamento de uma atuação que prioriza a prática em sala de aula por meio de uma transformação na maneira da construção do conhecimento dos estudantes no

enfrentamento às opressões e às desigualdades de gênero que continuam sendo reproduzidas no espaço escolar.

Essa posição envolve os desafios de articular os pensamentos feministas à prática docente, uma vez que nas narrativas fica evidente que ainda existe a manutenção de um sistema educativo que reproduz comportamentos machistas e os estereótipos de gênero e, que reverter esse modelo educacional, ou esse modo de ensino-aprendizagem, é uma projeção que as futuras professoras compartilham em relação a sua prática profissional que envolve a construção da visão de mundo dos seus/suas alunos/alunas.

Através das posições que surgiram nas narrativas e aproximações de sentidos atribuídos pelas estudantes, foi identificado, como modelo de orientação dessa seção, uma *'Educação para a equidade de gênero'*. Esse modelo envolve o entrelaçamento coletivo entre a construção da prática docente por meio das projeções de futuro e os conhecimentos adquiridos nas teorias e práticas da militância do movimento feminista.

APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

Esta pesquisa se originou a partir de experiências e inquietações que foram surgindo na formação inicial e se intensificaram a partir do ingresso no curso de pós-graduação em educação, especificamente na linha de formação de professores e práticas educativas. Ao falar sobre feminismo na formação de professores, vi-me diante da importância dessa temática para a educação e de sua validação enquanto conhecimento científico.

Desafiada pelos debates acerca da pertinência de um entrelaçamento destes campos, feminismo e formação inicial de professores, e diante da realidade atual das mulheres, dos avanços contra as feministas, convenci-me de que estava no caminho certo. Por isso, delineamos, como objeto dessa pesquisa, a formação de futuras professoras feministas a partir das suas trajetórias, experiências e visões de mundo.

De onde partimos

Este estudo buscou compreender como o vínculo de jovens estudantes de licenciatura com o movimento feminista influenciou na percepção do lugar da docência e das relações de gênero na formação de uma sociedade pautada no respeito e na equidade de gênero. A questão central que mobilizou esta investigação foi: de que modo jovens estudantes de licenciatura de universidades públicas do estado do Pará, integrantes de um grupo feminista, se reconheceram feministas e em que essa trajetória de vida implica nas suas visões de mundo e nas suas atuações como futuras professoras?

Foram empregados, sobretudo, fundamentos teóricos baseados nos conceitos do feminismo, reconhecimento e juventude, buscando estabelecer um diálogo com o campo educacional, tendo em vista, principalmente, a formação inicial de futuras professoras, jovens mulheres e feministas.

O feminismo enquanto movimento político, social e teórico que está nas universidades, possibilitou compreender a atuação das jovens na defesa de seus direitos enquanto mulheres que questionam os modelos estabelecidos pela sociedade através do processo de reconhecimento das estudantes enquanto sujeito de direitos que passam a questionar as relações de poder e a dominação masculina

dentro e fora do ambiente acadêmico. Ao utilizar o conceito de juventude atrelado ao feminismo e ao reconhecimento, as jovens passam a ser caracterizadas como um grupo social e heterogêneo que compartilham problemas sociais e históricos, situando as suas especificidades, como classe e raça, produzindo novos significados e visões de mundo.

Para alcançar os objetivos, utilizou-se, como procedimento metodológico, a abordagem qualitativa com o enfoque na fenomenologia social de Alfred Schütz que, assim como já apresentamos, auxiliou na descrição e interpretação dos significados do mundo social ou mundo da vida das nossas participantes, ajudando-nos a apontar traços comuns que emanaram das suas situações biográficas particulares e alcançaram significados sócio-políticos.

A fenomenologia social permitiu compreender as futuras professoras como sujeitos com motivações e experiências específicas que resultaram na construção de novos conhecimentos, aprofundando a compreensão acerca do que é ser, com o que lida, o que desafia e o que projeta uma futura professora, jovem mulher, inscrita em diferentes graus de vínculo e aprofundamento no feminismo. Para acessar o mundo da vida das participantes, foi realizada, como técnica de reunião de dados, a entrevista narrativa que permitiu reconstruir a trajetória de suas constituições enquanto feministas, sendo interpretadas a partir da análise do método documentário.

Utilizar a entrevista narrativa com as universitárias Bertha, Pagu, Clarice, Leila, Dandara, Eneida e Maria, proporcionou lugar de fala as jovens para que pudessem, por meio das suas visões de mundo, narrar situações que marcaram o seu processo de reconhecimento, reconstruindo suas experiências de maneira, cronológica ou não, enquanto mulheres, jovens, feministas e futuras professoras.

As narrativas possibilitaram que as futuras professoras compartilhassem as vivências no ambiente acadêmico, as discussões a respeito das temáticas de gênero e as projeções de futuro em relação à docência. Essa reconstrução das experiências pela perspectiva das estudantes, a partir do momento atual, revela não apenas uma trajetória individual, mas também cultural social e histórica.

Por meio do método documentário de análise dos dados, foi possível identificar sentidos e significados atribuídos pelas estudantes. Esse método, apesar de trabalhoso em suas etapas, gerou resultados para além do que era esperado, pois a construção das análises se deu na medida em que eram compreendidas cada

uma das etapas, sendo necessário trabalhar a percepção das estudantes com o olhar mais sensível sobre o que emanava nas suas falas para construir a interpretação formulada, gerando as metáforas de foco e, posteriormente, identificar os sentidos e construir a interpretação refletida, o que deu origem às posições e os modelos de orientação apresentados a seguir.

Modelos de orientação

Os modelos de orientação, que serão apresentados, foram identificados nas seções de análise que perpassam a interpretação dos significados a respeito dos processos educacionais que emanaram das visões de mundo e definiram padrões coletivos identificados por meio das experiências das estudantes. Através das posições construídas em cada seção de análise, podem se identificar três modelos de orientação de suas práticas cotidianas. Em todas há perspectivas educacionais relacionadas ao feminismo, as quais foram nomeadas como: *'Educação das mulheres'*, *'Educação feminista'* e *'Educação para a equidade de gênero'*.

- **Modelo de orientação 1: Educação das Mulheres**

Esse modelo de orientação foi identificado por meio da interpretação do processo de reconhecimento das estudantes enquanto mulheres, jovens e feministas, apresentados na seção *'Reconhecendo o seu lugar na sociedade'* que pautam a construção de como a mulher deve ser e se comportar na sociedade, envolvendo uma educação familiar e social, demarcando principalmente o modo de agir das mulheres jovens.

Nessa seção foram identificadas as seguintes posições em relação ao reconhecimento enquanto mulher: *'ser mulher é base e força'* e *'ser mulher é resistência e revolução'*; em relação à juventude, as posições que surgiram foram: *'transformação social'* e *'jovem e mulher'*; já sobre o reconhecimento enquanto feministas, foram identificadas as seguintes posições: *'feminismo é libertação'* e *'enxergar as mulheres'*.

Essas posições deram base para a interpretação envolvendo a *educação das mulheres* que surge nas narrativas, sendo pautada por dois aspectos: a educação familiar e a educação social. A educação familiar, identificada por meio dos sentidos,

é repassada às estudantes por suas mães que se posicionam como chefes de família e demonstram exemplos de força e poder, marcando uma posição de liberdade em relação aos comportamentos que devem seguir.

No processo educativo das estudantes, tendo a mãe como a principal responsável por repassar os valores e comportamentos, observou-se um nível de questionamento sobre o que é imposto em relação a ser mulher e até mesmo a respeito da juventude, uma vez que são identificados significados que estão vinculados à transformação dos modelos sociais sobre a imposição de estereótipos masculinos e femininos reconhecidos pelas entrevistadas.

Por meio da entrevista narrativa, percebeu-se a contraposição que fazem em relação a uma educação social em que se coloca as mulheres ainda como seres inferiores, demonstrada pelas jovens por meio da percepção que possuem a respeito das formas de preconceito e violência as quais são submetidas durante a vida e que fazem parte de um processo educacional pautado nas relações de gênero que prioriza o masculino em detrimento do feminino, reforçando os estereótipos da mulher como o segundo sexo, inclusive, demarcando a posição das mulheres jovens sendo vistas pela sociedade por um viés que as sexualiza e as objetifica, o que contribui com a manutenção da desigualdade de gênero.

Na educação das mulheres, percebem-se alguns apontamentos das estudantes, tais como: uma educação na perspectiva da liberdade e da empatia por meio da compreensão da história das mulheres e suas diversidades para que pratiquem o respeito e a sororidade; o processo de conhecimento de si e do mundo que circula nos movimentos feministas em que estão inseridas, desconstruindo os pensamentos sobre o que é ser mulher se percebendo no mundo como um ser social que possui direitos e que também modifica a realidade; a vida diária das mulheres com o sexismo e o racismo enraizado nas esferas sociais e perpetuado no processo educacional social; a reprodução do machismo cotidiano, ocasionando diversas violências e opressões; a luta e conquista das mulheres por meio de um processo de educação emancipatória evidenciada pelo feminismo para o avanço social; o desestímulo e isolamento social, demonstrado pela 'solidão da mulher negra' que carrega estigmas ainda pouco debatidos na sociedade, envolvendo a intersecção de gênero, raça/cor e classe.

Todos esses apontamentos indicam a importância de uma educação das mulheres que embasa as visões de mundo das estudantes a partir do conhecimento

adquirido, principalmente nos movimentos situados nas universidades, construindo uma forma de se posicionar no mundo enquanto mulheres, jovens e feministas.

- **Modelo de orientação 2: Educação Feminista**

Esse modelo de orientação foi identificado nas narrativas por meio da interpretação da construção da militância e do conhecimento feminista que passou a construir as visões de mundo das estudantes, em uma perspectiva de gênero, apresentadas na seção '*A universidade sob o olhar feminista: reconhecimento, construção e militância*' pontuando o posicionamento político e social que passaram a ter especificamente no ambiente acadêmico.

Esse modelo de orientação foi atribuído pelos sentidos coletivos que emanaram nas narrativas, caracterizando um processo educacional que passa a ser estruturado através dos conhecimentos em torno das relações de gênero, envolvendo marcadores de classe, raça e orientação sexual que é delineado pelas estudantes desde o encontro com o movimento feminista e que passa a fazer parte de uma educação que coaduna com a equidade entre os gêneros e com o respeito. As posições: '*feminismo nas redes*' e '*feminismo na universidade*' envolvem o momento de encontro com o movimento feminista que passa a construir uma educação em torno da percepção das desigualdades de gênero.

A educação feminista é caracterizada pela estruturação de conhecimentos teóricos vinculados a prática da militância que passa a fazer parte do cotidiano das futuras professoras, sendo percebido nas narrativas que perpassam as experiências nas universidades. Através da construção dessa educação, as universitárias assumiram posições de confronto em relação à estrutura acadêmica e social imposta, rejeitando atitudes de desigualdades no ambiente acadêmico e nas relações de poder que circundam esse espaço.

Essa educação possibilitou compreender a forma que as estudantes assumem posicionamentos e como passam a construir a própria formação acadêmica, articulando os conhecimentos dos cursos de formação de professores aos que são proporcionados pelo feminismo, acarretando em uma formação mais humana, através do respeito ao outro pelo enfrentamento as desigualdades e violências e envolvida com as transformações sociais e educacionais.

- **Modelo de orientação 3: Educação para a Equidade de Gênero**

Esse modelo de orientação foi identificado nas narrativas por meio da construção de uma prática docente aliada à militância e ao conhecimento feminista que está presente nas narrativas e passaram a fazer parte das projeções de futuro das universitárias a respeito das suas atuações nos espaços educativos para a transformação social.

As visões de mundo das estudantes, em relação à prática docente para o enfrentamento as desigualdades de gênero, foram apresentadas na seção '*A docência a partir da perspectiva feminista*' pontuando a junção do conhecimento que construíram com a entrada no movimento feminista e os conhecimentos curriculares de seus cursos em torno da atuação enquanto futuras professoras.

Esse modelo de orientação foi atribuído através das posições: '*escolha no currículo*' e '*sem escolha no currículo*' que deram base para a interpretação por duas perspectivas. A primeira em que as estudantes pautam uma educação com base para a transformação, independente dos espaços em que ela ocorra, ou seja, vinculada ou não à sala de aula. Já a segunda envolve a prática docente nos espaços escolares em que as estudantes priorizam suas atitudes para modificar as/os estudantes, incluindo o desafio de trabalhar questões que envolvem o gênero nas escolas, uma vez que tem se observado um cenário de retrocesso em torno desses debates.

A educação para a equidade de gênero, interpretada nas narrativas, encontra-se nos exemplos das atitudes vivenciadas pelas futuras professoras e projetadas no que pensam a respeito de suas atuações. Compreende-se essa educação em uma perspectiva que tem como base o respeito às diferenças em torno do reconhecimento dos sujeitos sociais e que deve fazer parte da formação de professoras e professores, uma vez que esses conhecimentos são indispensáveis para a desconstrução e construção das visões de mundo.

Esse modelo de orientação identifica uma sociedade que possui desigualdades sociais e de gênero que inferem diretamente no processo educacional escolar das/dos sujeitos que influi no modo de atuação das/dos profissionais da educação e que surgiram nas narrativas das futuras professoras por meio da intenção de transformação social, sendo delineadas formas de relacionar os conhecimentos construídos com o feminismo e a prática pedagógica para que não

ocorram reproduções de papéis que diferenciam capacidades de homens e mulheres e conduzam a situações de violência.

Frente a novos desafios

Nesta investigação, considera-se que todos os objetivos foram alcançados, pois foi possível delinear os aspectos educacionais nas trajetórias das estudantes de licenciatura e o seu reconhecimento como feministas; apontou-se a semelhança e singularidades entre as reivindicações do movimento no âmbito educacional acadêmico de jovens feministas universitárias e as bandeiras gerais de luta do movimento feminista adulto; assim como, identificamos as formas de articulação entre as bandeiras de luta do feminismo com a formação para a docência.

Observa-se que os resultados desta investigação, além de responder o que foi proposto, auxiliam na reflexão de novos estudos, pois ainda se faz necessário que o feminismo seja visto como um campo de estudo que deve estar presente na educação e na formação de professores, uma vez que o movimento feminista é construído por um viés educativo que envolve a história das mulheres e a transformação de uma sociedade baseada no respeito e na equidade de gênero, sendo, portanto, importante na formação dos sujeitos sociais. Este estudo nos faz refletir e questionar sobre: que sociedade os profissionais da educação estão sendo formados para atuar? Estão preparados para atender que sujeitos? A formação inicial está acompanhando as demandas da sociedade ou continua reproduzindo discursos conservadores?

Recomenda-se que outras investigações possam ser realizadas a fim de perceber como tem sido construída a formação inicial de professoras e professores, que tenha, sobretudo, como protagonista a juventude que deve ter lugar de fala na sociedade e na construção do conhecimento, assim como, reescrever uma nova história da construção do conhecimento pela perspectiva das mulheres, possibilitando combater os retrocessos em torno dos debates de gênero e do feminismo na educação que vem tomando conta dos sistemas sociais e educacionais. É importante defender a liberdade de cátedra dos profissionais da educação e da divulgação do conhecimento através das pesquisas nas universidades, enfrentando qualquer forma de silenciamento e censura que possa vir a ser estabelecida na educação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Que é ser jovem no Brasil hoje? Ou a construção militante da juventude. In: ABRAMO, Helena; et al. *Ser joven em Sudamérica. Diálogos para la construcción de la democracia regional*. Santiago: IBASE, PÓLIS e Ediciones CIDPA, 2008.
- ADEVE, Ana. Memórias de um passado recente: I Encontro Nacional de Jovens Feministas. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel (Org). *Jovens feministas presentes*. São Paulo: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert; Brasília: UNIFEM, 2009.
- ARTES, Amélia. A presença de mulheres no ensino superior brasileiro: uma maioria sem prestígio. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1496748817_ARQUIVO_fazendogenero_final.pdf>.
- BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *Entre sentidos e significados: um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas*. 2012. 255f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2012.
- BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; WELLER, Wivian. Jovem e mulher: um estudo sobre os posicionamentos de internautas feministas. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Menezes (org) et al. *Juventudes e Tecnologias: sociabilidades e aprendizagens*. – Brasília: Liber Livro, 2015.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e Política: uma introdução*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BRASIL. *Censo da Educação Superior 2016*, INEP/MEC, 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2016/apresentacao_censo_educacao_superior.pdf>. Acesso em: 01/02/2018.
- _____. *Censo da Educação Superior 2015*, INEP/MEC, 2017. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/04/INEP-Censo-da->

Educa%C3%A7%C3%A3o-Superior-Andifes-16042017.pdf> . Acesso em: 19/02/2018.

_____. *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 19/02/2018.

_____. *Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em: 19/02/2018.

_____. *Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm>. Acesso em: 19/02/2018.

CAMINHA, Oliveira de Iraquitan. Fenomenologia e Educação. *Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia*, Caicó-RN, ano V, n. 2, jul.-dez. 2012, p. 11-21.

COSTA, Ana Alice A; SARDENBERG, Cecília Maria B. *O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 291-308, maio/ago 2007b.

_____. A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro 2002: 7-20.

_____. Reconhecimento sem ética?. *Revista Lua Nova*, São Paulo, 70: p. 101-138, 2007.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A Relevância dos Métodos de Pesquisa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. *Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação*. 2a edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

GONÇALVES, Eliane; et al. Das idades transitórias: as “jovens” no feminismo brasileiro contemporâneo, suas ações e seus dilemas. *Revista Feminismos*, Vol.1, N.3 Set. - Dez. 2013. Disponível em:

<<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/81/79>>.

Acesso em: Acesso em: 19/02/2018.

HENNING, Carlos Eduardo. *Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença*. Dossiê - Desigualdades e Interseccionalidades. v.20, n.2. 2015. p. 97 – 128.

INSTITUTO AVON/DATA POPULAR. *Violência contra a mulher no ambiente universitário*. São Paulo, 2015. Disponível em:

<http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2015/12/Pesquisa-Instituto-Avon_V9_FINAL_Bx.pdf>. Acesso em: 26/01/2018.

JESUS, Maria Cristina Pinto de. et al. A fenomenologia social de Alfred Schütz e sua contribuição para a enfermagem. *Rev. esc. enferm. USP* [online]. 2013, vol.47, n.3, pp.736-741. ISSN 0080-6234.

JOVCHELOVICTH, Sandra; BAUER, W. Martin. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som*. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

LANGNOR, Carolina e Sousa Lisboa. *Novos feminismos: perspectivas sobre o movimento estudantil feminista na Universidade Federal do Paraná*. Dissertação (Dissertação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba. p. 128. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. O feminismo desconstruindo e reconstruindo o conhecimento. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, janeiro-abril/2008. p. 229 – 245.

OLIVEIRA, Elismênnia Aparecida. Conhecimento feminista nas universidades brasileiras: um ponto de vista descolonial. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373328366_ARQUIVO_Elis_FG2013.pdf>. Acesso em: 12/02/2018

PEDRO, Maria Joana. Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância. *III Jornada de Estudos de Gênero – Feminismo e Gênero na Academia: protagonismos, tensões e perspectivas e do III Encontro de Protagonismo, Educação e Gênero*. Unisinos. Vol. 9 Nº 3 - setembro/dezembro de 2005.

POCAHY, Fernando Altair. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. *Rev. Textura*, Canoas, n. 23. Jan/Jun 2011. p. 18-30.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo, 2ª edição. Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

_____. Primórdios do conceito de gênero. *Cadernos Pagu*, 1999: pp.157-163.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. *O feminismo na história: suas ondas e desafios epistemológicos*. In: BORGES, Maria de Lourdes; TIBURI, Márcia. (Org), *Filosofia: machismos e feminismos*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014. p. 129 – 162.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro. 1979.

SCHUTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. *Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação*. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 210-222.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez. 1995, p.71-99.

SILVA, Áurea Carolina de Freitas e. *Mulheres jovens e o problema da inclusão: novidades no II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel (Org). *Jovens feministas presentes*. - São Paulo: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert; Brasília: UNIFEM, 2009. p. 48 – 62.

SPINELLI, Leticia Machado. Repensando o reconhecimento: a crítica de Nancy Fraser ao modelo identitário de Axel Honneth. *Revista de Ciências Sociais*, v.6, no 1, p.204-234, jan./jun. 2016.

TOMAZETTI, Tainan Pauli; BRIGNOL, Liliane Dutra. O feminismo contemporâneo a (re) configuração de um terreno comunicativo para as políticas de gênero na era digital. *Anais do 10º Encontro Nacional de História da Mídia*. GT: História da Mídia Digital. Rio Grande do Sul. 2015.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. 1ª Edição. Brasília, DF, 2015.

WELLER, Wivian; et al. Karl Mannheim e o Método Documentário de Interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. XVIII, n. 2, p. 375-396, jul./dez. 2002.

WELLER, Wivian; OTTE, Janete. Análise de narrativas segundo o método documentário: Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, maio-ago. 2014, p. 325-340.

WELLER, Wivian; ZARDO, Sinara Pollom. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. *Revista da Faeeba: Educação e Contemporaneidade*, v. 22, n. 40, p. 131 – 143, 2013.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, janeiro-abril/2005.

_____. Narrativas biográficas de jovens: o que seus destinos revelam?. In: CARRANO, P; FÁVERO, O. (Org). *Narrativas Juvenis e espaços Públicos: Olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais*. Niterói: editora da UFF, 2014. p. 355 – 373.

_____. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005, p.260-300.

ZANETTI, Julia Paiva. *Jovens Feministas: Um estudo sobre a participação juvenil no feminismo do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ. 2009.

APÊNDICES



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós – Graduação em Educação - Mestrado

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
FUTURAS PROFESSORAS E FEMINISTAS: A CONSTRUÇÃO DE UMA
DOCÊNCIA VOLTADA À EQUIDADE DE GÊNERO**

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estou realizando. A colaboração neste estudo é de suma importância através de seus relatos como informante, caso desista não haverá nenhuma espécie de prejuízo a você.

Muito obrigada!

A proposta consiste em um estudo inscrito na formação de futuras professoras, acerca do seu reconhecimento como feminista para a construção de uma docência voltada à equidade de gênero e sua visão de mundo enquanto mulher na sociedade. Esta investigação é pautada nas experiências de estudantes feministas da graduação, de cursos de licenciaturas da Universidade do Estado do Pará - UEPA e da Universidade Federal do Pará – UFPA.

Para realizar esta pesquisa serão realizadas entrevistas narrativas, na data e no local de escolha da entrevistada. Objetivo com esta pesquisa compreender como o vínculo de jovens estudantes de licenciatura com o movimento feminista influenciou na percepção do lugar da docência e das relações de gênero na formação de uma sociedade pautada no respeito e na equidade de gênero. Com tal finalidade intenciona-se delinear os aspectos educacionais nas trajetórias das estudantes de licenciatura e seu reconhecimento como feministas, apontar semelhanças e singularidades entre as reivindicações do movimento no âmbito educacional acadêmico de jovens feministas universitárias e as bandeiras gerais de

luta do movimento feminista adulto e identificar as formas de articulação entre as bandeiras de luta do feminismo com a formação para a docência.

No caso de alguma dúvida ou consideração a responsável pela pesquisa é Ana Daniele Mendes Carrera portadora do RG 6356384 e CPF 007.625.542-58, estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação- Mestrado, orientada pela professora Dr^a Lucélia de Moraes Braga Bassalo, docente da Universidade do Estado do Pará (UEPA) situada na Rua do Una, nº 156, Telégrafo.

Garanto a retirada do consentimento a qualquer momento, assim como o abandono de participação no estudo sem qualquer prejuízo. As informações serão analisadas e fica garantido o sigilo da identificação das participantes. As participantes têm o direito de serem mantidas atualizadas sobre os resultados que sejam do conhecimento da pesquisadora. Não há despesas pessoais para as participantes nem compensação financeira relacionada à sua participação.

Com isto, estou ciente do compromisso da pesquisadora de utilizar dados e o material coletado somente para pesquisa e que poderão ser divulgados em meios científicos (congressos, revistas, artigos, etc.) nacionais e internacionais. Declaro estar suficientemente informada a respeito do que li descrevendo este estudo.

Fica claro para todas/os, quais são as propostas do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confiabilidade e de esclarecimento pertinente. Fica claro, também, que a participação é isenta de despesas, de compensação financeira e que não oferecem riscos morais, psicológicos, de vida e de saúde.

Eu, _____,
autorizo a utilização dos dados obtidos na realização da dinâmica acima citada, para fins científicos e educacionais, realizada com a estudante da pesquisa da UEPA, Ana Daniele Mendes Carrera, estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação- Mestrado.

Belém, _____ de _____ de 2018.

Grata pela contribuição e participação.



Universidade do Estado do Pará
 Centro de Ciências Sociais e Educação
 Programa de Pós – Graduação em Educação - Mestrado

APÊNDICE B – ROTEIRO SOBRE O MOVIMENTO FEMINISTA NAS UNIVERSIDADES

Olá! Tudo bem?

Chamo-me Ana Daniele Mendes Carrera, sou mestranda em educação da Universidade do Estado do Pará - UEPA e estou realizando uma pesquisa sobre jovens, estudantes universitárias e feministas e a contribuição do feminismo para a construção de uma docência voltada à equidade de gênero. Para subsidiar este estudo é necessário conhecer a construção do movimento feminista no ambiente acadêmico das universidades públicas do Pará.

Ficaria imensamente feliz e grata com a sua participação na construção da mesma, através do preenchimento individual ou em grupo do presente questionário. Ressalto que todas as informações fornecidas serão rigorosamente analisadas e não haverá divulgação do seu nome.

Nome do grupo/movimento feminista se houver: _____

Universidade a qual pertence: _____

- 1- Como foi o processo de construção do movimento feminista? Houve alguma situação desencadeadora dentro da universidade? Se sim, relate sobre o ocorrido?
- 2- Há quanto tempo existe o movimento feminista dentro da universidade que você estuda?
- 3- Caracterize (de forma política, cultural e educacional) o movimento que você faz parte.
- 4- Quais as principais pautas do movimento dentro da universidade?
- 5- Qual o perfil do grupo e quantas pessoas participam ativamente?
- 6- Em relação às participantes, quantas são dos cursos de licenciatura?
- 7- Como se constitui a formação feminista dentro do grupo/movimento?



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós – Graduação em Educação - Mestrado

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SOBRE O PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Dados Pessoais

Nome e/ou como gostaria de ser chamada: _____

Idade: _____

Estado civil: _____

Orientação sexual: _____

Auto declaração de cor: () preto () branco () pardo () amarelo () indígena

Bairro onde possui moradia: _____

Mora com quem: _____

Exerce atividade remunerada? Se sim, qual? _____

Escolaridade

Onde você frequentou o Ensino Médio: () Rede Pública () Rede Privada

Universidade: _____ Curso: _____

Semestre: _____ Ano de ingresso: _____

- Todas as informações fornecidas serão rigorosamente analisadas e não haverá divulgação do seu nome.

Grata pela contribuição e participação.



Universidade do Estado do Pará
 Centro de Ciências Sociais e Educação
 Programa de Pós – Graduação em Educação - Mestrado

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA

ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA		
Entrevistadora: _____		
Entrevistada: _____		
Local: _____		Data: ____/____/____
Curso: _____		
Tema	Pergunta geradora	Objetivo
Mulher e Juventude	Você poderia me falar sobre o que é ser mulher hoje?	Compreender o significado que as participantes atribuem ao “ser mulher” na sociedade.
	Em relação à juventude, o que é ser jovem na sociedade?	Compreender o significado que as participantes atribuem ao “ser jovem” na sociedade.
Feminismo e Reconhecimento	Você poderia me contar sobre como conheceu o feminismo?	Compreender em que parte da sua trajetória entra em contato com o feminismo.
	Em qual momento da sua vida você se reconheceu feminista e o que a levou a isso?	Conhecer o momento e os motivos que a levaram a se identificar como feminista
	O que significa o feminismo e ser feminista para você?	Compreender o significado do feminismo e de ser feminista para as participantes
Feminismo e Universidade	Como você observa as suas demandas enquanto jovem dentro do movimento feminista?	Perceber se as pautas da juventude são incluídas no movimento feminista
	Você poderia me contar sobre como tem sido a sua vida na universidade enquanto feminista?	Conhecer a vida na universidade a partir do reconhecimento enquanto feminista.

	Você já foi vítima ou conhece alguém que sofreu algum tipo de violência contra a mulher na universidade? Poderia me contar a respeito?	Conhecer relatos sobre violência contra a mulher na universidade
Feminismo e Formação Docente	Como a sua formação na universidade tem ajudado a refletir sobre as relações de gênero?	Compreender como tem se manifestado os conhecimentos em torno do feminismo na universidade.
	De que forma o feminismo tem contribuído para sua formação enquanto futura professora?	Descrever a partir das suas falas a contribuição do feminismo para a atuação docente.
	O que significa para você ser professora e feminista?	Compreender o que modifica ou não ser professora a partir da perspectiva feminista.
	Como você observa o seu papel enquanto futura professora no contexto político que estamos vivenciando e que envolve censura em relação aos debates de gênero nas escolas?	Compreender qual a sua percepção enquanto futura professora a partir do contexto político que estamos vivenciado nos últimos anos.



Universidade do Estado do Pará
 Centro de Ciências Sociais e Educação
 Programa de Pós – Graduação em Educação - Mestrado
APÊNDICE E - Códigos utilizados na transcrição das entrevistas (modelo criado pelos pesquisadores do grupo coordenado por Ralf Bohnsack) (WELLER, 2006)

Código	Significado
Y:	abreviação para entrevistador (quando realizada por mais de um entrevistador, utilizam-se Y1 e Y2)
Am / Bf:	abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se “m” para entrevistados do sexo masculino e “f” para pessoas do sexo feminino.
(.)	um ponto entre parêntesis expressa uma pausa inferior a um segundo
(2)	o número entre parêntesis expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos)
;	ponto e vírgula: leve diminuição do tom da voz
. ponto:	forte diminuição do tom da voz
, vírgula:	leve aumento do tom da voz
? ponto de interrogação:	forte aumento do tom da voz
exem-	palavra foi pronunciada pela metade
exe:::mplo	pronúncia da palavra foi esticada (a quantidade de : equivale o tempo da pronúncia de determinada letra)
assim=assim	palavras pronunciadas de forma emendada
exemplo	palavras pronunciadas de forma enfática são sublinhadas
°exemplo	palavras ou frases pronunciadas em voz baixa são colocadas entre pequenos círculos
exemplo	palavras ou frases pronunciadas em voz alta são colocadas em negrito
(example)	palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parêntesis
()	parêntesis vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parêntesis varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase)
@exemplo@	palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba
@(2)@	número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala
((bocejo))	expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((pessoa acende cigarro)), ((pessoa entra na sala e a entrevista é brevemente interrompida))
//hm//	utilizado apenas na transcrição de entrevistas narrativas-biográficas para ou //@(1)@// indicar sinais de feedback (“ah”, “oh”, “mhm”) ou risos do entrevistador.



**Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo
66113-200 – Belém-PA**

